



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

FÁTIMA BRANCO GODINHO DE CASTRO

RITOS E ARTEFATOS ESCOLARES: AS EXPOSIÇÕES DAS ESCOLAS PRIMÁRIAS
DO PARANÁ – 1912 A 1927

CURITIBA

2020

FÁTIMA BRANCO GODINHO DE CASTRO

RITOS E ARTEFATOS ESCOLARES: AS EXPOSIÇÕES DAS ESCOLAS PRIMÁRIAS
DO PARANÁ – 1912 a 1927

Dissertação apresentada como critério para a obtenção do grau de Mestra em Educação, na Linha de História e Historiografia da Educação, do Programa de Pós-Graduação em Educação, do Setor de Educação, da Universidade Federal do Paraná.

Orientadora: Profª Dra. Gizele de Souza.

CURITIBA

2020

Ficha catalográfica elaborada pelo Sistema de
Bibliotecas/UFPR-Biblioteca do Campus Rebouças
Maria Teresa Alves Gonzati, CRB 9/1584

Castro, Fátima Branco Godinho de.

Ritos e artefatos escolares : as exposições das escolas primárias do
Paraná – 1912 a 1927 / Fátima Branco Godinho de Castro – Curitiba,
2020.

222 f.

Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal do Paraná. Setor de
Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação.

Orientadora: Profª Drª Gizele de Souza

1. Educação – História – Paraná – 1912-1927. 2. Exposições –
História. 3. Educação – Metodologia. 4. Trabalhos de agulha. 5.
Trabalhos manuais – Estudo e ensino. 6. Escolas primárias – Paraná. I.
Título. II. Universidade Federal do Paraná.

TERMO DE APROVAÇÃO

Os membros da Banca Examinadora designada pelo Colegiado do Programa de Pós-Graduação em EDUCAÇÃO da Universidade Federal do Paraná foram convocados para realizar a arguição da dissertação de Mestrado de **FÁTIMA BRANCO GODINHO DE CASTRO** intitulada: **Ritos e Artefatos Escolares: as exposições das escolas primárias do Paraná - 1912 a 1927**, sob orientação da Profa. Dra. GIZELE DE SOUZA, que após terem inquirido a aluna e realizada a avaliação do trabalho, são de parecer pela sua APROVAÇÃO no rito de defesa.

A outorga do título de mestre está sujeita à homologação pelo colegiado, ao atendimento de todas as indicações e correções solicitadas pela banca e ao pleno atendimento das demandas regimentais do Programa de Pós-Graduação.

CURITIBA, 29 de Setembro de 2020.

Assinatura Eletrônica

29/10/2020 09:25:30.0

GIZELE DE SOUZA

Presidente da Banca Examinadora

Assinatura Eletrônica

29/10/2020 14:51:46.0

ANDREA BEZERRA CORDEIRO

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

22/10/2020 17:16:30.0

MARCUS LEVY ALBINO BENCOSTTA

Avaliador Interno (UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ)

Assinatura Eletrônica

23/10/2020 09:11:08.0

ETIENNE BALDEZ LOUZADA BARBOSA

Avaliador Externo (UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA)



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

FÁTIMA BRANCO GODINHO DE CASTRO

RITOS E ARTEFATOS ESCOLARES: AS EXPOSIÇÕES DAS ESCOLAS PRIMÁRIAS
DO PARANÁ – 1912 A 1927



CURITIBA

2020



SOBRE A IMAGEM DA CAPA

A imagem da marca d'água na capa desta dissertação é a fotografia de uma das Exposições Escolares que ocorreram por ocasião das Comemorações do Centenário da Independência no ano de 1922. Trata-se da Exposição dos alunos do Grupo Escolar Dr. Xavier da Silva. Foi organizada nas dependências do Ginásio Paranaense, hoje Colégio Estadual do Paraná. A fotografia pertence ao acervo da Casa da Memória da Fundação Cultural de Curitiba, fundo Lysimaco Ferreira da Costa.



*Dedico este trabalho à minha filha, Deborah,
com todo o meu amor.*

AGRADECIMENTOS

Como desejamos esse momento da escrita dos agradecimentos. Por várias razões, uma delas por ter chegado o momento de considerarmos que a escrita acadêmica tenha finalmente atingindo o amadurecimento necessário para ser divulgada. Outra razão, diz respeito à possibilidade de podermos externar nossos agradecimentos àqueles que nos acompanharam nessa trajetória.

Inicialmente agradeço a Profa Dra Gizele de Souza. Os encontros de orientação foram repletos de incentivos e, sobretudo me permitiram conviver com uma intelectual qualificadíssima e sempre disposta a compartilhar seu conhecimento. Quanto ao texto, a Profa Dra Gizele de Souza se demonstrou uma leitora incansável dos inúmeros manuscritos preliminares da dissertação, que foram lapidados com sua valiosa contribuição. Chegando ao término desta etapa, tenho absoluta certeza que sem sua orientação nada seria possível, desde a seleção, definição do tema e construção do texto. Assim, qualquer palavra de agradecimento dispensada à minha querida orientadora é, por definição, insuficiente.

Agradeço as valiosas contribuições da Profa Dra Andrea Cordeiro na versão do texto apresentado na banca de qualificação.



Ao Prof. Dr Marcus Levy Bencostta, meus sinceros agradecimentos pelos apontamentos e contribuições realizadas na versão do texto apresentado na banca de qualificação.

Aos professores da Linha de Pesquisa de História e Historiografia da Educação: Profa. Dra. Gizele de Souza, Prof. Dr. Marcus Levy Bencostta, Prof. Dr. Carlos Eduardo Vieira, Profa Dra Dulce Osinski, Profa Dra Nádia Gaiofatto, Prof. Dr. Rossano da Silva, agradeço a oportunidade de tê-los como professores.

Meu carinho e agradecimento à Profa Dra Vera Lúcia Gaspar da Silva que esteve sempre presente, ainda que distante, no meu processo de formação.

Às minhas duas novas amigas, Gecia Aline Garcia e Rochele Allgayer, que foram uma das alegrias do meu retorno aos bancos escolares da UFPR. Laços fortes de companheirismo, carinho e respeito foram construídos ao longo dessa trajetória. Minha eterna amizade e gratidão!

Também agradeço minha querida amiga doutoranda Vânia Mara Pereira Machado, primeiro por me ensinar a amar História e principalmente, amar História da Educação. Compartilhar de sua amizade, incentivo e conhecimento foi extremamente importante para a conquista desse trabalho.



Meu agradecimento à amiga Me Fátima e Silva Freitas, que compartilhou seus livros e conhecimentos em Antropologia que muito contribuíram no entendimento do meu objeto de pesquisa.

Agradeço às amigas Dra Maria Helena Pupo Silveira e Maria Teresa Coimbra pela amizade e tradução do verbete de Buisson.

Agradeço o Prof. Dr Rossano da Silva e a Luciana Rodrigues de Souza pela leitura e apontamentos realizados no texto da versão apresentada no Seminário de Dissertação.

Compartilhar conhecimento, comidinhas e afetos com as carinhosas alunas e alunos da turma da Linha de História e Historiografia da Educação do Programa de Pós-Graduação da UFPR foi uma experiência sempre renovadora. Karin, Wilma, Luciana, Gecia, Rochelle, Amanda, Diogo e Letícia, minha gratidão!

Agradeço o convívio com o grupo de pesquisadoras, aliás, jovens e competentes pesquisadoras do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Infância e Educação Infantil (NEPIE) da UFPR.

Agradeço o carinho, dedicação e competência da Dra. Franciele França na revisão e formatação da Dissertação.



Aos funcionários e funcionárias do Centro de Memória de Curitiba, do Arquivo Público - DEAP, do Museu Paranaense, do Museu da Imagem e do Som, do Centro de Memória do Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto, meus agradecimentos.

Agradeço meus familiares pela constante presença nas horas difíceis.

Importante também registrar meu agradecimento ao meu genro, Paulo Henrique Brauhardt, pelo carinho e afeto que fez com que minha filha descobrisse o amor.

Por fim, e não menos importante, meu perdão das horas furtadas de convívio com os meus amigos e amigas... Mas, tenho certeza que nossas amizades resistem à trajetória da imprescindível necessidade da busca pelo novo e que por isso são meus amigos. Minha gratidão!





*Poderíamos pensar na construção de uma ação educativa que se
fizesse em outras redes, nas quais fios diferenciados e múltiplos
tecessem a trama do bordado,
constituídos pela leveza,
pelo exercício da agilidade na percepção dos desenhos,
pelas dúvidas que nosso olhar meticuloso e
exato pudesse proporcionar,
pela visibilidade e imaginários possíveis de serem captados,
e pela multiplicidade de olhares que um bordado dá a ver.*

Cynthia Greive Veiga, 2002.



RESUMO

A presente dissertação tem por objetivo examinar a constituição das Exposições das escolas primárias, sobretudo os rituais e os artefatos das exposições, nos anos de 1912 a 1927 no estado do Paraná. O critério para a delimitação temporal inicial foi o marco legal instituído em setembro de 1912 por Claudino dos Santos, Diretor da Instrução Pública, quando normatiza o certame da quinta exposição das escolas primárias. O marco temporal final foi instituído em razão da realização das Exposições Escolares no âmbito da primeira Conferência Nacional de Educação organizada pela Associação Brasileira de Educação (ABE), realizada na cidade de Curitiba no ano de 1927. A dissertação está organizada em três capítulos. Inicialmente realizamos uma breve incursão na identificação das primeiras Exposições Escolares que ocorreram no estado do Paraná, a qual nos permitiu identificar que a primeira Exposição Escolar ocorreu em 1891, quando Justiniano de Mello e Silva era diretor da Instrução Pública. Mas foi Claudino Rogoberto Ferreira dos Santos, então diretor da Instrução Pública, que regulamentou as normas para a realização da quinta Exposição Escolar no de 1912, que resultou num marco na organização das Exposições Escolares no Paraná. Em segundo lugar, analisamos a participação das disciplinas de Trabalhos Manuais e Trabalhos de Agulha na constituição das Exposições Escolares, assim como os tipos de artefatos escolares em exposição. Finalmente, analisamos as Exposições Escolares em dois eventos, no Centenário da Independência, em 1922 e na Primeira Conferência Nacional de Educação, organizada pela Associação Brasileira de Educação, em 1927. Para o exame da constituição das Exposições das escolas primárias do estado do Paraná nos anos de 1912 a 1927, tomamos como referência as contribuições da historiografia educacional brasileira, bem como, dos pressupostos teórico-metodológicos decorrentes da Nova História Cultural, tais como: March Bloch (2001), Roger Chartier (2002) e Michel de Certeau (2010) e recorremos aos conceitos de representação (Chartier), rito (Rivière) e civilização (Elias).

Palavras-chave: exposições escolares; Trabalhos Manuais e Trabalhos de Agulha; escolas primárias; ritos e artefatos escolares.



ABSTRAT



This dissertation aims to examine the constitution of the Expositions of primary schools, especially the rituals and artifacts of the exhibitions, in the years 1912 to 1927 in the state of Paraná. The criterion for the initial temporal delimitation was the legal framework instituted in September 1912 by Claudino dos Santos, Director of Public Education, when it regulates the event of the fifth exhibition of primary schools. The final time frame was instituted due to the holding of School Expositions in the scope of the first National Education Conference organized by the Brazilian Education Association (ABE), held in the city of Curitiba in 1927. The dissertation is organized in three chapters. Initially, we made a brief foray into the identification of the first School Exhibitions that took place in the state of Paraná, which allowed us to identify that the first School Exhibition took place in 1891, when Justiniano de Mello e Silva was director of Public Instruction. But it was Claudino Rogoberto Ferreira dos Santos, then director of Public Instruction, who regulated the rules for the holding of the fifth School Exhibition in 1912, which resulted in a milestone in the organization of School Expositions in Paraná. Secondly, we analyzed the participation of the disciplines of Handwork and Needlework in the constitution of School Exhibitions, as well as the types of school artifacts on display. Finally, we analyzed the School Expositions in two events, at the Centenary of Independence, in 1922 and at the First National Conference on Education, organized by the Brazilian Education Association, in 1927. To examine the constitution of the Expositions of the primary schools of the state of Paraná in years from 1912 to 1927, we used the contributions of Brazilian educational historiography, as well as the theoretical-methodological assumptions arising from the New Cultural History, such as: March Bloch (2001), Roger Chartier (2002) and Michel de Certeau (2010) and we resort to the concepts of representation (Chartier), rite (Rivière) and civilization (Elias).

Keywords: school exhibitions; handicrafts and needlework; primary schools; school artifacts.



LISTA DE FIGURAS

FIGURA 1 - EXPOSIÇÃO PARANAENSE - 1903.....	35
FIGURA 2 - O REPRESENTANTE DO PARANÁ NA EXPOSIÇÃO NACIONAL - 1908	38
FIGURA 3 - MOVÉIS E PRENDAS DOMÉSTICAS - O ESTADO DO PARANÁ NA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908	39
FIGURA 4 - JUSTINIANO DE MELLO E SILVA	44
FIGURA 5 - CLAUDINO ROGOBERTO FERREIRA DOS SANTOS.....	61
FIGURA 6 - CORRESPONDÊNCIA PARA O DIRETOR DA INSTRUÇÃO PÚBLICA.....	62
FIGURA 7 - UMA AULA DE TRABALHOS MANUAIS DO GRUPO ESCOLAR DR MANOEL PEDRO NA CIDADE DA LAPA/PR – 1920.....	94
FIGURA 8 - TRABALHOS MANUAIS: DETALHE 1 - ALUNOS CONFECCIONANDO ARTEFATOS DE MADEIRA COM USO DE FERRAMENTA	95
FIGURA 9 - TRABALHOS MANUAIS: DETALHE 2 - ALUNOS UTILIZANDO A TÉCNICA DO MACRAMÊ PARA CONFEÇÃO DE SACOLAS E DEMAIS ARTEFATOS	96
FIGURA 10 - TRABALHOS DE AGULHA: DETALHE 3 - ALUNA BORDANDO UTILIZANDO O BASTIDOR REDONDO E ALUNA BORDANDO SEM O USO DO BASTIDOR	97
FIGURA 11 - TRABALHOS DE AGULHA: DETALHE 4 - ALUNA BORDANDO UTILIZANDO O BASTIDOR RETANGULAR.....	97
FIGURA 12 - COMO UTILIZAR O BASTIDOR REDONDO	98
FIGURA 13 - BASTIDOR QUADRADO COM SUPORTE	98
FIGURA 14 - TRABALHOS DE AGULHA: DETALHE 5 - ALUNA UTILIZANDO AGULHAS DE TRICOT	99
FIGURA 15 - AULA DE COSTURA E BORDADOS - ESCOLA PROFISSIONAL FEMININA – 1929.....	103
FIGURA 16 - AULA DE BORDADOS -1920	104
FIGURA 17 - IMPORTADORES DE TECIDOS – FRANCISCO HAUER & FILHOS	105
FIGURA 18 - EXPOSIÇÃO ESCOLAR – 1920	108

FIGURA 19 - DETALHE 01 DA EXPOSIÇÃO ESCOLAR – 1920	108
FIGURA 20 - DETALHE 02 DA EXPOSIÇÃO ESCOLAR – 1920	110
FIGURA 21 - EXPOSIÇÃO ESCOLAR NO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA - GRUPO ESCOLAR ANEXO À ESCOLA NORMAL – PROF ^a ANNETE C. MACEDO – 1922	111
FIGURA 22 - DETALHE DA EXPOSIÇÃO ESCOLAR NO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA - GRUPO ESCOLAR ANEXO À ESCOLA NORMAL – PROF ^a ANNETE C. MACEDO – 1922	112
FIGURA 23 - PONTOS E BORDADOS	113
FIGURA 24 - NOTA FISCAL DA “A HAUER & IRMÃO” – PRODUTOS DE ARMARINHO ADQUIRIDOS PELA ESCOLA PROFISSIONAL	116
FIGURA 25 - EXPOSIÇÃO ESCOLAR – GRUPO ESCOLAR DO PARANÁ	117
FIGURA 26 - EXPOSIÇÃO ESCOLAR DO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA - 1922	118
FIGURA 27 - INAUGURAÇÃO DO PALÁCIO DA INSTRUÇÃO EM 1922	126
FIGURA 28 – MARCENARIA A VAPOR DE SALVADOR MAIDA	131
FIGURA 29 - NOTA FISCAL DA LIVRARIA MUNDIAL	133
FIGURA 30 - PLANTA BAIXA DO GINÁSIO PARANAENSE	140
FIGURA 31 - EXPOSIÇÃO ESCOLAR, COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO DA INDEPÊNCIA – ESCOLA NORMAL	141
FIGURA 32 - 1º ANO – GRUPO ESCOLAR ANEXO – PROFESSORA ITACELINA TEIXEIRA DE BITTENCOURT	142
FIGURA 33 - 1º ANO DO GRUPO ESCOLAR ANEXO – PROFESSORA LUCIA BASTOS FERREIRA E PROFESSORA ADJUNTA ELOAH TERRA FRANCO	143
FIGURA 34 - 2º ANO DO GRUPO ESCOLAR ANEXO – PROFESSORA ANNETE CLOTILDE DE MACEDO	145
FIGURA 35 - 4º ANO FEMININO DO GRUPO ESCOLAR ANEXO PROFESSORA IRIA CUMICO	146
FIGURA 36 - 4º ANO MASCULINO DO GRUPO ESCOLAR ANEXO - PROFESSORA D. MARIA ERMELINA E SILVA	147
FIGURA 37 - EXPOSIÇÃO DOS TRABALHOS DO GRUPO ESCOLAR OLIVEIRA BELLO E CARVALHO	149

FIGURA 38 - EXPOSIÇÕES ESCOLARES DO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO GRUPO ESCOLAR DR XAVIER DA SILVA	150
FIGURA 39 - EXPOSIÇÃO ESCOLAR DO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO GRUPO ESCOLAR RIO BRANCO	152
FIGURA 40 - EXPOSIÇÃO ESCOLAR DO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO GRUPO ESCOLAR DO PORTÃO	153
FIGURA 41 - EXPOSIÇÃO ESCOLAR DO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DOS GRUPOS ESCOLARES DA LAPA E DE CAMPO LARGO	154
FIGURA 42 - CAPA DO LIVRO ÁLBUM DE FOTOS DA I CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO - ABE	159
FIGURA 43 - EXPOSIÇÃO ESCOLAR DO CURSO COMPLEMENTAR DA ESCOLA DE APLICAÇÃO, ANEXA A ESCOLA NORMAL SECUNDÁRIA , 1927.....	161
FIGURA 44 - EXPOSIÇÃO ESCOLAR DO CURSO COMPLEMENTAR DA ESCOLA DE APLICAÇÃO, ANEXA A ESCOLA NORMAL SECUNDÁRIA , 1927.....	161
FIGURA 45 - HALL DE ENTRADA DO EDIFÍCIO DA ESCOLA NORMAL	162
FIGURA 46 - ALUNAS DO CURSO COMPLEMENTAR - ESCOLA NORMAL PRIMÁRIA DE PONTA GROSSA	163
FIGURA 47 - EXPOSIÇÃO ESCOLAR DO CURSO PRIMÁRIO DA ESCOLA DE APLICAÇÃO NA I CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO.....	164
FIGURA 48 - EXPOSIÇÃO ESCOLAR DO CURSO PRIMÁRIO DA ESCOLA DE APLICAÇÃO NA I CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO.....	164
FIGURA 49 - EXPOSIÇÃO ESCOLAR DA ESCOLA NORMAL SECUNDÁRIA NA I CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO	167
FIGURA 50 - CONFECCIONANDO RENDA DE BILRO E O BORDADO RICHILIEU	168
FIGURA 51 - EXPOSIÇÃO ESCOLAR DA ESCOLA NORMAL SECUNDÁRIA NA I CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO	168
FIGURA 52 - EXPOSIÇÃO ESCOLAR DA ESCOLA NORMAL SECUNDÁRIA NA I CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO	169
FIGURA 53 - EXPOSIÇÃO ESCOLAR DA ESCOLA NORMAL SECUNDÁRIA NA I CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO	169
FIGURA 54 - EXPOSIÇÃO DOS ARTEFATOS DO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL DA ESCOLA NORMAL SECUNDÁRIA - 1927	170

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1 - EXPOSIÇÕES INTERNACIONAIS.....	33
QUADRO 2 - AS PRIMEIRAS EXPOSIÇÕES ESCOLARES	50
QUADRO 3 - ARTEFATOS DA EXPOSIÇÃO ESCOLAR DO ANO DE 1905 – CURITIBA	56
QUADRO 4 - GRUPOS ESCOLARES – CURITIBA	67
QUADRO 5 - INSTRUÇÕES PARA A EXPOSIÇÃO ESCOLAR DE 1912	71
QUADRO 6 - O NÚMERO DE ARTEFATOS NA EXPOSIÇÃO ESCOLAR DE 1912	76
QUADRO 7 - O NÚMERO DE ARTEFATOS DO JARDIM EMILIA ERICKSEN NA EXPOSIÇÃO ESCOLAR DE 1912	77
QUADRO 8 - RELAÇÃO DOS ALUNOS DO GRUPO ESCOLAR CRUZ MACHADO QUE EXIBIRAM TRABALHOS Á EXPOSIÇÃO ESCOLAR DE 1912.....	78
QUADRO 9 - RELAÇÃO DOS ALUNOS DA ESCOLA PARA O SEXO MASCULINO DO GRUPO RIO BRANCO DESTA CAPITAL REGIDO PELO PROFESSOR NORMALISTA ARISTEU CORRÊA DE BITTENCOURT	79
QUADRO 10 - CONTEÚDOS DA DISCIPLINA DE TRABALHOS MANUAIS DA ESCOLA PRIMÁRIA DO 1º GRÁO, PREVISTOS NO DECRETO Nº 981 DE 08 DE NOVEMBRO DE 1890 – REFORMA BENJAMIN CONSTANT	88
QUADRO 11 - CONTEÚDOS DA DISCIPLINA DE TRABALHOS MANUAIS DA ESCOLA PRIMÁRIA DO 2º GRÁO, PREVISTOS NO DECRETO Nº 981 DE 08 DE NOVEMBRO DE 1890 – REFORMA BENJAMIN CONSTANT	89
QUADRO 12 - CONTEÚDOS DA DISCIPLINA DE TRABALHOS MANUAIS DA ESCOLA PRIMÁRIA DO 1º E 2º GRÁOS, PREVISTOS NO DECRETO Nº 263 DE 22 DE OUTUBRO DE 1903 – PARANÁ.....	91
QUADRO 13 - PREPARAÇÃO DA EXPOSIÇÃO ESCOLAR.....	131
QUADRO 14 - PROFESSORES DO GRUPO ESCOLAR ANEXO À ESCOLA NORMAL.....	148
QUADRO 15 - OS GRUPOS ESCOLARES DA CAPITAL	154
QUADRO 16 - NÚMERO DE CLASSES E MATRÍCULAS DAS ESCOLAS PRIMÁRIAS DE CURITIBA	155
QUADRO 17 - MATRIZ CURRICULAR DA ESCOLA NORMAL SECUNDÁRIA- 1927	158



QUADRO 18 - NÚMERO DE MATRÍCULAS DA ESCOLA NORMAL
SECUNDÁRIA – 1927-1928 165

QUADRO 19 - CORPO DOCENTE DA ESCOLA NORMAL SECUNDÁRIA - 1927..... 166



LISTA DE ABREVIATURAS

ABE: Associação Brasileira de Educação

AP: Arquivo Público

CEFET-PR: Centro Federal de Educação Tecnológica do Paraná

DEAP-PR: Departamento de Arquivo Público do Paraná

MIS: Museu da Imagem e do Som

MP: Museu Paranaense



SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	21
CAPÍTULO 1 - E'COS DAS EXPOSIÇÕES ESCOLARES	43
1.1 PRIMEIRAS INICIATIVAS	44
1.2 A QUINTA EXPOSIÇÃO ESCOLAR E O DIRETOR GERAL DA INSTRUÇÃO PÚBLICA	61
CAPÍTULO 2 - OS SABERES E OS FAZERES MANUAIS: OS ARTEFATOS DAS EXPOSIÇÕES ESCOLARES	83
2.1. ELABORANDO OS ARTEFATOS DAS EXPOSIÇÕES ESCOLARES: AS DISCIPLINAS DE TRABALHOS MANUAIS E TRABALHOS DE AGULHA	86
2.1.1 As disciplinas de trabalhos manuais e trabalhos de agulha	87
2.2 CONHECENDO OS ARTEFATOS DAS EXPOSIÇÕES ESCOLARES	106
2.2.1 Os artefatos do ensino	106
2.2.2 Os artefatos produzidos pelos alunos e alunas	117
CAPÍTULO 3 - OS PALCOS DAS EXPOSIÇÕES ESCOLARES: UM ESPETÁCULO DE LUZ E SOMBRA	123
3.1 A EXPOSIÇÃO ESCOLAR DAS ESCOLAS PRIMÁRIAS NO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA	124
3.1.1 A organização	126
3.1.2. O organizador	135
3.1.3. As Exposições Escolares no Centenário da Independência.....	139
3.2 AS EXPOSIÇÕES ESCOLARES NA PRIMEIRA CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO – 1927	155
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	173
FONTES	176
REFERÊNCIAS	184
APÊNDICE 1 - RELAÇÃO DOS ALUNNOS DA ESCOLA “CRUZ MACHADO” QUE EXHIBIRAM TRABALHOS À EXPOSIÇÃO ESCOLAR DE 1912.....	198
APÊNDICE 2 - RELAÇÃO NOMINAL DAS ALUNNAS DA 3ª CADEIRA PARA O SEXO FEMININO QUE CONCORRERAM À EXPOSIÇÃO ESCOLAR DE 1912	199

APÊNDICE 3 - RELAÇÃO DOS ALUNNOS DA ESCOLA PARA O SEXO MASCULINO DO GRUPO RIO BRANCO DESTA CAPITAL REGIDA PELO PROFESSOR NORMALISTA ARISTEN CORRÊA DE BITTENCOURT	200
APÊNDICE 4 - RELAÇÃO DOS TRABALHOS MANUAIS ENVIADOS PARA A EXPOSIÇÃO ESCOLAR DE 1912, PELAS ALUNNAS DA 1ª CADEIRA PARA O SEXO FEMININO DA CAPITAL REGIDA PELA PROFESSORA JULIA WANDERLEY PETRICHE.....	201
APÊNDICE 5 - RELAÇÃO DAS ALUNNAS DA 9ª CADEIRA MISTA REGIDA PELA PROFESSORA JULIA LEILER BARBOSA, QUE CONCORREM À EXPOSIÇÃO ESCOLAR DO CORRENTE ANNO LECTIVO.	203
APÊNDICE 6 - RELAÇÃO DOS TRABALHOS A APRESENTAR NA EXPOSIÇÃO ESCOLAR DE 15 DE NOVEMBRO DO CORRENTE ANO LETIVO - JARDIM EMILIA ERICKSEN.....	204
APÊNDICE 7 - MAPPA DEMONSTRATIVO DOS TRABALHOS APRESENTADOS A EXPOSIÇÃO DE 1912 - RELAÇÃO DOS ALUNNOS DA ESCOLA CARVALHO, 1ª E 3ª CADEIRAS PROMISCUA.....	210
APÊNDICE 8 - RELAÇÃO DOS TRABALHOS EXECUTADOS PELAS ALUNNA DA ESCOLA CONSELHEIRO ZACHARIAS DESTA CAPITAL, REGIDA PELA PROFESSORA LUCIA ARRUDA LAYNES	215
APÊNDICE 9 - RELAÇÃO DAS ALUNNAS QUE CONCORRERAM EM TRABALHO PARA A EXPOSIÇÃO DE 15 DE NOVEMBRO DE 1912	216
APÊNDICE 10 - 3ª ESCOLA DE GRUPO ESCOLAR XAVIER DA SILVA PROFESSOR L. PIRES DA ROCHA PONDER.....	217
APÊNDICE 11 - RELAÇÃO DOS TRABALHOS DE AGULHA ENVIADOS PARA EXPOSIÇÃO ESCOLAR DE 1912, PELOS ALUNOS DA 1ª CADEIRA DA CAPITAL, REGIDA PELA PROFESSORA MARIA DO CARMO GOMES DE MENESES	218
APÊNDICE 12 - TRABALHOS EXECUTADOS DURANTE O ANNO DE 1912 PELOS ALUNNOS DA ESCOLA PROMISCUA DO GRUPO BRANDÃO REGIDA PELA PROFESSORA D. M. ANGELA FRANCO.....	219
APÊNDICE 13 - RELAÇÃO DOS TRABALHOS DE AGULHA APRESENTADOS PELAS ALUNNAS DA 8ª CADEIRA PROMISCUA DESTA CAPITAL	221

INTRODUÇÃO

*E a história humana não se desenrola apenas nos campos de
batalha e nos gabinetes presidenciais. Ela se desenrola também
nos quintais, entre plantas e galinhas,
nas ruas dos subúrbios, nas casas de jogos(...)
e só é justo cantar se o nosso canto arrasta consigo
as pessoas que não têm voz.
(Ferreira Gullar)¹*

O poeta Ferreira Gullar apresenta uma poética reflexão sobre a história e o ofício do historiador. Dar voz, também, aos que foram paulatinamente esquecidos e silenciados ao longo do tempo, seus contos e cantos nos ajudam a compreender os “lugares”² de onde falam. Entretanto, “que artesão envelhecido no ofício (de historiador) não se perguntou algum dia, com um aperto no coração, se fez de sua vida um uso sensato?” (BLOCH, 2001, p. 41); se verdadeiramente no seu ofício deu voz aos silenciados, e se no “tecido dos dias (...) focaliza em alguns instantes de vida personagens comuns, raramente visitados pela história (...)” (FARGE, 2009, p.14). Embora Arlete Farge utilize essa expressão para tratar dos documentos do arquivo, utilizamos numa conotação mais ampla, ou seja, para demonstrar uma opção teórico-metodológica. Essa concepção evidencia uma posição, ou dito de outra forma, “(...) adotar uma postura teórico-metodológica nessa direção é esquivar-se da ideia de uma história totalizante, *verdadeira*, e voltar-se para a importância das minúsculas e fragmentadas práticas cotidianas (...)” (PERES; SOUZA, 2011, p. 47, grifos no original). Deste modo, procuramos, nas páginas a seguir, dar atenção às minúcias, aos detalhes, aos pormenores das **Exposições Escolares**. Procuramos, também, “romper um véu, e atravessar a opacidade do saber e chegar, como depois de uma longa viagem incerta, ao essencial dos seres e das coisas.” (FARGE, 2009, p. 15).

Nesse sentido, e ainda sobre o fazer historiográfico, vale destacar a obra de José Murilo de Carvalho intitulada “*Pontos e Bordados: escritos de história e política*”, publicada em 1998. O livro reúne um conjunto de ensaios e crônicas, que segundo o autor, foram escritos em épocas diferentes. O ensaio que dá nome ao livro trata dos bordados de João

¹ Ferreira Gullar. *Toda Poesia*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

² Destacamos o conceito de lugar, “um lugar social” de Certeau: “(...) a operação histórica se refere à combinação de um *lugar* social, de *práticas* científicas e de uma *escrita*.” (CERTEAU, 2010, p. 47).

Cândido Felisberto³. Com um olhar atento às minúcias, o historiador, Murilo de Carvalho, em 1985, em visita ao Museu de Arte Regional de São João Del Rei, em Minas Gerais, se depara com duas toalhas bordadas, “os bordados tinham sido feitos por ninguém menos do que João Cândido Felisberto.” (CARVALHO, 1998, p. 18). Os pequenos objetos poderiam ter passado despercebidos se não fosse pelo olhar atento do historiador. A Nova História Cultural nos coloca uma multiplicidade de estudos, que em outras circunstâncias poderiam ser considerados irrelevantes, de pequena importância, desta forma, “nada do que é humano será agora alheio ao historiador”. (CARVALHO, 1998, p. 454). Assim, os bordados de João Cândido Felisberto possibilitaram ao historiador adentrar, como um artesão, nas filigranas da “alma” de João Cândido, no contexto histórico e político da época, nas relações sociais de produção da existência humana dos marinheiros do início do século XX, que, sob o chicote de seus algozes, se rebelaram. Sem a materialidade do objeto, nem mesmo o mais hábil historiador poderia imaginar, no início do século XX, “(...) um homem bordando. A maioria das pessoas na época teria a mesma reação. A estranheza seria maior ainda em se tratando de um suposto machão, herói de uma revolta audaciosa.” (CARVALHO, 1998, p. 23).

As cores, as formas, os pontos, as frases bordadas, os desenhos, as dimensões das toalhas e muitos outros elementos em conjunto com os documentos, depoimentos e os referenciais teórico-metodológicos, fazem com que Murilo de Carvalho nos ensine o “ofício do historiador” na difícil tarefa da escrita da história.

As alunas das escolas primárias do Paraná bordaram muitas toalhas e almofadas, confeccionaram roupas e demais objetos que eram expostos nas escolas, geralmente no fim do ano letivo. Toalhas, almofadas, tapetes e roupas delicadamente bordadas sob a supervisão das professoras eram colocadas à mostra para o público avaliar a escola primária no início do século XX. Entre agulhas, linhas, tecidos, bordados, cadernos e desenhos foi sendo “tecido/tramado” o projeto educacional da Primeira República.

O **objetivo geral** dessa pesquisa é examinar a constituição das exposições das escolas primárias, bem como os rituais e os artefatos das exposições, entre os anos de 1912 a 1927, no estado do Paraná. Para atingir tal propósito, elencamos como **um dos objetivos específicos**, identificar e examinar a participação das disciplinas de Trabalhos Manuais e Trabalhos de Agulha nas Exposições Escolares das escolas primárias, considerando que essas representavam um momento importante das atividades manuais desenvolvidas nestas

³João Cândido Felisberto – marinheiro- foi o principal personagem da Revolta da Chibata e recebeu a alcunha de “*almirante negro*”. Entre os dias 23 e 26 de novembro de 1910 ocorreu a Revolta da Chibata, quando os marinheiros se rebelaram contra o uso da chibata e outras práticas humilhantes vigentes na Marinha brasileira.

disciplinas constituintes do currículo da escola primária, pois marcavam uma ação pedagógica de “(...) oposição à tradicional educação considerada beletrista, mnemônica e passiva.” (OLIVEIRA, 2019, p. 393). Ainda, de acordo com Marcus Aurélio Taborda de Oliveira, “para além das preocupações com a formação de mão de obra para o trabalho fabril, a escola primária produziu nas primeiras décadas do século XX um conjunto de dispositivos curriculares para estimular a atividade do aluno, centrada na experiência.” (2019, p. 386). Desta forma, além de rituais e rotinas que davam a ver a atividade dos alunos que “trabalhando com as próprias mãos”, produziam não só *coisas úteis*, mas também disposições mentais sensíveis para o mundo industrial considerado moderno, sempre enaltecendo a importância de os alunos terem, deste muito cedo, possibilidade de desenvolver *amor pelo trabalho*. O trabalho caracterizava-se, pois, como um forte veículo de educação geral no período aqui delimitado (OLIVEIRA, 2019, p. 388).

A República passaria a considerar, “dentro dos parâmetros do pensamento liberal, o trabalho como condição intrínseca ao homem que só se desenvolvendo, possibilita a criação dos bens morais, pois recupera e eleva o sentido ético dos indivíduos e dos bens materiais.” (QUELUZ, 2010, p.40). Nesse sentido, o **segundo objetivo específico** dessa pesquisa busca identificar os artefatos que eram produzidos pelos alunos e os artefatos utilizados pelos professores para ensinar. Os artefatos em exposição eram fruto das atividades escolares realizadas durante o período letivo nas disciplinas de Trabalhos Manuais, Trabalhos de Agulha e de Desenho. Desta forma, eram expostos trabalhos de agulha (bordados, crochê, roupas, etc.), modelagem, pintura, tecelagem, objetos de madeira, mostra de cadernos de caligrafia e desenhos. Portanto, objetiva-se entender o que os artefatos revelam, isto é, quais as práticas escolares subjacentes aos artefatos que eram expostos. De acordo com Gizele de Souza (2004), “os conteúdos e a organização das exposições escolares realizadas no Estado do Paraná, podem enriquecer as análises sobre a circulação dos livros e materiais de ensino utilizados nas escolas públicas nesse período histórico (SOUZA, 2004, p. 277). Segundo Escolano Benito(2018, p. 110), “os objetos podem conter chaves secretas que, como um hieróglifo, há que se decifrar. (...) A decodificação de todas essas chaves conduz ao desvelamento das regras que governam a teoria e a ação pedagógica como práticas culturais.”

O **terceiro objetivo específico** dessa pesquisa é analisar os rituais das Exposições das escolas primárias, tais como: protocolos, datas das exposições, sujeitos envolvidos, discursos, entre outros, destacando que “(...) os ritos ‘fazem alguma coisa’, ‘dizem alguma coisa’, ‘revelam alguma coisa’, ‘escondem coisas’, ‘provocam coisas’, ‘armazenam coisas’. (...) os ritos são momentos especiais construídos pela sociedade.” (DAMATTA, 1983, p. 17,

grifos no original). O rito pode marcar um instante privilegiado em que buscamos transformar o particular em universal, deste modo, é importante examinar a constituição das Exposições Escolares como práticas ritualizadas e simbólicas, assim como os exames finais, as comemorações cívicas e demais festas realizadas pelas escolas primárias, pois como toda a prática humana, a educação é constituída por atividades rotineiras e ações de ritual. Nesse sentido, as Exposições Escolares podem ser consideradas como rituais escolares. Segundo DaMatta (1983), “o ritual é definido por meio do contraste com os atos do mundo diário, o ponto focal passando a ser as oposições básicas entre sequências de ações dramáticas que todo cerimonial ou ritual deve necessariamente conter, construir e elaborar.” (DAMATTA, 1983, p. 36-37).

Para o exame da constituição das Exposições Escolares das escolas primárias do estado do Paraná, nos anos de 1912 a 1927, utilizamos as contribuições da historiografia educacional brasileira que trata do tema ora mencionado, bem como, dos pressupostos teórico-metodológicos decorrentes da Nova História Cultural, tais como o historiador March Bloch (2001), que pontua que a história estuda os homens no tempo, e Roger Chartier (2002), que afirma que a história é uma forma de representação das ações humanas no tempo.

Fazer história é estabelecer uma relação com o tempo. Escrever a história é gerar um passado, circunscrevê-lo, organizar o material heterogêneo dos fatos para construir no presente uma razão, é para uma sociedade, substituir a experiência opaca do corpo social pelo progresso controlado de um querer fazer. (CERTEAU, 2010, p. 65).

Vale destacar, também, os conceitos elencados como norteadores na condução da investigação da temática sobre as Exposições Escolares das escolas primárias no Paraná, quais sejam: o de *representação*, de Roger Chartier; o de *civilização*, de Norbert Elias e o de *rito*, de Claude Rivièrre. Nesse sentido, o conceito de *representação* tem por objetivo: “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.” (CHARTIER, 2002, p. 17). Ainda, segundo Roger Chartier (2002, p. 20), “a representação é instrumento de conhecimento mediato que faz ver um objeto ausente através da sua substituição por uma figura capaz de reconstruir em memória (...)” O conceito de *civilização* de Norbert Elias (2011), ancora-se no desenvolvimento dos modos de conduta, da “civilização dos costumes”, da “historização” das condutas em sociedade, de polidez e de boas maneiras. Claude Rivièrre (1997) em seu livro “*Os ritos profanos*” analisa uma variedade de ritos que observamos no dia a dia, deste modo, segundo autor, os *ritos* desempenham um papel fundamental de socialização e identificação do indivíduo com o grupo social. Rivièrre

também compreende os ritos como uma “forma geral de expressão da sociedade e da cultura”. (RIVIÈRE, 1997, p. 45).

Os estudos historiográficos a respeito das Exposições Escolares, de certa forma, são recorrentes quando inseridos no debate mais amplo das análises da criação dos grupos escolares no final do século XIX e início do século XX, para caracterizar um conjunto de práticas escolares colocadas em curso no início do regime republicano, tais como: constituição das séries, das classes, a divisão do trabalho docente, a ordenação do tempo, a frontalização do ensino, o ensino simultâneo, os exames, a importância dos recursos didáticos e a introdução da figura do Diretor, entre outras. Os estados brasileiros que inicialmente implantaram os grupos escolares, de acordo Diana Gonçalves Vidal,

(...) surgidos no corpo das leis de 1893, em São Paulo e no Rio de Janeiro, regulamentados e instalados a partir de 1894 no estado de São Paulo, os Grupos Escolares emergiram ao longo das duas primeiras décadas republicanas nos estados do Rio de Janeiro (1897); do Maranhão e do Paraná (1903); de Minas Gerais (1906); da Bahia, do Rio Grande do Norte, do Espírito Santo e de Santa Catarina (1908); do Mato Grosso (1910); Sergipe (1911); da Paraíba (1916) e do Piauí (1922), e somente foram extintos em 1971, com a regulamentação da Lei 5.692. (VIDAL, 2006, p. 07).

O conjunto de pesquisas produzidas sobre os grupos escolares ao mesmo tempo em que destacaram seus aspectos inovadores, também desvendaram as práticas discursivas de “apagamento das realizações educacionais do século XIX e sobre a desqualificação das escolas de primeiras letras⁴ designadas no início da república como escolas isoladas.” (SOUZA, 2019, p. 126)⁵. A análise crítica desse processo foi possível em razão da “aproximação dos pesquisadores brasileiros com a nova história e com a nova história cultural” (SOUZA, 2019, p. 124), ao realizarem “a mobilização de três noções interligadas – **forma escolar, representações, cultura escolar**” (SOUZA, 2019, p. 125 - grifos nossos). No que se refere ao conceito de forma escolar, Rosa Fátima de Souza afirma que “constitui uma configuração histórica, não devendo ser confundida com os tipos variados de instituições

⁴ “Escolas de Primeiras Letras – criadas pela Lei de 15 de outubro de 1827. O texto da Lei das Escolas de Primeiras Letras desdobra-se em 17 artigos. Além do primeiro artigo que determinou a criação das Escolas de Primeiras Letras ‘em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos’, cabe destacar os artigos 4º e 5º, referidos à adoção obrigatória do método e da forma da organização preconizados pelo ‘ensino mútuo’, e o artigo 6º que estipula o conteúdo que os professores deverão ensinar: ‘ler, escrever, as quatro operações de aritmética, prática dos quebrados, decimais e proporções, as noções mais gerais de geometria prática, a gramática da língua nacional, os princípios da moral cristã e de doutrina da religião católica apostólica romana proporcionadas à compreensão dos meninos’.” (SAVIANI, 2007, p. 126).

⁵ Há uma produção sólida sobre a historiografia da escola primária, seja na configuração da oferta em grupos escolares e escolas isoladas. Vários livros e dossiês foram publicados como fruto de um grande projeto de pesquisa nacional, coordenado pela professora Rosa Fátima de Souza, intitulado “Por uma teoria e uma história da escola primária no Brasil”, no qual foram possíveis análises sobre experiências históricas diversas de escola primária de norte ao sul do país.

escolares que mudam com o tempo.” (2019, p. 125). Assim, “os grupos escolares, vistos como a materialização da escola graduada no Brasil, foram concebidos como a variante mais bem sucedida e mais articulada de um modelo escolar de socialização pautado nos princípios da racionalização do trabalho docente e da atividade pedagógica.” (SOUZA, 2019, p. 125-126). Quanto ao conceito de representação, permitiu evidenciar

(...) as intencionalidades políticas, o sentido de modernização educacional e a efetividade na implantação da escola moderna no Brasil. (...) os pesquisadores deram destaque às inúmeras metáforas utilizadas nos discursos educacionais e políticos veiculados no início do século XX, ressaltando a importância da instrução pública, ou seja, a escola associada às luzes e considerada ‘pão do espírito’, ‘banquete da civilização’, ‘viveiro de homens’, ‘templos sagrado do saber’ entre outros. (SOUZA, 2019, p. 126, grifos no original).

A utilização do terceiro conceito, o de cultura escolar, foi o “elemento decisivo para o sucesso dessa historiografia (...)” (SOUZA, 2019, p. 127), pois

a cultura escolar permitia o deslocamento da história das instituições ancorada na relação escola-sociedade para uma história cultural, na qual a instituição educativa, não mais concebida como reprodutora da sociedade ou determinada por ela, passava a ser vista como espaço de cultura e produtora de práticas decorrentes da ação dos atores educacionais. (SOUZA, 2019, p. 127).

Em razão dessa reconfiguração no campo da historiografia da educação e consequentemente dos estudos sobre as Exposições Escolares, indicamos a tese de Doutorado de Rosa Fátima de Souza (1997), intitulada *Templos de civilização: um estudo sobre a implantação dos grupos escolares no estado de São Paulo (1890-1910)*, que trata do estudo da implantação dos grupos escolares no estado de São Paulo no final do século XIX e início do século XX evidenciando o projeto republicano de educar e civilizar. Para tanto, a escola tornou-se não somente o meio de consolidação do novo regime, mas principalmente o veículo de regeneração da Nação. Deste modo, Rosa Fátima de Souza analisa um conjunto de inovações didático-pedagógicas desencadeadas pela implantação dos grupos escolares, dentre as quais, as exposições escolares, como expressões simbólicas da cultura escolar, uma vez que esses rituais contribuíam para reforçar e divulgar o imaginário sociopolítico da República. Outro trabalho a ser sublinhado é a tese de Doutorado de Luciano Mendes de Faria Filho (1996), intitulada *Dos pardieiros aos palácios: cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República (1906-1918)*. Neste trabalho o autor se dedicou ao exame da constituição da rede de educação pública primária na cidade de Belo Horizonte nas primeiras décadas do século XX. Em suas palavras, Faria Filho, buscou entender a “escola enquanto

organização e instituição distinta de outras instituições (...) uma fase da história da escolarização que conduzirá à instauração de um aparelho escolar autônomo.” (1996, p. 25). Também destacamos a tese de Doutorado de Gizele de Souza (2004), *Instrução, o talher para o banquete da civilização: cultura escolar dos jardins de infância e grupos escolares no Paraná, 1900-1929*. A autora analisa a implantação dos grupos escolares e jardins de infância no estado do Paraná, tendo como contexto as diretrizes políticas do projeto republicano paranaense no início do século XX. Deste modo, evidencia as características da organização escolar paranaense e analisa os principais elementos da cultura escolar: os métodos de ensino, os livros didáticos, a mobília escolar e no último capítulo realiza uma incursão na organização das festas e comemorações cívicas finalizando com uma análise das exposições escolares nas escolas primárias do Paraná.

Ainda no contexto do Paraná, temos as reflexões de Marcus Levy Bencostta (2001) em *Arquitetura e espaço escolar: reflexões acerca do processo de implantação dos primeiros grupos escolares de Curitiba (1903-1928)*. Bencostta aborda os principais aspectos da implantação dos grupos escolares na capital paranaense, evidenciando que o projeto republicano se constituiu muito mais numa estratégia política de “se dar a ver” pela suntuosidade dos edifícios escolares do que pela democratização da escola primária. Outro trabalho que destacamos é *Vitrines da República: os grupos escolares em Santa Catarina (1889-1930)* de Vera Lucia Gaspar da Silva (2006). Ao utilizar o termo vitrine para designar o processo de implantação dos grupos escolares, a autora demarca que o acesso à escolarização primária se restringiu a poucos, da mesma forma que os grupos escolares se constituíram em espaços privilegiados e diferenciados das demais escolas primárias.

É importante explicitar que há uma produção extensa sobre os grupos escolares no Brasil. Tanto no formato teses e dissertações, como em livros e artigos, o tema ganhou visibilidade e espaço nos estudos acadêmicos da história da educação nas últimas décadas. Não é nosso propósito apresentar aqui este levantamento ampliado, uma vez que não trazem, necessariamente como escopo central, o tema no qual esta dissertação se dedica, ainda que se ressalte a sua importância para a história da educação. Todavia, vale a pena mencionar que algumas produções no Brasil passaram a associar o tema dos grupos escolares ao conceito de cultura escolar, ou por meio da cultura escolar, os grupos escolares se destacam como objetos centrais da investigação⁶.

⁶ Para isso ver: “*Da Era das cadeiras isoladas à era dos grupos escolares na Paraíba*”, de Antonio Pinheiro, 2002; “*Grupos escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)*”, organizado por Diana Vidal, 2006; “*História das culturas escolares no Brasil*”, sob organização de Diana Vidal

Para analisar o tema das Exposições Escolares das escolas primárias paranaenses utilizamos como fonte os relatórios⁷ dos diretores da Instrução Pública e Secretários da Instrução Pública do Paraná, assim como também foram consultadas as correspondências produzidas pelos Inspetores de Ensino, Diretores e professores constantes no acervo do DEAP, denominadas “AP (Arquivo Público)”⁸. Menciona Gizele de Souza (2004), “há uma infinidade de documentação ainda ‘não tocada’, guardada pelo Deap, tampouco organizada e raramente consultada. Entretanto, dispõe de razoáveis inventários sobre a documentação da instrução pública paranaense, dentre eles, legislação e relatórios, documentação esta normalmente consultada e citada em trabalhos já produzidos sobre educação”. (SOUZA, 2004, p. 02, grifos no original). Souza, Anjos e Barbosa (2013), ainda salientam que, “dentre os fundos documentais do DEAP-PR, o maior é aquele constituído pelas correspondências da secretaria de governo, denominadas APs (Arquivo Público). Essas encadernações foram organizadas por ano, podendo ter cada ano 35 livros e cada livro uma média de 200 a 300 páginas.” (SOUZA; ANJOS; BARBOSA, 2013, p. 634).

O trato com as fontes documentais baseia-se na

intervenção do historiador que escolhe o documento, extraíndo-o do conjunto dos dados do passado, preferindo-o a outros, atribuindo-lhe um valor de testemunho que pelo menos em parte, depende da sua própria posição na sociedade da sua época e da sua organização mental, insere-se numa situação inicial que é ainda menos “neutra” do que a sua intervenção. O documento não é inócuo. É, antes de mais nada, o resultado de uma montagem, consciente ou inconsciente, da história, da época, da sociedade que o produziu, mas também das épocas sucessivas durante as quais continuou a viver talvez esquecido, durante as quais continuou a ser manipulado, ainda pelo silêncio. O documento é uma coisa que fica, que dura, e o testemunho, o ensinamento (para evocar a etimologia) que ele traz devem ser em primeiro lugar analisados, desmistificando-lhe o seu significado aparente. O documento é monumento. Resultado do esforço das sociedades históricas para impor ao futuro – voluntária ou involuntariamente – determinada imagem de si próprios. No limite, não existe um documento - verdade. Todo documento é mentira. Cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo. (LE GOFF, 1996, p. 547-548).

Cabe, nesse sentido, ao historiador não só elaborar as perguntas para as fontes, como também considerar que o documento é fruto de determinados contextos históricos e políticos,

e Cleonara Maria Schwartz, 2010; “*Colégios elementares e grupos escolares no Rio Grande do Sul: memórias e cultura escolar – séculos XIX e XX*”, sob organização de Luciane Grazziotin e Dóris Almeida, 2016; entre outros.

⁷ Esse material está disponível eletronicamente no sítio do Departamento de Arquivo Público do estado do Paraná (DEAP) na “aba” Documentos Históricos.

⁸ Consultar o artigo dos pesquisadores: Gizele de Souza, Juarez José Tuchinski dos Anjos e Etienne Baldez Louzada Barbosa, intitulado: *O arquivo público paranaense: possibilidades para a pesquisa em história da educação no período provincial*. In: **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 627-643, jul./set. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v39n3/05.pdf> - acesso em 13/04/2019.

ou seja, não é neutro. Assim, nas palavras de Le Goff (1996, p. 547-548), “cabe ao historiador não fazer o papel de ingênuo.”

Outras fontes consultadas foram os jornais presentes no acervo da base digital da Biblioteca Nacional, a Hemeroteca Digital. As palavras de busca inseridas no sistema foram: exposições escolares, exposição escolar, exposição de prendas domésticas, exposição de trabalhos escolares, trabalhos manuais e trabalhos de agulha; que propiciaram a incursão nos principais jornais publicados no Paraná nos anos de 1912 a 1927, tais como - “*O Dia*”, “*A República*”, “*O Estado do Paraná*”, “*A Notícia*”, “*O Diário da Tarde*” e “*Gazeta do Povo*”. Também consultamos a base de dados dos periódicos do estado do Rio de Janeiro, especialmente as publicações que tratavam do “*Pedagogium*” e da “*Revista Pedagógica*” no final do século XIX. Durante a pesquisa consideramos pertinente realizar uma investigação para localizar as primeiras iniciativas realizadas no Paraná no que diz respeito à prática das Exposições Escolares. Deste modo, identificamos que a primeira Exposição Escolar do Paraná ocorreu no ano de 1891 e teve como modelo o “*Pedagogium*”, instituição sediada no Rio de Janeiro, razão pela qual examinamos os periódicos do acervo da hemeroteca digital da Biblioteca Nacional referente ao “*Pedagogium*” e a “*Revista Pedagógica*” que divulgava as ações do “*Pedagogium*”.

Segundo Vieira (2007a), “O jornal, entendido como potente mecanismo de produção de memória, deve ser problematizado de tal forma que o texto jornalístico seja interpretado como enunciado, isto é, como intervenção que visa demarcar e fixar formas de pensar que se expressam como valores, juízos, modos de classificação, enfim, justificativas para a ação social.” (VIEIRA, 2007a, p. 14). De acordo com Luca (2015, p. 139), tomar o jornal como fonte não significa pensá-lo como receptáculo de verdades; ao contrário, o que se propõe é pensá-lo a partir de suas parcialidades, a começar pela observação do grupo que o edita, das sociabilidades que este grupo exercita as diferentes conjunturas políticas, das intenções explícitas ou sutis em exaltar ou execrar atores políticos.

Para Marta Carvalho (2003), as práticas discursivas colocadas em curso pelas organizações cívico-nacionalistas da Primeira República operam mecanismos de constituição e validação. Segundo a autora, “A eficácia da operação depende do discurso em que se articula, (...) operando por alusões que constituem tais fragmentos significações consensuais de validação da *causa educacional*.” (CARVALHO, 2003, p. 119). Deste modo, as representações expressas nos jornais da época enfatizavam o valor moral, pedagógico e patriótico das Exposições Escolares.

Realizamos também consulta à documentação do acervo da Casa da Memória, órgão ligado à Fundação Cultural de Curitiba, que propiciou o acesso ao fundo Lysimaco Ferreira da Costa, sobretudo às fotografias das Exposições Escolares por ocasião das festividades em comemoração ao Centenário da Independência, bem como ao periódico publicado pela Inspetoria Geral de Ensino do estado do Paraná, denominado “*O Ensino*”. Outro local de consulta foi o Museu Paranaense (MP), especialmente o acervo da biblioteca e as fotografias. Como também o acervo do Museu da Imagem e do Som do Paraná (MIS), principalmente o fundo do fotógrafo Guilherme Glück. De acordo com Rosa Fátima de Souza (2001), para utilizarmos as fotografias como fonte de pesquisa é necessário “alfabetizar o olhar”, tanto no que diz respeito aos elementos externos, isto é, “as condições de produção da fotografia e uma crítica externa”; como os elementos internos, a “crítica ao conteúdo” (SOUZA, 2001, p. 78). Rosa Fátima de Souza (2001), também destaca a importância da fotografia dos eventos escolares, neste caso das Exposições Escolares, no que tange ao registro de uma prática ritualizada eternizada e captada pela lente do fotógrafo.

As fotografias de eventos escolares – festas, exposições e comemorações – são contributos para a memória institucional. (...) Ela retrata uma Exposição Escolar, certames realizados anualmente nas escolas públicas destinadas à exibição dos Trabalhos Escolares, especialmente aqueles produzidos pelos alunos na disciplina de Trabalhos Manuais. Trata-se, portanto, do registro de uma prática ritualizada. (SOUZA, 2001, p. 99).

Ainda sobre a fotografia, Raquel Duarte Abdala em sua tese de Doutorado, intitulada *Fotografias escolares: práticas do olhar e representações sociais nos álbuns fotográficos da Escola Caetano de Campos (1895-1966)*, destaca:

O fotógrafo lê as imagens de sua autoria ao produzir, pelo registro fotográfico, representações da realidade. Desse modo, antes de ler imagens fotográficas, ele lê a realidade. Por outro lado, para ler a realidade ele precisa ter sensibilizado seu olhar, lendo outros registros fotográficos. Além disso, essa observação indica que o fotógrafo não produz registros simplesmente de modo mecanizado, mas estuda a realidade e suas referências objetivas e subjetivas antes de efetuarlos. Consciente ou não, esse processo está no cerne da fotografia. (2013, p. 43).

Desta forma, “(...) assim como os historiadores não apresentam reflexos da realidade, mas representações da realidade” (BURKE, 2011, p. 27), os fotógrafos, de certa forma, também realizam representações da realidade. Nesse sentido, as fotografias, assim como qualquer documento, devem ser analisadas como representações a partir das indagações que são colocadas pelo historiador.

A diversidade de fontes consultadas foi um desafio a ser superado no sentido de ultrapassar o nível descritivo do material empírico. Fez-se necessário integrar o referencial teórico-metodológico à descrição e análise do material empírico. Deste modo, procuramos “(...) identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler.” (CHARTIER, 2002, p. 17).

O critério para a **delimitação temporal** inicial foi o marco legal instituído em setembro de 1912 por Claudino dos Santos, Diretor da Instrução Pública, que normatiza o certame da quinta exposição das escolas primárias⁹. O marco temporal final foi instituído em razão da realização das Exposições Escolares no âmbito da primeira Conferência Nacional de Educação organizada pela Associação Brasileira de Educação (ABE), realizada na cidade de Curitiba no ano de 1927. Deste modo, o período estudado, também foi determinado a partir dos indícios apontados pelas fontes consultadas.

O início do século XX foi marcado por um processo de reorganização da educação pública primária e o modelo das mudanças foi o estado de São Paulo. Entretanto, de acordo com Gizele de Souza (2004),

(...) as representações do modelo paulista que circularam nos meios políticos e culturais paranaenses, no modo como aquele modelo foi encarado no Paraná, ao ser tomado como referência para iniciativas de reforma. Por meio dos traços deixados pelos personagens e marcos escolares da história do Paraná nas primeiras décadas do século XX, o modelo paulista passou a se configurar como recurso de explicitação analítica das concepções e dos projetos paranaenses. Assim, as referências ao modelo paulista configuraram-se como trilhas pelas quais se desenhou a história de constituição dos grupos e jardins infantis paranaenses, fragmentos de uma história escolar, funcionando como “carbono” na impressão de outra história, marcada por dissonâncias, semelhanças e particularidades. (SOUZA, 2004, p. 34).

Considerando as “dissonâncias, semelhanças e particularidades” da forma escolar que o Paraná imprimiu na organização da escola primária, **o problema de pesquisa** reside em buscar entender como as Exposições Escolares se constituíram como práticas escolares no processo de escolarização primária da infância no estado do Paraná nos anos de 1912 a 1927.

No período compreendido entre os anos de 1910 e 1920, ocorreram muitas reformas educacionais e administrativas em diversos estados brasileiros. De acordo com Jorge Nagle (1976), foi

⁹ O primeiro capítulo dessa pesquisa está dividido em duas partes: a primeira parte faz uma breve incursão nas primeiras iniciativas realizadas no Paraná das Exposições Escolares; na segunda, iniciamos a análise da constituição das Exposições, considerando o marco legal instituído pelo então Diretor da Instrução Pública, Claudino dos Santos, o que ocorreu no ano de 1912 por ocasião da 5ª (quinta) Exposição Escolar.

(...) um período de intenso esforço para a estruturação dos órgãos da administração escolar. Frente a uma preocupação em **difundir ao máximo a escola primária**, enfrentou-se o problema do estabelecimento de órgãos diretores, fiscalizadores e estimuladores do funcionamento das instituições escolares, que se transformou em etapa preliminar do pleno êxito da execução de qualquer plano. (NAGLE, 1976, p. 201, grifos nossos).

O Paraná não ficou à margem do processo de organização da escola primária graduada no início do século XX, promovendo também um conjunto de reformas na Instrução Pública. Destacamos os Diretores da Instrução Pública desse período: Claudino dos Santos; Cesar Prieto Martinez, que ocupou o cargo de Diretor da Instrução Pública no período de 1920 a 1924; e Lysimaco Ferreira da Costa, que entre os anos 1924 e 1928 também desempenhou a função de Diretor da Instrução Pública no Paraná. (MORENO, 2003).

Para iniciar e situar o debate sobre as Exposições Escolares, consideramos pertinente realizar uma breve incursão nas diferentes categorias de Exposição que ocorreram no final do século XIX e início do século XX. Diante da literatura especializada, observamos quatro modos variados de exposições: as Exposições Universais, as Exposições Nacionais, as Exposições Pedagógicas e as Exposições Escolares.

As **Exposições Universais**, de caráter internacional, iniciam-se em Londres, em 1851. Nos anos subsequentes elas generalizaram-se e ocorreram em vários países (KUHLMANN JUNIOR, 2001). As Exposições Universais “se constituíam na mais condensada representação material do projeto capitalista de mundo.” (BARBUY, 1996, p. 211). Segundo Sandra J. Pesavento (1997), “as exposições funcionaram como síntese e exteriorização da modernidade dos ‘novos tempos’ e como vitrine de exibição dos inventos e mercadorias postos à disposição do mundo pelo sistema de fábrica.” (PESAVENTO, 1997, p. 14, grifos no original). De acordo com César Augusto Castro e Samuel Luis Velázquez Castellanos (2018, p. 273), “as exposições surgem a partir da expansão do uso do ferro, do vidro e do aço. As mudanças políticas e econômicas, (...) tornaram necessário impulsionar a indústria e o comércio.”

As Exposições Universais tinham também um caráter didático, de difusão de usos e costumes do conjunto de mercadorias produzidas pela grande indústria, tendo em vista consolidar o modo de produção capitalista, que naquele momento encontrava-se no auge do desenvolvimento da grande indústria. “As exposições não visavam apenas ao lucro imediato, advindo do incremento das vendas ou do estímulo à produção industrial pela comparação entre os potenciais das diferentes nações. As exposições foram também elementos de difusão/aceitação das ideais e crenças pertinentes ao *ethos* burguês.” (PESAVENTO, 1997, p.

15, grifos no original). “**Templo, vitrine, teatro, escola...** As Exposições pretendiam também educar a população visitante, na perspectiva de obter resultados morais. Mostrava-se ao público o poder da ‘civilização’, cultivava-se o nacionalismo e a fé acrítica na ciência e na técnica.” (KUHLMANN JÚNIOR, 2001, p. 243, grifos nossos). Ainda, segundo Kuhlmann Júnior:

Cada país, ao sediar uma Exposição, mostrava aquilo que seria a prova de seu lugar no 'concerto das nações' civilizadas. Demonstração tanto à sua própria população quanto aos visitantes dos demais países, que ali compareciam para exibir seus produtos e atributos de modernidade e buscar o referendo das premiações. Cada um deles contribuía com suas potencialidades, desde as potências industriais (...) até as colônias ultramarinas, que adornavam os espetáculos com seus toques de exotismo. (KUHLMANN JÚNIOR, 2001, p. 274).

Reproduzimos, abaixo, o quadro das Exposições Universais elaborado por Kuhlmann Júnior(2001):

QUADRO 1 - EXPOSIÇÕES INTERNACIONAIS

ANO	LOCAL
1851	Londres
1855	Paris
1862	Londres
1867	Paris
1873	Viena
1876	Filadélfia
1878	Paris
1882	Buenos Aires
1883	Antuérpia
1889	Paris
1893	Chicago
1900	Paris
1904	Luisiana
1906	Milão
1910	Bruxelas
1915	São Francisco
1922	Rio de Janeiro

FONTE: KUHLMANN JÚNIOR, 2001, p. 10.

De acordo com Escolano Benito (2018, p. 96), "as Exposições Universais da segunda metade do século XIX e na terça parte inicial do XX foram as primeiras vitrines em que se mostrou publicamente o mundo do ensino (...)." Além de artefatos de ensino a Exposição Universal de 1855, realizada em Paris, passa a inserir as **Exposições Pedagógicas**, com vistas a promover a circulação e difusão dos produtos e artefatos para o ensino. Segundo Rosa Fátima de Souza,

a exposição universal de Paris, realizada em 1855, foi a primeira a abrir uma subdivisão especial para **materiais do ensino primário**. No entanto, como observa Buisson (1875), até a exposição de Viena, em 1873, os materiais escolares figuravam como simples produtos da indústria. A partir de então, foi redefinido o papel da educação nas exposições e os materiais, juntamente com métodos, programas e propostas de educação popular, passaram a ser concebidos de uma perspectiva educativa e a representar o avanço educacional atingido por cada país. (SOUZA, 2007, p. 164, grifos nossos).

Essa inserção de materiais de ensino acompanhados de programas, métodos e propostas educativas não é neutra, nem tampouco por acaso. Vamos observar no processo de organização e constituição dos sistemas nacionais de ensino, em meados do século XIX, uma nova composição material da escola primária, do qual o desenvolvimento do capitalismo exerceu forte influência (SOUZA, 2007).

De acordo com César Augusto Castro e Samuel Luis Velázquez Castellanos,

(...) é a partir da exposição de 1862, realizada em Londres, que começam a aparecer as seções escolares, nas quais eram apresentados os espaços físicos das instituições, as fotografias referentes ao ambiente de ensino e as construções de escola-modelo alusivas à arquitetura escolar, como também passaram a ser exibidos os objetos escolares representados pelas cadeiras de diferentes materiais e *designs*, os artefatos da escrita, os mobiliários, os quadros murais, os livros e os manuais escolares sugestivos da cultura material da escola, além dos **trabalhos realizados pelos alunos** como forma de evidenciar a aplicabilidade e a eficácia dos métodos de ensino adotados nos diferentes níveis, com privilégio para a instrução primária (...). (CASTRO; CASTELLANOS, 2018, p. 277, grifos nossos).

As Exposições Universais, no que diz respeito aos artefatos de ensino tinham a finalidade de divulgar e enaltecer as nações produtoras, assim como promover o espectador à categoria de “aprendiz”, uma vez que, nas palavras de Faria Filho, Chamon e Soares, “[...] faziam-se escola, travestindo o espectador de aprendiz. Daí, a face didática, e quase catequética que assumiam as Exposições e as representações que os seus idealizadores produziam.” (2009, p. 02).

O Brasil se insere nesse processo a partir de 1862¹⁰ e em 1889 se apresenta em Paris, “não o fez oficialmente, isto é, não como representação de Estado mas por uma delegação de empresários e jornalistas (...).” (BARBUY, 1996, p. 213). A presença do Brasil na Exposição

¹⁰ “A partir da terceira Exposição Universal — Londres, 1862 — o Brasil foi presença cativa. Para a primeira apresentação internacional, em 1862, o Brasil levou café, chá, erva mate, guaraná, arroz, borracha, tabaco, madeira, fibras vegetais, abelhas, algodão e feno. Alguns produtos da indústria brasileira — maquinaria em geral, materiais para estrada de ferro e construção civil, telégrafos, armamentos militares —, mas essas últimas não despertaram atenção. Apesar de a intenção ser, também, mostrar como o Brasil fazia parte dessa orquestra das nações ‘progrididas’, os prêmios ficaram para o café e a cerâmica marajoara. Como sempre, lá fora era o nosso lado exótico que estava em pauta” (SCHWARCZ, 1998, p. 582).

Universal de 1862, assim como os demais países, tinha a característica de ser uma vitrine. Isto é, “apresentar para o mundo as suas riquezas naturais e seu potencial industrial como forma de atrair o interesse dos estrangeiros em investirem na nação ou pra cá migrarem.” (CASTRO; CASTELLANOS, 2018, p. 278). Ainda segundo Castro e Castellanos, o Brasil,

(...) além de expor as riquezas agrícolas como o café e o algodão, os óleos vegetais, entre outros produtos que pudessem despertar o interesse e a curiosidade sobre o exótico país dos trópicos, foram colocados em pauta materiais coletados nas diversas províncias que, por meio da concorrência e das premiações nas exposições locais, eram enviados para as exposições nacionais passando pelos mesmos rituais (...), e dessas para as universais. (2018, p. 278).

As Exposições Universais, Nacionais ou locais eram “grandes vitrines de invenções”. (VIDAL; SILVA, 2013). Gizele de Souza e Vera Lucia Gaspar da Silva (2018, p. 123), utilizam a expressão “grande bazar da indústria humana”, quando analisam as Exposições Universais.

No Brasil, no final do século XIX e início do século XX também ocorreram **Exposições Nacionais** de caráter industrial e Pedagógicas¹¹. As Exposições Nacionais, de certa forma tinham um caráter preparatório e classificatório para as Exposições Universais. Segundo Kuhlmann Jr. (2001), as Exposições Nacionais foram realizadas nos seguintes anos: 1861, 1866, 1873, 1875, 1881, 1908 (Exposição Comemorativa da abertura dos Portos) e em 1922 (Exposição Comemorativa do Centenário da Independência).

O Paraná, nesta esteira, não só compareceu em eventos nacionais e internacionais, como também organizou seus eventos e exposições locais, como se pode visualizar na figura 1, o cartaz da Exposição Paranaense de 1903, que envolveu vários representantes da sociedade paranaense na organização e divulgação da Exposição.

¹¹A dissertação de Rochele Allgayer, intitulada *As Exposições e eventos nas Conferências Nacionais de Educação: um repertório pedagógico para se dar a ver (1927-1956)*, aborda aspectos da cultura material escolar em Exposições Pedagógicas que ocorreram no século XX, vinculadas as Conferências Nacionais de Educação. Estes eventos apostavam em estratégias de divulgação de práticas educativas e de produção material para a escola brasileira. Constituíam-se em ferramenta para se “dar a ver”, mas também para fomentar o debate em torno das condições materiais da instrução pública. O espetáculo da narrativa da modernidade e o caminho por ele percorrido já era exposto como perspectiva de “vitrine” desde a segunda metade do século XIX, durante as Exposições Universais, ocorridas em vários lugares do mundo.

FIGURA 1 - EXPOSIÇÃO PARANAENSE - 1903



FONTE: Paraná. **Revista O Malho**. Rio de Janeiro, 27 de fevereiro de 1904, n.76, p. 7.

No que diz respeito a outras categorias de Exposição, no ano de 1883, mais precisamente no período de 29 de junho a 30 de setembro, na cidade do Rio de Janeiro ocorreu a primeira **Exposição Pedagógica**¹², e estiveram representados os mais importantes estabelecimentos de ensino particular da época, e muito materiais de ensino e pedagógicos foram expostos (COLLICHIO, 1987, p. 05). De acordo com Valdemarin, Teive e Handam (2013),

¹² Importante trabalho de Terezinha Collichio demonstra que, apesar de programado, o Congresso de 1883 fora cancelado, permanecendo somente a exposição, ainda que alterada sua proposta original. Para mais detalhes ver: COLLICHIO, T. "Dois eventos importantes para a História da Educação Brasileira: a Exposição Pedagógica de 1883 e as Conferências Populares da Freguesia da Glória". 1987.

(...) no ano de 1883, Leôncio de Carvalho organizou o Congresso de Instrução e a Primeira Exposição Pedagógica do Rio de Janeiro. Os eventos, presididos pelo Conde D'Eu, deveriam ocorrer simultaneamente, à semelhança dos países cultos, de modo que as conferências proferidas no Congresso habilitassem os visitantes a compreender os objetos expostos, mostrando a finalidade e o emprego deles na prática escolar. (VALDEMARIN; TEIVE; HANDAM 2013, p. 05).

Ainda segundo as autoras, a Exposição Pedagógica foi organizada com base nas recomendações de Buisson¹³ e seria composta por uma seção oficial, contendo documentos administrativos e estatísticos; uma seção material, dedicada à mostra de edifícios, mobília e materiais; uma terceira seção dedicada aos meios de ensino, tais como, jornais, livros, globos e outros aparelhos para uso de alunos e/ou professores e uma quarta seção composta de trabalhos produzidos por professores - planos de estudo, emprego do tempo, memórias pedagógicas e trabalhos dos alunos.

Já em anos posteriores, o Paraná participou da Exposição Nacional no Rio de Janeiro, em 1908. O Presidente do Congresso Legislativo do Estado do Paraná exarou o Decreto nº 293, naquele ano, no qual constituiu uma Comissão que ficou responsável pela representação do Paraná no certame.

¹³ “**Ferdinand Buisson** (1841-1932) foi uma grande figura da Terceira República na França. Alto funcionário da instrução pública, professor de pedagogia na Sorbonne. Suas atividades foram numerosas e imensas, tanto no âmbito religioso como político e pedagógico; ao longo de sua vida, esses três campos estiveram interpenetrados. Muito cedo ingressou na vida pública, e notabilizou-se pela tomada de posições radicais contra a guerra, participando dos primeiros congressos da Liga da Paz e da Liberdade, na Suíça. Desde a queda do Império, participou da vida política da municipalidade do 17º arrondissement de Paris, que tinha como adjunto do prefeito o anarquista Benoit Malon. Buisson entrou na Guarda Nacional, participou ativamente das iniciativas políticas e sociais da municipalidade. Foi co-fundador do jornal anarquista *A República dos Trabalhadores*, com Aristide Rey, os irmãos e Benoit Malon. Foi durante a guerra e o sítio em Paris que fundou um orfanato. Esse estabelecimento laico recebia subsídios da Internacional e ministrava uma *educação integral*, resultante das idéias anarquistas de Paul Robin. Após a derrota da Comuna, o orfanato foi transferido para Cempuis, na região do Oise. Em 1879, Ferdinand Buisson foi nomeado diretor do ensino primário, chamou a Paul Robin para dirigir o orfanato segundo os métodos da educação libertária. O estabelecimento e seu diretor são violentamente atacados pelos reacionários católicos. A experiência inovadora de Cempuis terminou em 1894.” Disponível em: <https://seer.ufrgs.br/asphe/article/view/30531> - acesso em 24/04/2019.

FIGURA 2 - O REPRESENTANTE DO PARANÁ NA EXPOSIÇÃO NACIONAL - 1908



Sr. Jayme Reis commissario do Estado do Paraná na Exposição Nacional.

FONTE: Revista Fon Fon, 11 de julho de 1908, n. 14, p. 14.

Jayme Reis¹⁴ - na imagem acima – figura 02, conforme anunciou o Diário da Tarde, integrou a Comissão do Estado do Paraná de “Artes Liberais” e “Indústrias” na Exposição Nacional, de 1908 (DIÁRIO DA TARDE, 1 de setembro de 1908, n. 2898, p. 1).

Dentre as várias atribuições previstas no Decreto, a Comissão deveria organizar um *Catálogo do Estado do Paraná na Exposição Nacional de 1908 – Rio de Janeiro*. O Catálogo foi dividido em quatro seções: Agricultura, Indústrias, Artes Liberais e Pecuária. O item IV do referido Decreto, estabelece: “Dar à exposição de madeiras e demais produtos naturais do Estado a maior expansão, de modo a apresentarem o máximo de sua variedade nas melhores condições de preparo de instalação.” (PARANÁ, 1908, p. 04) O item V, também assevera que igual tratamento deve ser dado aos produtos da lavoura, pecuária e indústrias correlatas. A seleção dos artefatos da exposição preparatória, “(...) inaugurada nesta capital a 25 de fevereiro último, os que devem figurar na Exposição Nacional;” (PARANÁ, 1908, p. 04), também ficou a cargo da Comissão. Os produtos paranaenses que obtiveram grande destaque

¹⁴ “**Jayme Drumond dos Reis** era filho de Trajano dos Reis e de Josephina Drumond dos Reis. Nasceu em Curitiba, onde estudou até o curso preparatório. Diplomou-se médico pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro. Iniciou a profissão como auxiliar do pai na cidade natal. Atraído pela política, foi eleito deputado estadual e mais tarde nomeado diretor da Instrução Pública. Jornalista e escritor, publicou as memórias *Das principais endemias e epidemias de Curitiba* (1898); *Etnologia paranaense* (1911). Fez parte do Conselho Supremo do Grande Oriente do Paraná. Foi tragicamente assassinado.” Disponível em: www.assembleia.pr.leg.br/deputados/perfil/jayme-drumond-dos-reis. Acesso em 13/07/2020.

no certame nacional foram os móveis produzidos em madeira, como sugeriu o Presidente do Congresso Legislativo.

Por meio das fotos da participação do estado do Paraná na Exposição Nacional do Rio de Janeiro em 1908, podemos vislumbrar alguns dos objetos enviados. No que diz respeito aos trabalhos produzidos pelos alunos foram enviados: “material adaptado e trabalhos feitos no Jardim de Infância, fotografia do interior do jardim da Infância, fotografias do interior da Escola de Belas Artes, e os trabalhos de pintura das alunas da Escola de Belas Artes.” (PARANÁ, 1908, p. 143). As fotos (Figura 3), a seguir, demonstram alguns desses artefatos apresentados na Exposição Nacional de 1908.

FIGURA 3 - MOVÉIS E PRENDAS DOMÉSTICAS - O ESTADO DO PARANÁ NA EXPOSIÇÃO NACIONAL DE 1908



FONTE: Acervo do Museu Paranaense

Já mencionamos, anteriormente, sobre Exposições Universais, Exposições Nacionais, Exposição Pedagógica, e tem-se ainda outra dimensão de Exposição – que são a Escolares, escopo deste estudo.

Como parte do processo de institucionalização dos grupos escolares, são realizados os rituais de inauguração dos edifícios escolares, bem como das festas comemorativas e das **Exposições Escolares**. Nas palavras de Marta Carvalho (1998, p. 23), a República, “como signo da instauração da nova ordem, a escola devia fazer ver. Daí a importância das cerimônias inaugurais dos edifícios escolares. O rito inaugural repunha o gesto instaurador.”

Para fazer ver, a escola devia dar se a ver. Daí os edifícios necessariamente majestosos, amplos e iluminados, em que tudo se dispunha em exposição permanente. Mobiliário, material didático, trabalhos executados, atividades discentes e docentes – **tudo devia ser dado a ver** de modo que a conformação da escola aos preceitos da pedagogia moderna

evidenciasse o Progresso que a República instaurava. (CARVALHO, 1998, p. 25, grifos nossos).

A autora ainda demarca que “A República brasileira, à diferença de seu modelo francês, e também do modelo americano, não possuía suficiente densidade popular para refazer o imaginário nacional.” (CARVALHO, 1998, p. 128). Era preciso, nesse sentido, criar as condições para difundir os princípios republicanos. Nesse período inicia-se o processo de institucionalização dos grupos escolares, que será uma ação de reorganização do ensino primário público. “Três foram as questões fundamentais a serem resolvidas pelo Governo no tocante ao ensino: a formação do professorado, a construção de prédios escolares e o fornecimento de equipamentos escolares.” (OLIVEIRA, 2001, p. 147). As discussões sobre a necessidade da construção de um sistema nacional de ensino definiram a questão da instrução pública como a redentora da humanidade e como chave para a solução dos problemas enfrentados para a consolidação da República. A retórica e o projeto almejado era de “construir uma nação pautada em valores que demonstrasse estar sintonizada com o mundo *moderno*”. (BENCOSTTA, 2001, p. 104, grifos no original). Para eternizar a República, era necessário dotar a Instrução Pública de “características de uma quase religião cívica, cujo papel era dotar a sociedade de coesão através da educação do povo e da criança do novo regime.” (BENCOSTTA, 2001, p. 104).

Segundo Rosa Fátima de Souza (1998), “As comemorações e as festas tornavam-se momentos especiais na vida das escolas e das cidades, momentos de integração de valores – **culto à pátria, à escola, à ordem social vigente, à moral e aos bons costumes.**” (SOUZA, 1998, p. 259, grifos nossos). As Exposições Escolares tornavam-se momentos emblemáticos para a vida dos alunos e de seus pais, bem como para a escola, pois o culto à pátria, a causa patriótica do ensino de “instruir, educar e civilizar” considerando a nova ordem política, a República. Essas ideias e discursos reforçam o papel da instrução pública, isto é, “pretendia-se (re)inventar a nação, **inaugurar uma nova era, novos tempos.**” (FARIA FILHO; VIDAL, 2000, grifos nossos).

De acordo com Rosa Fátima de Souza (1998),

Na escola “os ritos”, “os espetáculos” e “as celebrações” são marcas forte dessa influência, pois, de fato ela passou a **celebrar a liturgia política da República**; além de divulgar a ação republicana, corporificou os símbolos, os valores, e a pedagogia moral e cívica que lhe era própria. (SOUZA, 1998, p. 241, grifos nossos).

As Exposições Escolares eram um ritual que “repunha o gesto instaurador” da República com vistas a reafirmar a importância da instrução pública na instauração do processo civilizatório, colocado em curso pelos republicanos no final dos Oitocentos e início dos Novecentos. Eram práticas escolares que “expressam a dimensão simbólica da escola” (SOUZA, 1998, p. 242), ou dito de outra forma, promovem a identidade e constroem o caráter dos alunos, eternizando, ou perenizando algumas situações.

As Exposições Escolares no Paraná, abertas ao público, representavam uma maneira de exibirem-se, de mostrar os resultados escolares das disciplinas de Trabalhos Manuais, Trabalhos de Agulha e Desenho, exposições essas que ocorriam geralmente no final do ano letivo. Os trabalhos manuais das meninas e meninos eram exaltados, bem como o papel dos professores. Os artefatos eram oferecidos como um ritual, um espetáculo que demonstrava que a ação pedagógica poderia ser colocada para a visitação. De acordo com Carvalho (2003, p. 62, grifos no original), “nela, a criança começaria a *‘sentir o efeito da sanção social sobre seus atos’* (...).”

As Exposições Escolares também assumem um caráter de difusão de hábitos citadinos ao realizarem a exposição de artefatos produzidos pelos alunos num flagrante culto ao trabalho, à produção de mercadorias e no desenvolvimento do hábito ao consumo. Os artefatos produzidos pelos alunos nas disciplinas de Trabalhos Manuais e Trabalhos de Agulha e Desenho eram comercializados durante as Exposições Escolares. Os jornais mencionavam que “(...) a exposição dos trabalhos, todos expostos e à venda onde se encontram quadros, roupas feitas, toalhas, almofadas, etc., por preços bastante módicos.” (O ESTADO DO PARANÁ, 1925, p. 03).

Organizamos a presente dissertação em três capítulos. O primeiro capítulo foi dividido em duas partes: na primeira parte, julgamos pertinente realizar uma breve incursão nas primeiras iniciativas, de modo que identificamos que a primeira Exposição Escolar ocorreu no ano de 1891, organizada por Justiniano de Mello e Silva, que à época era Diretor da Instrução Pública. Por tratar-se de um personagem que viveu o fim o Império e posteriormente desempenhou funções estratégicas nos primeiros anos da República, dedicamos uma análise de sua atuação na inauguração da primeira Exposição Escolar no Paraná. Já na segunda parte deste capítulo, iniciamos a análise da constituição das Exposições Escolares no Paraná, considerando o marco legal instituído pelo então Diretor da Instrução Pública, Claudino dos Santos, por ocasião da realização da 5ª (quinta) Exposição Escolar, realizada no ano de 1912. Procuramos enfatizar a data, os rituais, discursos e demais protocolos da exposição e o marco legal de organização da Exposição Escolar.

O segundo capítulo discute o processo de produção dos artefatos das Exposições Escolares. Para tanto, realizamos a análise na perspectiva do projeto civilizatório colocado em curso pelos republicanos com a reorganização dos conteúdos das disciplinas de Trabalhos Manuais e Trabalhos de Agulha no currículo da escola primária, com ênfase nos grupos escolares, pois os grupos escolares representavam o grande projeto republicano de inovação da escola primária pública. A segunda parte do capítulo dedicou-se na identificação e análise dos artefatos das Exposições Escolares, no que diz respeito aos artefatos produzidos pelos alunos e alunas, bem como os artefatos de ensino em exposição que eram utilizados pelos professores nas disciplinas de Trabalhos Manuais, Trabalhos de Agulha e demais disciplinas.

No terceiro capítulo analisamos duas grandes Exposições Escolares das escolas primárias. A primeira por ocasião das festividades do Centenário da Independência, em 1922, e a segunda exposição realizada no âmbito da primeira Conferência de Educação Nacional, em Curitiba, organizada pela Associação Brasileira de Educação (ABE), em 1927. As escolas primárias de Curitiba participaram ativamente desses dois eventos com a apresentação dos artefatos escolares elaborados pelos alunos. Procuramos identificar os professores e alunos, os responsáveis pela elaboração dos artefatos e a participação dos Inspetores e Secretários da Instrução Pública. Assim como, os rituais da “liturgia política”¹⁵ que constituíram as Exposições Escolares nessas festividades.

Por fim, retomando e parafraseando Arlete Farge (2009), esperamos que ao fim dessa viagem, por vezes incerta, tenhamos condições de romper o véu e chegar ao essencial dos seres e das coisas.

¹⁵ Expressão utilizada por Claude Rivière no livro intitulado “*As liturgias políticas*”, versão brasileira publicada em 1989 pela Editora Imago (Coleção Tempo e Saber).

CAPÍTULO 1 - E'COS DAS EXPOSIÇÕES ESCOLARES¹⁶

*E é belo ver-se as crianças, numa azafama¹⁷
ruidosa, correndo de um lado para outro
sobraçando galhardetes¹⁸, arrumando flores,
distribuindo bandeiras, trabalho esse feito em
uma expansão de franca e significativa
alegria, em uma manifestação sublime de
patriotismo.¹⁹ (Cardim, 1916, p.0).*

A epígrafe foi extraída do livro de Carlos A. Gomes Cardim²⁰, intitulado “*As comemorações cívicas e as festas escolares*”, publicado em 1910, e expressa o burburinho alegre e ruidoso das festas escolares de encerramento do período letivo. Um momento esperado pelos alunos e professores, pois anuncia o encerramento das atividades pedagógicas e o início das férias escolares. A escola, professores e alunos celebram o encerramento do ano. É chegado o momento de a escola mostrar os resultados obtidos durante o ano letivo. Bencostta (2006) ao discorrer sobre esse momento escolar evidencia que:

Além da apresentação de poesias, cânticos de despedidas, discursos de agradecimento, contava em seu roteiro com a exposição de trabalhos de agulha, modelagem, pintura, tecelagem, (...) mostra de cadernos de caligrafia, desenho geométrico, cartazes, que ficavam expostos nas salas e corredores da escola. (BENCOSTTA, 2006, p. 38).

Para iniciar o processo de exame da constituição das Exposições Escolares das escolas primárias, dois subitens foram elencados nesse primeiro capítulo, quais sejam: num primeiro momento recuamos no tempo e buscamos identificar as primeiras – quatro - Exposições Escolares realizadas no Paraná com o objetivo de contextualizar o debate sobre o

¹⁶ Quanto ao título deste capítulo o jornal “*O Diário da Tarde*” dos anos de 1910 dedicava uma coluna específica para noticiar as exposições nos grupos escolares, tanto da capital paranaense como do interior e recebia o título de “*E'cos das Exposições Escolares*”.

¹⁷ Azafama: de acordo com o dicionário Aurélio, azafama vem do verbo azafamar. O mesmo que: precipita, apressa. Dar pressa. Trabalhar ativamente.

¹⁸ Galhardetes: de acordo com o dicionário Aurélio, significa bandeira para ornamentação de ruas ou de edifícios em ocasiões festivas; flâmula.

¹⁹ Optamos pela não utilização da grafia original da época.

²⁰ “**Carlos Alberto Gomes Cardim** nasceu em 10 de fevereiro de 1875, na cidade de São Paulo. Casou-se com Ignez Lacerda e teve dois filhos. Iniciou sua carreira de professor em 1895, na cidade de São Paulo. Entre 1896 e 1902, publicou vários artigos na revista *Eschola Publica* e na *Revista Ensino*. Em 1908, Cardim foi convidado para organizar e reformar o ensino primário e secundário do estado do Espírito Santo, tendo exercido o cargo de secretário da Instrução Pública. Permaneceu no cargo até 1913 e ao regressar a São Paulo, foi nomeado lente de Psicologia e Pedagogia da Escola Normal Secundária de São Paulo. Entre 1917 e 1918, integrou a diretoria da Associação Beneficente do Professorado Paulista. Cardim, faleceu no dia 02 de junho de 1938, aos 63 anos de idade, na cidade de São Paulo.” (PASQUIM, 2015). Disponível em: <http://books.scielo.org> Acesso em: 15/09/2019.

tema; também tecemos considerações sobre o diretor da Instrução Pública, Justiniano de Mello e Silva, que no ano de 1891 realizou a primeira Exposição Escolar na cidade de Curitiba. O segundo subitem, trata da quinta Exposição Escolar, que demarca o período elencado no recorte temporal inicial da pesquisa. Em 1912, ano da quinta Exposição Escolar, registra o marco legal instituído pela Diretoria da Instrução Pública com a publicação da Instrução que normatizou a organização do certame elaborada por Claudino dos Santos.

1.1 PRIMEIRAS INICIATIVAS

Em 1891, o então Diretor Geral da Instrução Pública do Estado do Paraná, Justiniano de Mello e Silva²¹, visita as dependências do *Pedagogium*²², na cidade do Rio de Janeiro.

FIGURA 4 - JUSTINIANO DE MELLO E SILVA



FONTE: Apêndice da Tese de Doutorado de Etienne Baldez Louzada Barbosa, 2016, p. 465.

²¹“**Justiniano de Mello e Silva** (1852-1940), esteve em destaque no cenário paranaense desde que chegou da província de Sergipe, em 1876, quando então exerceu o cargo de Secretário do Governo da província do Paraná. Foi professor de Português e de Pedagogia no Instituto Paranaense, fundou os jornais *Vinte e Cinco de Março*, *O Paranaense*, *Jornal do Comércio* e *Sete de Março*, escreveu para a coluna do periódico *O Artista*, foi deputado na Assembleia Legislativa.” (NICOLAS, 1954, p. 130). Segundo escreve Amélia Corrêa (2009), na Faculdade de Direito de Recife, Justiniano de Mello e Silva “compartilhou do movimento cultural da Geração de 1870. Foi professor, filólogo, historiador, sociólogo, jornalista, além de ter concluído um doutorado em Ciências Sociais, na Universidade de Córdoba. Migrou para o Paraná em 1876”, com o intuito de secretariar a presidência da província.” (BARBOSA, 2016, p. 301-302). No ano de 1874, para tratamento médico, muda-se para o Rio Grande do Sul. Sua estadia em terras gaúchas escreve para os jornais o “*Artista*” e “*Diário do Rio Grande*”, também participa das atividades maçônicas na Loja do Grande Oriente. Em 1876, Justiniano chegou ao Paraná e ocupou o cargo de secretário da Província do então presidente Lamenha Lins. No Paraná, exerceu várias funções: lente, jornalista, deputado estadual e diretor da instrução pública. “Na esfera política, iniciou sua carreira como deputado estadual no período provincial 1854-1889, e em 1878-1879 foi substituto de Lourenço T. Ribas de Andrade no vigente governo de Jesuíno Marcondes.” (PEREIRA, 2016, p. 44) A sua atuação na política foi muito significativa, chegando, em 1890, “a participar da fundação do primeiro partido dos Operários do Paraná, escrevendo o Manifesto de Legitimação do partido.” (PEREIRA, 2016, p. 44).

²²O *Pedagogium* foi instituído pelo Decreto nº 667, de 16 de agosto de 1890, e tinha por finalidade constituir-se num centro impulsionador das reformas educacionais da Primeira República, previstas por Benjamin Constant Botelho de Magalhães, sendo o grande idealizador na criação do *Pedagogium*.

O livro de visitas, da instituição, registra a presença do ilustre paranaense e no mesmo ano consta o relato da visita do Diretor Geral da Instrução Pública do Paraná na seção “*Crônica do Interior da Revista Pedagógica*”²³:

O Dr Justiniano de Mello e Silva – Havemos tido a honra de receber visitas do Sr Dr Justiniano de Mello e Silva, digno Diretor da Instrução Pública do Estado do Paraná, e que se acha nesta capital, comissionado pelo governo desse Estado, principalmente para estudar de perto a organização deste *Pedagogium*, afim de que seja dada feição semelhante ao estabelecimento congênere ultimamente criado em Curitiba. (REVISTA PEDAGÓGICA, 1891, p. 193-194).

O Paraná organizou sua **primeira Exposição Escolar** no ano de 1891, logo após a essa visita do Diretor da Instrução ao *Pedagogium*. O *Pedagogium* era um local de visitas de autoridades governamentais, sobretudo do âmbito educacional, e visita-lo era, de certa forma, destino obrigatório das autoridades educacionais no final do século XIX. De acordo com Mignot (2013),

(...) o *Pedagogium* deu visibilidade às suas iniciativas e às inovações pedagógicas que circulavam mundo afora e que serviam de modelo para construir a educação republicana. Fabricou, assim, sua FIGURA como a de um centro impulsionador das reformas, capaz de atualizar o magistério com o que houvesse de mais moderno, em termos de ensino. (MIGNOT, 2013, p. 13).

A visita do Diretor da Instrução Pública ao *Pedagogium* significava que o Sr. Justiniano estava atrelado aos mais avançados propósitos da “Pedagogia Moderna”, atento às mudanças e, sobretudo, o “lôcus” para colher informações das inovações pedagógicas desenvolvidas no Distrito Federal e nos países da Europa, que serviriam de modelo para os demais estados brasileiros. O jornal paranaense *A Republica* menciona a primeira exposição ao noticiar a realização da segunda exposição de trabalhos escolares, em 1904, ressaltando que esse “É o segundo certame deste gênero levado a efeito no Paraná, sendo o primeiro efetuado em 1891 pelo eminente dr. Justiniano de Mello e Silva, então diretor da instrução publica.” (A REPUBLICA, 1904, p. 03).

No ano de 1891, o *Pedagogium* recebeu 938 visitas entre os meses de 22 de agosto a 15 de dezembro (REVISTA PEDAGÓGICA, 1891, p. 148).

Etienne Barbosa (2016)²⁴ menciona que,

²³A *Revista Pedagógica* era o periódico de divulgação das ações do *Pedagogium*. O *Pedagogium* funcionou entre os anos de 1890 até 1919 e a *Revista Pedagógica*, da mesma forma, circulou até 1896. Segundo Gondra, “(...) uma série de problemas orçamentários que afetaram sua periodicidade que, prevista para ser mensal, teve uma publicação irregular em 1892 e 1893 e trimestral entre 1894 e 1896.” (GONDRA, 1997, p. 380).

(...) realizar *viagens pedagógicas* foi uma prática constante ao longo do Oitocentos. Viñao (2001) indica que na segunda metade do referido século os sujeitos que viajavam com o objetivo educativo não eram somente os envolvidos diretamente com a prática do ensino, como os professores, mas também os representantes de governo; homens e mulheres independentes em viagens pessoais ou com interesse individual direcionado a instrução; sem contar os que participavam das Exposições Universais. No Brasil, José Gonçalves Gondra (2010) também elenca os sujeitos que se deslocavam com o intuito pedagógico – professores, diretores de escola, inspetores, médicos, jornalistas, bacharéis, políticos com envolvimento em projetos educacionais – e que tinham como intento “testemunhar o que se fazia no espaço do outro”. (BARBOSA, 2016, p. 27, grifos no original).

Justiniano de Mello e Silva foi nomeado pelo então presidente do estado, José Marques Guimarães, em 14 de dezembro de 1889 (A REPÚBLICA, 1889) para compor a comissão de elaboração das normativas republicanas do Paraná referente à Instrução Pública, que resultou na criação do Decreto nº 31²⁵, que trata do Regulamento de Instrução Pública publicado em 29 de janeiro de 1890. O Decreto “foi elaborado por comissão especial composta pelos cidadãos Drs Eusébio Silveiro da Mota, David Pernetta, Genereso Marques dos Santos, João Pereira Lagos, José Joaquim Franco Valle e Justiniano de Mello e Silva.” (A REPÚBLICA, 1890).

Em 1891, mais precisamente em 02 de março, Justiniano de Mello e Silva foi nomeado para exercer interinamente o cargo de Diretor da Instrução Pública. (DIARIO DO COMMERCIO, 19 de mar. de 1891). Dois meses depois, em 08 de maio de 1891, é nomeado para exercer efetivamente o cargo de Diretor Geral da Instrução Pública. A nomeação foi publicada no jornal *Diário do Comércio* em 06 de junho de 1891. (DIARIO DO COMMERCIO, 1891).

Justiniano, ainda como diretor interino da Instrução Pública do Paraná, divulga o plano de ação da diretoria encaminhada ao governador do estado General José Cerqueira d’Aguiar Lima, o qual foi publicado no dia 02 de abril de 1891, no jornal *Diário do*

²⁴Ver a tese de Doutorado de Etienne Baldez Louzada Barbosa, intitulada *Por terra, por água, pela leitura: as conexões dos responsáveis pela inspeção e instrução pública no Paraná (1854-1890)*, que trata da “circulação de ideias e sujeitos faz parte das redes de sociabilidades que os humanos têm tecido ao longo da história. Este estudo se volta para o referido trânsito no século XIX, com atenção nos responsáveis pela inspeção da instrução pública (presidentes, inspetores/diretores gerais, inspetores de distrito/paroquiais e subinspetores).” (BARBOSA, 2016, p. 10).

²⁵O Decreto nº 31 de 29 de janeiro de 1890, expressa determinações para o ensino primário, Instituto Paranaense e Escola Normal e possui 61 artigos. Nos artigos iniciais, previa a organização da oferta dos cursos primário e secundário. Quanto ao ensino primário, o art. 3º previa a divisão em dois graus, ou seja, o primeiro grau ou elementar e o segundo grau ou complementar. As disciplinas do ensino primário, previstas no art. 13, eram: instrução moral e cívica, leitura e escrita, noções gerais e práticas de gramática portuguesa, elementos de aritmética – sistema métrico, desenho – com aplicação à indústria e as artes, prendas domésticas – nas escolas de meninas. O curso complementar também deveria acrescentar entre outras disciplinas “práticas” o desenho geométrico e de ornamentos. (A REPUBLICA, 31 de jan. de 1890)

Comércio. O plano ocupou três colunas do jornal e menciona as principais metas de ação de Justiniano frente à Diretoria Geral da Instrução Pública. A correspondência destaca as dificuldades enfrentadas para a elaboração do Regulamento da Instrução Pública (Decreto nº 31 de janeiro de 1890). Quanto aos aspectos pedagógicos, Justiniano salienta: “(...) é mister, em face das tendências dominantes da época, promover a fundação de escolas industriais; e ninguém desconhece a utilidade desses estabelecimentos, embora modestos, onde se faz a aprendizagem do trabalho manual, (...)” (DIARIO DO COMMERCIO, 1891). Estavam previstas no plano, também, a criação de um fundo de reserva para suprir as necessidades do ensino; a criação de um museu pedagógico; a implantação de novo método pedagógico e finalmente prover dos cuidados com a higiene e saúde dos alunos (DIARIO DO COMMERCIO, 1891).

Segundo Barbosa (2016), “o paranaense que tivesse acesso aos jornais (...), sendo alfabetizado, poderia ler sobre a organização da instrução, a legislação de ensino vigente, a lei de orçamento com os salários de cada integrante da instrução, bem como das visitas feitas pelos inspetores a algumas escolas e os ofícios encaminhados e recebidos.” (BARBOSA, 2016, p. 140). Também é importante destacar que a imprensa exerceu papel importante na difusão política do pensamento republicano, sobretudo no período de transição do século XIX para o século XX. O jornal *A República*, surgiu como um veículo de propaganda antimonarquista e, com o advento da República, tornou-se órgão oficial do Partido Republicano do Paraná, iniciou suas atividades em 1886 e encerrou em 1930. (VIEIRA, 2007a, p. 21). Carlos Eduardo Vieira (2007a, p.17), alerta que é preciso “(...) compreendermos os enunciados presentes no impresso como intervenções de um agente social interessado em orientar formas de pensar, sentir e de agir.”

No dia 05 de dezembro de 1904, após a inauguração da segunda Exposição Escolar, o jornal *A República*, novamente faz menção sobre a realização da primeira exposição e afirma:

Abriu-se ontem às 11 horas da manhã, no anfiteatro do Ginásio Paranaense, a exposição de prendas domésticas das alunas do curso normal e das escolas primárias desta capital. Há 13 anos assistiu a população a idêntico certame, promovido pelo então diretor da instrução pública, dr Justiniano de Mello e Silva, que viu coroado do melhor êxito os esforços, tal o sucesso dessa primeira exposição escolar. Modestíssimo, embora, o certame de 1891 foi para a época um verdadeiro triunfo da competência educativa do magistério feminino, demonstrando largamente o seu *afã* em elevar ao máximo e desenvolver no espírito das infantis alunas o gosto artístico (...). (A REPUBLICA, 05/12/1904, grifos nossos).

A matéria veiculada pelo jornal permite-nos inferir que apesar do esforço de Justiniano de Mello e Silva, em inaugurar nas escolas públicas do estado a prática das Exposições Escolares, depois de ter realizado visita no *Pedagogium* na cidade do Rio de Janeiro, deparou-se com as condições objetivas nada favoráveis para dar continuidade às Exposições Escolares como uma prática pedagógica de realização anual em terras paranaense. Tendo em vista que da primeira à segunda Exposição Escolar ocorreu um intervalo de 13 anos, pergunta-se qual a razão dessa interrupção, uma vez que a reportagem mencionou o “êxito” da primeira exposição escolar. O que teria ocasionado esse intervalo de 13 anos, isto é, da primeira exposição escolar em 1891 à segunda exposição escolar em 1904?

As fontes consultadas indicam que no intervalo do ano de 1891 (primeira exposição) até 1904 (segunda exposição), o Paraná possivelmente tenha participado das Exposições Escolares organizadas pelo *Pedagogium*, no Rio de Janeiro. Como podemos observar nos jornais do período mencionado. Nesse sentido, em 1895, é publicada nos jornais paranaenses a carta do diretor do *Pedagogium* convidando para a participação no certame e registra as intencionalidades das Exposições Escolares:

O PEDAGOGIUM BRASILEIRO PEDE À ATENÇÃO DOS LEITORES
PARA A SEGUINTE CIRCULAR EXPEDIDA EM MAIO DO
CORRENTE ANNO

Ilustre Cidadão

De acordo com o que prescreve o art. 28 do regulamento em vigor deverá realizar-se neste pedagogium no próximo mês de Dezembro a exposição escolar anual, cujo objetivo principal é demonstrar o progresso realizado nas escolas durante o ano vigente. Como dispõe o mesmo regulamento, não se trata de estabelecer nestas exposições paralelo ou confronto entre os expositores; porém de verificar e apreciar o zelo, a dedicação e solicitude de cada professor em benefício do ensino. Concorra cada Estado, cada Município, cada cidade com o pouco que possuir, porque ainda assim prestará um serviço tornando conhecidos os institutos que necessitam do auxílio e dos conselhos dos poderes públicos. É necessário que os centros impulsores conheçam onde tenham de agir, já aconselhando melhor orientação nos programas, já transmitindo tudo quanto for melhoramento em matéria de ensino. **É este o maior proveito que se pode obter das exposições escolares anuais, cujas vantagens hoje não podem mais sofrer contestação.** Cada professor, cada aluno vê o que faz fora da sua escola, daí o esclarecimento de seu espírito e estímulo para futuros empreendimentos. Novos processos de ensino são expostos, estudados e mais tarde aproveitados na prática pelos professores zelosos. Da exposição escolar de 1895 é lícito esperar grandes resultados. Para isso, porém, é preciso que diretores, professores e alunos de todos os estabelecimentos de ensino técnico e profissional, diretores de instrução ou escolas normais, inspetores escolares, industriais, enfim todos quantos se ocupam destes assuntos se disponham com fervoroso empenho em concorrer, fazendo representar suas

respectivas instituições. Trata-se da realização de uma medida de elevado alcance patriótico, no qual devem estar empenhados os espíritos esclarecidos para que a instrução do povo se divulgue em bases sólidas e resultados práticos. É necessário mostrar por fatos o que já se tem feito e o muito que ainda nos resta fazer em benefício da instrução nacional. A todos me dirijo, portanto, solicitando o favor de concorrer á exposição escolar de 1895 e nutro a esperança que desse certame serão certos os louros que vão colher os bons patriotas. Junto encontrareis o programa da exposição, chamando muito particularmente a vossa atenção para as disposições que o acompanham.

O diretor, Dr. Menezes Vieira. (A REPÚBLICA, 13/08/1895, grifos nossos).

O trecho, apesar de extenso, nos permite identificar não somente o convite como compreender outros elementos importantes das Exposições Escolares, quais sejam: o objetivo das Exposições Escolares, que era “demonstrar o progresso realizado nas escolas durante o ano vigente”; a avaliação do desempenho do professorado também era um dos princípios das Exposições Escolares, como podemos observar nas palavras do diretor do *Pedagogium*: “verificar e apreciar o zelo, a dedicação e solícitude de cada professor em benefício do ensino”; a disseminação das ações pedagógicas desenvolvidas em sala de aula, pois “cada professor, cada aluno vê o que faz fora da sua escola, daí o esclarecimento de seu espírito e estímulo para futuros empreendimentos”.

Vários foram os convites efetuados pelo diretor do *Pedagogium* e publicados nos jornais locais da capital do estado do Paraná. Em 1896, o Diretor do *Pedagogium* envia correspondência ao Jornal *A República* e o editor menciona:

Novamente o diretor do *Pedagogium* Brasileiro, pede-me que em nome desse estabelecimento, talvez o mais importante desse gênero que há no Sul d’América interceda perante os poderes públicos e a imprensa para que o Paraná não deixe de se fazer representar na exposição escolar que se realizará em 1896. (A REPUBLICA, 1896, p. 04).

O convite não se restringe apenas a participação do Paraná no certame, vai além. Dentre outras recomendações, registra a necessidade do estado em adotar a obrigatoriedade da oferta da disciplina de Trabalhos Manuais, pois: “os trabalhos manuais são uma Ginástica aplicada que ao mesmo tempo desenvolvem as faculdades físicas, intelectuais e morais dos meninos.” (A REPÚBLICA, 1896). A carta convite publicada no jornal *A Republica* de 1896, realiza um apelo aos professores e instituições escolares para enviarem os trabalhos dos alunos tendo em vista a participação no certame no Rio de Janeiro. Salienta também o papel do Estado para subsidiar os insumos necessários para a confecção dos trabalhos manuais, “(...)

é necessário que o Estado forneça às escolas primárias e secundárias a matéria prima, fiscalize a execução e venda dos trabalhos” (A REPÚBLICA, 1896).

Também vale destacar o Programa da Exposição Escolar do *Pedagogium* do ano de 1896, publicado na *Revista Pedagógica*, que, dentre outras coisas, regulamentava a premiação dos alunos e professores e a constituição de um júri para avaliar os trabalhos. Tal normativa será utilizada no Paraná nas exposições subseqüentes.

f) O diretor do *Pedagogium* nomeará um júri para estas exposições, o qual apresentará um relatório, que será enviado ao governo.

g) Neste relatório o júri poderá propor para cada grupo dos trabalhos indicados no art. 31 três diplomas de 1ª classe, seis diplomas de 2ª classe e doze menções honrosas. (REVISTA PEDAGÓGICA, 1896, p. 04).

As primeiras exposições dos trabalhos escolares, resultado das práticas escolares desenvolvidas nas disciplinas de Trabalhos Manuais e Trabalhos de Agulha ocorriam num único local, isto é, no Ginásio Paranaense²⁶, como podemos observar no Quadro 2.

QUADRO 2 - AS PRIMEIRAS EXPOSIÇÕES ESCOLARES

ORDEM	ANO	LOCAL DE REALIZAÇÃO	DIRETOR DA INSTRUÇÃO PÚBLICA
1ª	1891	Ginásio Paranaense	Justiniano de Mello e Silva
2ª	1904	Ginásio Paranaense	Sebastião Paraná
*27	1905	Ginásio Paranaense	Sebastião Paraná
3ª	1906	Ginásio Paranaense	Sebastião Paraná
4ª	1907	Ginásio Paranaense	Sebastião Paraná
5ª	1912	Ginásio Paranaense	Claudino dos Santos

FONTE: Elaborado pela autora, com base em matérias dos jornais *O Diário da Tarde* e *A República* (1904, 1905, 1906, 1907 e 1912).

No ano que antecede a realização da segunda exposição escolar, isto é, em 1903, o então Diretor Geral da Instrução Pública, Professor Dr. Victor Ferreira do Amaral, visita a cidade de São Paulo para conhecer a experiência dos grupos paulistas (PARANÁ, 1903, p. 6-7), “(...) dentro do Estado brasileiro, havia já um modelo pioneiro que serviu de inspiração para muitas das reformas estaduais: tratava-se da reforma da instrução pública do Estado de São Paulo, iniciada em 1890.” (MORENO, 2003, p. 16). O Paraná, depois dessa visita do

²⁶ O **Ginásio Paranaense**, hoje, Colégio Estadual do Paraná, foi criado pela Lei nº 33 em 1846 e recebeu a denominação de Liceu de Curitiba. Em 12 de abril de 1876, passou a denominar-se Instituto Paranaense, em consequência da Lei nº 456, a qual previa a criação da Escola Normal. As duas instituições funcionavam no mesmo prédio. Em 12 de julho de 1892 foi regulamentada uma nova organização e conseqüentemente passou a denominar-se Ginásio Paranaense, instituído pela Lei nº 42. Em 1943, passou a denominar-se Colégio Estadual do Paraná. Fonte: Ernani Costa Straube. *Do Licêo de Curitiba ao Colégio Estadual do Paraná*. Curitiba: Fundepar, 1993.

²⁷ A Exposição Escolar que ocorreu no ano de 1905 não foi considerada pelas autoridades e imprensa como sendo a terceira Exposição. As pesquisas demonstram que a exposição ocorreu somente em um dia em razão dos exames da Escola Normal. Todavia, como vamos observar nas próximas páginas, o evento contou com um número expressivo de trabalhos em exposição e envolveu várias escolas e professoras.

Diretor da Instrução Pública à São Paulo, aprova o *Regimento Interno das Escolas Públicas do Estado do Paraná* (PARANÁ, 1903, Decreto nº 263). Deste modo, no início dos novecentos o Distrito Federal (Rio de Janeiro) deixa de ser uma referência para o Paraná. De acordo com Gizele de Souza (2004),

(...) para a configuração dos primeiros grupos escolares e jardins-de-infância no Paraná no século XX, trilharam-se variadas formas de divulgação pela imprensa, por meio de revistas e relatórios governamentais que advogavam a necessidade destes estabelecimentos de ensino. Também se organizaram conferências cívicas e palestras pedagógicas, organizaram-se estatutos legais que orientassem e dessem norte à instrução paranaense, edificaram-se prédios específicos para as “novas modalidades de ensino” infantil e primário e se **fizeram viagens comissionadas e visitas a estabelecimentos em outros estados, especialmente São Paulo**. (SOUZA, 2004, p. 19, grifos nossos).

Treze anos depois da realização da primeira Exposição Escolar, no Anfiteatro do Ginásio Paranaense foi inaugurada, em 1904, a segunda exposição escolar. Como mencionamos anteriormente, faltam-nos, até o momento, informações importantes relativas à interrupção, mas a tese mais provável deveu-se a reorientação dos rumos políticos com o Diretor da Instrução Pública do Paraná, Victor Ferreira do Amaral, e especialmente pelo foco dos esforços governamentais concentrarem-se, naquele momento, na implantação de grupos escolares (a escola graduada). Esta mobilização das autoridades paranaenses justificou viagens comissionadas para São Paulo, como ocorreu em 1903 com um grupo de professores com o propósito de conhecer a experiência paulista da escola graduada. No dia 19 dezembro de 1903²⁸, teremos a inauguração em Curitiba do primeiro grupo escolar, denominado “Grupo Escolar Xavier da Silva” organizado sob os preceitos da reforma educacional paulista. Destacamos a figura do Governador Francisco Xavier da Silva que ocupou o cargo por três vezes. Sua segunda gestão (1900 a 1904) ficou marcada por vários investimentos nos setores produtivos e de infraestrutura (estradas e ferrovias) e, iniciou a construção de alguns edifícios escolares e em 1901, no Relatório Anual do Governador, adverte a “falta de casas escolares, a principiar pela capital, em que existem duas” (PARANÁ, 1901, p. 121). “As escolas republicanas passaram a representar um instrumento de desenvolvimento moral e intelectual da sociedade (...)” (CASTRO, 2018, p. 31).

Foi olhando para a experiência da escola francesa e os discursos elaborados por seus intelectuais da educação, que parte das autoridades de ensino da República brasileira irá procurar se assemelhar de maneira incompleta,

²⁸“Dia em que se comemora a emancipação do Estado do Paraná da Província de São Paulo, ocorrida no ano de 1853.” (BENCOSTTA, 2001, p.111)

especialmente quando propõe a institucionalização da escola graduada. (BENCOSTTA, 2005, p. 97).

Assim, no ano de **1904** teremos a realização da **segunda Exposição Escolar** que foi noticiada nos jornais: “(...) cerca de 1.200 pessoas. Entre os inúmeros visitantes (...) contam-se o Sr Dr. Presidente do estado e sua Exma. esposa, que ficaram satisfeitiíssimos com os trabalhos expostos. (...) a solenidade será encerrada tocando a banda do Regimento de Segurança.” (A REPUBLICA, 1904). Foi uma solenidade cercada de muita pompa e contou com a presença das autoridades locais.

Nos dias que antecederam a inauguração da segunda Exposição Escolar, os jornais procuraram dar visibilidade ao evento. Deste modo, no dia 23 de novembro de 1904, o jornal *A Republica* publica o convite do Inspetor Geral da Instrução Pública, Sebastião Paraná²⁹:

Do Sr. Dr. inspetor escolar recebemos a por S.S. dirigida às professoras públicas:

Comunico as Sras. Professoras públicas da capital que fica marcado o dia 4 de dezembro do corrente ano para se realizar a exposição escolar de prendas domesticas, a qual será em uma das salas do Ginásio Paranaense. As professoras deverão apresentar as prendas no dia 03 de referido mês a fim de acondicioná-las da melhor forma possível, e ir no dia 4 as 11 horas da manhã acompanhadas pelas alunas expositoras. Nos trabalhos apresentados deverão ser mencionados o nome e a idade das respectivas autoras. (A REPUBLICA, 23/11/1904).

Na nota publicada pelo jornal não há menção de premiação dos melhores trabalhos, tanto para as alunas, como, para professoras. No entanto, o jornal *Diário da Tarde*, no dia 03 de dezembro de 1904, um dia antes da exposição, publica a seguinte nota:

Realiza-se amanhã, às 11 horas do dia em um dos salões do Ginásio Paranaense, a abertura da Exposição Escolar, encerrando-se às 3 horas da tarde. Serão exibidos trabalhos de muitas alunas que frequentaram as escolas públicas e particulares desta capital durante o corrente ano letivo. O júri da Exposição está constituído das professoras d.d. Marianna Coelho, Lysia Varella Antunes, Elisa Jouve Cavalcanti e Dulce Loyola. **Serão conferidos diplomas de mérito às alunas que apresentarem os melhores trabalhos e elogiadas oficialmente as suas professoras.** Convida-se o público para assistir a essa exposição. (DIARIO DA TARDE, 03/12/1904, grifos nossos).

No jornal *A República*, a reportagem convite, alusiva à segunda Exposição Escolar realizada em Curitiba, de certa forma alerta o visitante e tece as seguintes considerações:

²⁹**Sebastião Paraná de Sá Sottomaior** (1864-1938) formou-se em Direito. Em 1905, casou-se com Elvira da Costa Faria. Exerceu diversos cargos, dentre os quais: lente de Geografia e História Universal no Ginásio Paranaense, professor na Escola Normal, na Universidade Federal do Paraná e Inspetor da Instrução Pública. (HOERNER JR, Valério; BÓIA, Wilson; VARGAS, Túlio. *Biografia da Academia Paranaense de Letras - 1936/2001*. Curitiba: Posigraf, 2001, p. 17-19)

Nos primeiros passos para a realização de uma ideia tudo são dúvidas e hesitações. Não esmorecem os promotores da exposição de amanhã, caso esse festival não logre levar deliciosa impressão ao espírito dos visitantes. **Ela será ao menos, o início de outros concursos iguais, em que aparecerão em maior relevo o engenho e arte daquelas que, na escola, se preparam para o desempenho do sublime papel de preceptoras, de esposas e de mães.** (A REPÚBLICA, 23/11/1904, grifos nossos).

A segunda Exposição Escolar foi cercada de cuidados preliminares, como demonstra à reportagem do jornal *A República*, acima mencionada. Também vale destacar que Sebastião Paraná, Inspetor da Instrução Pública, promotor da segunda Exposição Escolar de 1904, também era redator³⁰ do jornal *A República*, razão pela qual, a referida reportagem tenha emitido uma nota “preparando” os visitantes no sentido de minimizar possíveis efeitos inesperados da Exposição Escolar. Diz a reportagem: “Nos primeiros passos para a realização de uma ideia tudo são dúvidas e hesitações. Não esmorecem os promotores da exposição de amanhã, caso esse festival não logre levar deliciosa impressão ao espírito dos visitantes.” (A REPÚBLICA, 1904).

Também é preciso considerar o papel da imprensa naquele período histórico, de acordo com Carlos Eduardo Vieira (2007a),

para a intelectualidade engajada valorizar a educação era uma forma de torná-los modelos de virtude, uma vez que uma das características desse grupo era a formação, a familiaridade e a atuação na esfera cultural e educacional. Esse foi o contexto no qual jornalistas e professores como Raul Gomes, Sebastião Paraná, Dario Vellozo e Gastão Farias tornaram-se arautos da causa educacional, tendo a imprensa como seu púlpito privilegiado. (VIEIRA, 2007a, p. 22).

Durante 7 (sete) dias, no anfiteatro do Ginásio Paranaense, na “vasta sala quadrangular do Ginásio se achava ontem atopejada de prendas domésticas, em número superior a 1500.” A nota ainda menciona o tipo de trabalhos expostos e as escolas participantes: “o centro da sala era ocupado pela seção – Escola Normal – onde se achavam expostas obras de costura, finíssimas *toillets*, confeccionadas pelas alunas desse instituto. (...) Ao redor divisava-se grande cópia de trabalhos de agulha das alunas das escolas primárias, públicas e particulares.” (A REPUBLICA, 05/12/1904).

É importante, também, frisar que a exposição seria somente de trabalhos realizados pelas alunas, notadamente os trabalhos de agulha, ou como eram denominados de “prendas

³⁰Menciona na reportagem da inauguração da Exposição Escolar de 1904: “ao nosso colega dr Sebastião Paraná, inspetor escolar, nossos parabéns pelo sucesso que corou a sua iniciativa.” (A REPUBLICA, 1904).

domésticas”³¹, que preparavam as futuras alunas para exercerem os papéis de mães, esposas e preceptoras. Bem como as professoras, tanto na Escola Normal como das escolas primárias, responsáveis pela disciplina de Trabalhos de Agulha eram todas mulheres, quais sejam: “Dulce Loyola, Alexandrina Pereira, Maria da Luz Ascensão, Josephina Rocha, Isabel Guimarães Schmidt, Maria da Luz Miró, Itacelina Teixeira, Candida Ramos, Maria Ritta de Oliveira Pinto, Julia Alice de Loyola, Julia Wanderley³², Luiza Netto Côrrea de Freitas e Marianna Coelho.³³” (A REPÚBLICA, 05/12/1904).

De acordo com Fabiana Garcia Munhoz,

A lei geral de 15 de outubro de 1827 previu a possibilidade e definiu as características gerais das aulas femininas. [...] a lei imperial de 1827 previu uma pequena ampliação em relação às aulas régias [...]. A lei indicou a substituição de alguns saberes – em relação às aulas masculinas – conforme os padrões sociais de gênero. **No lugar das ‘[...] práticas de quebrados, decimais e proporções [e] as noções mais gerais de geometria prática [...]’ (previstas para os meninos), as professoras deveriam ensinar às suas alunas ‘[...] prendas que servem à economia doméstica.** Não houve uma definição específica sobre quais seriam as tais prendas domésticas, mas as práticas foram, principalmente, do ensino de costura e bordado. O artigo 12 da Lei de 15 de outubro de 1827 substituiu a geometria pelas prendas. (2018, p.03-04, grifos nossos).

A introdução do ensino das “prendas domésticas” destinava-se exclusivamente às mulheres e alguns saberes foram substituídos, notadamente a Matemática, no currículo escolar para abrigar o ensino da costura e do bordado, isto é das “prendas domésticas”. Nota-se que a denominação atribuída à disciplina era Prendas Domésticas, quando e por quais razões passa a denominarem-se Trabalhos Manuais e Trabalhos de Agulha? Ainda, segundo Munhoz (2018, p.05), “houve o fomento da instrução feminina num formato que delineava uma versão escolarizada dos códigos morais de conduta de gênero que permeavam a sociedade (...) no qual os papéis sociais de ‘mães de família’ e esposa estavam no centro.” Os jornais, nesse

³¹ Destacamos o artigo de Fabiana Garcia Munhoz, intitulado “*Para além das prendas domésticas: a trajetória da mestra Benedita da Trindade no magistério feminino paulista*”, quando apresenta o surgimento no currículo o ensino das prendas domésticas para discutir a ausência deste nas aulas da professora Benedita. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhe.v18.2018.e036> - acesso em 09/11/2019.

³² **Julia Augusta de Souza Wanderley** nasceu no dia 26 de agosto de 1874 em Ponta Grossa. Normalista e professora, viveu em Curitiba no período de 1874 a 1918. A família de Julia Wanderley chega à província de Curitiba em 1877, e vai morar no Cajuru. Em outubro de 1879 passa a residir no bairro central de Curitiba. Foi a primeira mulher a participar presencialmente do Curso Normal na Capital paranaense e em novembro de 1892 se forma em professora normalista. Começou sua carreira com professora primária pública em 1893, quando o Governo do Paraná a designou para a 9ª cadeira promiscua de Curitiba. Em 23 de julho de 1894, Julia Wanderley é nomeada para a 1ª cadeira do sexo feminino de Curitiba. Seis meses depois, em 189, é nomeada professora e diretora da Escola Tiradentes. Foi membro do Conselho Superior do Ensino Primário. Faleceu no dia 05 de abril de 1918, com 44 anos. Disponível em: <http://sbhe.org.br/novo/congressos/cbhe7/pdf/05-%20HISTORIA%20DA%20PROFISSAO%20DOCENTE/PROFESSORRA%20JULIA%20WANDERLEY.pdf> – acesso em 13/09/2019.

³³ Não identificamos as biografias das demais professoras.

sentido, enalteciam em seus discursos o papel social destinado às mulheres. A escola, portanto, preparavam-nas para o desempenho do “sublime papel de preceptoras, de esposas e de mães”.

A inauguração e o encerramento do certame foram cercados de rituais com o objetivo de enaltecer as ações desencadeadas pelo novo regime, nas palavras de Rosa Fátima de Souza (1998), que objetivavam “(...) celebrar a liturgia política da República.” (SOUZA, 1998, p, 241).

O encerramento da exposição foi no dia 10 de dezembro de 1904 e contou com a presença do

Sr dr. Reinaldo Machado, digno diretor geral da Instrução Pública, será feita, as 2 horas da tarde, a **entrega de diplomas de mérito** às professoras e as alunas que exibiram melhores trabalhos no grande certame. Do meio dia às 3 horas da tarde tocarão ali **duas bandas de música**: a do **Regimento de Segurança e a 14ª Cavalaria**, gentilmente cedida pelos exmos. srs. dr. Presidente do Estado e General Comandante do distrito. (A REPUBLICA, 07/12/ 1904, p. 02, grifos nossos).

Percebe-se a importância do evento com as presenças do Diretor Geral da Instrução Pública, as bandas do Regimento de Segurança e da 14ª Cavalaria e demais autoridades.

O *jornal Diário da Tarde* publicou as impressões dos visitantes. Destacamos algumas manifestações registradas no livro de visitas da Exposição Escolar do ano de 1904:

A atual exposição de objetos de **arte**, de **prendas** que revelam o superior **desenvolvimento artístico** de professoras e alunas das escolas desta cidade, a atual exposição faz refletir sobre os seus iniciadores toda a simpatia e admiração daqueles que desejam a vitória da Arte. Curitiba, 9 de Dezembro de 1904 – Generoso Borges. (DIÁRIO DA TARDE, 09/12/1904, p. 1, grifos nossos).

Bravo a quem salva o futuro mesmo numa Exposição. Conego Evangelista Braga (DIÁRIO DA TARDE, 10/12/1904, p. 1).

Altamente credor da gratidão paranaense, o nome de Sebastião Paraná –dr. Inspetor desta capital e zeloso promotor d’esta bela exposição escolar que tão **eloquente prova o amor à arte e ao trabalho**, passará a História coberto das mais afetuosas bênçãos de todos os que o sabem compreender. (DIÁRIO DA TARDE, 09/12/1904, p. 1, grifos nossos).

O **trabalho enobrece**. A **bela festa do trabalho** escolar que se realiza neste edifício é um fato promissor que descortina novos horizontes para a instituição de ensino público. Merecem aplausos e muitos aplausos os esforços empregados para o brilhante êxito deste simpático certame, sendo de inteira justiça salientar os que a dedicação, inteligência e patriotismo do digno patrício dr. Sebastião Paraná há empregado. Curitiba, 8 de Dezembro de 1904 – Ermelino de Leão. (DIÁRIO DA TARDE, 12/12/1904, p. 1, grifos nossos).

As manifestações dos visitantes corroboram com as intencionalidades da Exposição Escolar de enaltecimento do trabalho manual e da iniciativa do Inspetor da Instrução Pública

com o ensino público. As matérias do jornal o *Diário da Tarde* dão muito ênfase ao Inspetor Geral da Instrução Pública, Sebastião Paraná.

No ano seguinte, no dia 04 de dezembro de 1905, a Exposição Escolar não foi considerada como a terceira exposição, pois não apresentou as mesmas solenidades de inauguração e de encerramento da segunda exposição realizada em 1904. O que levou as autoridades e os jornais não considerarem como a terceira Exposição Escolar? Os jornais justificaram a realização dos exames da Escola Normal. Ora por que então o agendamento da Exposição Escolar na mesma data dos exames? O jornal *A República*, em 03 de dezembro de 1905, destaca: “infelizmente, por motivo de força maior como seja o início, segunda-feira, dos exames da Escola Normal, o certame encerra-se amanhã mesmo às 3 horas da tarde.” (A REPÚBLICA, 03/12/1905). Entretanto, conforme demonstra o Quadro nº 03, o número de escolas e artefatos em exposição foi expressivo.

QUADRO 3 - ARTEFATOS DA EXPOSIÇÃO ESCOLAR DO ANO DE 1905 – CURITIBA

NOME DAS ESCOLAS E DAS PROFESSORAS	Nº DE ARTEFATOS
Escola Normal	290
Escola Tiradentes	90
Escola Carvalho	102
Itacelina Teixeira	110
Alexandrina Pereira	40
Antonia Reginato	42
Izabel Schimidt	85
Maria Rita de Oliveira	90
Olivina Caron	65
Carolina Pinto Moreira	60
Elvira Faria	64
Maria Rosa Bittencourt	60
Leonor Machado	80
Maria da Luz Ascensão	57
Julia Loyola	57
TOTAL	1318

FONTE: Elaborado pela autora, com base em matéria do jornal *A República* de 04/12/1905.³⁴

Outro fato que as fontes revelaram, foi a participação da professora Julia Wanderley Petrich com 90 objetos apresentados na Exposição Escolar do ano de 1905. À época, o periódico *A Escola*, publicado em 1906, relata o número dos objetos que foram enviados à Exposição Escolar em 1905. A professora Julia Wanderley menciona:

150 objetos de diferentes formatos e diversos gêneros foram confeccionados pelas laboriosas alunas desta escola. Destes, porém apenas 90 figuram no certame escolar que, graças aos louváveis esforços do benemérito Inspetor Escolar da Capital, teve lugar no dia 3 do corrente mês. Para aquela

³⁴ O quadro apresenta o nome de três escolas, Escola Normal, Escola Tiradentes e Escola Carvalho e na listagem consta os nomes das professoras que eram responsáveis pelas escolas isoladas.

exposição deixei de enviar, pois, os objetos em duplicata, por julgar que nenhum interesse poderia despertar a exposição de trabalhos iguais. (A ESCOLA, WANDERLEY, J. 1906, p. 25).

No entanto, a notícia do jornal *A República*, não menciona o nome da professora Júlia Wanderley e sim o nome da Escola Tiradentes, no qual exerceu a função de professora e Diretora.

É importante destacar que apenas duas escolas primárias participaram do certame (Escola Tiradentes e Carvalho), as demais participantes foram as escolas isoladas, sob a regência das professoras nominadas e destacadas no quadro 03, perfazendo um total de 12 escolas isoladas. O que esse “apagamento” nos revela? Ocorreu uma mobilização das escolas e das professoras primárias na preparação dos artefatos para participação na Exposição Escolar do ano de 1905, todavia a razão explicitada nos jornais é que a Exposição Escolar seria realizada em apenas um dia em razão dos Exames da Escola Normal. Diante desse “apagamento” é preciso recuperar as palavras de Certeau (2010, p. 63), “antes de saber o que a história diz de uma sociedade, é necessário saber como *funciona* dentro dela.” É preciso lembrar que o processo de feminização do magistério a partir do final do século XIX e início do século XX está vinculado a “uma emancipação sob a tutela masculina.” (ARAÚJO, 2015, p. 147).

Também é pertinente lembrar que, apesar de ter sido inaugurado o primeiro grupo escolar, denominado Xavier da Silva, na cidade de Curitiba, em 1903, o mesmo não esteve presente na Exposição Escolar do ano de 1905, somente os artefatos das escolas isoladas³⁵, da Escola Tiradentes, Escola Carvalho e da Escola Normal, considerando que apenas as duas primeiras escolas eram escolas primárias.

Apesar de ser uma criação do regime republicano, segundo Rosa Fátima de Souza (2016), a configuração das escolas isoladas era diferente da dos grupos escolares. A primeira atendia em uma única sala alunos de diferentes séries, a chamada sala multisseriada. A organização dos grupos escolares introduzia o ensino graduado, a figura do Diretor, a organização dos tempos e espaços no ambiente escolar e demais inovações. No que diz respeito às escolas isoladas, Rosa Fátima de Souza menciona:

A história das escolas isoladas seria indissociável da história dos grupos escolares. De fato, na história das instituições educativas de nível primário, esses dois termos – **escolas isoladas e grupos escolares** – **emergiram intrinsecamente associados por relações de oposição e concorrência.**

³⁵ Ver artigo de Rosa Fátima de Souza intitulado, *A configuração das Escolas Isoladas no estado de São Paulo (1846-1904)*, publicado na **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá-PR, v.16, n° 2(41), p. 344-377, abril/junho, 2016.

Ambos foram criações educacionais do regime republicano; no entanto, as escolas isoladas, diferentemente dos grupos escolares, não designou um novo modelo de escola. Na realidade, denominou uma condição nova para um tipo de escola primária secular, isto é, a escola de uma única sala de aula com alunos de diferentes níveis de adiantamento, regida por um só professor. Esse tipo de escola, apesar de ter sido considerado no início do período republicano como ineficaz, improdutivo, precário, atrasado e fadado a desaparecer, continuou desempenhando, ao longo do século XX, um papel relevante na escolarização da infância no estado de São Paulo e no Brasil. Ao longo do século XX, escolas isoladas e grupos escolares tornaram-se os tipos predominantes de escolas primárias existentes no estado de São Paulo. (SOUZA, 2016, p. 344, grifos nossos).

Deste modo, o estado de São Paulo no final do século XIX e início do século XX implanta uma nova organização da escola primária que ficou conhecida com a denominação de grupos escolares. Assim como, em outros estados ocorrerá a implantação dos grupos escolares e escolas isoladas, segundo Rosa Fátima de Souza,

considerados o tipo de escola que melhor atendia às necessidades de difusão do ensino primário, portanto o meio mais eficaz para promoção da educação popular, especialmente nos núcleos urbanos, os **grupos escolares consistiram em escolas modelares** onde era ministrado o ensino primário completo com um programa de ensino enriquecido e enciclopédico utilizando os mais modernos métodos e processos pedagógicos existentes na época. (SOUZA, 1998, p. 16, grifos nossos).

Existia uma “estreita relação do estado do Paraná com o estado de São Paulo, pois (...) apresentavam em geral a experiência da instrução paulista como “modelar” para os estados da Federação e vislumbrada para o Paraná (...)” (SOUZA, 2004, p. 18). Razão pela qual no ano de 1905, Dr. Victor Ferreira do Amaral, então Secretário de Estado dos Negócios do Interior, Justiça e Instrução Pública do Paraná, adverte: “(...) estes grupos não devem consistir em simples aglomerações de escolas, mas sim, em uma serie sistematizada de ensino progressivo, contendo cursos de diversos graus.” (PARANÁ, 1905, p. 34). Nesse sentido, o desejo das autoridades de ensino paranaense, era implementar um projeto educacional pautado na organização do ensino graduado e, conseqüentemente, “este tipo de organização implicava uma determinada ordenação do espaço, das atividades, dos ritmos e dos tempos, assim como uma distribuição de usos desses espaços e objetos, e uma classificação-valorização de professores e alunos.” (VINÃO, 1990 *apud* BENCOSTTA, 2001, p. 108).

Esse apagamento revela que nos anos iniciais do século XX o estado do Paraná não tinha ainda um considerável número de escolas primárias graduadas. Na capital paranaense apenas o Grupo Escolar Dr. Xavier da Silva. A justificativa da coincidência de data com os

exames finais da Escola Normal, também demonstra a importância atribuída às atividades da Escola Normal em detrimento ao conjunto de escolas primárias.

Em 05 de dezembro de **1906**, o editor do jornal *Diário da Tarde*, manifesta que a **terceira Exposição Escolar** poderia ter sido agraciada com recursos públicos para execução do certame, “essa **festa do trabalho manual** teria alcançado maior sucesso se o diretor dela dispusesse de alguma verba votada pelo poder legislativo e destinada a ocorrer às despesas a que estão sujeitos semelhantes torneios do labor infantil.” (DIÁRIO DA TARDE, 05/12/1906, grifos nossos).

Destacamos a expressão “festa do trabalho manual”. Marcos Taborda de Oliveira (2019), em seu artigo intitulado “O ethos do trabalho nas páginas de periódicos educacionais brasileiros: trabalhos manuais como signo da modernização pedagógica (1906-1934)”, nos traz importante reflexão sobre a relação entre educação escolar e o trabalho.

Entre os anos finais do século XIX e o início do século XX em praticamente todo o mundo ocidental, a relação entre educação escolar e trabalho pressupunha a mobilização dos sentidos para o desenvolvimento de sensibilidades apropriadas para um “novo mundo” que pretendia estimular a ação, o desenvolvimento da vontade e a capacidade de iniciativa como signos modernizadores da escola primária. **Entre os dispositivos curriculares que procuravam fomentar aquele ethos estavam os trabalhos manuais**, ora presente como disciplina nos currículos escolares, ora como um tipo de atividade que perpassava diferentes disciplinas. (OLIVEIRA, 2019, p. 388, grifos nossos).

A razão para a introdução do trabalho manual no currículo escolar, segundo Oliveira (2019), deve ser compreendido como uma tentativa de considerar o trabalho como algo digno, em razão da tardia abolição da escravidão no Brasil, deste modo era preciso desenvolver mecanismos de valorização da atividade manual. Ainda,

(...) circulavam no país obras de autores tais como Rousseau, Pestalozzi, Fröebel e Spencer, pensadores para os quais o trabalho corporal era uma condição básica no que se poderia chamar de educação integral. Mas a sua reverberação nos sistemas públicos de ensino ainda era tímida. Provavelmente foi uma combinação de fatores tais como o fim do regime escravocrata e o desenvolvimento do trabalho livre, a maciça chegada de imigrantes, as retóricas em torno da república com o consequente apelo ao direito à educação (Rocha, 1999), que **permitiu que a instrução pública fosse objeto de preocupações de caráter modernizador, as quais concebiam a potência formativa do trabalho**. (OLIVEIRA, 2019, p. 389, grifos nossos).

Finalmente, era preciso resgatar a “noção de laboriosidade como algo a ser estimulado” (OLIVEIRA, 2019, p. 399) nos bancos escolares.

Também devemos destacar a manifestação proferida pela reportagem no jornal *Diário Tarde*: “essa festa do trabalho manual teria alcançado maior sucesso se o **diretor dela dispusesse de alguma verba** votada pelo poder legislativo e destinada a ocorrer às despesas a que estão sujeitos semelhantes torneios do labor infantil.” (DIÁRIO DA TARDE, 05/12/1906, p. 02, grifos nossos). De acordo com Vieira (2007, p. 16), “as questões que se impõem não estão associadas às ideias de verdadeiro e do falso, da imprensa dizer ou não a verdade, mas sim no entendimento dos motivos que levaram a defender determinadas teses.” Considerando a manifestação em relação aos discursos proferidos pela imprensa “é necessário distinguirmos analiticamente entre o que os editores pretendiam como efeito de sentido e o que foi produzido como representação” (VIEIRA, 2007, p. 18). Deste modo, é importante destacar que os investimentos em educação, notadamente no ensino das camadas populares, não correspondiam ao propalado discurso de enaltecimento pela causa educacional.

No ano de 1908, é publicado no jornal *A Notícia* a seguinte manifestação das autoridades educacionais:

O governo **promoverá anualmente**, nos centros principais do Estado, conferências pedagógicas, **exposições de trabalhos dos alunos** das escolas públicas e particulares, tais como: mapas, exercícios de composição, de prendas domésticas, objetos de industriais e de tudo quanto tiver relação imediata com o ensino profissional e com os progressos da educação popular. (A NOTÍCIA, 27/02/1908, p. 03 grifos nossos).

Desta forma, em 1908, ocorre a **4ª (quarta) Exposição Escolar**. É preciso assinalar que somente neste ano que ocorre a manifestação governamental de normatização das Exposições Escolares no Paraná.

Sebastião Paraná esteve à frente na organização de cinco Exposições Escolares no período de 1904 a 1908, mas, como mencionamos anteriormente, a Exposição Escolar do ano de 1905, não foi oficialmente considerada como uma exposição. Sebastião Paraná teve o mérito de retomar a prática das Exposições Escolares depois de um intervalo de 13 anos e durante o período em que ocupou o cargo de Diretor da Instrução Pública ocorreram Exposições Escolares ao final do ano letivo. Ao deixar o cargo, novamente não serão realizadas Exposições Escolares e mais uma vez ocorrerá uma interrupção. Somente no ano de 1912, ou seja, depois de quatro anos, a capital paranaense será o palco da Quinta Exposição Escolar. A seguir iniciaremos a análise da constituição da Exposição Escolar do ano de 1912.

1.2 A QUINTA EXPOSIÇÃO ESCOLAR E O DIRETOR GERAL DA INSTRUÇÃO PÚBLICA

Em 1912 foi nomeado Claudino Rogoberto Ferreira dos Santos³⁶ para exercer a função de Diretor Geral da Instrução Pública através do Decreto nº 124 de 25 de fevereiro de 1912. (PARANÁ, 1913, p.03).

FIGURA 5 - CLAUDINO ROGOBERTO FERREIRA DOS SANTOS



FONTE: Paraná Moderno, 12/04/1911, nº 19, p. 03. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

O jornal *Diário da Tarde* destaca e enaltece a indicação de Claudino dos Santos³⁷ à frente da Diretoria Geral da Instrução Pública,

O dr. Claudino dos Santos estava naturalmente indicado para o cargo que ora ocupa, quer pela sua austeridade, quer pelos conhecimentos especiais como antigo cultor da pedagogia. Foi, portanto excelente a sua escolha para o cargo que de ha muito exigia fosse moralizado e desempenhado por pessoa à altura de tão seria tarefa. (DIÁRIO DA TARDE, 29/02/1912, p. 02).

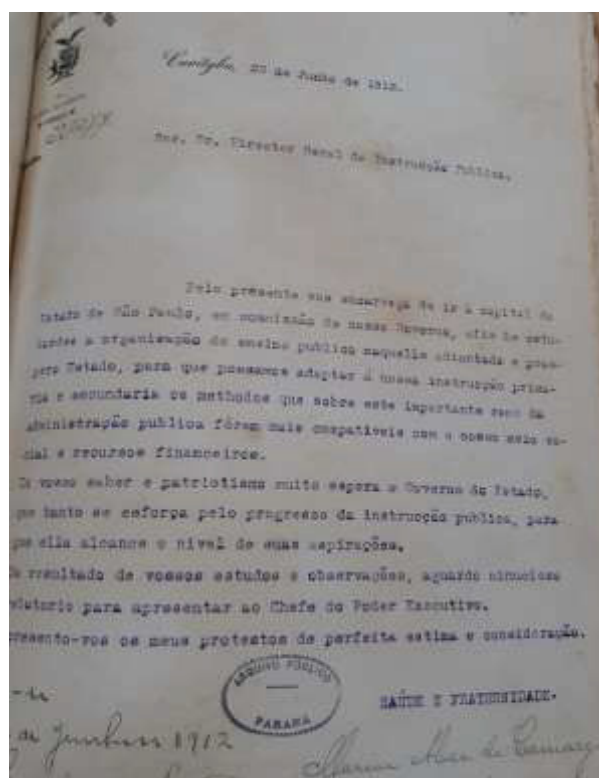
³⁶ Doravante utilizaremos Claudino dos Santos, como ficou conhecido.

³⁷ **Claudino dos Santos**, “nasceu em Recife (PE) no ano de 1862 e faleceu na cidade do Rio de Janeiro (RJ) no ano de 1917. Advogado, escritor, jornalista, poeta, autor de obras didáticas e teatrais. Fundador do Colégio Paranaense, diretor da Instrução Pública do Paraná, secretário de Estado dos Negócios, Interior, Justiça e Instrução Pública; Juiz em Morretes e prefeito de Curitiba em 1916”. FONTE: CARNEIRO JUNIOR, Renato Augusto. *Personagens da história do Paraná: acervo do Museu Paranaense*. Curitiba: SAMP, Museu Paranaense, 2014, p. 109. Disponível em: http://www.museuparanaense.pr.gov.br/arquivos/File/personagens_da_historia_do_parana.pdf - acesso em 09/03/2020.

O editor não se equivocou ao destacar que o novo Diretor da Instrução Pública do Paraná, Claudino dos Santos, possuía “conhecimentos especiais como antigo cultor da pedagogia”. Tais atributos ficam evidentes nas páginas do Relatório do ano de 1912, elaborado por Claudino dos Santos e enviado ao Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública, Marins Alves de Camargo, no qual demonstra a erudição de um intelectual atento às questões educacionais. A participação dos intelectuais na esfera pública era uma tônica no início da República, de acordo com Carlos Eduardo Vieira (2007, p. 58) era comum à atuação “das elites intelectuais na construção da nacionalidade brasileira”. Ainda menciona Vieira, “(...) a questão educacional ocupou uma dimensão sem precedentes” no projeto civilizatório dos anos iniciais dos Novecentos.”

É importante destacar que em junho de 1912, o então Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública, Marins Alves de Camargo, envia correspondência (conforme se visualiza na figura 6) para o Diretor Geral da Instrução Pública, informando que Claudino dos Santos deveria realizar viagem comissionada à cidade de São Paulo para conhecer e “estudar a organização do ensino público” ofertado na referida cidade, tendo em vista realizar as adaptações à realidade paranaense.

FIGURA 6 - CORRESPONDÊNCIA PARA O DIRETOR DA INSTRUÇÃO PÚBLICA



FONTE: DEAP-PR - AP nº 1432, v.13 p. 66, 1912.

Minucioso relato da viagem foi publicado na primeira página do Jornal “A República” nos dias 02 e 03 de agosto de 1912.

Ao chegar, no dia 25 de junho, à capital paulista, Claudino dos Santos foi recebido pelo Conselheiro Rodrigues Alves, Dr. Altino Arantes, Secretário do Interior, e pelo Diretor da Instrução Pública, Dr. João Chrysostomo Bueno dos Reis Junior³⁸ que lhe apresentaram o Inspetor Escolar René Barreto, o qual o acompanhou nas visitas aos estabelecimentos de ensino. Claudino dos Santos, no entanto, registra que “lamentando igualmente, com todos com quem tive o prazer de tratar sobre o assunto, acharem-se as escolas em férias.” (A REPUBLICA, 1912, p. 01). Mais adiante menciona:

Essa contrariedade fez com que, por inútil a minha estadia demorada, abreviasse o tempo da minha permanência, limitando-me a colher informações, visitar prédios, observar salas e disposição das mesmas, mobiliário escolar e outras relações ligadas ao movimento da educação e instrução, pública e particular, daquele Estado do Sul. (...) Da visita que fiz a diversos edificios escolares, pude observar o carinho, a preocupação, debaixo de todos os pontos de vista, que ali se desenvolve para se tornar atraente a escola àqueles que dela precisam para o conforto e preparo do espírito. O meu interesse maior, Exmo. Sr. Dr. Secretário, estava no assistir o funcionamento das aulas, comparecer a elas, como si fora um próprio aluno, o dia inteiro, sem preocupações de superioridades, observando a prática, os métodos, os processos de ensino para meu estudo comparativo e proveito da missão que ali me levava; esse era o meu maior empenho. Não o consegui, porém; mas a minha visita àquele próspero Estado foi para mim e para a missão que tanto me seduz, da educação e instrução da infância de meu País, de grande proveito. Logo que me sobrar tempo, e V. Exa. o permitir, lá voltarei em melhor ocasião. (A REPÚBLICA, 1912, p. 01).

Na segunda parte do relato da visita à capital paulista, Claudino dos Santos, discorre sobre a necessidade do estado do Paraná de promover uma reforma na Instrução Pública. Para tanto, recorre às mudanças efetuadas pelos paulistas e de outros países. Nesse sentido, afirma Claudino dos Santos, “a reforma do que temos em vigor e que já é arcaico, que já não representa a aspiração atual dos que querem marchar em demanda gloriosa conquista da Ciência.” (A REPUBLICA, 1912, p. 01).

A matéria do *Correio Paulistano*, de 7 de julho de 1912, também noticia a viagem comissionada do Diretor da Instrução Pública do Paraná, Claudino dos Santo, à São Paulo.

Deve regressar amanhã para Curitiba o sr. Claudino dos Santos, diretor geral da Instrução Pública do Paraná, que veio a esta capital a fim de visitar os nossos estabelecimentos escolares e observar os métodos de ensino aplicados em São Paulo. Nesta cidade, o nosso hóspede esteve na Escola Normal, nas escolas profissionais e em vários grupos escolares, não podendo entretanto

³⁸ Sobre a biografia e a trajetória profissional de **João Chrysostomo Bueno dos Reis Junior** consultar o artigo de: WARDE; RODRIGUES PAULO, 2019.

assistir as aulas destes estabelecimentos, porque justamente agora não estão funcionando devido as férias de inverno. Por este motivo, o sr. Claudino dos Santos tenciona voltar à São Paulo, numa época que estejam funcionando todas as escolas. O dr. João Chrysosthomo, diretor geral da Instrução Pública, ofereceu ao seu colega do Paraná muitas publicações referentes ao ensino neste Estado. O Presidente de Estado mandou seu ajudante de ordens, capitão Eduardo Lejeune, visitar o chefe da Instrução Pública do Paraná. S.s. despediu-se ontem dos drs. Rodrigo Alves, Altino Arantes e João Chrysosthomo”. (CORREIO PAULISTANO, 07/07/1912, p. 01).

Claudino dos Santos, também se refere à viagem a cidade de São Paulo no relatório encaminhado ao Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública do Paraná, Marins Alves de Camargo, referente às atividades desenvolvidas no ano de 1912, publicado em 1913. O Relatório foi organizado em 10 itens (introdução, o professor, a escola, métodos e processos, Institutos de ensino, Institutos e educação, estatística escolar, normalistas, exposição escolar e conclusão) e o anexo que se refere às **Instruções para a Exposição Escolar do ano de 1912**.

Inicialmente no Relatório, faz menção a viagem realizada na capital paulista.

São Paulo progride assustadoramente, pois enquanto se trabalha, enquanto fumegam as chaminês das oficinas, o industrialismo acende o calor dos dínamos, o comércio se agita, a instrução se derrama, com processos modernos, desaparece paulatinamente a preocupação nativista, bana e surda, representada ou na febre do bairrismo inconcebível ou na fúria da politicagem partidária, absorventes ambas, intoxicadoras, inimigas do engrandecimento das regiões (PARANÁ, SANTOS, 1913, p. 5).

Além de tecer considerações sobre a cidade de São Paulo, destacando a retórica do “progresso” decorrente do emergente processo industrial, o Relatório elaborado por Claudino dos Santos evidencia referências políticas, teóricas e experiências que pautaram os rumos das ações da Diretoria da Instrução Pública no ano de 1912, principalmente em relação à organização das Exposições Escolares. Deste modo, inicia destacando a deficiência dos marcos regulatórios educacionais ainda em vigor, notadamente o Regulamento da Instrução Pública de 11 de março de 1901, do qual Claudino dos Santos desfere severas críticas, “incompleto, deficiente e anacrônico” (PARANÁ, SANTOS, 1913, p. 03).

O debate político em torno da legislação educacional nos anos 1910, pode ser aprofundado na tese de doutorado de Gizele de Souza (2004) pois,

evidenciava-se, no Paraná em fins dos anos 10 dos Novecentos, um grande debate em torno da regulamentação da instrução pública, e a imprensa paranaense noticiou esse debate. O cerne da questão estava no fato de que, em 1910, discutiam-se no Congresso Legislativo do Estado modificações na Lei nº 894. As eventuais alterações constavam do projeto de lei nº 27. Segundo o Diário da Tarde, no dia 17 de março de 1910, na terceira sessão de debate deste projeto de lei, o deputado João Antonio Xavier apresentou

um substitutivo que revogava inteiramente o Regulamento de 1909 e assim repunha em vigor o Regulamento de 1901.(SOUZA, 2004, p. 95).

As críticas também se estendem à situação da Instrução Pública do estado, diz ele: “colhemos, ao primeiro golpe, a deficiência de métodos e processos que o prendem ainda ao velho carro, por vezes entrevado, da rotina, que o comprime na marcha, entre o velho regulamento e a desarmonia de programas e de aspectos.” (PARANÁ, SANTOS, 1913, p. 04). Diana Gonçalves Vidal (2016, p. 497) adverte: “na constituição de um discurso renovador da escola brasileira, a ‘Escola Nova’ produziu enunciados que, desenhando alterações no modelo escolar, aglutinadas em torno do termo ‘tradicional’.” No discurso de Claudino dos Santos verificamos essa utilização de enunciados supostamente críticos para justificar a necessidade de implantação da chamada “modernidade pedagógica”.

Nesse sentido, os chamados ventos da “modernidade pedagógica” ainda não se faziam sentir na Instrução Pública do Paraná, segundo parecer de Claudino dos Santos:

Atado às praxes e as esses bisonhos processos a que venho me referindo, pouco pode a Diretoria fazer nesse ano findo, em frente de uma Repartição de crescido expediente e volumoso movimento, esquecida e abandonada, sem empregados suficientes para atender aos serviços, dotada de escassa verba orçamentária para seu expediente, sem mobiliário decente, apresentando o aspecto de bolorenta sacristia, onde a ação dominante do progresso tivesse, na passagem vertiginosa, se esquecido de uma ligeira entrevista. (PARANÁ, SANTOS, 1913, p. 04.).

No que diz respeito aos fundamentos teóricos da “Pedagogia Moderna” presente no discurso de Claudino dos Santos, de acordo com Carlota Boto (1996, p. 16), é decorrente da “atmosfera mental do século XVIII francês que teve incalculável repercussão no discurso republicano no Brasil, tanto no fim do Império quanto em toda a Primeira República.” Ainda,

(...) do Iluminismo à Revolução, vislumbrava-se o surgimento de um espírito público no qual a pedagogia passa a ser a pedra de toque. Havia, sem dúvida, um Estado-nação a ser esculpido: (...) A modernidade elegia a cidadania como referência e álibi para sustentação de uma sociedade que não equacionava as distâncias e desigualdades sociais. A cidadania, no entanto, exigia emancipação pelas Luzes, pela chamada erradicação do suposto obscurantismo. Reivindicar uma escola única, laica e gratuita, universalizada para todas as crianças de ambos os sexos, significava dar legitimidade ao prospecto de regeneração e de emancipação (...). A escola – como instituição do Estado – deveria gerir e proteger a República. “**Escola, templo da República**” é expressão dos atores revolucionários. (BOTO, 1996, p. 16, grifos nossos).

Claudino dos Santos era um intelectual de seu tempo, movido pelos ideais republicanos do início do século XX e demonstrou ter acesso e principalmente engajamento com o pensamento da época. As considerações emanadas no Relatório atestam as referências

teóricas de Claudino dos Santos pela chamada “Pedagogia Moderna”³⁹ com forte influência no liberalismo francês. De modo que a adoção, dos chamados “reformadores republicanos brasileiros, pelo símbolo da Escola Nova, empunhava a bandeira da democratização do ensino como alavanca prioritária de correção das desigualdades sociais.” (BOTO, 1996, p. 17).

Considerando os princípios do liberalismo francês que embasava a “Pedagogia Moderna”, Claudino dos Santos, discorre sobre os elementos fundantes da concepção pedagógica moderna, a saber: o papel do professor, a concepção de aluno, o método e as condições do ambiente escolar. Assim, inicia evidenciando o papel do professor, que “em síntese, não é mais o velho pregoeiro dos dogmas, das lições decoradas, da soletração e das regras empavonadas, intransigente e austero (...). A missão hoje é mais humana, mais cordial, mais suave e mais branda.” (PARANÁ, SANTOS, 1913, p. 05).

Ao afirmar a necessidade de uma nova concepção metodológica, Claudino dos Santos recorre à obra de Lucie Bérillon⁴⁰, intitulada “*A educação atraente*”, a qual menciona:

Os móveis do trabalho, como de todas as ações humanas, sobretudo entre as crianças, são essencialmente de ordem afetiva. O principal móvel a despertar o prazer e evitar a dor. É preciso, pois, apresentar às crianças alguma coisa que lhes agrade. A experiência mostra que ela é visual, que o que interessa, são os objetos, as figuras, que lhe repugna a abstração. O educador se esforçará para que o que lhe apresenta a princípio como um jogo, como um brinquedo, tenha um caráter educativo. Exercerá os sentidos da criança interessando-a nas coisas. É por intermédio dos sentidos que as ideias penetrarão no cérebro. (...) encoraja as curiosidades legítimas, respeita a abstrato e recorre à disciplina paterna, a persuasão. Encara a educação como uma sorte de colaboração do mestre e do aluno. (BÉRILLON *apud* PARANÁ, SANTOS, 1913, p. 06).

³⁹ Para mais, consultar Carlota Boto, 2019.

⁴⁰ **Lucie Bérillon**: “Professor Associado de Letras, ex-Reitor da primeira turma da École Normale Supérieure de Sèvres (1881-1884). Ensina em 1884 em Nantes, depois de 1884 a 1901 no Lycée d'Amiens e de 1901 no Lycée Molière em Paris, onde se aposentou em 1924. Durante a Primeira Guerra Mundial, ela foi professora na Escola Francesa de Enfermagem e professora de refugiados. Colabora nas revistas de educação, o educador moderno, a revista de psicologia aplicada. Participou de congressos e missões na Argélia, Cairo, Bélgica, etc. Oficial da Academia em 1903, Oficial de Instrução Pública em 1908, Cavaleiro da Legião de Honra em 1931. Entrou para a Sociedade Histórica do 6º arrondissement em 1929. Domicílios em Paris: 26 rue Saint-André des Arts e 27 rue Mazarine. Irmã de Edgar Bérillon (1859-1948), doutor em medicina, cavaleiro da Legião de Honra (1906). Ofereceu à cidade de Paris, Musée du Petit Palais, seu retrato pastel de Antoine Bourdelle”. Texto em francês: “Professeur agrégé de lettres, ancienne doyenne de la première promotion de l'École Normale Supérieure de Sèvres (1881-1884). Enseigne en 1884 à Nantes, puis de 1884 à 1901 au lycée d'Amiens et de 1901 au lycée Molière à Paris où elle prend sa retraite en 1924. Pendant la première guerre mondiale elle est professeur à l'École française d'infirmières et conférencière aux réfugiés. Elle collabore aux revues *Éducation*, *l'Éducateur moderne*, la *Revue de psychologie appliquée*. A participé à des congrès et des missions en Algérie, au Caire, en Belgique, etc. Officier d'Académie en 1903, Officier de l'Instruction Publique en 1908, Chevalier de la Légion d'honneur en 1931. Adhère à la Société historique du VI^e arrondissement en 1929. Domiciles à Paris: 26 rue Saint-André des Arts puis 27 rue Mazarine. Sœur d'Edgar Bérillon (1859-1948), docteur en médecine, chevalier de la Légion d'honneur (1906). A offert à la Ville de Paris, musée du Petit Palais, son portrait au pastel par Antoine Bourdelle.” Disponível em: <https://cths.fr/an/savant.php?id=118987> - acesso 14/07/2020.

O Método do Ensino Intuitivo, criado no século XIX, tinha a “pretensão de constituir-se na base da modernização na forma de ensinar, substituindo o caráter abstrato e pouco utilitário da instrução.” (VALDEMARIM, 2000, p. 76). Ainda, no tocante ao papel do professor na atividade do ensino, Claudino dos Santos, refere-se mais um teórico quando afirma: “A arte de ensinar não é senão, com diz Anatole France⁴¹, a arte de despertar a curiosidade nas almas nobres para satisfazê-las em seguida.” (PARANÁ, SANTOS, 1913, p. 06).

Claudino dos Santos reconhece o empenho das autoridades na construção de edifícios escolares no início de século XX, como podemos observar no Quadro 4, mas os edifícios escolares dotados de características da nomeada “Pedagogia Moderna” com vistas a formar o “novo” cidadão republicano ficaram muito mais no nível do discurso. Nem mesmo a estratégia de visibilidade dos prédios escolares resultou eficaz no cenário paranaense (BENCOSTTA, 2001, p. 111), como podemos observar no Quadro 4 com o número reduzido de salas de aula dos edifícios escolares.

QUADRO 4 - GRUPOS ESCOLARES – CURITIBA

ANO	GRUPO ESCOLAR	Nº DE SALAS
1903	Grupo Escolar Dr Xavier da Silva	06
1906	Grupo Escolar Cruz Machado	02
1910	Grupo Escolar Presidente Pedrosa	02
1910	Grupo Escolar Professor Brandão	02
1910	Grupo Escolar Rio Branco	04
1910	Grupo Escolar Dezenove de Dezembro	04
1911	Grupo Escolar Professor Cleto	04
1911	Grupo Escolar Conselheiro Zacharias	02

FONTE: Quadro elaborado pela autora com base no livro de Elizabeth Amorim Castro, intitulado: *Grupos Escolares de Curitiba na primeira metade do século XX*. Curitiba: Edição do autor, 2008.

Menciona ainda Bencostta (2001, p.110), “não restam dúvidas de que o investimento dos poderes públicos paranaenses não correspondeu às expectativas de um discurso que propunha a regeneração da sociedade por meio da educação.” Carlota Boto (1996, p. 17)

⁴¹ “**Jacques Anatole François Thibault (1844-1924)** adotou o pseudônimo de **Anatole France** porque seu pai, um livreiro em Paris, chamava sua loja de “*Librarie de France*”. Desde muito jovem, Anatole foi um leitor insaciável. Sua primeira coleção de poemas, “*Poemas Dourados*”, foi publicada em 1873. Por 20 anos France ocupou diversos cargos, mas sempre com tempo para seus escritos, especialmente durante o período em que trabalhou como bibliotecário no Senado, de 1876 a 1890. Sua obra literária é vasta, embora seja conhecido principalmente como romancista e contista.” Disponível em: <https://educacao.uol.com.br/biografias/anatole-france.htm> - acesso em 30/06/2019. Anatole France esteve no Brasil e todo o registro da sua viagem ao Rio de Janeiro e em São Paulo em 1909 está publicado no jornal “*Ilustração Brasileira*”, 01 de agosto de 1909, n.5. <http://memoria.bn.br/DocReader/DocReader.aspx?bib=107468&pesq=%22Anatole%20France%22&pasta=ano%20190> – acesso em 14/07/2020.

Outro registro da viagem de Anatole France ao Brasil foi publicado na Revista “*Fon Fon*”, no ano de 1909: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=259063&pesq=%22anatole%20france%22&pagfis=2862> - acesso em 14/07/2020.

destaca ainda: “historicamente, o liberalismo não cumpriu as promessas equalizadoras de seus arautos.”

No Paraná, o processo de institucionalização dos grupos escolares, no início do século XX, não correspondeu plenamente aos preceitos da “Pedagogia Moderna”. A retórica republicana paranaense atribuiu, nos discursos laudatórios (palácios da instrução, templos etc.), adjetivos mais como representações do que efetivamente as reais condições dos edifícios. A “Pedagogia Moderna”⁴² preconizava que os espaços escolares deveriam dispor de: “gabinete para o diretor, biblioteca, anfiteatro, laboratórios, secretaria, oficinas, pátios etc.” (BENCOSTTA, 2001, p. 136). A julgar pelo número de salas de aula, como demonstra o Quadro nº 4, nem mesmo o número de salas correspondeu aos preceitos da “Pedagogia Moderna”.

Em 1912, Claudino dos Santos já apontava as deficiências dos espaços escolares e preconizava que a escola deveria “(...) despertar na criança impressões delicadas, tendentes a lhe desenvolver o sentimento do belo, apurando-lhe os sentidos na distribuição e escolha dos ornamentos técnicos e estéticos da classe, de modo que ela aí se sinta a vontade, com o espírito aberto a aprendizagem, a missão desse modo se tornará mais real e mais produtiva.” (PARANÁ, 1913, p. 08).

No próximo item do Relatório, denominado “A Escola”, Claudino dos Santos inicia com uma citação (francês), em epígrafe, de Leon Rictor⁴³, da obra intitulada “*L’Education esthétique dans les écoles belges*”, e novamente tece críticas, agora, aos edifícios escolares:

⁴²“Moderno, modernidade, modernismo ou mesmo modernização são categorias específicas, que vão ocupando amplo espaço no campo intelectual, constituindo-se em palavras de ordem significativas no começo do século XX, chegando a ganhar um uso quase obrigatório no ambiente intelectual de então.” (HERSCHMANN; PEREIRA, 1994, p. 15).

⁴³**Leon Eugène Emmanuel Rictor (1865-1946)** : “Depois de estudar em Lyon, ele começou com contos e poemas em publicações locais, fundou a *L’Union littéraire* e contribuiu para um grande número de periódicos e jornais (1879-1883). Em Paris, ele começou no *La Réforme* (o último diário de Gambetta) e depois publicou no *Le Réveil*, no *Le Mot d’Ordre*, no *L’Evènement*, no *L’Echo de Paris*, no *Figaro* ou até no *Mercure de France* e na *Revue encyclopédique*. Ao mesmo tempo, ele desenvolveu uma atividade como crítico de arte publicando em salões e escrevendo para as revistas *L’Artiste* (1884-1897), *La Plume* (1892-1896), *Revue populaire des beaux-arts* (1898) e fundou o *Album de Musées* (1892-1893). Ele também foi contista e romancista, na *Revue Critique*, na *Vie Populaire*, na *Revue Illustrée*, no *Petit national*, na *Revue de France*, na *Lanterne* ... Ligado à Prefeitura do Sena (em 1893). Membro do Conselho da Cidade de Paris (em 1921-1924). Oficial da Legião de Honra. Endereço: 26 quai de Béthune, Paris (1924).” – Texto em francês: “Après des études à Lyon, il débute par des nouvelles et des poésies dans les publications locales, fonde *L’Union littéraire* et collabore à un grand nombre de revues et de journaux (1879-1883). À Paris, il commence à *La Réforme* (dernier journal de Gambetta) puis publie dans *Le Réveil*, *Le Mot d’ordre*, *L’Evènement*, *L’Echo de Paris*, *Le Figaro*, ou encore au *Mercure de France* et à la *Revue encyclopédique*. Il développe parallèlement une activité de critique d’art en publiant dans des Salons et en écrivant pour les revues *L’Artiste* (1884-1897), *La Plume* (1892-1896), la *Revue populaire des beaux-arts* (1898), et fonda l’*Album des musées* (1892-1893). Il fut aussi nouvelliste et romancier, à la *Revue critique*, la *Vie populaire*, la *Revue illustrée*, le *Petit national*, la *Revue de France*, la *Lanterne*... Attaché à la Préfecture de la Seine (en 1893). Membre du Conseil municipal de Paris (en 1921-1924). Officier de la Légion d’honneur. Adresse : 26 quai de Béthune, Paris (1924)” Disponível em: <http://cths.fr/an/savant.php?id=108563#> – acesso em 14/07/2020.

“não possuímos, ainda, as condições essenciais de técnica e estética escolares, uma casa de ensino, nem só na Capital, como nas cidades e no interior” (PARANÁ, 1913, p. 07). Segundo Claudino dos Santos, as condições arquitetônicas existentes para atendimento das melhores condições de higiene de ar e luz, não eram suficientes,

(...) o conforto do edifício não repousa simplesmente nas suas linhas arquitetônicas, na divisão de seus cômodos, na distribuição cubica de seu ar e de sua luz, ele reclama a decoração interna, complexa e variada, segundo o destino do mesmo, atraente e nobre, por processos inteligentes e harmônicos, que firam a vista e regalem o espírito, quer dos que ali se instalem definitivamente, quer dos que o visitem, dominados dessa impressão salutar e grandiosa que se sente, (...). (PARANÁ, 1913, p. 07).

Claudino dos Santos, para finalizar o item do Relatório dedicado à Escola, afirma:

A escola deve ser atraente, alegre, empolgante. Desde o mestre até aos seus mínimos detalhes, compreendendo mobiliário, quadros, mostradores e demais assuntos decorativos, eminentemente práticos, ligados ao ensino, estabelecendo-se fartamente a comunhão de afetos entre este e a sala, entre este e tudo mais que a orna, tendentes todos a modelagem da alma e do caráter que nesse ambiente se enfeita e se arma para as complexidades da vida futura, dos destinos da nacionalidade que se forma necessariamente nos bancos das escolas, na suave temperatura desses recintos, desses **templos de instrução e de luz**. (PARANÁ, 1913, p.07-08, grifos nossos).

O último item do Relatório destaca a imperiosa tarefa de instituir as festas escolares nas escolas primárias do Paraná. Diz ele: “(...) afirmei entre outras a necessidade da instituição de festas escolares obrigatórias, escrevendo nesse sentido o seguinte: Nenhum de nós ignora o alcance que na alma infantil exercem as festas escolares.” (PARANÁ, 1913, p. 15). Ainda menciona: “**Nos Estados Unidos**, como na **Argentina**; na **França**, como na **Bélgica**; as festas escolares, os passeios dos alunos acompanhados de seus respectivos professores ao campo, aos museus e às oficinas, produzem excelentes resultados.” (PARANÁ, SANTOS, 1913, p. 15, grifos nossos). É interessante notar que Claudino dos Santos se utiliza daquilo que o pesquisador alemão Jürgen Schriewer (2013 p. 109) nomeia de “sociedades de referências”, para dar força a sua avaliação, ao mencionar nações como os Estados Unidos da América, França, Argentina e Bélgica.

Transcrevemos o item do Relatório do Diretor da Instrução Pública sobre a Exposição Escolar de 1912 que foi enviado ao Secretário de Estado:

Com o maior brilhantismo e louvável sucesso organizei e realizou-se, no anfiteatro da Escola Normal, a 15 de novembro do ano findo, a Exposição Escolar de trabalhos manuais, prendas domésticas ou outras quaisquer, de interesse educacional, confeccionados pelos alunos de ambos os sexos, quer das escolas públicas, quer das particulares. A exposição foi inaugurada na

presença do representante do Exmo. Sr Dr. Presidente do Estado que por motivos particulares não pode comparecer, de autoridades civis e militares, grande número de Exmas. famílias, alunos e alunas dos estabelecimentos com seus respectivos professores. Os prêmios a que se referem às instruções, que fiz baixar, em número de seis, divididos em duas seções couberam: os três de 1ª seção, respectivamente, ao aluno Fernando Moreira, da Escola Republicana, a Escola Alemã e a aluna Annette Macedo⁴⁴, da Escola Normal; e os três da 2ª seção a aluna Amelia Saraiva, da Escola Normal, Maria Joanna Correia, da Escola Normal, e Maria Perracini, do Colégio Santos Dumont. Os demais concorrentes, cujos trabalhos foram louvados, receberam Diplomas de Mérito como galardão de seus esforços. Para constituir o júri a que se referem às instruções, convidei as Exmas. Senhoras Donas Almedina Gonçalves, Bertha Christophel Meira de Vasconcellos e Celia da Costa e Silva, as quais aquiescendo, deram cabal desempenho, tornando-se credoras da gratidão desta Diretoria. Deixo de encarecer o valor desses certames por ser assunto de notórias e já apregoadas vantagens. (PARANÁ, 1913, p. 17)

A **quinta Exposição Escolar** ocorreu em 15 de novembro de 1912. Em 05 de novembro de 1912, o jornal *A República*, menciona:

Após uma interrupção de 4 ou 5 anos, vamos apreciar de novo os certames anuais de trabalhos das alunas das escolas públicas do Estado. Desnecessário encarecer o valor, a utilidade mesmo para o ensino, das exposições escolares, bastando lembrar que o estímulo resultante d'elas muito **atuará no espírito da infância que aprende, induzindo-a ao trabalho e ao estudo** e assim facilitando muito a árdua missão do professor. Instalando-se a **15 de Novembro** próximo, a exposição escolar será, sem dúvida alguma, o *clou* das festas com que anualmente a nossa capital **comemorará o advento do regime republicano** no Brasil. (A REPUBLICA, 05/11/1912, p. 01, grifos nossos).

A escolha da data para a retomada das Exposições Escolares não foi aleatória, muito ao contrário, tinha um sentido explícito de associação com a data alusiva à Proclamação da República. De acordo com Marta Carvalho (1997, p. 128), “a República brasileira, à diferença de seu modelo francês, e também do modelo americano, não possuía suficiente densidade popular para refazer o imaginário nacional.” Deste modo, era preciso, a todo o momento, reafirmar os princípios republicanos; demonstrar pela via escolar aquilo que se entendia por “progressos” empreendidos pelo novo regime. Os discursos representados nos jornais registram: “Vai ser um acontecimento digno de registro nos anais da instrução pública do Estado a exposição escolar que, sob os auspícios do sr dr. Claudino dos Santos, ilustre diretor geral do ensino.” (A REPÚBLICA, 12/11/1912, p.02.).

No Relatório do ano de 1912, apresentado ao Sr. Dr. Marins Alves de Camargo, Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública, Claudino dos Santos, explicita:

⁴⁴ No capítulo 3 destacamos a atuação da professora Annette Macedo na Exposição do Centenário da Independência em 1922.

Tendo esta Diretoria resolvido levar a efeito uma exposição de prendas domésticas e de outros quaisquer trabalhos artísticos e cartográficos, realizados nas escolas públicas e particulares, durante o corrente ano letivo, venho vos pedir que o estabelecimento que dirigis com tanta solícitude concorra a esse certame, e concito-vos a que envides esforços para que essa festa edificante do trabalho escolar seja uma prova real de que é intenso, fervoroso e sincero o interesse que vota o digno e zeloso professorado da Capital pela vitória da causa sagrada do ensino. (PARANÁ, 1913, p. 18).

Assim sendo, Claudino dos Santos, emitirá, em 01 de setembro, um documento com 12 artigos no qual constam as normas para participação, classificação e demais informações da exposição. O referido documento foi publicado no jornal *A República*, no dia 04 de setembro de 1912, contendo informações importantes sobre a realização do evento. Diferentemente das Exposições Escolares que antecederam (conforme discussão realizada no item 1.1), a exposição de 1912 vai trazer novos elementos, a principiar pela divulgação das Normas/Instruções para a realização da Exposição Escolar de 1912. Diante deste aspecto, reitera-se o critério de demarcar o período analítico da dissertação a partir do ano de 1912.

A Instrução que normatizou a Exposição Escolar do ano de 1912 também foi publicada no Relatório apresentado por Claudino dos Santos, em 1913.

Realizamos a reprodução da Instrução no Quadro 05 e conjuntamente tecemos considerações dos artigos previstos na referida normativa.

QUADRO 5 - INSTRUÇÕES PARA A EXPOSIÇÃO ESCOLAR DE 1912

ARTIGOS	INSTRUÇÕES	CONSIDERAÇÕES
Art. 1º	Haverá, no fim do presente ano letivo, uma Exposição de trabalhos das escolas, quer públicas, quer particulares, que se realizará a 15 de novembro, no anfiteatro da Escola Normal.	Explicita data e local das escolas participantes do certame. A Escola Normal, nesse período ainda funcionava anexa ao Ginásio Paranaense.
Art. 2º	A Exposição constará de trabalhos manuais, prendas domésticas ou outras quaisquer, de interesse educacional, confeccionados pelos alunos de ambos os sexos.	Amplia os tipos de objetos que poderiam ser expostos, ou seja, trabalhos manuais, prendas domésticas e outros. Também prevê a participação de escolas do sexo masculino.
Art. 3º	Não há obrigatoriedade. As escolas que quiserem concorrer ao certame, quer da capital, quer de outras localidades, mandarão inscrever-se, até o dia 10 de novembro, determinando os produtos com que pretendem concorrer, e enviando os nomes dos respectivos autores.	Período de inscrição dos trabalhos. A não obrigatoriedade de participação das escolas.
Art. 4º	Haverá, para inscrição, um livro próprio, em que serão especificados os trabalhos de seus autores, e os nomes das escolas e seus professores ou professoras, diretores ou diretoras.	Registro das inscrições com todas as informações dos trabalhos a serem expostos.

ARTIGOS	INSTRUÇÕES	CONSIDERAÇÕES
Art. 5º	Será organizado com todos esses atributos, um catálogo geral da Exposição.	Não encontramos o Catálogo elaborado pela Diretoria da Instrução Pública. No entanto, as escolas enviaram à Diretoria as listagens contendo o nome dos alunos e os objetos enviados à Exposição (ver Apêndices).
Art. 6º	Os professores ou professoras, diretores ou diretoras, de qualquer estabelecimento de ensino que concorrerem à exposição, deverão comparecer à inauguração, ao local determinado, a fim de dar aos visitantes os esclarecimentos que estes solicitarem.	Procedimentos para o dia da Exposição.
Art. 7º	Haverá para o julgamento e respectiva classificação, um Júri composto de senhoras estranhas ao magistério, incumbido de classificar, dentre os trabalhos apresentados, três dos que mais se distinguirem em perfeição, nitidez, esmero e delicadeza, a cujos autores caberão prêmios, de antemão determinados.	Normas de julgamento e composição de comissão julgadora. Diferente das demais, os jurados não podem ser ligados ao magistério.
Art. 8º	Os trabalhos expostos serão assinalados por uma etiqueta, contendo os nomes e idades dos alunos, os nomes de seus professores e as denominações das escolas respectivas.	Identificação dos trabalhos para exposição.
Art. 9º	Todo e qualquer trabalho que se verificar não ser produto do esforço dos alunos expositores, será excluído de qualquer classificação.	Punição para trabalho que não for do aluno.
Art. 10	Além dos três expositores premiados, os três imediatos, classificados pelo Júri, obterão também uma recompensa, que será, igualmente, publicada com antecedência.	Premiação
Art. 11	A Exposição será oficialmente inaugurada pelo dr. Presidente do Estado, na presença das demais autoridades civis e militares, famílias, alunos e expositores, sendo aberta com uma saudação, cantada por alunos da Escola Normal.	Solenidade de inauguração
Art. 12	Aos professores e professoras, diretores e diretoras dos estabelecimentos públicos e particulares de ensino, e bem assim aos alunos e alunas que apresentarem trabalhos dignos de apreço, serão distribuídos Diplomas de Mérito, como galardão de seus esforços.	Premiação

FONTE: Elaborado pela autora, baseado no Relatório apresentado ao Secretário do Interior, Justiça e Instrução Pública, por Claudino dos Santos, Diretor Geral da Instrução Pública, em 1913.

As normas acima descritas demonstram que ocorreu um conjunto de avanços em relação às exposições dos anos anteriores, sobretudo os cuidados da Diretoria da Instrução Pública em promover um certame mais organizado, com regras claras e, sobretudo, com a participação também dos alunos do sexo masculino. Outro fato deve ser destacado, é a implantação da disciplina de Trabalhos Manuais para os alunos do sexo masculino. No que diz respeito a implementação da disciplina, vale destacar a reportagem do *Diário da Tarde*, ao relatar os trabalhos do aluno Henrique Moreira:

(...) trabalhos que, com justiça, obtiveram o 1º lugar. São eles: um mapa do Paraná, ampliado na escala de 1.500.000; uma escultura, de 0,8 cm de comprimento, em barro, onde se vê um menino encostado a uma cruz tendo o olhar perdido na imensidade; uma outra escultura, representando um menino, ajoelhado, de mãos postas, e outros pequenos trabalhos em giz. O mapa do Paraná **é um trabalho de valor, impecável**, tendo sido já **adquirido** pelo dr. Ernesto de Oliveira, para figurar na secretaria da agricultura. (DIÁRIO DA TARDE, 18/11/1912, p.02, grifos nossos).

É importante frisar o modo como a imprensa trata os trabalhos manuais realizados pelos alunos, menciona que são de grande valor artístico e conseqüentemente são enaltecidos e destacados com as expressões “é um trabalho de valor, impecável”. Também destaca que o Secretário da Agricultura, à época, Ernesto de Oliveira, vai adquiri-lo. Ao contrário dos objetos produzidos pelas meninas, que apesar de serem numericamente maior, são tratados como “prendas do lar”, “adornos do lar”. Há um “apagamento” dos artefatos produzidos pelas alunas. Em síntese, dá visibilidade a determinados aspectos e silencia sobre diversos outros.

Também destacamos o cunho mercantilista das Exposições Escolares, pois os artefatos produzidos pelos alunos e alunas eram comercializados, resta saber se os insumos para elaboração dos mesmos eram providos pela Diretoria da Instrução Pública, ou se os recursos obtidos na venda dos artefatos eram revertidos para os alunos? A Instrução exarada pelo Diretor da Instrução Pública, apesar de conter consideráveis avanços, não menciona a comercialização dos artefatos escolares produzidos pelos alunos, assim como a destinação dos recursos financeiros obtidos na comercialização durante a Exposição Escolar. Tal prática era evidenciada pelos jornais ao noticiarem o certame, e isso se perpetuar por vários anos, conforme mencionamos anteriormente, “(...) a **exposição dos trabalhos, todos expostos e à venda** onde se encontram quadros, roupas feitas, toalhas, almofadas, etc., por preços bastante módicos” (O ESTADO DO PARANÁ, 1925, p. 03). Somente nos anos de 1930 é possível identificar a destinação dos recursos, de acordo com a notícia veiculada na edição do dia 08 de dezembro de 1932, no jornal “*O Dia*”, na qual ressalta que “os **trabalhos estão à venda** e

o produto reverterá como é regulamentar ao Pecúlio da Escola.”⁴⁵. Todavia, a chamada “festa do trabalho” era uma festa do trabalho infantil, cujo resultado do trabalho, de certa forma, era “usurpado legalmente” pela escola.

O Quadro 06 apresenta a relação das escolas e professoras, bem como dos artefatos enviados à Exposição Escolar do ano de 1912, num total de cerca de 960 artefatos, apenas são destacados os artefatos dos alunos do sexo masculino, que eram cerca de 150 artefatos. Há um “processo civilizador” colocado em curso na escola. Nas palavras de Cynthia Greive Veiga, “concretamente (...) a escola estrutura-se como prática social com base no dispositivo escolarização; é produtora e reprodutora de formas sociais (...)”. Ainda, “isso implicou a perspectiva de homogeneizar nas escolas as relações de gênero, para o estabelecimento de uma cultura masculina (...) na definição dos papéis no núcleo familiar.” (VEIGA, 2002, p. 100). Resgatamos as palavras de Norbet Elias, “a ‘civilização’ que estamos acostumados a considerar como uma posse que aparentemente nos chega pronta e acabada (...)” (ELIAS, 2011, p. 70). Na verdade se constitui em um processo de monopolização do saber realizado pelo Estado, colocado em curso com a República, que contribuiu para os processos de inclusão diferenciada dos indivíduos na sociedade (VEIGA, 2002, p. 100).

A Exposição Escolar de 1912, contou com um discurso do Diretor da Instrução Pública, Claudino dos Santos, fundamentado em teóricos da Psicologia e da Pedagogia, sobretudo norte-americanos. O discurso foi publicado na íntegra pelo jornal *A República*, nos dias 18 e 19 de novembro de 1912, isto é, no terceiro e quarto dias após a inauguração da exposição e ocupando um lugar de destaque nas páginas do jornal. Não vamos reproduzi-lo na íntegra, apenas os pontos que a nosso ver merecem destaque.

Claudino dos Santos inicia o discurso realizando uma retrospectiva das exposições escolares e menciona: “(...) é lícito relembrar idênticos certames realizados nesta capital, pela primeira vez (...) em 19 de Dezembro de 1891, pela iniciativa de Justiniano de Melo e Silva e, nesta sala, em 1904, 1906 e 1907 (...) por Sebastião Paraná”. O diretor da Instrução Pública, lamentou a ausência do presidente do Estado na cerimônia de inauguração e na sequência elogia os trabalhos dos alunos. Em seguida, passa a discorrer sobre os fundamentos da Psicologia de Willian James⁴⁶ e da Pedagogia para destacar os efeitos de educação pragmática

⁴⁵ Apesar de a citação estar fora do recorte temporal esta informação demonstra que houve uma continuidade da prática de comercialização do material produzido pelos alunos das escolas primárias.

⁴⁶ “**William James (1842-1910)** foi um filósofo e importante psicólogo norte-americano. Um dos criadores da escola filosófica conhecida como “pragmatismo” e um dos pioneiros da “Psicologia Funcional”. William James (1842-1910) nasceu em Nova York, nos Estados Unidos, no dia 11 de janeiro de 1842. Começamos por elucidar o lugar de James na história da psicologia. À primeira vista, ele ocupa uma posição de enorme destaque, especialmente nos Estados Unidos, sendo usualmente considerado o “pai” da psicologia norte-americana. Não

implantada no currículo. Para tanto, Claudino dos Santos recorre aos estudos de John Dewey⁴⁷ para demonstrar os “avanços” da ação do professor e diz: “o mestre de hoje é mais humano e mais racional” a atividade docente deixou de ser “inacessível ao aluno, era o supremo – *magist dixit* – na sua mais brutal e mais desumana acepção; a escola era a Santa Luzia, e o capacete com orelhas de asno, o letreiro deprimente às costas, os joelhos em terra de milho, (...) era um inferno.” Finaliza o discurso, afirmando: “a escola hoje é o paraíso, o aluno vai à mesma levado pela sedução de aprender.” (A REPÚBLICA, 19/11/1912, p. 02).

Os teóricos tomados como referência por Claudino dos Santos servem para compor referências a projetos de “modernidade” colocados em curso no final do século XIX e início do século XX, na perspectiva de construção da identidade e unidade nacional. Inicialmente a citação advém das referências de intelectuais franceses e depois estadunidense. No entanto, essa recorrência remonta, segundo Mirian Jorge Warde,

(...) desde a Proclamação da Independência política do Brasil do jugo português, em 1822, a representação de um Brasil como parte constitutiva da América Latina não compôs o imaginário nacional; **os projetos de construção da identidade e unidade nacional foram alimentados por referências ao mundo extracontinental; a Europa e depois os Estados Unidos** cedo constituíram o espelho onde o Brasil tinha de se mirar. (2000, p. 37, grifos nosso).

obstante, se nos indagarmos se alguma vez existiu uma escola de psicologia jamesiana, isto é, um empreendimento coletivo de investigação centrado na obra de James, a resposta dá margem a discussões. Sem sombra de dúvida, houve uma grande difusão e popularização de suas ideias, as quais costumam ser agrupadas sob o grande rótulo do “pragmatismo” - movimento intelectual cuja origem se atribui às discussões realizadas em um pequeno sarau filosófico conhecido como “*Metaphysical Club*” (cf. Menand, 2001). A obra *Os princípios de psicologia* (James, 1952 [1890]) talvez seja a maior fonte de epígrafes de toda a psicologia do século XX. (...) divulgar a psicologia para o grande público não costuma ser avaliada em toda sua extensão. Para compreendermos a importância disso, precisamos considerar que James engajou-se, a partir de 1894, em uma série de palestras itinerantes em escolas, associações cívicas e igrejas, no mais das vezes bastante modestas, tendo como audiência professores, profissionais de saúde e religiosos (cf. Simon, 1998). Em virtude dessa atividade, James (1983b [1899]) publicou seu *Talk to teachers on psychology: and to students on some life's ideals* (*Conversa com os professores sobre psicologia: e com os estudantes sobre alguns ideais de vida*), que é uma espécie de sumário de suas ideias, voltado especificamente para o público não-acadêmico.” Renato Rodrigues KINOCHI. Tão perto, tão distante: William James e a psicologia contemporânea. In: *Sci. stud.* vol.7 no.2 São Paulo Apr./June 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-31662009000200009 – acesso em 29/01/2020.

⁴⁷ “**John Dewey (1859-1950)** professor de 1904 a 1931 na Universidade de Colúmbia em Nova York, é um dos representantes mais significativos do pragmatismo norte-americano. A obra do filósofo estadunidense John Dewey, referência a noções como movimento, transformação e mudança, seja para caracterizar a sociedade, o indivíduo ou a escola. Em que pesem os argumentos favoráveis à obviedade do tema, a noção de mudança ocupa posição central no pensamento de John Dewey, tendo influenciado a mentalidade dos educadores que compreenderam seu modo de pensar – o que não quer dizer, é claro, que Dewey tenha sido o único a refletir sobre a questão. A centralidade dessa ideia revela a inexistência de consenso sobre o assunto, tanto no campo da filosofia quanto no da educação, seja nos Estados Unidos à época de Dewey, seja nos países em que a temática foi motivo de discussão. Não por acaso, William Heard Kilpatrick escreveu, à luz do pragmatismo deweyano, o livro *Educação para uma civilização em mudança*. E não é desprezível o fato de esse mesmo livro ter sido tão bem aceito no Brasil durante décadas.” Marcus Vinicius da CUNHA. John Dewey e o pensamento educacional brasileiro: a centralidade da noção de movimento. *Rev. Bras. Educ.* [online], n.17, p.86-99, 2001. Disponível : <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782001000200007>. - acesso em 29/01/2020.

Nessa busca da construção do imaginário nacional, Warde (2000) utiliza a expressão “espelho onde o Brasil tinha de se mirar”. Assim, o “ideário da modernização tomava conta dos meios intelectuais, indicando a necessidade de urgência nas transformações que deviam abranger os setores produtivos tanto quanto a mentalidade da população” (CUNHA, 2001, p. 87). O Relatório de Claudino dos Santos nos possibilita identificar os intelectuais, franceses e estadunidenses, tomados como referência para a construção desse imaginário nacional. Deste modo, as últimas considerações teóricas realizadas em seu Relatório já anunciam o debate em curso nos Estados Unidos entre os teóricos Wilian James e John Dewey.

O discurso de Claudino dos Santos finaliza destacando os fundamentos da *Pedagogia Moderna* sobre a Exposição Escolar realizada no ano de 1912.

A Exposição Escolar do ano de 1912 contou com a participação das escolas públicas e privadas da capital paranaense. Localizamos nos documentos do DEAP-PR, mais precisamente nos AP, as listas de 12 escolas primárias contendo o número e os tipos dos artefatos escolares, bem como as listas dos artefatos escolares do Jardim de Infância Emília Ericksen.⁴⁸ Apresentamos de maneira sintética a relação das escolas e professores, os tipos e quantidade dos artefatos enviados à Exposição, como podem ser observados nos Quadros 6 e 7. No quadro 6, destacamos e nominamos as professoras das escolas isoladas, para demonstrar que cerca de cinquenta por cento eram artefatos produzidos pelas escolas isoladas.

QUADRO 6 - O NÚMERO DE ARTEFATOS NA EXPOSIÇÃO ESCOLAR DE 1912

ESCOLAS/PROFESSORAS	TRABALHOS DE AGULHA	DESENHO	EXERCÍCIOS CARTOGRÁFICOS	FEM	MAS
Grupo Escolar Cruz Machado	60	0	0	X	
Amélia França Gomes	33	0	0	X	
Grupo Escolar Rio Branco	0	0	149		X
Julia Wanderley Petrich	121	4	25	X	
Escola Carvalho	193	111	0	X	
Grupo Escolar C. Zacarias	44	0	0	X	
Leonor Machado Busse	38	0	0	X	
Grupo Escolar X. da Silva	0	0	11		X
Maria do Carmo G. Meneses	102	0	0	X	
Grupo Escolar Brandão	91	0	0	X	
Maria Rosa N. Bittencourt	87	0	0	X	
TOTAL	660	115	185		
TOTAL GERAL DOS ARTEFATOS DAS ESCOLAS PRIMÁRIAS	960				

FONTE: Quadro elaborado pela autora com base nos APs nº 1441, 1442, 1443 do ano de 1912. DEAP-PR. As listas de cada uma das escolas, professoras e Grupos Escolares podem ser visualizadas nos Apêndices.

⁴⁸ Todas as listas dos artefatos das escolas e do jardim enviados à exposição escolar encontram-se no Apêndice.

QUADRO 7 - O NÚMERO DE ARTEFATOS DO JARDIM EMILIA ERICKSEN NA EXPOSIÇÃO ESCOLAR DE 1912

TIPOS DE ARTEFATOS	NÚMERO DE ARTEFATOS PRODUZIDOS PELAS ALUNAS	NÚMERO DE ARTEFATOS PRODUZIDOS PELOS ALUNOS
Alinhavos	28	28
Tecelagem	28	28
Dobraduras	33	33
Recortes	31	31
Dobraduras em papel quadrado	25	25
Modelagem (massa colorida)	07	07
Modelagem (massa branca)	06	06
Cartonagem individual	02	02
Instrumentos de papelão	05	05
Total	165	62
Total Geral	227	

FONTE: Quadro elaborado pela autora. Esta relação é assinada pela professora Joanna Falce de Salco do Jardim Emília Ericksen. Este documento encontra-se no AP. nº 1442, p. 93-95, do ano de 1912, acervo DEAP-PR. A lista completa dos artefatos pode ser visualizada no Apêndice 06.

Os artefatos enviados à Exposição Escolar do ano de 1912 em sua maioria foram elaborados pelas alunas, tanto os da escola primária como do jardim de infância. Os artefatos elaborados pelos alunos e alunas do Jardim de Infância Emília Ericksen⁴⁹ fruto dos jogos froebelianos⁵⁰. De acordo com Souza,

Para Froebel (1881) os jogos e as ocupações espontâneas das crianças desta idade (idade de jardim-de-infância) diferem essencialmente entre si: ou são imitações da vida e aparências da vida real, ou bem o emprego espontâneo de tudo aquilo que foi ensinado, aprendido na escola, ou ainda são imagens espontâneas e manifestações do espírito, em meio a substâncias diversas, submetendo-se, seja a leis fechadas no objeto mesmo ou na substância dos jogos, seja às leis particulares dos homens, ao seu pensamento, ao seu sentimento. (2004, p. 177).

A denominação do termo “jogos” advém da concepção de educação adotada por Froebel (1782-1852) de que todas as “ocupações” dos jardins-de-infância e de “dons” ou “dádivas” ao material empregado no desenvolvimento da criança contribuem na formação dos sentidos (SOUZA, 2004, p. 178). “Os chamados ‘dons’ de Froebel englobavam a realização de desenhos e a disposição de materiais de modo simétrico e ordenado, e recortes (...)” (ABDALA, 2013, p. 274).

Os “dons froebelianos” são:

⁴⁹ De acordo com Gizele de Souza (2004), o segundo Jardim de Infância inaugurado, em 1911, na cidade de Curitiba recebeu a denominação de “Emília Ericksen”, em homenagem “a professora normalista que residia na cidade paranaense de Castro quando, em 1862, teria sido criado o primeiro espaço de jardim-de-infância, particular, do Brasil.” (p. 155).

⁵⁰ Ver a tese de doutoramento de Gizele de Souza (2004), sobretudo o “*Intento IV – Por uma Cultura Escolar da Primeira Infância e Primária – item I – Métodos e conteúdos de ensinar nos jardins-de-infância e nos grupos escolares.*”.

1. Seis bolas de borracha, cobertas com tecido de retróz de lã de varias cores.
2. Esphera, cubo e cylindro, de madeira.
3. Cubo dividido em oito cubozinhos.
4. Cubo dividido em oito partes oblongas.
5. Cubo, dividido em metade e em quartas partes.
6. Cubo, consistindo em partes oblongas, duplamente divididas.
(Os dons ns. 3, 4, 5 e 6, servem para construcções).
7. Taboinhas quadradas e triangulares para compor figuras.
8. Varinhas para traçar figuras.
9. Anneis e meios anneis para compor figuras.
10. Material para desenho.
11. Material para alinhavo.
13. Material para recorte de papel e combinações.
14. Material para tecelagem em papel.
15. Varetas para entrelaçamento.
16. Réguas com dobradiças – gonigrapho.
17. Fitas para enlaçamentos.
18. Material para dobradura.
19. Material para construcções com ervilhas.
20. Material para modelagem (Revista do Jardim da Infância, 1896, v.I, p.73 citado por SOUZA, 2004, p. 178)

Os instrumentos de papelão mencionados na lista são: serrote, machado, lima, serrotinho, foice e transferidor. Todos esses instrumentos posteriormente serão utilizados no ensino de Trabalhos Manuais na escola primária. No entanto, não serão de papelão e sim ferramentas de metal⁵¹ para elaboração dos artefatos escolares, cuja matéria prima é a madeira.

A seguir apresentamos as listas de um dos Grupos Escolares que exibiram os trabalhos dos alunos na Exposição Escolar de 1912. As listas foram identificadas por Gizele de Souza (2004) e transcritas em sua tese de doutoramento, resultado de suas pesquisas no Arquivo Público do Paraná (DEAP-PR).

QUADRO 8 - RELAÇÃO DOS ALUNOS DO GRUPO ESCOLAR CRUZ MACHADO QUE EXIBIRAM TRABALHOS Á EXPOSIÇÃO ESCOLAR DE 1912.

NOMES DOS ALUNOS	TIPOS DE ARTEFATOS
Valeria Cochinska	Bordados em etamine e crochet
Delourdes Stephansson	Toalha em tear, crochet e bordados
Maria Brock	Cesta de crochet, toalhas e bordados
Analía Leite	Sapatos de lã, toalhas de crochet
Ormindá Carrano	Papelot de lã, sapatos, toucas e baberois
Ignez Cini	Babeiro e toalhas de crochet
Palmyra Martins	Toalhas de crochet
Balbina Martins	Toalhas de crochet
Tecla Angieuski	Fronhas de bordado vermelho
Ida Cordeiro	Toalhinhas de crochet

⁵¹ No capítulo 2 discorremos sobre a participação das disciplinas de Trabalhos Manuais e Trabalhos de Agulha nas Exposições Escolares e na identificação dos artefatos escolares elaborados durante as disciplinas.

NOMES DOS ALUNOS	TIPOS DE ARTEFATOS
Elvira d'Oliveira	Fronhas de bordado simples
Magdalena Martello	Fronhas de bordado simples
Maria Andreatta	Tapetinhos bordados para lavatório
Carmella Bonilaure	Porta-relógio de crochet
Virginia Cobb	Bordado em filó
Gracita Müller	Toalhas de crochet
Licymia Soares	Toalhas de crochet
Perminia d'Oliveira	Toalhas bordadas e de crochet
Celestina Ganz	Toalhas bordadas e de crochet
Maria dos Santos	Toalhas bordadas e de crochet

FONTE: Esta relação é assinada pela professora Alexandrina Pereira Richter, da 5ª cadeira para o sexo feminino. Este documento encontra-se no A.P. n.1441, v.22, p.2, do ano de 1912. DEAP-PR. (SOUZA, 2004, p. 276).

QUADRO 9 - RELAÇÃO DOS ALUNOS DA ESCOLA PARA O SEXO MASCULINO DO GRUPO RIO BRANCO DESTA CAPITAL REGIDO PELO PROFESSOR NORMALISTA ARISTEU CORRÊA DE BITTENCOURT

ALUNOS	ARTEFATOS	MODELOS	QUANTIDADE
Eugenio Figueredo	Cartographia	Olavo Freire	7 cadernos
	Serie preparatória de Desenho	B e R	4 cadernos
	Mappa do Brazil	Jornal do Brazil	1
	Mappa do Paraná	Governo do Estado	1
	Calligraphia inclinada	Garnier Irmãos	7 cadernos
	Calligraphia vertical	Francisco Vianna	6 cadernos
	Cartographia	Olavo Freire	7 cadernos
	Calligraphia vertical	Francisco Vianna	6 cadernos
Nestor Ribas	Cartographia	Olavo Freire	7 cadernos
	Serie preparatória de Desenho	B e R	4 cadernos
	Mappa do Brazil	Jornal do Brazil	1
	Mappa do Paraná	Governo do Estado	1
	Calligraphia inclinada	Garnier Irmãos	5 cadernos
	Calligraphia vertical	Francisco Vianna	6 cadernos
Livio Vaini	Cartographia	Olavo Freire	6 cadernos
	Serie preparatória de Desenho	B e R	4 cadernos
	Mappa do Paraná	Governo do Estado	1
	Calligraphia inclinada	Garnier Irmãos	5 cadernos
	Calligraphia vertical	Francisco Vianna	6 cadernos
Arthur Bond	Serie preparatoria de Desenho	Olavo Freire	2 cadernos
	Calligraphia inclinada	Garnier Irmãos	2 cadernos
	Calligraphia vertical	Francisco Vianna	5 cadernos
Placides Ribas	Cartographia	Olavo Freire	6 cadernos
	Serie preparatoria de Desenho	B e R	3 cadernos
	Mappa do Brazil	Jornal do Brazil	1
	Mappa do Parana	Governo do Estado	1
	Calligraphia vertical	Francisco Vianna	6 cadernos
Pedro Bevilacqua (2ª classe)	Cartographia	Olavo Freire	5 cadernos
	Serie Preparatoria de Desenho	B e R	3 cadernos
	Calligraphia inclinada	Garnier Irmãos	2 cadernos

ALUNOS	ARTEFATOS	MODELOS	QUANTIDADE
	Calligraphia vertical	Francisco Vianna	5 cadernos

FONTE: Este documento, manuscrito, é assinado pelo professor Aristeu Corrêa de Bittencourt, para a cadeira do sexo masculino do Grupo Rio Branco em Curitiba, e encontra-se no A.P. n.1441, v.22, p.7, de 1912. DEAP-PR (SOUZA, 2004, p. 276-277).

As informações contidas nos Quadro 7, 8 e 9 nos revelam que a maioria dos trabalhos enviados à Exposição Escolar de 1912 eram realizados pelas alunas nas categorias de trabalhos de agulha, desenho e exercícios cartográficos. Os alunos enviaram para o certame apenas exercícios cartográficos. Ao examinar as listagens, observamos que os trabalhos de agulha eram: toalhas de crochê, toalhas bordadas, fronhas bordadas, almofadas, sapatinhos de lã, etc. Os desenhos eram: geométrico, “a mão levantada”, segmentado, do curso intermediário e do curso primário. Na lista dos exercícios cartográficos apresentados na Exposição estão discriminados no Quadro 9, oriundos do Grupo Escolar Rio Branco, do professor Aristeu Corrêa de Bittencourt. No capítulo 2, procuramos identificar e examinar a participação das disciplinas de Trabalhos Manuais e Trabalhos de Agulha nas Exposições Escolares das escolas primárias. Ao tratar desses objetivos, discorremos sobre as técnicas, matérias-primas e ferramentas utilizadas na confecção dos artefatos; os conteúdos das disciplinas previstos no currículo das escolas primárias; e a identificação do conjunto de artefatos produzidos pelos alunos e alunas durante as aulas.

Claudino dos Santos permaneceu à frente da Diretoria Geral da Instrução Pública apenas no ano de 1912 e meados de 1913. Em 23 de agosto de 1913 é nomeado, pelo Decreto nº 664, para exercer o cargo de Secretário de Estado dos Negócios do Interior, Justiça e Instrução Pública (PARANÁ, 1914, p. 03). Para ocupar o cargo de Diretor Geral da Instrução Pública foi nomeado, em 26 de agosto de 1913, Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo. Segundo Gizele de Souza (2004, p. 43), “no dia seguinte a esta nomeação, o Diário da Tarde publicava artigo em que se aplaudia a nomeação de Azevedo Macedo⁵²”. O artigo mencionava a tarefa destinada ao novo Diretor da Instrução Pública na implantação dos grupos escolares e dos cursos seriados. Salientou a importância de tal cargo e teceu severas críticas às condições do ensino público paranaense. Tais críticas decorriam da precariedade na adoção do que se compreendia para compor o modelo paulista de implantação dos grupos escolares no estado do Paraná, que não se assemelhavam aos preceitos arquitetônicos e

⁵² “**Francisco de Azevedo Macedo** nascido, em 1873, no município de Campo Largo, iniciou sua carreira profissional em 1892 e destacou-se, até sua morte em 1952, como professor, educador, advogado, intelectual e propositor de uma Reforma da Instrução Pública paranaense no período republicano. Em 1939, a convite da Academia Paranaense de Letras, respondeu a um questionário enviado pela diretoria da agremiação intitulado “Figuras que Falam”. Suas respostas resultaram em um texto publicado por seu filho James Macedo em 1983, no primeiro volume das obras completas do pai.” (ANJOS, 2016).

pedagógicos dos de São Paulo. Assim, a debate político, também, recaía no envio de professores para conhecer o chamado modelo paulista ou receber os professores paulistas no Paraná. No entanto, segundo Souza,

(...) havia ainda a posição que sustentava não ser necessário vir nem ir quaisquer missões de professores, dado que o Paraná era auto-suficiente, teria já em mãos as condições para realizar as reformas pedagógicas e disporia de pessoal com experiência acumulada, como se observa nas palavras de Antonio Gomes em mais uma matéria para o jornal paranaense: “Um Estado que tem professores da competência e dedicação de d. Julia Wanderley precisa mandar vir uma missão de professores doutros Estados?” (Reforma Pedagógica — Como vae sendo executada: uma visita agradável, Diário da Tarde, 13 de novembro de 1914 *apud* SOUZA, 2004, p. 42).

Também estava em discussão a proposta do governador do estado, Carlos Cavalcanti,

(...) de organizar um plano político que projetasse a instrução pública de modo seriado resultara em legislação específica que determinava a seriação do ensino em todas as escolas públicas primárias no Paraná, bem como em diretivas expedidas pela Diretoria de Instrução e aprovadas pela Secretaria do Interior em 1914 sobre **seriação e programas de ensino** para as escolas primárias, **inspeção técnica e revisão de Códigos de Ensino**. (SOUZA, 2004, p. 43, grifos no original).

Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo permanece à frente da Instrução Pública no quadriênio 1916-1920⁵³ e, novamente continua no contexto do estado o debate político da eficácia ou não do envio de professores paranaenses à São Paulo para conhecer o que se avaliava como o exitoso modelo pedagógico paulista. De acordo com Moreno (2003, p.04), “foram enviadas missões de professores para estudar o sistema de ensino paulista em 1902, 1912 e 1918.”.

No que diz respeito a prática das Exposições Escolares, depois da normatização efetuada por Claudino dos Santos, em 1912, ocorreram com regularidade no final do ano

⁵³ “O período da Primeira República abrigou um sistema oligárquico, controlado por uma aliança entre paulistas (proeminentes na produção de café) e mineiros (destacados pela criação de gado de leite), conformando, por essas características, a chamada política “café com leite”, que alternava a liderança do governo em nível nacional. Vale lembrar que tal situação gerava insatisfação de alguns grupos e, na década de 1920, essa hegemonia passou a ser contestada, com maior ênfase, por lideranças políticas de outros Estados, em especial, pelo Rio de Janeiro, Rio Grande do Sul, Pernambuco e Bahia que lançaram nas eleições presidenciais de 1922, o nome de Nilo Peçanha contra o candidato da situação, Artur Bernardes. Nilo Peçanha é derrotado, abrindo caminho para novas crises: as oligarquias regionais dissidentes optaram pela luta armada; o descontentamento militar ganhava novo alento; as classes médias urbanas, insatisfeitas, constituíam um amplo setor de apoio. De acordo com Silva (1997, p. 15), Artur Bernardes enfrentou, antes mesmo de ser eleito Presidente para o quadriênio de 1922 a 1924, o descontentamento da sua candidatura no interior do Partido Republicano Mineiro, sendo vítima de campanha que pretendia intriga-lo com as Forças Armadas (episódio das cartas falsas) e, ao longo do seu governo, enfrentou a Revolta do Forte de Copacabana (1922); a Revolução de Isidoro (1924); o movimento da Coluna Prestes (1926); dentre outras ocorrências “que demonstraram o caráter irreversível da cisão aberta entre as Forças Armadas e o aparelho estatal dominado pelo eixo político oligárquico Minas-SãoPaulo.” (HOELLER, 2014, p. 33-34)

letivo nas escolas primárias da capital e do interior do estado. Excepcionalmente em atividades festivas, as Exposições Escolares foram utilizadas como mais um elemento atrativo na programação de eventos cívicos, como analisaremos no terceiro capítulo.

No próximo capítulo, procuramos identificar e examinar a participação das disciplinas de Trabalhos Manuais e Trabalhos de Agulha nas Exposições Escolares das escolas primárias, considerando que estas Exposições representavam um momento importante das atividades manuais desenvolvidas nessas disciplinas constituintes do currículo da escola primária.

CAPÍTULO 2 - OS SABERES E OS FAZERES MANUAIS: OS ARTEFATOS DAS EXPOSIÇÕES ESCOLARES

Senhores:

*Alguma coisa de sugestivo, de grandiosamente
impressionante, se colhe nesta exposição.
Horas de atento labor furtado a trabalhada atividade
intelectual, momentos de absoluta preocupação, se observam
e se vê no policromismo das cores destes artefatos,
na composição destes desenhos, destes
mapas, destes esboços e dessas linhas.
De um lado o complicado e arrogante bordado a fio de seda,
pela mão já adestrada da aluna;
de outro o trabalho modesto de lã de principiante;
aqui os pomposos e mais arrojados;
ali os mais modestos e mais simples;
e, atraindo a vista, pela singeleza
e pela originalidade da confecção a
graciosa seção de trabalhinhos das
crianças dos Jardins de Infância,
elegantes e airosos, no colorido do papel e
da cartonagem, surgindo das mãozinhas débeis
de criancinhas de quatro anos
que o carinho das Diretoras
prende a infantil escola, fazendo da mesma
um suave prolongamento do lar.
Eis, aí está a exposição ante vós.
(Claudino dos Santos)⁵⁴*

Em epígrafe, o trecho inicial do discurso proferido pelo Diretor da Instrução Pública, Claudino dos Santos, por ocasião da inauguração da quinta Exposição Escolar das escolas primárias do Paraná, no dia 15 de novembro de 1912 (como já dito no capítulo anterior), publicado, na íntegra, na primeira página do jornal *A República* nos dias 18 e 19 de novembro de 1912. Claudino dos Santos, com suas palavras, nos transporta para a Exposição Escolar de 1912 ao descrever a variedade dos artefatos em exposição. Não bastasse isso, descreve os tipos de artefatos, as técnicas de produção e as disciplinas envolvidas na produção dos artefatos, isto é, as disciplinas de: Trabalhos de Agulha e Trabalhos Manuais. Diz ele: “a policromia das cores dos desenhos”, “a composição dos desenhos”, “o complicado e arrogante bordado a fio de seda” e o “trabalho modesto de lã”. Esse conjunto de artefatos, como destaca Claudino dos Santos, são produzidos ora “pela mão adestrada da aluna”, ora pelas “mãozinhas débeis de criancinhas”. No entanto, o trecho mais significativo do discurso é quando inicia

⁵⁴Jornal A REPÚBLICA, 18 e 19/11/1912, edições, respectivamente 00269 e 00270.

afirmando que foram dedicadas “horas de atento labor furtado a trabalhada atividade intelectual.”

Nas primeiras décadas republicanas o currículo da escola primária sofreu alterações em função das novas finalidades atribuídas à escola primária pública, dentre elas a redefinição dos conteúdos. O currículo escolar da escola primária paranaense no início do século XX previa na formação do aluno e da aluna um conjunto de saberes destinado às atividades manuais, tendo em vista desenvolver determinadas características na formação do cidadão republicano, tais como: o gosto pelo trabalho, o asseio e a manutenção do “lugar” destinado às mulheres na sociedade, isto é, o lar. “Assim sendo, desenho, trabalhos manuais eram, entre outros conteúdos, considerados úteis à vida moderna e a instrução popular acompanhando um movimento internacional e ao mesmo tempo, adquirindo em cada lugar conotações próprias, moldadas pelas diferentes realidades.” (SANTOS, 2012, p. 05). Os saberes manuais ensinados na escola primária tinham uma explícita intencionalidade, desenvolver habilidades práticas e o preparo para um ofício. “Dessa maneira, é possível localizar o ensino do Desenho⁵⁵ subsidiado pelos princípios do método intuitivo, uma vez que tal prática visa educar os olhos e as mãos, possuindo um caráter prático vinculado às artes e à indústria e ofícios” (SANTOS, 2012, p. 06).

Deste modo, esse capítulo tem por objetivo identificar e examinar a participação das disciplinas de Trabalhos Manuais e Trabalhos de Agulha nas Exposições Escolares das escolas primárias. Também busca identificar os objetos que eram produzidos pelos alunos nas referidas disciplinas, pois os artefatos em exposição eram fruto das atividades escolares realizadas durante o período letivo nas disciplinas de Trabalhos de Agulha (bordado, crochê, roupas, etc.) e Trabalhos Manuais (modelagem, pintura, tecelagem, produção de objetos de

⁵⁵ “No início da República, o ensino do Desenho, como matéria escolar, adotava as diretrizes, de acordo com as legislações do Império. Com a publicação do decreto n. 981, de 1890, que regulamentava o ensino primário e secundário no Distrito Federal (Rio de Janeiro), ficava evidente a presença do Desenho durante toda a vida escolar até que, nos meados da década de 1910, o Desenho passa pelo primeiro momento de desvalorização, com a publicação da Reforma Carlos Maximiliano (1915) que apesar de não retratar diretamente do ensino primário, destacava que haveria aula de Desenho nos quatro primeiros anos (BRASIL, 1915, Art. 167º, parágrafo único) dos cursos ginasiais. Com as alterações dos valores educacionais na década subsequente, o ensino do Desenho retomava sua importância, em particular, pela publicação do decreto 16782-A “Que estabelece o concurso da União para a difusão do ensino primário, organiza o Departamento Nacional do Ensino, reforma o ensino secundário e o superior e dá outras providências” (BRASIL, 1925). E das reformas educacionais que aconteciam nos estados federados (1920 - Sampaio Dória, em São Paulo; 1922-1923 - Lourenço no Ceará e José Augusto Bezerra de Menezes, no Rio Grande do Norte; 1927-1928 no Paraná, com Lysimaco Costa; 1927-1928, Francisco Campos em Minas Gerais, no Distrito Federal (Rio de Janeiro), então capital da República, liderada por Fernando de Azevedo nos anos de 1927-1930).” (Emanuel Silva SANTOS e Claudinei do Camargo SANT’ANA. O ensino do desenho na escola primária em Salvador, Vitória da Conquista e Caetité (1925-1940): uma análise dos documentos. In: **Anais do 3º Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática**. - Encontro Nacional de História da Educação Matemática, 2016. Disponível em: <file:///C:/Users/Fatima/AppData/Local/Temp/6184-Texto%20do%20artigo-19525-1-10-20180717-1.pdf>

madeira), mostra de cadernos de caligrafia e desenhos. Entender o que os artefatos revelam, isto é, quais as possíveis práticas escolares subjacentes no processo de produção dos artefatos.

Nas palavras de Rosa Fátima de Souza (2007, p. 169, grifos nossos): “É preciso ter em vista que os **artefatos são produtos do trabalho humano**. (...) que os artefatos são indicadores de relações sociais e como parte da cultura material atuam como direcionadores e mediadores das atividades humanas, o que **confere aos objetos um significado humano**”.. Estudar os artefatos, nessa perspectiva, é pensá-los como objetos e também como produto das relações sociais. De acordo com Ulpiano Bezerra de Meneses (1983),

De um lado, eles são o resultado de certas formas específicas e historicamente determináveis de organização dos homens em sociedade (e este nível de realidade esta em grande parte presente, como informação, na própria materialidade do artefato). De outro lado, eles canalizam e dão condições a que se produzam e efetivem, em certas direções, as relações sociais. (MENESES, 1983, p. 113).

Sendo uma atividade humana, a produção de “artefatos materiais vinculam concepções pedagógicas, saberes, práticas e dimensões simbólicas do universo educacional.” (SOUZA, 2007, p. 165). Por esse motivo, adotamos o termo artefato ao invés do de objeto.

Nas Exposições Escolares também observamos os artefatos utilizados para o ensino. De acordo com Munakata (2012), o uso sistemático dos mais diversos materiais didáticos na escola esteve associado às mudanças ocorridas na virada do século XIX para o século XX, que buscava distanciar-se, contrapor-se ao denominado “ensino livresco”, deste modo, ocorre uma propagação com contato direto com as coisas, por meio da observação e experimentação. Nesse sentido, era recorrente nas exposições escolares a mostra desses artefatos de ensino usados por professores no processo de ensino-aprendizagem. Compreender os artefatos de ensino constitui-se numa expressão da cultura material escolar, na medida em que representam práticas educativas de determinados contextos históricos.

A cultura material é valorizada, pois, pela nova historiografia educativa como uma fonte essencial para o conhecimento do passado da escola em suas dimensões práticas e discursivas, toda vez que esse legado material confere identidade a uma cultura inventada (em parte também reinventada a partir da tradição) pelos atores que deram vida e forma a novos espaços e modos de sociabilidade da infância (...). (BENITO ESCOLANO, 2018, p. 105).

Sendo assim, as escolas são lugares onde se produzem cultura escolar. Considerando essas assertivas, organizamos esse capítulo em duas partes. A primeira, denominamos “**elaborando os artefatos das exposições escolares**”, na qual buscamos identificar e examinar a participação das disciplinas de Trabalhos Manuais e Trabalhos de Agulha nas

Exposições Escolares das escolas primárias, considerando que as exposições escolares representavam o ápice das atividades manuais desenvolvidas nessas disciplinas constituintes do currículo da escola primária, pois marcavam uma ação pedagógica de “(...) oposição à tradicional educação considerada beletриста, mnemônica e passiva.” (OLIVEIRA, 2019, p. 403), bem como compreender o processo de elaboração dos artefatos produzidos pelos alunos e alunas das escolas primárias. De certa forma, ao compreender as características de oferta dessas disciplinas nos ajuda a entender as práticas pedagógicas utilizadas na elaboração dos artefatos constituintes das Exposições Escolares.

Retomamos, nesse sentido, o conceito de Norbert Elias (2011), sobre o processo civilizador colocado em curso pelos republicanos no início do século XX, sobre a tônica de demarcação de um conjunto de ações educativas para formação de costumes e hábitos, notadamente, trabalho, asseio e ordem.

Na segunda parte intitulada, “**conhecendo os artefatos das exposições escolares**”, procuramos conhecer/identificar os diferentes artefatos produzidos pelos alunos e os artefatos em exposição, bem como aqueles utilizados para o ensino. É possível afirmar que as Exposições Escolares se utilizavam também do recurso presente em Exposições Universais e Pedagógicas, o papel de “vitrines” das inovações educacionais, pois eram colocados em exposição artefatos manuais (bordados, roupas etc.), quadros parietais, cadernos escolares, desenhos etc. Era uma forma de evidenciar a aplicabilidade e o efeito de eficácia dos métodos e artefatos de ensino adotados na escola primária no início do século XX.

2.1. ELABORANDO OS ARTEFATOS DAS EXPOSIÇÕES ESCOLARES: AS DISCIPLINAS DE TRABALHOS MANUAIS E TRABALHOS DE AGULHA

Em 1908, o Diretor da Instrução Pública, Sebastião Paraná, afirma:

Todos repetem que o Estado, instruído, se propõe **formar cidadãos úteis** ao lado de espíritos esclarecidos; educar intelectual e moralmente, **preparar no indivíduo as condições necessárias a realizar a Pátria**, o lema de nossa bandeira: Ordem e Progresso. Ordem garantida pela edificação moral e progresso, provável pela aquisição dos conhecimentos das leis naturais, a fim de atuar no mundo exterior. (PARANÁ, 1908, p. 56. grifos nossos).

Um dos mecanismos utilizados a “formar cidadãos úteis e preparar no indivíduo as condições necessárias a realizar a Pátria” (PARANÁ, 1908, p. 56), foi revestir as disciplinas de Trabalhos Manuais, de Agulha e Desenho, com novos rituais, conteúdos e instituir as Exposições Escolares como prática escolar para demonstrar os avanços e inovações da escola republicana. De acordo com Rosa Fátima de Souza (2008, p. 65), “os trabalhos manuais

foram inseridos nos programas do ensino primário com uma finalidade educativa de caráter geral. Tratava-se menos de aprender um trabalho específico e mais os princípios gerais do ofício.” Ainda, segundo Souza (2008, p.64), “o Desenho gozou de uma aceitação incontestada, talvez por estar associado à escrita e à formação estética. Já os Trabalhos Manuais e o ensino agrícola tiveram trajetórias contestadas”.

2.1.1 As disciplinas de trabalhos manuais e trabalhos de agulha

A palavra disciplina faz par com o verbo disciplinar. “Logo após a I Guerra Mundial, o termo ‘disciplina’ vai perder a força que caracterizava até então. Torna-se uma pura e simples rubrica que classifica as matérias de ensino” (CHERVEL, 1988, p. 180). Porém, já na segunda metade do mesmo século, “essa nova acepção da palavra é trazida por uma larga corrente de pensamento pedagógico que se manifesta (...), em estreita ligação com a renovação das finalidades do ensino secundário e primário.” (CHERVEL, 1988, p. 179). Nesse sentido, as disciplinas de Trabalhos Manuais e Trabalhos de Agulha ou, “do adestramento da mão, à formação da alma”⁵⁶, integraram-se como parte do currículo escolar brasileiro a partir do período imperial, mas foi no período republicano que assumiu relevância, introduzindo novas práticas e contornos diferenciados com a criação dos grupos escolares e a reorganização do papel da escola primária como instituição formadora. (OLIVEIRA e AMARAL, 2015).

A Reforma Couto Ferraz (Decreto nº 1333 de 17 de fevereiro de 1854), ainda no Império, previa na escola primária a oferta, para meninas, da disciplina de “bordados e trabalhos de agulha mais necessários” (BRASIL, 1854, p. 54). Em 1879, na Reforma Leôncio Carvalho (Decreto nº 7.247 de 19 de abril de 1879), no período imperial, o ensino primário foi dividido em 1º e 2º graus e se estabelece a obrigatoriedade de matrícula para ambos os sexos dos 7 aos 14 anos de idade. Dentre as disciplinas que deveriam ser ensinadas, conforme previa o artigo 4º, constava a “costura simples (para as meninas)”, e no 2º grau deveria ser acrescentado no programa “a prática manual de ofícios (para meninos) e trabalhos de agulha (para meninas).” (BRASIL, 1879, p. 198).

No ano de 1890, o início do período republicano, através do Decreto nº 981 de 8 de novembro, conhecida como Reforma Benjamin Constant, efetuou a reforma dos ensinos

⁵⁶ O termo foi utilizado por Maria dos Anjos Flôr Dias em sua tese de doutorado apresentada no Instituto de Estudos da Criança na Universidade do Minho, em 2009, intitulada “*Para uma genealogia da Educação Artística: história das disciplinas de Desenho, Trabalhos Manuais, Canto Coral e educação pelo Teatro na escola primária portuguesa, do primeiro quartel do século XIX a meados do século XX.*”

primário e secundário. Muito embora fosse destinada ao Distrito Federal, constituiu-se como referência para os demais estados da federação. Benjamin Constant foi o principal precursor do ideário positivista, fundado sobre os alicerces do progresso, da democracia e do pensamento liberal. O Decreto nº 981 de 8 de novembro de 1890, previa nos dispositivos legais, “Art. 2º A instrução primária, livre, gratuita e leiga, será dada no Distrito Federal em escolas públicas de duas categorias: 1ª) escolas primárias do 1º gráo; 2ª) escolas primárias do 2º gráo. § 1º. As escolas do 1º gráo admitirão alunos de 7 a 13 anos de idade, e as do 2º gráo, de 13 a 15 anos.” (BRASIL, 1890). O legislador ainda explicitou que o ensino primário deveria ser organizado em três etapas, ou seja, “Art. 3º § 1º Este ensino será repartido em **três cursos: o elementar (para alunos de 7 a 9 anos), o médio (para os de 9 a 11) e o superior (para os de 11 a 13)**, sendo gradualmente feito em cada curso o estudo de todas as matérias.” (BRASIL, 1890, grifos nossos).

É importante ressaltar que a denominação da disciplina de Trabalhos Manuais, destinada ao sexo feminino, tinha o nome de Trabalhos de Agulha e para os meninos Trabalhos Manuais. Nos quadros n. 10 e 11, a seguir, destacamos os conteúdos previstos no Decreto nº 981/1890, que deveriam ser ensinados nas disciplinas de Trabalhos Manuais e Trabalhos de Agulha.

QUADRO 10 - CONTEÚDOS DA DISCIPLINA DE TRABALHOS MANUAIS DA ESCOLA PRIMÁRIA DO 1º GRÁO, PREVISTOS NO DECRETO Nº 981 DE 08 DE NOVEMBRO DE 1890 – REFORMA BENJAMIN CONSTANT

ESCOLA PRIMARIA DO 1º GRÁO (7 a 13 anos)	
CURSO ELEMENTAR	
1ª CLASSE	2ª CLASSE
Trabalhos manuais - Trabalhos de papel. - Dobrado: figuras geométricas, ornatos, objetos simples. Recorte: figuras geométricas, ornatos, etc. Tecidos: desenhos, trabalhos com fitas; alfabeto, algarismos. Cartonagem - Recorte em forma de sólidos geométricos. Trabalhos para meninas - Exercícios froebelianos. Dobrado, tecido, trançado. Elementos de modelagem.	Trabalhos manuais - Cartonagem: caixas, estojos, carteiras, etc., revestidos de desenhos coloridos e tecidos; ornamentação destes objetos. Modelagem - Sólidos geométricos, ornatos simples. Moldagem - Reprodução dos melhores trabalhos modelados; objetos simples. Trabalhos para meninas - Continuação do programa precedente. Recorte de papel. Cartonagem simples. Tricot em lã.
CURSO MEDIO	
1ª CLASSE	2ª CLASSE
Trabalhos manuais - Trabalhos de madeira. Estudo dos principais utensílios empregados nos trabalhos em madeira. Aplainar, serrar, juntar por todos os processos. Trabalhos de agulha - Elementos de costura ponto adiante, ponto atrás, ponto de marca. Tricot em linha.	Trabalhos manuais - Continuação do programa precedente. Trabalhos de agulha - Pesponto; bainha; serzido; remendos. Costura simples (lenços, guardanapos, toalhas, lenços, aventais, etc.).
CURSO SUPERIOR	
1ª CLASSE	2ª CLASSE

<p>Trabalhos manuais - Trabalhos de madeira. Esboço dos contornos de objetos que se tem de executar; construção destes objetos. Torneados: maçanetas, rolos, cabos de instrumentos. Recortes: molduras, caixas, etc. Conhecimento e uso dos principais utensílios empregados no trabalho do ferro. Trabalhos de agulha - Tricot e crochet. Trabalhos de marca. Franzidos: picados, botoeiras, etc. Noções de corte e fabrico de vestidos simples e fáceis.</p>	<p>Trabalhos manuais - Desenvolvimento do programa precedente. Exercícios de lima e torno para ferro.</p> <p>Trabalhos de agulha - Corte e fabrico de roupas simples: enxoval de criança, roupas de homem e de mulher. Bordados.</p>
--	--

FONTE: Quadro elaborado pela autora, com base no Decreto nº 981 de 08 de novembro de 1890, aprova o Regulamento da Instrução Primária e Secundária do Distrito Federal - Reforma Benjamin Constant. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-981-8-novembro-1890-515376-publicacaooriginal-1-pe.html> - acesso 05/04/018.

QUADRO 11 - CONTEÚDOS DA DISCIPLINA DE TRABALHOS MANUAIS DA ESCOLA PRIMÁRIA DO 2º GRÃO, PREVISTOS NO DECRETO Nº 981 DE 08 DE NOVEMBRO DE 1890 – REFORMA BENJAMIN CONSTANT

ESCOLA PRIMÁRIA DO 2º GRÃO (13 aos 15 anos)
1ª CLASSE
<p>Trabalhos manuais - Trabalho em madeira e conhecimento das madeiras brasileiras mais empregadas na indústria. Serrar, perfurar, aplainar, ajustar, torneiar: 3 horas.</p> <p>Trabalhos de agulha - Corte, costura e bordado de roupas brancas: camisas, corpinhos, calças, saias e paletó. Cezido artístico em linho e algodão.</p>
2ª CLASSE
<p>Trabalhos manuais (para o sexo masculino) - Trabalho em madeira (continuação do programa precedente). Trabalho em ferro. Exercícios de lima e torno: 2 horas.</p> <p>Trabalhos de agulha - Corte e costura enfeite por figurinos, de roupa de senhora e de criança. Cezido em lã e seda. Conserto de filô e rendas. Preparo dos estofos; reprodução e modificação de desenhos. Diversos processos de esterzido. Uso da máquina de costura movida a mão.</p>
3ª CLASSE
<p>Trabalhos manuais - Trabalho em ferro: limar, martelar, forjar, soldar, perfurar, torneiar, ajustar. Desenho de pequenos objetos e execução deles: 2 horas.</p> <p>Trabalhos de agulha - Obras de fantasia, inclusive o macramé. Fabrico de espartilhos, flores e de toucados ou chapéus para senhora.</p>

FONTE: Quadro elaborado pela autora, com base no Decreto nº 981 de 08 de novembro de 1890, aprova o Regulamento da Instrução Primária e Secundária do Distrito Federal - Reforma Benjamin Constant. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-981-8-novembro-1890-515376-publicacaooriginal-1-pe.html>. Acesso 05/04/018.

Como podemos observar nos Quadros 10 e 11, as disciplinas deveriam ser ofertadas em todo o ensino primário, nos chamados 1º e 2º grãos para os alunos de 7 a 15 anos. Nas séries iniciais os alunos elaboravam artefatos utilizando o papel como matéria prima; nas séries intermediárias, a madeira, e, nas séries finais, o ferro. Na disciplina destinada às meninas, os conteúdos ofertados respeitavam à faixa etária, de modo que nas séries iniciais

eram desenvolvidos os “Exercícios Froebelianos”⁵⁷ e os trabalhos de cartonagem; nas séries intermediárias pequenas costuras, tricot e crochê etc; nas séries finais as costuras a máquina, modelagem de roupas, chapéus e bordados etc.

O novo regime não se incumbiu da organização e manutenção da instrução pública numa perspectiva de implantação de um sistema nacional de ensino. Tal tarefa ficou a cargo dos estados. A antiga autonomia, conferida às Províncias, após a Constituição do Império, pelo Ato Adicional de 1834, manteve-se na República em relação **aos Estados, atribuindo-lhes competência para legislar sobre assuntos como educação**. Essa dualidade legal prevaleceu na República até meados do século XX. (OLIVEIRA, 2001, p. 144, grifos nossos).

Deste modo, no estado do Paraná, a disciplina também foi regulamentada através do Decreto nº 35 de 09 de fevereiro de 1895, pelo então Governador do estado, Sr. Francisco Xavier da Silva no qual previa, no “Art. 5º - O ensino primário compreenderá as seguintes matérias: 1º grão – (...) trabalhos de agulha e obras de mão para as meninas; 2º grão – (...) costura, bordado e corte, para as meninas.” (PARANÁ, 1895). A disciplina de Trabalhos Manuais foi regulamentada após cinco anos da publicação do Decreto nº 981 em fevereiro de 1890. A legislação paranaense não foi minuciosa na indicação dos conteúdos da disciplina de Trabalhos de Agulha e também não há menção da oferta desta para os meninos, como no Regulamento de Benjamin Constant, do Distrito Federal, contudo, ainda que incipiente, os conteúdos foram indicados no referido Regulamento da escola primária paranaense.

A mesma normativa se repete no Regulamento da Instrução Pública do Estado do Paraná no ano de 1901, Decreto nº 93 de 11 de março de 1901. Isto é, o teor dos artigos são os mesmos da redação do Decreto nº 35 de 09 de fevereiro de 1895.

No ano de 1903 é publicado novo Regulamento da Instrução Pública do Paraná, através do Decreto nº 263 de 22 de outubro de 1903, no qual é aprimorado o conjunto de conteúdos que deveriam ser ensinados na escola primária, no que diz respeito às disciplinas de Trabalhos Manuais e Trabalhos de Agulha. Deste modo, no anexo 1 do referido regulamento, consta o “Programa das escolas primárias” detalhando os conteúdos a serem ensinados nos 1º e 2º grãos, distribuídos nas 5 (cinco) séries do ensino primário. Destacamos no Quadro 12 apenas os conteúdos das disciplinas de Trabalhos Manuais e Trabalhos de Agulha, são eles:

⁵⁷Exercícios froebelianos – “(...) Escola Froebeliana – Jardim de Infância - caracteriza-se por atividades como canto, jogos, pinturas, palestras, jardinagem, modelagem, olhar gravuras e a ouvir histórias.” <https://pedagogiaaopedaletra.com/froebel-e-o-primeiro-jardim-de-infancia/> - consulta em 10/04/2018.

QUADRO 12 - CONTEÚDOS DA DISCIPLINA DE TRABALHOS MANUAIS DA ESCOLA PRIMÁRIA DO 1º E 2º GRÁOS, PREVISTOS NO DECRETO Nº 263 DE 22 DE OUTUBRO DE 1903 – PARANÁ.

1ª SÉRIE DO 1º GRÃO	2ª SÉRIE DO 1º GRÃO
Trabalhos de agulha para meninas, trancinhas de crochet, marcar com lã em talagarça. Os primeiros pontos de costura, alinhavo, costura de ponto atrás e pesponto.	Trabalhos de agulha – para meninas – pontos de cerro e de remate e sobre costura. Ceziduras, remendos, franzidos, pregas e bainhas, casear e pregar botões.
1ª SÉRIE DO 2º GRÃO	2ª SÉRIE DO 2º GRÃO
Trabalho manual – para meninas – revisão do 1º grau. Pontos de marca, letras e nomes, bordados simples, crochet em guardanapos, entremeios, toucas, etc.	Trabalho manual – para meninas, corte por molde, confecção de roupas para crianças; flores e outros enfeites para sala.

FONTE: Quadro elaborado pela autora, com base no Relatório do Secretário da Instrução Pública do Paraná do ano de 1903.

Os conteúdos das disciplinas pouco se alteraram nos demais Regulamentos da Instrução Pública do Paraná, ou seja, em 1908, Decreto nº 479; em 1915, Decreto nº 710; em 1928, Decreto nº 1.857. Nesse sentido, a orientação inicial se fez presente até o ano de 1928. O almejado projeto civilizatório republicano instaurado na escola primária paranaense foi incipiente em relação ao que previa a Reforma Benjamin Constant. O ordenamento jurídico da Instrução Pública no Paraná se limitou ao mínimo, no que diz respeito aos conteúdos das disciplinas de Trabalhos Manuais e Trabalhos de Agulha, ficando a cargo das professoras a escolha do que ensinar.

No início do século XX, o jornal *A República*, em 05 de setembro de 1912, emite uma nota enaltecendo o trabalho das alunas na disciplina de Trabalhos Manuais, em razão das Exposições Escolares que foram retomadas pelo Diretor da Instrução Pública, Claudino dos Santos: “após uma interrupção de 4 ou 5 anos, vamos apreciar de novo os certames anuais de trabalho das alunas das escolas públicas do estado. Desnecessário encarecer o valor, a utilidade mesmo para o ensino, das exposições escolares, bastando lembrar que o estímulo resultante d’elas muito **atuará no espírito da infância que aprende, induzindo-a ao trabalho** e aos estudos (...).” (A REPÚBLICA, 1912, grifos nossos).

De acordo com Souza (2014), a escola:

(...) reportava a uma clara concepção de ensino; **educar pressupunha um compromisso com a formação integral da criança** que ia muito além da simples transmissão de conhecimentos úteis dados pela instrução e **implicava essencialmente a formação do caráter mediante a aprendizagem social - obediência, asseio, ordem, pontualidade, amor ao trabalho, honestidade**, respeito às autoridades, virtudes morais e valores cívicos – patrióticos necessários à formação do espírito de nacionalidade. (2014, p. 127, grifos nossos).

As aulas de Trabalhos Manuais e de Trabalhos de Agulha destacavam e valorizavam as atividades consideradas femininas. Segundo Roberta Maria de Melo Araújo, em pesquisa realizada sobre “*O ensino da Arte em Escola de Mulheres*”, que trata do ensino das artes no Colégio Nossa Senhora das Dores (MG) no final do século XIX e início do século XX, discute o ensino do desenho e dos trabalhos manuais no processo de formação das alunas do Colégio. A autora explicita que os jornais da cidade de Uberaba do ano de 1901 mencionavam que o ensino dos Trabalhos Manuais tinha “por fim (...) a formação de boas mães de família, e de criadas ou servas que possam vantajosamente substituir as escravas.” (ARAÚJO, 2011, p. 63). Destaca ainda a autora que, “além de os trabalhos manuais serem considerados atividades femininas, relacionadas com a organização do lar, representavam ofícios realizados no ambiente privado.” (ARAÚJO, 2011, p. 64). “Os trabalhos manuais também eram utilizados como uma forma de ocupação do tempo das mulheres burguesas: assim como no ato da leitura, ficavam horas a bordar, recolhidas no ambiente doméstico.” (ARAÚJO, 2011, p. 67). Quanto mais ficassem ocupadas no ambiente restrito do lar, menos tempo teriam para se envolver em atividades públicas. Com isso, ocorre um processo de reclusão da mulher ao ambiente doméstico, aos afazeres e os cuidados com os adornos do lar, são saberes e práticas que acabam sendo reforçadas na escola. O papel de regeneradoras morais da sociedade atribuído às mulheres era reforçado pela oferta das disciplinas de Desenho, Pintura, Trabalhos Manuais, Canto Orfeônico e Piano.

A sociedade no final do século XIX e início do século XX restringiu o espaço das mulheres burguesas aos limites do mundo privativo da família.

O discurso modernizador e republicano que se expandiu durante o fim do século XIX e início do XX no Brasil deu mais ênfase à necessidade de proteger as mulheres para que bem criassem seus filhos, o que possibilitaria a reconstrução da nação. A mãe era exaltada como a primeira responsável pela educação dos filhos sobre valores morais e princípios, que subsequentemente levariam esse aprendizado para as futuras gerações. (ALMEIDA, 2020, p. 21).

Ainda segundo Almeida (2020, p. 21), os “anos 1910 era cada vez mais necessário dominar vários conhecimentos de organização do lar, finanças, saúde, alimentação, vestuário, etc. Conhecimentos que deveriam ser aplicados principalmente para educar seus filhos, mas também importantes diante das exigências dos novos tempos (...)”

Quanto às mulheres operárias, segundo Roseli Boschilia (2010, p. 43), “os ramos que mais absorviam o trabalho das mulheres foram aqueles cuja produção anteriormente se fazia nos quadros domésticos e eram consideradas atribuições femininas”. Ainda pontua a autora,

“durante as décadas de 1920 a 1930, (...) as mulheres curitibanas principalmente as menores de idade podiam ser encontradas em número considerável nas fábricas de fiação e tecelagem, fitas e fitilhos.” (BOSCHILIA, 2010, p. 57).

Assim, as mulheres que tivessem de adentrar no mundo do trabalho, na busca da subsistência, o ambiente mais adequado seria exercer a atividade profissional com outras mulheres elaborando enxovais, roupas, chapéus e demais ornamentos femininos. A diferenciação de saberes, introduzido pela disciplina de Trabalhos Manuais, sobretudo, Trabalhos de Agulha ocasionavam “mecanismos disciplinares (...) que permitiam, através de técnicas e de formas de valoração cognitiva e estética, vincular os sujeitos a papéis e classes sociais distintas” (DIAS, 2009, p. 182). Em outras palavras, a diferenciação dos conteúdos escolares entre meninos e meninas, como menciona Maria Flôr dos Anjos Dias, ao realizar pesquisa sobre a História da Disciplina de Trabalhos Manuais em Portugal:

(...) no seu conjunto, as alterações propostas configuram um aparato disciplinar capaz de produzir, com a inclusão ou exclusão de determinados saberes, nomeadamente do trabalho manual, efeitos de diferenciação nos sujeitos escolares. Efetivamente a reforma, ao manter e até ao alargar o tempo curricular do trabalho manual, reiterava a importância deste na educação do sexo feminino. (DIAS, 2009, p. 181).

Tais saberes vão imprimir e reforçar a perspectiva da função social da mulher como sexo frágil, inferior cognitiva e fisicamente, pois coser, bordar, costurar seriam, nesta acepção, atividades unicamente femininas, ratificadas no universo escolar. As representações presentes nos jornais no início do século XX referente aos artefatos produzidos pelas alunas demonstram essa conotação; “(...) os múltiplos e delicados mimos confeccionados pela infância feminina, sob a vigilância e direção das esforçadas professoras.” (A NOTÍCIA, 1905, p. 03). Nesse sentido, os artefatos produzidos pelas alunas eram restritos aos “encantos do lar”, ou seja, os trabalhos de agulha e de flores eram para embelezar o lar.⁵⁸

As disciplinas de Trabalhos Manuais e Trabalhos de Agulha não eram ofertadas unicamente na escola primária. A Escola Normal também previa a disciplina de Trabalhos

⁵⁸ Consultar a dissertação de Graciele Dellalibera de Mello. “*As representações de gênero e a educação feminina no Paraná Oitocentista (1849-1886)*”, UFPR: Curitiba, 2018. Segundo a autora: “a pesquisa tem como objeto de estudo as representações de gênero e a educação feminina proposta pelos colégios particulares no Paraná Oitocentista, durante o período de 1849 a 1886. O problema incide em saber que tipo de instrução feminina teria ocorrido nos colégios particulares da região do Paraná na delimitação temporal escolhida. A hipótese do trabalho é a de que, no período de 1849 a 1886, dialogando com as representações de gênero vigentes, os colégios particulares femininos existentes na região propuseram-se a ofertar às meninas, das classes médias e altas, a exemplo do que ocorria em outras províncias, uma educação pautada no ideal de mulher burguesa, detentora de certos dotes intelectuais, domésticos e artísticos que deveriam estar a serviço da família.”

Manuais no currículo da futura professora com vistas ao preparo da normalista para o ensino dos saberes manuais na escola primária.

FIGURA 7 - UMA AULA DE TRABALHOS MANUAIS DO GRUPO ESCOLAR DR MANOEL PEDRO NA CIDADE DA LAPA/PR – 1920.



FONTE: Grupo Escolar Dr Manoel Pedro, cidade da Lapa – 1920 - Coleção Guilherme Glück – Museu da Imagem e do Som – MIS – Paraná.

A figura nº 07 exemplifica uma aula de Trabalhos Manuais no Grupo Escolar Dr. Manoel Pedro⁵⁹, na cidade da Lapa-PR. Os alunos estão divididos em três grupos: na primeira fileira à esquerda as do sexo feminino e, aparentemente, as crianças menores realizam os chamados Trabalhos de Agulha; na fileira central as meninas maiores também elaboram os Trabalhos de Agulha, mais aprimorados, com o uso do bastidor, e as toalhas tem uma dimensão maior, como também utilizam as agulhas de tricot; os alunos da fileira à direita confeccionam Trabalhos Manuais, utilizando ferramentas para o corte da madeira, outros realizam trabalhos utilizando as próprias mãos, o que chamamos de macramê. Para melhor compreender as várias técnicas citadas, destacamos 5(cinco) detalhes na figura acima.

⁵⁹ “Entre 1895 (data aproximada da construção) e no ano de 1911 o lugar foi denominado de ‘Casa Escolar da Lapa’. Somente em 1911 é que passou a ser denominada de Grupo Escolar Dr Manoel Pedro. (...) A estrutura original do Grupo Escolar Dr Manoel Pedro, uma escola pública e gratuita, indicava que era estruturada para comportar quatro salas de aula: duas para meninas e duas para meninos.” (LIMA, 2015, p. 220-231). Disponível em:

<https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/52990/R%20-%20T%20-%20EDERSON%20PRESTES%20SANTOS%20LIMA.pdf?sequence=1&isAllowed=y> – acesso 02/02/2019.

FIGURA 8 - TRABALHOS MANUAIS: DETALHE 1 - ALUNOS CONFECCIONANDO ARTEFATOS DE MADEIRA COM USO DE FERRAMENTA



FONTE: Grupo Escolar Dr Manoel Pedro, cidade da Lapa – 1920 - Coleção Guilherme Glück – Museu da Imagem e do Som – MIS – Paraná.

Evidenciamos nessa figura o processo de confecção dos artefatos escolares produzidos pelos alunos utilizando como matéria prima a madeira. Em destaque duas ferramentas “a serrinha” e o “formão”. O conteúdo programático previsto na Reforma Benjamin Constant (Decreto nº 981/1890), anteriormente citada, previa o ensino dos seguintes conteúdos na Escola Primária do 1º Grão (7 a 13 anos):

Trabalhos manuais - Trabalhos de madeira. Estudo dos principais utensílios empregados nos trabalhos em madeira. Aplainar, serrar, juntar por todos os processos. Trabalhos de madeira. Esboço dos contornos de objetos que se tem de executar; construção destes objetos. Torneados: maçanetas, rolos, cabos de instrumentos. Recortes: molduras, caixas, etc. Conhecimento e uso dos principais utensílios empregados no trabalho do ferro. (BRASIL, 1890).

Com essas ferramentas eram confeccionados pequenos artefatos, tais como: porta lápis, biombos, bibelots, caixinhas etc. A introdução e utilização desse conjunto de ferramentas “não é neutra e sua incorporação à prática escolar carrega sempre valores culturais agregados à sua materialidade física e funcional, definindo os modos pedagógicos de conceber o ensino.” (ESCOLANO BENITO, 2018, p. 105). Também vale destacar a diferenciação na formação dos indivíduos para colocação em diferentes funções na divisão social do trabalho, considerando aqui a escola primária pública. Isto é, no caso dos meninos, futuros homens, o desenvolvimento em atividades produtivas de marceneiros, serralheiros etc. No caso das meninas, futuras mães e dona de casa, os ensinamentos recaem no preparo para lidar com as prendas relativas ao ambiente doméstico.

Também destacamos outro grupo de alunos confeccionando artefatos, cuja matéria prima é a corda/fio, no qual utilizam a técnica do macramê.

FIGURA 9 - TRABALHOS MANUAIS: DETALHE 2 - ALUNOS UTILIZANDO A TÉCNICA DO MACRAMÊ PARA CONFEÇÃO DE SACOLAS E DEMAIS ARTEFATOS



FONTE: Grupo Escolar Dr Manoel Pedro, cidade da Lapa – 1920 - Coleção Guilherme Glück – Museu da Imagem e do Som – MIS – Paraná.

Dois alunos do lado direito, em pé, exibem uma sacola confeccionada com fios para demonstrar a técnica do macramê. Na terceira fileira, outro aluno realiza a amarração, a trama com os fios utilizando a técnica do macramê. O **macramê** é uma técnica para tecer fios que não utiliza nenhum tipo de ferramenta ou maquinário. A trama dos fios é tecida com os dedos, os fios vão se cruzando e o artesão vai dando “nó”. A palavra macramê significa “nó” e não se sabe com precisão a origem da palavra.⁶⁰

Na segunda parte desse capítulo ampliamos o debate sobre as variadas técnicas utilizadas na confecção dos artefatos da disciplina de Trabalhos Manuais e Trabalhos de Agulha. Destacamos os artefatos utilizados para o ensino dessas técnicas e os artefatos produzidos pelos alunos que estariam em Exposição no final do ano letivo.

A seguir, destacamos a elaboração dos artefatos confeccionados com as agulhas (agulha para bordar e costurar, agulha de crochê e agulha de tricot) e bastidores, utilizados na disciplina de Trabalhos de Agulha.

⁶⁰ Há no jornal paranaense *Diário da Tarde* a divulgação de loja que vendia muitos destes objetos “ A Jerusalem”, de Jorge Kalluf & Irmãos, localizada na Praça Tiradentes, 607- Disponível em: <http://memoria.bn.br/DocReader/docreader.aspx?bib=800074&pasta=ano%20190&pesq=%22%20Jorge%20Kalluf%20%20Irm%C3%A3os%22&pagfis=41092> – acesso 17/07/2020.

FIGURA 10 - TRABALHOS DE AGULHA: DETALHE 3 - ALUNA BORDANDO UTILIZANDO O BASTIDOR REDONDO E ALUNA BORDANDO SEM O USO DO BASTIDOR



FONTE: Grupo Escolar Dr Manoel Pedro, cidade da Lapa – 1920 - Coleção Guilherme Glück – Museu da Imagem e do Som – MIS – Paraná.

FIGURA 11 - TRABALHOS DE AGULHA: DETALHE 4 - ALUNA BORDANDO UTILIZANDO O BASTIDOR RETANGULAR

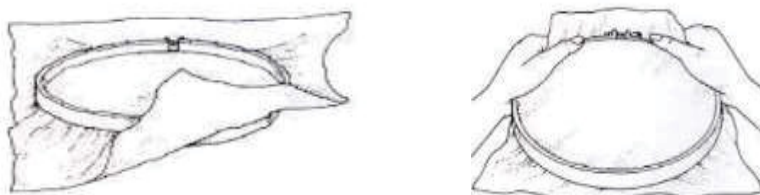


FONTE: Grupo Escolar Dr Manoel Pedro, cidade da Lapa – 1920 - Coleção Guilherme Glück – Museu da Imagem e do Som – MIS – Paraná.

Os artefatos produzidos na disciplina de Trabalhos de Agulha, ministrada nas escolas primárias, sobretudo nos Grupos Escolares, eram: toalhas, almofadas e roupas. Também era utilizada a máquina de costura, tanto para confecção de roupas ou para bordar. Os bordados eram produzidos com ou sem o auxílio do bastidor. Os bordados confeccionados com a máquina de costura obrigatoriamente devem utilizar o bastidor. O bastidor é um objeto

utilizado para bordar constituído de dois aros com dimensões diferentes que possibilitam prender o tecido que tem por objetivo esticar o tecido e torná-lo mais estável/firme e também para delimitar a área a ser bordada tanto a mão como a máquina. Existem vários tipos e tamanhos de bastidores, o mais usual são os redondos, como podemos observar na figura nº 12.

FIGURA 12 - COMO UTILIZAR O BASTIDOR REDONDO



FONTE: Figura retirada da dissertação de mestrado de Paulo Fernando Teles de Lemos e Silva, intitulada “*Bordado Tradicional Portugueses*”, apresentada na Universidade do Minho em 2006, p. 63. Disponível em : https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6723/1/TESE_PAULO.pdf – acesso em 04/02/2019.

As revistas femininas do início do século XX divulgavam, dentre outras coisas, um tipo de bastidor quadrado com suporte, utilizado para bordar.

FIGURA 13 - BASTIDOR QUADRADO COM SUPORTE



FONTE: Revista Feminina, 1927. Disponível em: <file:///C:/Documents%20and%20Settings/User/Meus%20documentos/Downloads/revista-feminina-1927-156.pdf>

Os pontos de bordado são variados e foram trazidos pelos imigrantes portugueses ao chegarem no Brasil. Por sua vez “os Bordados Portugueses tiveram diversas influências vindas do exterior, de grandes centros polissadores das grandes correntes artísticas. Os países onde existiram os centros mais importantes entre os séculos XII e XVI foram: a Inglaterra, a

Itália, a França, os Países Baixos, a Alemanha, a Espanha e a Suíça.” (SILVA, 2006, p. 02). A arte de bordar é praticada ainda hoje em variadas regiões de Portugal. Segundo Paulo Fernando Teles de Lemos e Silva (2006, p. 03), os “bordados têm características regionais (...) e salientam-se os de Castelo Branco, Arraiolos, Nisa, Ilha de S.Miguel (Açores), Madeira, Tibaldinho e Alcafache, Lixa, Guimarães e Viana do Castelo”. No Brasil, a tradição de bordar quase sempre esteve restrita às mulheres e destinava-se inicialmente, como já mencionamos, para embelezar o lar e as roupas, assim como os demais adornos dos enxovais femininos. Foi introduzido no currículo escolar no período Imperial e ganhou relevância no início da República, com a implantação das disciplinas de Trabalhos de Agulha e Trabalhos Manuais.

FIGURA 14 - TRABALHOS DE AGULHA: DETALHE 5 - ALUNA UTILIZANDO AGULHAS DE TRICOT



FONTE: Grupo Escolar Dr Manoel Pedro, cidade da Lapa – 1920 - Coleção Guilherme Glück – Museu da Imagem e do Som – MIS – Paraná.

No Decreto nº 263 de 23 de outubro de 1903 da Reforma da Instrução Pública do Paraná, estabelecia que os conteúdos das disciplinas de Trabalhos Manuais e Trabalhos de Agulha seriam:

Trabalhos de agulha para meninas, trancinhas de crochet, marcar com lã em talagarça. Os primeiros pontos de costura, alinhavo, costura de ponto atrás e pesponto. **Trabalhos de agulha** – para meninas – pontos de cerro e de remate e sobre costura. Cerziduras, remendos, franzidos, pregas e bainhas, casear e pregar botões. **Trabalho manual** – para meninas – revisão do 1º grau. Pontos de marca, letras e nomes, bordados simples, crochet em guardanapos, entremeios, toucas, etc. **Trabalho manual** – para meninas,

corte por molde, confecção de roupas para crianças; flores e outros enfeites para sala. (PARANÁ, 1903).

Basicamente as alunas confeccionavam artefatos para o adorno do lar e aprendiam as técnicas de costura para confecção e conserto de roupas do vestuário.

Também podemos observar na Figura 07 que era uma sala de aula adaptada para realização de trabalhos manuais. A falta de salas adequadas para as disciplinas de Trabalhos Manuais e de Agulha é um fato importante a ser destacado. O Relatório do sr. Roberto Emílio Mongruel, diretor da Escola Normal do município de Ponta Grossa, de 1928, publicado em 1929, relata:

Luta esta Diretoria com grandes embaraços para a boa marcha do ensino desta disciplina **por falta de material, e de uma sala** para esse fim. Tomo a liberdade de apresentar a V. Exa. a ideia de se **abrir os porões** desta Escola, **para neles serem instaladas, a sala de trabalhos manuais** da Escola de Aplicação⁶¹, Almoxarifado, depósito, etc. (MONGRUEL, Relatório, 1929, p. 175, grifos nossos).

Às Exposições Escolares era destinado o “glamour”, para o ensino da disciplina, os “porões”. Segundo Souza (2008, p. 66), “(...) as dificuldades dessa matéria se consolidar no ensino primário foram imensas, especialmente nas seções masculinas.”. Ainda segundo a autora,

O que justificaria a desvalorização dos trabalhos manuais pelos professores, pais e alunos? Falta de material, local adequado e formação específica dos professores foram muitas vezes assinalados como justificativas pedagógicas. De fato, os tipos de atividades previstas para as seções masculinas exigiam locais e materiais específicos, redundando em maior ônus para o Estado. O mesmo não ocorria com as atividades das seções femininas, mais próximas dos trabalhos executados pelas mulheres no espaço doméstico. Mas, possivelmente, tenha sido a concorrência entre saberes acadêmicos e profissionais a causa do descrédito desse conteúdo nas escolas. (SOUZA, 2008, p. 66).

Souza (2008) nos alerta que o não atendimento das necessidades materiais enfrentadas pela disciplina de Trabalhos Manuais e Trabalhos de Agulha recaía em “justificativas pedagógicas”. O aspecto fundamental foi o não atendimento dos insumos/materiais para confecção dos artefatos e salas adequadas e equipadas, conforme afirma Veiga (2018, p. 49-50): “o Estado republicano atuou de modo muito desigual na manutenção material e econômica das escolas primárias, sendo que a grande parte delas obteve recursos insuficientes, além de que a população foi responsabilizada pelo insucesso

⁶¹ Nas Escolas Normais funcionavam as **Escolas de Aplicação**, que eram escolas primárias utilizadas pelas normalistas para estagiar, colocar em prática os conteúdos aprendidos na Escola Normal.

escolar”. Ainda, segundo Souza (2008, p. 66), os “artigos publicados na Revista de Ensino criticavam a pouca importância dada à disciplina nas escolas paulistas. Ressaltavam a falta de método e o fato de os professores assumirem o acabamento dos objetos confeccionados pelos alunos”.

A manifestação do Diretor da Escola Normal de Ponta Grossa revela que o propalado discurso laudatório das autoridades e da imprensa sobre a educação e o projeto civilizador colocado em curso pelos republicanos não se efetivou. Que chegado os últimos anos da chamada *Primeira República*, a *res publica*, uma *coisa para todos*, ainda não havia cumprido suas promessas de expansão dos direitos, o devido provimento de materiais para o ensino e a qualificação profissional dos professores.

Retomando as imagens em destaque sobre os trabalhos manuais, é preciso registrar que o exame da fotografia, segundo Bencostta (2006), nos permite compreender que:

(...) mesmo que, teoricamente, existam concepções miméticas tradicionalistas que aceitem a fotografia como uma simples impressão (*impressio*) ou espelho (*speculum*) da realidade, ela é muito mais uma construção imaginária erigida histórica e socialmente, que não deixa de ser metaforizada e idealizada. (p. 315).

Ainda, “a imagem não é uma simples representação da realidade, mas um sistema simbólico” (BENCOSTTA, 2006, p. 315). Deste modo, a tônica dos republicanos era propagar os benefícios oriundos das disciplinas de Trabalhos Manuais e de Agulha na formação do cidadão republicano, na difusão de valores como o amor à pátria, o nacionalismo e o trabalho. A imagem da sala de aula (Figura 07) trás essas representações, ou seja: o trabalho, a ordem e o asseio.

Na segunda metade do século XIX, o culto ao trabalho constituiu-se no principal ideário do mundo capitalista, cujo princípio foi exaltado pelo ideário positivista em seu hino ao trabalho, inspirado pelo otimismo da livre concorrência e pela defesa das liberdades como fontes imprescindíveis para o progresso humano. (SILVA, 2004, p. 14).

Outro autor que nos auxilia na compreensão desses valores é Marcus Taborda de Oliveira (2019, p. 386), quando afirma que “a relação entre educação escolar e trabalho pressupunha a mobilização dos sentidos para o desenvolvimento de sensibilidades apropriadas para um ‘novo mundo’ que pretendia estimular a ação (...)”. E, segundo Souza (2008, p. 64) “(...) a introdução de saberes profissionais no ensino primário foi vista como parte imprescindível da formação integral do cidadão”.

Várias ferramentas (a serrinha, o formão, as agulhas etc) adentraram no espaço escolar para a elaboração dos artefatos escolares. A máquina de costura foi uma delas. A máquina de costura⁶² era uma ferramenta utilizada para o bordado e confecção de roupas.

Para as mulheres que imigravam para o Brasil, possuir uma máquina de costura significava um novo tipo de status social - a de uma possível possuidora de um ateliê. Em escolas, conventos ou em casa, as meninas eram treinadas desde cedo para dominarem a máquina e se tornarem possíveis geradoras de uma renda familiar extra. Algumas famílias remediadas davam às moças que casavam uma máquina, sabendo que seria muito usada no dia a dia da fabricação das roupas familiares, mas também poderia significar uma renda extra em tempos difíceis. (MONTELEONE, 2019, p. 7-8).

Deste modo, considerando a necessidade da formação de mão de obra feminina, a máquina de costura era uma ferramenta indispensável nas escolas profissionais femininas. Na Figura 15, podemos visualizar uma aula de Costura e Bordados da Escola Profissional Feminina. A Escola Profissional Feminina⁶³ funcionava na capital paranaense e foi

criada em 1917, pelo Decreto Estadual nº 548 de 8 de agosto do referido ano, a Escola Profissional Feminina de Curitiba foi destinada a atender o público feminino na aprendizagem de artes aplicadas às indústrias, tendo em vista acompanhar o cenário produtivo nacional bem como do mundo ocidental pelo viés do aperfeiçoamento dos ofícios voltados para as artes aplicadas nos trabalhos manuais. É procedente da Escola de Desenho e Pintura, idealizada e dirigida por Antonio Mariano de Lima em 1886, que restringia suas atividades ao ensino dessas duas modalidades de trabalho artístico: o desenho e a pintura. (FREITAS, 2011, p. 16).

Ao sofrer esse processo de reorganização, a Escola Profissional Feminina passou a ofertar também cursos de bordados, costura e confecção de chapéus, pintura e desenho. A Figura 15 nos permite observar como era organizada a aula de costura e bordados na Escola Profissional Feminina.

⁶² MONTELEONE, Joana de Moraes. Costureiras, mucamas, lavadeiras e vendedoras: o trabalho feminino no século XIX e o cuidado com as roupas (Rio de Janeiro, 1850-1920). In: **Rev. Estud. Fem.** vol.27 no.1 Florianópolis, 2019 Epub, Feb 21, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2019000100207&script=sci_arttext#B31 – acesso 17/07/2020.

⁶³ Ver a dissertação de mestrado de Danielle Gross de FREITAS, intitulada: *Entre ofícios e prendas domésticas: a Escola Profissional Feminina de Curitiba (1917-1974)*, UFPR, 2011, cujo orientador foi o Prof. Dr. Marcus Levy Bencostta. Disponível em: http://www.ppge.ufpr.br/dissertacoes%20m2011/m2011_Danielle%20Gross%20de%20Freitas.pdf – acesso em 20/05/2019.

FIGURA 15 - AULA DE COSTURA E BORDADOS - ESCOLA PROFISSIONAL FEMININA – 1929



FONTE: Relatório do Diretor da escola enviado ao Inspetor Geral da Instrução Pública de 1928, publicado em 1929- DEAP-PR.

A Figura 16 pertence ao acervo do Museu da Imagem e do Som do Paraná (MIS-PR), do fundo do fotógrafo Guilherme Glück⁶⁴, e trata-se de uma aula de bordado e costura com a utilização da máquina de costura. Tudo indica que a sala de aula não era ofertada em um espaço institucional, como na Escola Profissional Feminina de Curitiba. De todo modo, como menciona Danielle Gross de Freitas (2011, p. 16), destinava-se a “atender o público feminino na aprendizagem de artes aplicadas às indústrias, tendo em vista acompanhar o cenário produtivo nacional bem como do mundo ocidental pelo viés do aperfeiçoamento dos ofícios voltados para as artes aplicadas nos trabalhos manuais”.

⁶⁴ Ver tese de doutorado de Ederson Prestes Santos Lima, intitulada: *História, memória e educação no olhar fotográfico de Guilherme Glück (Lapa/PR, 1920-1953)*, UFPR, 2015, cujo orientador foi o Prof. Dr. Marcus Levy Bencostta. Disponível em: <https://acervodigital.ufpr.br/bitstream/handle/1884/52990/R%20-%20T%20-%20EDERSON%20PRESTES%20SANTOS%20LIMA.pdf?sequence=1&isAllowed=y> – acesso em 20/05/2019.

FIGURA 16 - AULA DE BORDADOS -1920



FONTE: Museu da Imagem e do Som do Paraná (MIS), fundo: Guilherme Glück, 1920.

O aparecimento das primeiras máquinas no processo de industrialização brasileira, no início do século XX, era incipiente e demandava um aprendizado na escola, num ritual no qual os cuidados com o corpo, a disciplina e a higiene deveriam ser centrais na formação das crianças, assim como os cuidados com a vestimenta, os cuidados com a própria roupa ensinados não só no ambiente familiar, mas na escola. (ALVES; MORAES, 2002). Portanto, a construção de uma nova cultura escolar.

A obra organizada pelo Centro Paula Souza que trata das escolas profissionais do estado de São Paulo intitulada: *Escolas profissionais públicas do estado de São Paulo: uma história em imagens*, salienta que:

Os cursos femininos preparavam as mulheres para o trabalho no lar, conforme o pensamento da sociedade da época, mas também acabam por qualificá-la para o mercado de trabalho, formando excelentes costureiras. Nos anos 30, a máquina de costura era um grande avanço tecnológico. Ao final do ano letivo ou do ciclo dos cursos, era costume de a escola realizar uma grande exposição ou um bazar com os trabalhos realizados pelas alunas. (ALVES; MORAES, 2002, p. 204).

Além das máquinas de costura, também vamos observar o surgimento de fábricas⁶⁵ e um comércio especializado na venda de fios, fitas e tecidos. A Curitiba do início do século

⁶⁵ “A Fábrica de Fitas Venske, era por excelência, o local de trabalho feminino. Fundada em 1907, pelo imigrante suíço Gustavo Venske, a fábrica funcionou inicialmente nos fundos de uma loja da família, localizada no Largo da Ordem. Mais tarde, mudou-se para a Rua Conselheiro Laurindo, nas proximidades da Praça Santos Andrade. Em 1938, foi transferida para uma sede definitiva, no Alto da Rua Quinze, construída entre as atuais ruas Ubaldino do Amaral, Reinaldo S. de Quadros e Fernando Amaro.” Roseli Boschilia. *Entre fitas, bolachas e*

XX abrigava uma enorme variedade de culturas e povos, variadas eram as razões que os levavam a aportar na cidade. Um local em especial era destinado ao comércio e reunia imigrantes alemães, italianos, poloneses, ucranianos, portugueses, árabes e judeus, na antiga Praça do Mercado, hoje conhecida como Praça Generoso Marques. A figura do mascate era muito comum, com suas malas cheias de gavetinhas que transportavam inúmeras mercadorias, dentre elas fios, botões, fitas e tecidos (URBAN, 2013).

Das gavetinhas dos mascates, que guardavam maravilhas, surgiu o nome, armarinho, que passou a ser usado nas lojas especializadas nos tais aviamentos. Indispensáveis, os armarinhos acompanharam o crescimento das cidades até os anos 70 do século XX, quando a indústria da confecção substituiu a costura doméstica pela ‘roupa feita’, padronizada. (URBAN, 2013, p. 12).

FIGURA 17 - IMPORTADORES DE TECIDOS – FRANCISCO HAUER & FILHOS



FONTE: Anúncio publicado no Jornal O Dia, de 01 de julho de 1923, ed.1, p. 12

Também vamos observar a instalação de um comércio de importação de tecidos, como a *Francisco Hauer & Filhos*, que foi fundada em 1888 com o nome de Casa Hauer & Irmão, como menciona o anúncio da figura 17.

caixas: a mulher no espaço fabril curitibano (1940-1960), 2010, p. 68. A Fábrica de Fitas Venske, no auge da sua produção, nos anos de 1930, chegou a produzir 800 mil metros de fitas por mês para adornar chapéus, vestidos e sapatos. Em 1980 a Fábrica de Fitas Venske fechou as portas. (Informações retiradas do catálogo da exposição “Indústrias Paranaenses”, elaborado pelo Museu Paranaense, s/d.). Atualmente no prédio da antiga Fábrica de Fitas Venske funcionam o Instituto Cervantes e o Instituto Goethe.

2.2 CONHECENDO OS ARTEFATOS DAS EXPOSIÇÕES ESCOLARES

As exposições dos trabalhos escolares representavam um momento de culminância dos resultados escolares desenvolvidos nas disciplinas de Trabalho Manual e de Agulha, um momento de afirmação da disciplina e da escola republicana no início do século XX. Os jornais, frequentemente, noticiavam o período e os tipos de trabalhos manuais em exposição e salientavam as presenças das autoridades educacionais bem como, em algumas ocasiões, a presença do governador do Estado e, sem dúvida, a participação dos pais e professores. Com destaque, enalteciam a dedicação dos professores na “ádua tarefa de bem encaminhar os primeiros passos da juventude escolar na luta pela vida.” (O ESTADO DO PARANÁ, 17/11/1925).

Deste modo, dois subitens foram elencados para ser tratado, a saber: 1) os artefatos em exposição que eram utilizados pelos professores na prática educativa; 2) os artefatos produzidos pelos alunos e alunas nas disciplinas de Trabalhos Manuais e Trabalhos de Agulha.

2.2.1 Os artefatos do ensino

Não por acaso, “a ampliação significativa da composição material da escola primária ocorreu, (...), a partir de meados do século XIX, no bojo do processo de constituição dos sistemas de ensino e desenvolvimento do capitalismo” (SOUZA, 2007, p. 163). As Exposições Pedagógicas instituídas no âmbito das Exposições Universais ocorridas no final do século XIX e início do século XX foram responsáveis pela circulação e proliferação dos materiais de ensino. Ainda, segundo Souza (2007, p. 164), “os mais variados suportes materiais estavam contemplados nessas exposições públicas, desde plantas dos prédios escolares, os móveis e os acessórios, até os materiais de uso em sala de aula para finalidades direta do ensino: quadro-negro, mapas, livros e etc”.

Nas Exposições Escolares também observamos um conjunto de artefatos que não eram exclusivamente destinados à exposição dos trabalhos dos alunos. No verbete do “*Dictionnaire de Pédagogie et d’instruction primaire*” organizado por Ferdinand Buisson (1887), podemos constatar que originalmente as Exposições Escolares foram pensadas para atender quatro objetivos, quais sejam:

Uma exposição escolar, para responder as benevolentes preocupações do público e para servir aos estudos dos mestres, deve compreender como diria Sr. Buisson, a propósito disto, em 1878, quatro tipos de elementos. **Primeiro**, o que representa e de que maneira o discurso oficial,

compreendendo os documentos administrativos e as prestações de contas estatísticas, etc.; esta é a parte das autoridades dirigentes e também das associações que contribuem para a educação e para o ensino. **Em seguida**, vem a seção puramente material, é a que concerne aos prédios escolares e suas instalações: construções, mobiliário, material de exercícios de classe, sistema de ventilação, de aquecimento, de saneamento; dependências escolares: corredores, pátio, pátio coberto, jardins; aparelhos de ginástica, de exercícios militares, etc. e etc. É a parte mais fácil de expor, e não, aliás, a menos útil. Em **terceiro lugar** deve figurar as ferramentas do ensino propriamente dito: jornais escolares destinados aos professores e alunos, livros, manuais, globos, mapas, aparelhos de estimulação de toda a natureza; meios acessórios indiretos da instrução e da educação; bibliotecas, grupos, reuniões e associações de jovens representados por Estatutos, boletins, etc. **Quarto lugar**, enfim, os trabalhos dos mestres: planos de estudo, emprego do tempo, memórias sobre as questões pedagógicas e os trabalhos dos alunos (...). (BUISSON, 1887, p. 975, grifos nossos)⁶⁶.

As Exposições Escolares no estado do Paraná se diferenciam um pouco das finalidades apontadas no verbete de Buisson (1887), pois basicamente se destinavam à exposições dos trabalhos dos alunos e com menor frequência à exposição dos artefatos destinados ao ensino. As Exposições Escolares intencionavam se tornar uma “vitrine” do progresso, das inovações dos métodos e práticas educativas colocadas em curso pela chamada “pedagogia moderna”. De acordo com Joana Borges de Faria (2017, p. 18), “desde as últimas décadas do século XIX associa-se eficiência pedagógica e modernidade educacional ao uso de materiais didáticos no ensino. É justamente nesse momento que uma infinidade de materiais escolares invade as instituições escolares de todos os graus”.

Identificamos, na análise das fontes, três diferentes tipos de artefatos utilizados para o ensino nas escolas primárias paranaenses: ferramentas em miniatura utilizada para trabalhos de marcenaria; e dois quadros parietais, um destinado ao ensino de ciências e outro destinado ao ensino de Trabalhos de Manuais.

⁶⁶ Tradução gentilmente realizada por Maria Helena Pupo Silveira e Maria Teresa da Costa Coimbra. Texto original: Une exposition scolaire, pour répondre à ces i bienveillantes préoccupations du public et pour servir aux études des maîtres, doit comprendre, comme le disait M. Buisson à propos de celle de 1878, quatre sortes d'éléments. D'abord, ce qui en représente, en quelque sorte, la partie officielle, comprenant les documents administratifs, les comptes-rendus statistiques, etc.; c'est là la part des autorités dirigeantes et aussi des associations qui contribuent à l'éducation ou à l'enseignement. Vient ensuite la section purement matérielle, ce qui concerne les bâtiments scolaires et leur installation: constructions, mobilier, matériel d'exercices de classe, systèmes de ventilation, de chauffage, d'assainissement; dépendances scolaires: cours, préaux, jardins; appareils de gymnastique, d'exercices militaires, etc.. C'est la partie la plus facile à exposer, et non d'ailleurs la moins utile. En troisième lieu doit figurer l'outillage de l'enseignement proprement dit: journaux scolaires destinés aux maîtres ou aux élèves, livres, manuels, globes, cartes, appareils d'encouragement de toute nature; moyens accessoires et indirects d'instruction et d'éducation bibliothèques, cercles, réunions et associations de jeunes gens représentées par des statuts, des bulletins, etc. Quatrièmement, enfin, les travaux de maîtres: plans d'études, emplois du temps, mémoires sur des questions pédagogiques, et les travaux d'élèves (...). Verbetes Exposition Scolaire, escrito por Charles Defodon, de Ferdinand BUISSON. **Dictionnaire de Pédagogie et d'instruction primaire** I Parte - Tomo I, Paris: Librairie Hachette, 1887, p. 974-978.

Assim, na observação das fotografias das Exposições Escolares observamos quadros parietais e demais artefatos de ensino, mesmo que não tivessem relação com os artefatos produzidos pelos alunos, como podemos observar na Figura 18 abaixo:

FIGURA 18 - EXPOSIÇÃO ESCOLAR – 1920



FONTE: Museu Paranaense – 1920.

FIGURA 19 - DETALHE 01 DA EXPOSIÇÃO ESCOLAR – 1920



FONTE: Museu Paranaense – 1920.

Diferentemente dos artefatos produzidos pelas alunas, os dos alunos utilizavam como matéria prima a madeira e um conjunto de ferramentas utilizadas por marceneiros, a única

diferença é a proporção das ferramentas, pois são adequadas para o manuseio de crianças e adolescentes. Os artefatos exibidos em madeira eram confeccionados com a chamada “serrinha”, que era constituída por um conjunto de ferramentas de marcenaria, conforme podemos observar em destaque no mostruário de ferramentas da Exposição Escolar de 1920 nas Figuras 18 e 19. As ferramentas são denominadas:

- a) **arco de pua**: é uma antiga ferramenta manual, utilizada para fazer furos em madeira. É a antecessora das atuais furadeiras elétricas. Consiste numa armação de madeira ou aço de formato característico, com local apropriado para prender a broca ou **pua**, do latim puga, haste com ponta aguçada;
- b) **serrote**: qualquer serra manual portátil, operável com uma mão, composta de lâmina de aço serrilhada e presa a um cabo por uma de suas extremidades;
- c) **martelo**: ferramenta provida de uma cabeça de ferro ou outro material forte e pesado, presa a um cabo e us. esp. para pregar pregos;
- d) **formão**: ferramenta de corte muito utilizada para esculpir madeira ou entalhar. O mesmo também é usado por carpinteiros, marceneiros e para os demais profissionais que utilizam da madeira como material de trabalho. Vale ressaltar que o formão é um equipamento mais do que essencial para oficinas de marcenaria;
- e) **machadinha**: é uma ferramenta muito similar ao machado. A diferença principal é o tamanho, pois o machado é muito maior e se utiliza com as duas mãos e a machadinha é menor e pode ser usada com apenas uma mão.

Na mesma Exposição Escolar do ano de 1920, também podemos observar outro artefato de ensino, os Quadros Parietais⁶⁷ em destaque na Figura 20, abaixo.

⁶⁷ Consultar a tese de doutorado de Joana Borges de Faria, intitulada “*Os quadros parietais nas escolas do Sudeste brasileiro (1890-1970)*”, apresentada na PUC-SP em 2017, cujo orientador foi o prof. Dr Kazumi Munakata.

FIGURA 20 - DETALHE 02 DA EXPOSIÇÃO ESCOLAR – 1920



FONTE: Museu Paranaense – 1920.

De acordo com Joana Borges de Faria,

o quadro parietal⁶⁸ é um material didático usado para a transmissão de conhecimentos escolares. É uma representação gráfica de determinados conteúdos escolares numa superfície plana. São chamados de parietais, pois são pendurados nas paredes ou em outros dispositivos para serem observados por todos os alunos simultaneamente. (2017, p. 22-23).

Os quadros parietais foram muito utilizados na disciplina de Ciências na perspectiva de difusão e consolidação do método intuitivo. A ênfase recaía na utilização de um dos sentidos, notadamente da visão, que compreende que a aquisição do conhecimento se dá pela via dos sentidos.

Este método, cujas ideias tinham como referência direta as proposições de Pestalozzi e Froebel, amparava-se na epistemologia empirista de Francis Bacon, John Locke e David Hume, que em meados do século XIX já estava bastante aceita e disseminada. Segundo essa concepção, os sentidos humanos consistem na verdadeira fonte de conhecimento humano. A experiência sensível permite aos homens conhecer o mundo diretamente e são as percepções geradas pelos sentidos e a observação e experimentação das coisas que promovem o entendimento, a reflexão e o juízo. (VALDEMARIN, 2007, p. 165).

⁶⁸ As diferentes denominações do quadro parietal: “Convencionou-se chamar esse material didático de quadro parietal, entretanto, na bibliografia lida e na documentação já consultada, aparecem várias formas de denominá-lo, são estas: a) língua portuguesa: quadro didático, quadro instrutivo, quadro pedagógico, prancha pedagógica, lâmina didática, lâmina parietal, imagem parietal, mapa mural, museu escolar; b) língua espanhola: lámina mural, lámina didáctica, museo escolar. c) língua inglesa: wall chart, wallplates; d) língua alemã: Wandplaten, Tafeln, Wandtafeln; e) língua francesa: tables murales, tableau muraux, musée scolaire; f) língua italiana: tavole didattiche, tavole parietali, carte parietali, tavola didattica; g) língua dinamarquesa: voegtavler, tavler. Neste trabalho usarei os termos quadros parietais, quadros, parietais, mapas murais e mapas para designar este material didático.” (FARIA, 2017, p. 23).

No caso dos conteúdos da disciplina de Ciências, as imagens científicas retratadas nos quadros parietais “não são os objetos naturais, mas representações a partir das quais a ciência é reproduzida.” (FARIA, 2017, p. 45). A utilização e difusão desse artefato de ensino e outros vai promover um avanço significativo na industrialização e comercialização desses artefatos potencializados pelas diferentes categorias de Exposição (Universais, Pedagógicas e Escolares) ao promoverem um amplo repertório destinado à prática educativa. De acordo com Vera Gaspar da Silva e Gizele de Souza (2018, p. 131), “os objetos com essas funções materializaram progressos tecnológicos importantes que irão estabelecer um vínculo nada desprezível entre a escola, a indústria e a inovação tecnológica”.

Outro artefato de ensino em exposição que conseguimos identificar, refere-se ao ensino na disciplina de Trabalhos de Agulha, vejamos nas Figuras 21 e 22, um detalhe do mostruário de variados “pontos/trançados” para o ensino do crochê e do macramê.

FIGURA 21 - EXPOSIÇÃO ESCOLAR NO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA - GRUPO ESCOLAR ANEXO À ESCOLA NORMAL – PROFª ANNETE C. MACEDO – 1922



FONTE: Acervo Casa da Memória – Fundo Lysimaco Ferreira da Costa – 1922

FIGURA 22 - DETALHE DA EXPOSIÇÃO ESCOLAR NO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA
- GRUPO ESCOLAR ANEXO À ESCOLA NORMAL – PROF^a ANNETE C. MACEDO – 1922



FONTE: Acervo: Casa da Memória – Fundo Lysimaco Ferreira da Costa

O mostruário estava em exposição com os demais artefatos “do 2º ano do Grupo Anexo, dirigido pela professora d. Annete Clodilte Macedo” (DIÁRIO DA TARDE, 1922). O Crochê ou croché (em francês *crochet*) é uma espécie de artesanato feito com uma agulha especial, dotada de um gancho. Consiste em produzir um trançado semelhante ao de uma malha rendada. Existem diversos números de agulha para executar um trabalho em **crochê**, as quais se distinguem de acordo com a largura do fio utilizado. O **macramê** é outra técnica para tecer fios que não utiliza nenhum tipo de ferramenta ou maquinário. A trama dos fios é tecida com os dedos, os fios vão se cruzando e o artesão vai dando “nó”. A palavra macramê significa “nó” e não se sabe com precisão a origem da palavra. Vários artefatos podem ser produzidos utilizando essa técnica e era amplamente utilizada pelas professoras na disciplina de Trabalhos de Manuais. Mencionava a reportagem do *Diário da Tarde*: “Do 1º ano, dirigido pela professora d. Itacelina Teixeira de Bittencourt, notam-se grupos de frutas feitas de barro pintado, **almofadas de “macramê”**, uma bela cesta para papel ornada com fitas vermelhas escuras trabalhos de estanho sobre madeira, etc” (DIÁRIO DA TARDE, 14/09/1922, p. 02, grifos nossos).

A indústria de produtos têxteis também vai produzir quadros parietais explicativos dos variados pontos e bordados utilizados na elaboração dos artefatos escolares, tais como toalhas de mesa, almofadas etc. A Figura 23 abaixo, possibilita compreender as diferentes técnicas/pontos para bordar e os pontos de crochê. Os diferentes pontos apresentados nos

quadros permitem produzir variados tipos de “tramas e trançados” utilizados na confecção dos artefatos.

FIGURA 23 - PONTOS E BORDADOS



FONTE: FARIA, Joana Borges de, Os quadros parietais nas escolas do Sudeste brasileiro (1890-1970). PUC-SP, 2017, p. 133.

De acordo com Joana Borges de Faria,

Os quadros Pontos de bordado – Ancora e Pontos de crochê – Corrente, certamente serviram às aulas de trabalhos manuais femininos, já que traziam imagens de variados pontos de bordado e crochê. Essas ilustrações podiam facilmente, ser vistas e copiadas pelas alunas até que fossem definitivamente, memorizados. Quer dizer, estes quadros parietais mantinham sua finalidade como artefatos pedagógicos e conservavam a materialidade e estética deste material escolar, porém foram apropriados também para outro fim, divulgar determinada empresa, marca ou produto. São ao mesmo tempo materiais didáticos e peças publicitárias. (FARIA, 2017, p. 113).

Considerando as características da Figura 22, tudo indica que o quadro parietal em exposição foi elaborado pela professora Annete Clodilte Macedo para demonstrar os “pontos e/ou nós” da técnica do macramê e crochê.

Além dos quadros parietais, utilizados nas aulas das disciplinas de Trabalhos Manuais e Trabalhos de Agulha, também destacamos os livros e manuais produzidos pelo mercado editorial. Muito embora, ainda que não fizessem parte de artefatos das Exposições Escolares no Paraná, foram importantes propagadores para consolidação das disciplinas de Trabalhos Manuais e Trabalhos de Agulha. Vale destacar, todavia, que os livros e demais

materiais pedagógicos estavam presentes nas Exposições Universais e principalmente nas Exposições Pedagógicas realizadas no âmbito das Conferências Nacionais de Educação⁶⁹.

Gizele de Souza (2004) apresenta um conjunto de livros e materiais pedagógicos que foram distribuídos às escolas paranaenses no ano de 1916, são eles:

Livro do mestre de trabalhos manuais, cadernos de trabalho manual (masculino e feminino), coleções alinhavos grandes, coleções alinhavos sortidos, coleções alinhavos pequenos, pacotes de alinhavos diversos, envelopes - material de trabalho manual, álbuns sortidos de trabalho manual, álbuns mostruários de alinhavo. (SOUZA, 2004, p. 248-249).

Ainda, de acordo com Souza (2004), “a listagem de objetos e quantidades saídas do Almoxarifado vinculado à Secretaria do Interior, Justiça e Instrução Pública” (2004, p. 245-249).

O ano de 1916 revela uma indústria editorial especializada na produção de temáticas educacionais, dentre outras, destinadas as atividades manuais. De acordo com Marcia de Paula Gregório Razzini (2007), nas primeiras décadas da República, três editoras se destacaram na produção de livros e materiais didáticos, são elas: Livraria Francisco Alves, a Tipografia Siqueira e a Editora Melhoramentos. Destacamos a “Companhia Melhoramentos de São Paulo, empresa editorial que teve um importante papel na produção e comercialização de uma ampla gama de objetos escolares” (ROCHA, 2019, p. 97). A Companhia Melhoramentos de São Paulo publicou a coleção “*Biblioteca de Educação*”⁷⁰, organizada por Lourenço Filho. Foram publicados 28 títulos, dos quais figurava o 8º título da coleção escrito por Corinto da Fonseca⁷¹, publicado em 1929, intitulado “*A Escola Ativa e os Trabalhos Manuais*”, cujo prefácio foi feito por Lourenço Filho.

A Companhia Melhoramentos, de acordo com Heloísa Helena Pimenta da Rocha, foi

(...) criada em 1890, a Companhia de Melhoramentos deslocou os seus investimentos, a partir de 1915, da impressão e encadernação para a edição de livros, a produção e a venda de materiais escolares, ao mesmo tempo em que buscava suscitar novas necessidades de consumo e ampliar os seus

⁶⁹ Consultar a Dissertação de mestrado de Rochele Allgayer. *As Exposições e eventos nas Conferências Nacionais de Educação: um repertório pedagógico para se dar a ver* (1927-1956). UFPR, 2020, cuja orientadora foi a profa Dra. Gizele de Souza. Disponível em: <https://www.prppg.ufpr.br/siga/visitante/trabalhoConclusaoWS?idpessoal=76389&idprograma=40001016001P0&anobase=2020&idtc=1526> – acesso em 15/07/2020.

⁷⁰ “A coleção *Biblioteca da Educação* – locus onde ocorre a publicação de Corinto da Fonseca – representa um projeto editorial pioneiro, dirigido por Lourenço Filho. A Coleção foi lançada pela Weisflog/Melhoramentos, a partir de 1927, para que servisse de referencial para a formação e aprimoramento do professorado brasileiro.” (HOELLER; DAROS, 2014, p. 03).

⁷¹ “**Corinto da Fonseca**: nasceu no Rio de Janeiro (1882). Iniciou sua carreira no magistério no Colégio Dom Pedro II, foi professor da Escola *15 de Novembro* e diretor da Escola Profissional *Sousa Aguiar*.” (HOELLER; DAROS, 2014, p. 03).

negócios, num contexto marcado pela difusão da escola primária em São Paulo. (ROCHA, 2019, p. 97).

Segundo Rocha (2019), paralelamente à implantação da escola primária graduada, ocorre um crescente processo de produção de materiais escolares, dentre eles os livros destinados às crianças e aos professores. O desenvolvimento da indústria escolar acompanhou “a proclamação da obrigatoriedade escolar em vários países e a disseminação internacional do método intuitivo e o ensino simultâneo e graduado como princípios de uma escola de massas economicamente viável”, como assinala Diana G. Vidal (2019)⁷².

Deste modo, retornando as considerações de Gizele de Souza (2004), os materiais descritos na “listagem de objetos e quantidades saídas do Almoxarifado vinculado à Secretaria do Interior, Justiça e Instrução Pública” (SOUZA, 2004, p. 245-249), do estado do Paraná, revelam que a Instrução Pública paranaense também recorreu aos materiais produzidos pela indústria para prover a atividade docente de recursos materiais ao ensino dos conteúdos da disciplina de Trabalhos Manuais e Trabalhos de Agulha.

No que tange ao provimento material para a confecção dos artefatos escolares das escolas primárias, ou seja, a matéria prima para a confecção dos artefatos, tais como: tecido, linha, agulha, fios, fitas, botões, madeira, bastidores, identificamos que tais insumos foram adquiridos pela Escola Profissional Feminina através de uma nota fiscal (Figura 24) da “*a Hauer & Irmão*” no valor de 487\$800 enviada à Inspetoria Geral do Ensino no ano de 1922 (DEAP, AP nº 1942, 1922, p. 79).

Na nota fiscal está discriminada uma grande variedade de tecidos, linhas para confecção de toalhas, almofadas, roupas etc. Assim como, de variadas linhas para bordar e demais insumos para produção dos “adornos do lar”. Julgamos pertinente trazer essa informação, ainda que não se refira às escolas primárias, para demonstrar que era utilizado um grande número de produtos/matéria prima para a confecção dos artefatos escolares que depois figuravam nas Exposições Escolares.

⁷² Diana G. VIDAL. História da educação como arqueologia: cultura material escolar e escolarização. **Revista Linhas**, v. 18, n. 36, p. 251-272, jan./abr. 2017. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723818362017251>. Acesso em: 2 abr. 2019.

FIGURA 24 - NOTA FISCAL DA “A HAUER & IRMÃO” – PRODUTOS DE ARMARINHO
ADQUIRIDOS PELA ESCOLA PROFISSIONAL

[illegible]

FONTE: DEAP, AP n° 1942, ano 1922, p. 79.

Podemos observar que os produtos adquiridos pela Escola, como mencionamos, eram variados: carretéis de linha para costura e bordados à máquina, meadas (linhas) para bordar a mão, tecidos (filó, escossia, nanzouk, linho, morin, organdie, veludo, gaze), agulhas, misangas, alfinetes, tubos de tintas, papel de seda etc. Considerando essa variedade de produtos/matéria prima necessária para a confecção dos artefatos escolares, questionamo-nos se os mesmos eram adquiridos pelos alunos e alunas das escolas primárias do Paraná? Lembrando que os artefatos escolares eram comercializados durante as Exposições Escolares.

2.2.2 Os artefatos produzidos pelos alunos e alunas

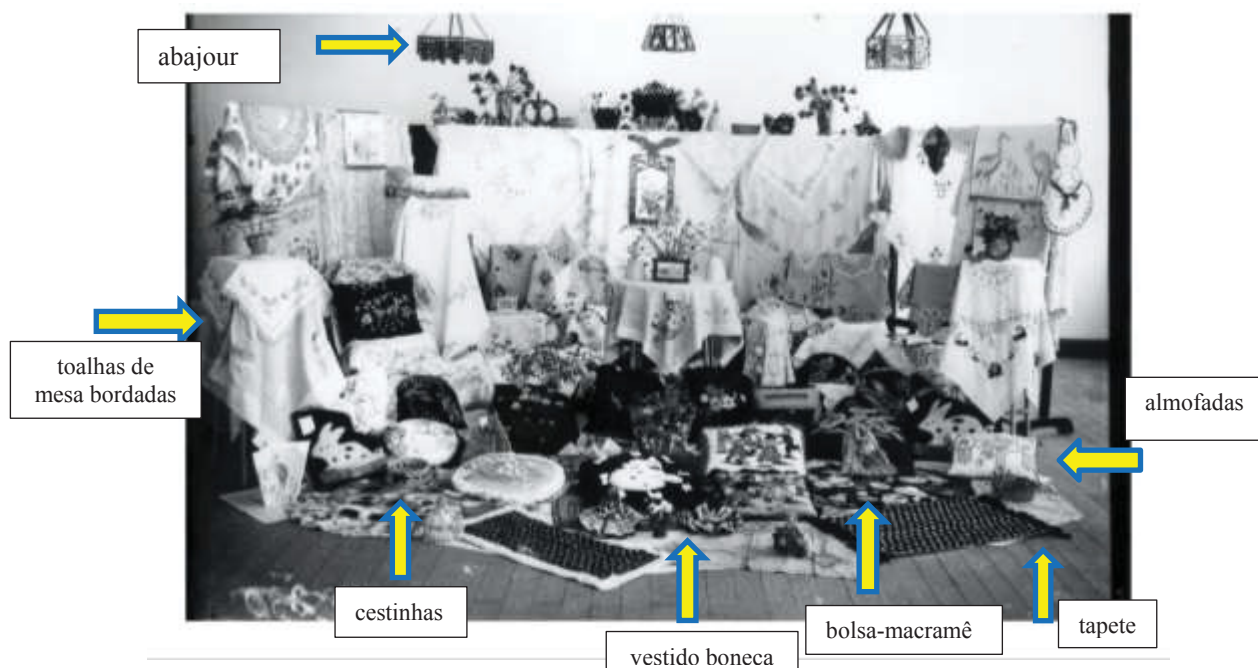
Os artefatos produzidos pelos alunos da escola primária no início do século XX, como já mencionamos, eram elaborados nas disciplinas de Trabalhos Manuais e Trabalhos de Agulha. Eram produzidos os mais variados tipos de artefatos, quais sejam: roupas, almofadas, toalhas de mesa, biombos em madeira, porta-retratos, variados bibelôs, desenhos, mapas, abajures, entre outros, bem como os cadernos escolares.

O jornal “*O Dia*”, de 08 de junho de 1928, menciona os objetos da exposição dos trabalhos escolares do Grupo Escolar Manoel Euphrasio:

(...) **a das alunas** – figuravam: vinte e uma almofadas, de diversos tamanhos, confeccionados em cetim, linho, brim e étamine, com variados desenhos e pontos diversos; toalhas “centros de mesa” á Richelieu, bordados cheios, pontos em cruz; toalhas em aplicação sobre linho e talagarça; fronhas, toalhas de rosto e de louça, cozinheiras; jogos para a sala de jantar, variados, com bainhas e bordados diversos acompanhadas dos respectivos guardanapos; um lote de costuras a mão composto de vestidos para meninas e crianças de colo, combinações, camisolinhas, vestidinhos para bonecas, porta-camisolas, etc. (O DIA, 08/06/1928, p. 04, grifos nossos).

A Figura 25, abaixo, nos permite entender a constituição desse conjunto de artefatos escolares produzidos pelas alunas, que eram basicamente artefatos produzidos na disciplina de Trabalhos de Agulha.

FIGURA 25 - EXPOSIÇÃO ESCOLAR – GRUPO ESCOLAR DO PARANÁ



FONTE: Museu Paranaense – Grupo Escolar do Paraná, s/d.

Embora a Figura 25 não seja do Grupo Escolar Manoel Euphrasio, destacamos os artefatos em exposição para frisar que na grande maioria das Exposições Escolares existia um grande número de artefatos elaborados pelas alunas. No entanto, não há menção dos seus nomes. A mesma reportagem do jornal *O Dia* de 08 de junho de 1928, identifica os diferentes artefatos executados pelos **alunos** do Grupo Escolar Manoel Euphrasio e ainda os qualifica como sendo de “elevado gosto e perfeição”:

(...) Entre os inúmeros objetos desta secção destacavam-se e foram muito admirados os seguintes: um porta-tinteiro, que é ao mesmo tempo porta-caneta e porta-retratos, de autoria do **aluno Hugo Vieira** – que é uma revelação artística; dois porta-retratos de **Pedro Dal Lia e Telemaco Chrysótomo**; vinte e três abajures, de imbuia, com incrustações, todos relevando muito gosto e acentuada perfeição. Estes iluminados atraíam a atenção dos visitantes e, á noite, davam, ao salão da exposição, deslumbrante efeito feérico. (O DIA, 08/06/1928, p. 04, grifos nossos).

Nota-se, que apesar da diversidade de trabalhos de agulha em exposição elaborados pelas alunas não há menção dos seus nomes, ao contrário, a reportagem destaca apenas os nomes dos alunos. Há uma “invisibilidade” das alunas e dos artefatos produzidos por elas. O fato é recorrente nas reportagens, como podemos observar em outro conjunto de artefatos em Exposição, que eram chamados de trabalhos gráficos, na Figura 26, abaixo:

FIGURA 26 - EXPOSIÇÃO ESCOLAR DO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA - 1922



FONTE: Acervo Casa da Memória – Fundo Lysimaco Ferreira da Costa.

Identificamos a descrição desta exposição acima no jornal *Diário da Tarde*, do ano de 1922. A Exposição Escolar do 4º ano masculino sob a direção da professora Maria Ermelina e Silva que fazia parte das Exposições Escolares com os demais grupos escolares que ocorreram por ocasião das festividades do Primeiro Centenário da Independência. Menciona a reportagem:

Do 4º ano masculino, sob a direção da professora d. Maria Ermelina e Silva, notam-se, em 1º lugar, a miniatura de uma casa executada pelos meninos Antonio Costa e Joaquim Queiroz, com todas as peças: sala de jantar, copa, cozinha e toalete, um bem trabalhado biombo de imbuia, recortado a **serrinha**, em silhuetas e dois quebra-luzes de belo efeito. Notam-se grande número de trabalhinhos de muito bom gosto feitos á serrinha, pintura á pena sobre vidro, desenhos em quantidade, mapas de todas as partes do mundo com exclusão á Oceania; interessante coleção das bandeiras do Brasil, desde o descobrimento até á Republica, etc. (DIARIO DA TARDE, 14/09/1922, p.04 , grifos nossos).

A Figura 26 traz um exemplo de como eram realizadas as exposições dos desenhos e dos trabalhos gráficos dos alunos. O Desenho, segundo Rosa Fátima de Souza, “não se constituía como uma ciência e sim como um conhecimento prático vinculado às artes e à indústria.” (2008, p. 29). Ainda, baseando-se nas considerações de Buisson (1887), Souza (2008, p. 30) destaca que o ensino do desenho foi se tornando imprescindível no currículo da escola primária, pois constituía a base de todas as indústrias e de todos os ofícios..

Nas Exposições Escolares também eram colocados para avaliação do público os cadernos de caligrafia, ditados, etc. O livro de Carlos A. Gomes Cardim, intitulado “*As comemorações cívicas e as festas escolares*”, publicado em 1916, pertencente ao acervo do Memorial Lysimaco Ferreira da Costa, indica um conjunto de possibilidades de textos que poderiam constar nos cadernos escolares; um manual que “facilitaria” o trabalho do professor, como por exemplo, indica Cardim:

TIRADENTES

1º ano Cópia

O nome de Tiradentes era Joaquim José da Silva Xavier. Nasceu em Portugal no ano de 1748 e morreu no Rio de Janeiro no dia 21 de abril de 1792.

2º ano Cópia

3º ano Ditado

Comemora-se hoje, a gloriosa data em que foi morto o grande brasileiro Joaquim da Silva Xavier, que tinha por alcunha Tiradentes.

Tiradentes morreu enforcado por ter sido o chefe de uma conspiração que devia tornar o Brasil independente e livre.

Tiradentes nasceu em Pombal no ano de 1748 e morreu, no dia 21 de abril de 1792, enforcado na Praça da Lampadosa, no Rio de Janeiro.

O corpo de Tiradentes foi esquartejado e sua cabeça fincada em um poste em Vila-Rica.
Salve o inolvidável Tiradentes.
(CARDIM, 1916, p. 7-8).

O autor também orientava metodologicamente a utilização do “Trecho Histórico” para ser utilizado em outras ocasiões, como nas Festas Cívicas: “O professor deve dar, para cada aluno, um trecho para decorar, depois de explicá-lo convenientemente. Os trechos serão recitados na ordem em que estão. Este exercício de declamação pode ser dado para os alunos dos dois primeiros anos do curso preliminar.” (CARDIM, 1916, p. 08).

De acordo com Viñao Frago (2008, p. 15), “(...) os cadernos escolares são, ao mesmo tempo, uma produção infantil, um espaço gráfico e um produto da cultura escolar”. Os cadernos também tinham diferentes usos e tipos, no caso dos cadernos em exposição eram denominados cadernos de temporada. Viñao Frago (2008, p. 21, grifos nossos) destaca: “**O caderno de temporada**, realizado normalmente de fevereiro a junho com vistas **à exposição escolar** de final de curso”.

O Inspetor Geral da Instrução Pública, Cesar Prieto Martinez, no Relatório enviado ao Secretário Estado, em 1921, ressalta: “vai desaparecendo entre nós o tale de letra que caracterizava a escola antiga. Os belos traslados, feitos com verdadeiro interesse, muito uniformes e sem borrão, desapareceram das nossas escolas. O que se vê hoje em dia causa lastima: caligrafia deselegante e páginas raríssimamente limpas.” (MARTINEZ, Relatório, 1921, p. 27). Daí sugere que os cadernos escolares passem a compor as Exposições Escolares ao final do letivo.

Almofadas, toalhas de mesa, tapetes, vestidos, roupas, biombos, cadernos, desenhos, mapas, etc. A elaboração e posterior exposição desses artefatos sofreram inúmeras críticas de alguns intelectuais, dentre eles, destacamos a professora, poetisa e uma das signatárias do *Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova*, Cecília Meireles.

Cecília Meireles entre os anos de 1930 a 1933 dirigiu no *Diário de Notícias*, do Rio de Janeiro, a coluna denominada *Página de Educação*. Diariamente publicava suas crônicas sobre vários temas de educação, dentre eles as Exposições Escolares, dizia: “quem percorrer as escolas no fim do ano para ver ficará surpreendido, ‘se souber olhar’, com a quantidade de coisas inúteis que aparecem e se dão como executadas pela escola” (AZEVEDO FILHO, 2017, p. 37 – MEIRELES, DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 10/12/1930). Mais adiante afirma:

Primeiro: almofadas. Almofadas de tudo: de cetim Royal e de veludo, de linho e de gaze, de tussor e de feltro. Até a percalina, recortada, eu já vi! E até de papel crepom...

Depois, essa praga de abajures... Fazem-no de tudo: montados em arame, rendinhas, babadinhos, pinturas a bico de pena, a óleo, com areia, com figuras de decalcomania, com franjas de vidrilho, de contas, de feijão colorido, de tubos de injeção vazios, - uns de pé, que geralmente ficam desequilibrados sobre a haste, como saias do século XVIII; outros para cima de mesa, com lacre de todas as cores...

E, além de almofadas e abajures, uma infinidade de paninhos de renda, de seda, de linho etc, etc, recortados, bordados, pintados, perfurados, - para a mesa, para a penteadeira, para as cadeiras, para mil lugares absurdos que a gente não é capaz de adivinhar...

Chamam a isso - arte... (AZEVEDO FILHO, 2017, p. 37-38 - MEIRELES, DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 10/12/1930).

Cecília Meireles tece críticas aos artefatos em exposição, chegando a afirmar que eram artefatos mal elaborados e de gosto duvidoso. Finaliza ironizando se os artefatos escolares eram objetos de arte. Mas adiante, também questiona a finalidade das disciplinas de Trabalhos Manuais e Trabalhos de Agulha, quando afirma: “a escola primária, como o nome está declarando, não é nem pode ser profissional... Os trabalhos infantis da escola primária não podem, por sua vez, pretender ser coisa especializada.” (AZEVEDO FILHO, 2017, p. 37 - MEIRELES, DIÁRIO DE NOTÍCIAS, 10/12/1930.). É certo que, como uma das signatárias do *Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova* - publicado em 1932, a tônica era demonstrar a ineficiência, a precariedade e o atraso do ensino primário. No entanto, de acordo com Souza,

(...) a introdução de saberes profissionais no ensino primário foi vista como parte imprescindível da formação integral dos cidadãos. Mas o modo como esses saberes foram incorporados nos programas de ensino e recebidos (quiçá praticados) pelos professores revelam as tensões e ambiguidades entre as justificativas políticas e educacionais em favor de algumas matérias, tendo em vista suas contribuições para a constituição das nações modernas e a legitimidade social. (SOUZA, 2008, p. 64).

Vamos também observar críticas similares nos jornais do Paraná referente às Exposições Escolares e as disciplinas de Trabalhos Manuais e Trabalhos de Agulha. A reportagem do jornal *O Dia*, ao tratar do tema da assistência dentária escolar, menciona: “Dêem-se dentistas às crianças. Restabeleçam-se os gabinetes dentários nas escolas, mais úteis que as aulas de canto e as oficinas de marcenaria, onde serrinha em punho, fazem-se trabalhos para as **inutilíssimas exposições escolares.**” (O DIA, 22/09/1933, grifos nossos). Considerando esses embates políticos de aceitação e consolidação das disciplinas, “o Desenho gozou de uma aceitação incontestada, talvez por estar associado à escrita e à formação estética. Já os Trabalhos Manuais e o ensino agrícola tiveram trajetórias contestadas.” (SOUZA, 2008, p. 64).

A quicá de uma conclusão desse capítulo, que trata da participação das disciplinas de Trabalhos Manuais e Trabalhos de Agulha na constituição das Exposições Escolares, consideramos que a despeito das críticas, sobretudo nos anos de 1930, os primeiros anos da República, “os trabalhos manuais foram inseridos nos programas do ensino primário com uma finalidade educativa de caráter geral. Tratava-se menos de aprender um trabalho específico e mais os princípios gerais do ofício.” (SOUZA, 2008, p. 64). Também é preciso destacar que o currículo escolar foi sofrendo alteração ao longo do século XX, ou seja, “saberes antes considerados fundamentais para a formação do homem foram substituídos por outros. Mudanças sociais e culturais redundaram em novas exigências para a escolaridade.” (SOUZA, 2008, p. 12). Mas, a prática das Exposições Escolares ainda se faz presente nas escolas, obviamente com novas denominações (Mostra, Feira de Ciências, etc) e outros objetivos.

O próximo capítulo trata da participação das Exposições Escolares no âmbito de dois eventos cívicos e políticos, isto é, nas comemorações do Primeiro Centenário da Independência, em 1922 e na Primeira Conferência Nacional de Educação, em 1927.

CAPÍTULO 3 - OS PALCOS DAS EXPOSIÇÕES ESCOLARES: UM ESPETÁCULO DE LUZ E SOMBRA

*Os gregos contam que Teseu recebeu
de presente de Ariadne um fio.
Com esse fio Teseu se orientou no labirinto,
encontrou o Minotauro e o matou.
Dos rastros que Teseu deixou ao vagar
pelo labirinto, o mito não fala.
(GINZBURG, 2007, p. 07).*

Carlo Ginzburg (2007), traz uma importante reflexão sobre o “apagamento” ao utilizar a mitologia grega, especialmente ao relatar a empreitada de Teseu ao matar o Minotauro no labirinto. Utilizando a metáfora de Ginzburg, neste capítulo, procuramos identificar os “fios”, isto é, procuramos identificar os professores e alunos, os responsáveis pela elaboração dos artefatos e a participação dos Inspetores da Instrução Pública, assim como “os rastros”, que se revelaram na análise das fontes nas Exposições Escolares do Primeiro Centenário da Independência, em 1922, e, na primeira Conferência de Educação Nacional organizada pela Associação Brasileira de Educação (ABE), em 1927. Podemos dizer que durante as festividades cívicas os rituais da “liturgia política” (RIVIÈRE, 1989) ocorreu um espetáculo de “luz” e de “sombra”.

Roseli Boschilia (2018, p. 149), adverte que “inicialmente restrito ao universo dos antropólogos, o estudo das práticas rituais vem ganhando espaço no campo historiográfico (...).” Assim, compreender as práticas ritualizadas das Exposições Escolares, nas festas e comemorações cívicas, a partir de suas representações, possibilita identificar e analisar práticas discursivas e simbólicas de enaltecimento do regime republicano. De acordo com Hercília Mara Coelho Lambert (1994, p. 128), as festas realizadas em São Paulo faziam parte de uma estratégia do regime republicano em reafirmar valores, educar e disciplinar o povo, e conquistar a adesão para o novo regime que se implantava.

A festa cívica é um mecanismo imprescindível na manutenção de determinados valores e ideais de uma sociedade. De acordo com Claude Rivière (1989) a festa cívica esta carregada de rituais, denominada de “liturgia política”. Ainda, “(...) a palavra liturgia (leitourgia, de leitós: público, e ergon: obra) significou em Atenas um serviço público dispendioso prestado em favor do povo pelas classes mais ricas da cidade.” (RIVIÈRE, 1989, p. 13). “O rito é uma linguagem que remete a múltiplos níveis de sentido.” (RIVIÈRE, 1989, p. 147).

Os termos: ritual, liturgia, rito estão carregados de conotação religiosa, porém no contexto civil são desenvolvidas práticas ritualísticas de caráter profano. Rivière (1989) alerta que os rituais religiosos buscam o domínio do “monopólio do sagrado”, já os rituais profanos, promovem o domínio do monopólio político. Daí a importância em compreender as liturgias políticas que promovem a “integração de uma coletividade, exibem uma identidade” de rituais que buscam legitimar o poder político, ou seja, colocar a “pátria no altar”. Essa expressão foi utilizada por Carla Simone Chamon no livro intitulado “Festejos Imperiais: festas cívicas em Minas Gerais (1815-1845)”, diz a autora:

(...) estudar o caráter pedagógico da festa cívica implica não perder de vista que a reflexão e a sensação caminham juntas e que, nos momentos de alegria festiva, os homens se deixam levar menos por princípios racionais do que pela efusão provocada pelas imagens do espetáculo. É através dessa efusão e do fervor coletivo vivenciados na festa que o poder público procura se apoderar do homem e criar um sentido para o seu fazer social (...). (CHAMON, 2002, p. 34).

O poder político procura “se apoderar do homem e criar um sentido para o seu fazer social, incitando-o a comungar dos valores que a festa cívica proclama.” (CHAMON, 2002, p. 34). Assim, para melhor compreender os rituais, a liturgia política das Exposições Escolares no Centenário da Independência (1922) e na Primeira Conferência Nacional de Educação (1927), dividimos esse capítulo em duas partes. A primeira parte trata da participação das escolas primárias no Primeiro Centenário da Independência, principalmente no que diz respeito à exposição dos artefatos escolares. A segunda trata da exposição escolar no âmbito da Conferência Nacional de Educação, organizada pela ABE na cidade de Curitiba.

3.1 A EXPOSIÇÃO ESCOLAR DAS ESCOLAS PRIMÁRIAS NO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA

O dia 7 (sete) de setembro de 1922 foi marcado por uma intensa programação das festividades alusivas ao Centenário da Independência (1822-1922). O Rio de Janeiro, capital da República, dentre outras atividades, foi o palco da Exposição Nacional de caráter Internacional, com a participação de vários países, inaugurada em 07 de setembro de 1922 e encerrada em 24 de julho de 1923. De acordo com Marly Silva da Motta (2004, p. 31), a Exposição Comemorativa do Centenário foi “a mais ambiciosa das atividades comemorativas então programadas para dar prova do grau de adiantamento e civilização do Brasil (...)”.

No Paraná, não foi diferente. A programação das atividades, pelo poder público, foi iniciada dois anos antes. Em 1920, mais precisamente, a Assembleia Legislativa do Paraná autorizou elevada quantia para a realização das festividades do Centenário da Independência.

Na sessão do dia 10 do corrente, foi apresentado o seguinte projeto, da autoria do sr. Deputado Romário Martins e subscrito por numerosos srs. Deputados presentes à aquela sessão:

Projeto nº 46. O Congresso Legislativo do Estado do Paraná, decreta:

Art. 1º Fica autorizado o Poder Executivo a despende até a quantia de 100:000\$000 com as comemorações do centenário da independência nacional. (A REPÚBLICA, 13/03/1920, p.02).

Também, nos dois anos que antecederam as comemorações do Centenário o poder público promoveu atividades preparatórias. O local privilegiado foram as escolas.

As escolas públicas de todo o Estado comemorarão este ano, de acordo com os desejos do Governo, a gloriosa data da nossa independência. **Esses festejos serão preparatórios para a comemoração do centenário.** Nesse sentido, a Inspetoria Geral do Ensino expedirá informações precisas a todos os inspetores dos distritos judiciários. Nesta capital, as festas se revestirão de verdadeiro brilho. No programa figura um coro de 3.000 vozes infantis, junto à estátua de Rio Branco acompanhado pela banda da brigada policial (...). O Sr. Romário Martins, ilustre jornalista e historiador, incumbiu-se de escrever um folheto, explicando os fatos que tiveram o seu desfecho no dia 7 de Setembro, nas margens do Ipiranga, para ser distribuído a todas as escolas. (A REPÚBLICA, 27/07/1920, p. 03, grifos nossos).

Os preparativos procuravam incutir um conjunto de valores e virtudes cívicas, “procurando tecer uma rede de sentimentos entre o povo e o poder e conquistar a adesão dos habitantes para as propostas políticas relativas à forma de governar o país e a região.” (CHAMON, 2002, p. 19). Ainda, “a construção desse Estado, com suas práticas de controle e supervisão de pessoas e coisas na sociedade, se fazia juntamente com a criação de todo um imaginário político que perpassava e que eram vivenciados nas festas cívicas” (CHAMON, 2002, p. 19). Como veremos a seguir as comemorações do Centenário da Independência vão se caracterizar “pela sua publicidade, por se desenrolar no espaço público, nas ruas e praças onde todos circulam, lugares que misturam pessoas e atividade diversas, lugares de encontros e de múltiplos usos. Não existe festa cívica feita à escondidas, ou reservada a apenas a um segmento da sociedade.” (CHAMON, 2002, p. 31).

Para melhor compreender essas práticas da liturgia política republicana, dividimos em três grandes blocos a constituição da Exposição Escolar que ocorreu no âmbito da festa cívica do Centenário da Independência, em 1922, realizada na capital paranaense: a organização, o organizador e as exposições escolares.

3.1.1 A organização

O jornal *Diário da Tarde* publicou a programação oficial das festividades comemorativas do Centenário da Independência, no dia 06 de Setembro de 1922. A primeira atividade prevista seria, às 9 horas, a celebração da missa campal na Praça da República pelo Bispo Diocesano João Francisco Braga. Ainda no período da manhã, mais precisamente às 10h30 ocorreu a inauguração do “Palácio da Instrução”. O edifício passaria a abrigar a Escola Normal, que antes funcionava nas dependências do Ginásio Paranaense. “Estiveram presentes ao ato, além das autoridades do Estado, as alunas da Escola Normal, dos grupos escolares Modelo, Tiradentes e Oliveira Bello, uniformizados de branco e acompanhados do respectivo pessoal docente.” (RELATÓRIO, 1922, p. 100). A figura 27, abaixo, registra o fato.

FIGURA 27 - INAUGURAÇÃO DO PALÁCIO DA INSTRUÇÃO EM 1922



FONTE: Acervo do Centro de Memória do Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto.

O diretor do Ginásio Paranaense, Lysimaco Ferreira da Costa⁷³, que também continuaria na direção da Escola Normal, em novo edifício, realizou o discurso de inauguração do “Palácio da Instrução”. No mesmo dia, em outro momento das festividades do

⁷³ **Lysimaco Ferreira da Costa (1884-1941)**, filho de Antônio Ferreira da Costa e Dona Francisca Ribeiro da Costa, casou-se com Esther Franco da Costa (1886-1920) com quem teve onze filhos. Embora formado em Engenharia Geológica (1915) e Civil (1917) pela Universidade do Paraná o nome de Lysimaco está, basicamente, ligado ao ensino. Professor do ensino secundário, quando entrou na Universidade, em 1912, logo teria uma condição única: ao mesmo tempo em que era estudante de Engenharia, lecionava Física e Química, matérias que já vinha ensinando há anos, no Gymnasium Paranaense. (COSTA, M. J. F., 1987).

Centenário, o Governador do Estado, Caetano Munhoz da Rocha⁷⁴ também fez menção a nova sede da Escola Normal e proferiu as seguintes palavras:

O Palácio da Instrução que se levanta na nossa bela Capital, há de ser facho de luz, fornalha de onde se desprenderão centelhas mil a se projetarem sertões adentro, até os pontos mais recônditos do Estado, a todos levando o maior bem e o melhor dom da democracia – a instrução. (O ENSINO, 1922, p. 105).

A notícia da construção do edifício que abrigaria a Escola Normal foi publicada nos jornais da capital no ano de 1920, ou seja, dois anos antes.

Está definitivamente assentado pelo governo estadual que o edifício para a Escola Normal será construído á rua Aquidaban, nos terrenos da propriedade do Estado, onde atualmente tem sua caserna o Tiro Rio Branco. Não podia ser melhor o lugar determinado, porquanto, situado no centro da cidade e em uma das suas melhores ruas, satisfaz a toda a população e permite o aproveitamento daquele grande terreno para um fim altruístico e de grande benefício social. Sabemos que o governo já mandou fazer a planta do novo edifício que ali vai ser levantado e que, além de ser um prédio suntuoso, terá todas as comodidades necessárias a um estabelecimento daquela natureza. Dada a **necessidade que existe da completa separação do Ginásio e Escola Normal**, a construção do novo edifício terá início dentro de pouco tempo, sendo possível que esteja pronto o funcionamento da Escola até o mês de Abril do próximo ano. (DIÁRIO DA TARDE, 13/05/1920, p.03, grifos nossos).

Cabe ressaltar que na década de 1920 foram construídos mais dois edifícios escolares com vistas à formação de professores para atuarem nas escolas primárias do estado, um em Paranaguá e o outro em Ponta Grossa. Naquele período alguns requisitos arquitetônicos deveriam estar presentes na construção e na localização dos edifícios escolares. Ana Paula

⁷⁴ **Caetano Munhoz da Rocha (1879–1944)** “nasceu em Antonina, localidade próxima de Paranaguá (PR), em 14 de maio de 1879, filho de Bento Rocha e de Maria Leocádia Munhoz Carneiro. Fez o curso primário do Colégio Parthenon Paranaense e concluiu a sua formação cursando o secundário dedicado às humanidades no Colégio São Luís, em Itu (SP). Bacharelou-se em 1902 pela Faculdade Nacional de Medicina, no Rio de Janeiro, então Distrito Federal. Exerceu por poucos anos a atividade clínica em Paranaguá, tendo privilegiado o caminho da vida política. Filiado ao Partido Republicano Paranaense, foi sucessivamente eleito e reeleito deputado estadual, exercendo os seus mandatos de 1904 a 1916. Nesse intervalo de tempo, em virtude da possibilidade legal de acumulação de postos eletivos, ocupou a principal cadeira do Poder Executivo municipal de Paranaguá, eleito para os exercícios administrativos de 1908-1912 e 1913-1916. Suas duas gestões municipais foram marcadas por empreendimentos urbanísticos como a ampliação de ruas e de redes de saneamento básico. Com o crescimento do seu prestígio político, em 1915 foi indicado para compor a chapa do Partido Republicano Paranaense como candidato a vice-presidente do estado, ao lado do candidato à presidência Afonso Camargo. Vencida a eleição e empossado o governo em fevereiro de 1916, concomitantemente às atribuições da vice-presidência estadual assumiu as funções de secretário de Fazenda, Agricultura e Obras Públicas. Candidato natural à sucessão no estado, elegeu-se presidente para o período 1920-1924 e foi reeleito para o período de 1924-1928.” Disponível em: <http://cpdoc.fgv.br/sites/default/files/verbetes/primeira-republica/ROCHA,%20Caetano%20Munhoz%20da.pdf>

Pupo Correia⁷⁵ (2013, p. 106) menciona: “a Escola Normal de Curitiba situava-se no centro da cidade em uma das suas melhores ruas”.

A inquietação com a higiene e a moral dos alunos se intensificava no início do século XX, e outras situações passaram a ser fonte de preocupação nessa cultura do bem estar. Algumas delas referem-se ao entorno das escolas, e se revelavam na preocupação com praças, jardins ou ruas largas e espaçosas, que, já na visão dos educadores e arquitetos da época, favoreciam as atividades escolares. Esses pontos destacados também foram levados em consideração nos critérios de escolha do terreno da localização dos principais edifícios públicos da época (CORREIA, 2013, p. 105).

A programação das atividades de comemoração do Centenário da Independência se prologou por todo dia. Ainda no período da manhã, ocorreu a inauguração da Avenida 7 de Setembro. Também estava previsto na programação das atividades do Centenário da Independência o plantio da Árvore da Independência. “Em todos os grupos e escolas do Estado será plantado um pinheiro, denominado Árvore da Independência.” (DIÁRIO DA TARDE, 6 e 7/09/1922, p. 02). Prieto Martinez, o Inspetor Geral do Ensino, menciona: “escolheu esta Inspeção a Araucária para tal cerimônia, pois ela representa uma das riquezas da nossa flora e ao mesmo tempo a beleza máxima das nossas florestas.” (RELATÓRIO, 1922, p. 99). Deste modo, no Grupo Escolar Dr. Xavier da Silva, foi realizada a cerimônia e o fato foi registrado pela imprensa:

Pela manhã foi no pátio da escola plantada a árvore simbólica do centenário, sendo por essa ocasião feita uma saudação pelo aluno. As criancinhas do Grupo em número de 600 assinaram uma mensagem, muito expressiva ao sr. Presidente do Estado. Além disso, enviaram aos seus colegas dos Grupos da Capital cartões de congratulações pela passagem da grande data nacional. (DIÁRIO DA TARDE, 06 e 07/09/1922, p. 02).

De acordo com Rivière (1989), a árvore é utilizada em festividades cívicas desde a Revolução Francesa, naquele período “a árvore, ‘signo sensível da regeneração dos franceses’, é anexada pela Revolução em sua panóplia⁷⁶ simbólica (...). Batiza-se esse testemunho do crescimento das gerações: árvore da liberdade” (RIVIÈRE, 1989, p. 66). Assim, o plantio de árvores remonta uma prática ritualizada utilizada na Revolução Francesa

⁷⁵ Sobre a implantação das Escolas Normais no Paraná, no início do século XX, consultar a tese de doutorado de Ana Paula Pupo Correia. “*Palácios da Instrução: História da Educação e da Arquitetura das Escolas Normais no estado do Paraná (1904 a 1927)*”, defendida no PPGE da UFPR no ano de 2013, cujo orientador foi o Prof. Dr. Marcus Levy Bencostta.

⁷⁶ De acordo com o Dicionário Aurélio, “panóplia significa um conjunto de elementos reais ou abstratos, usados para a mesma finalidade. Também significa armadura completa de cavaleiro da Idade Média; Escudo, em que se colocam diferentes armas, e que se adornam paredes.” Disponível em: <https://www.dicio.com.br/panoplia/>

como um símbolo da República e essa prática ritualística foi retomada pelos organizadores nas festividades do Centenário da Independência. O mesmo ritual do plantio de árvores ocorreu nas escolas e grupos escolares. O editor do periódico *O Ensino*, criado na gestão do Inspetor Geral do Ensino, Prieto Martinez, menciona:

O primeiro ato consistiu no plantio de um pinheiro, a Árvore da Independência, cujas raízes simbolizam a firmeza de nossos ideais liberais e cujo tronco, reto e altaneiro, além de significar a majestade de nossa riqueza, simboliza também o fio a prumo das nossas virtudes cívicas que colocam acima de tudo o interesse máximo da pátria – sua grandeza e sua unidade. Sua Exma. o Sr. Dr. Presidente do Estado também plantou na grande Praça Santos Andrade a Araucária da Independência, cerimônia simples e tocante (O ENSINO, 1922, p. 104)

De acordo com Chamon (2002, p. 18), as festas cívicas são rituais políticos que contribuem na construção de um determinado conjunto de crenças e valores sociais. Ainda menciona Chamon (2002, p. 34), “a festa é o instrumento escolhido para esse fim na medida em que trabalha com emoções e com as paixões, exercendo um forte apelo aos sentidos do homem.”. As festividades e comemorações cívicas, como todo rito, não se encerra nos objetivos que anuncia. Carla Simone Chamon (2002, p. 16), salienta: “a festa é também um momento de gratuidade, momento de alegrias e prazeres que muitas vezes escapava das mãos desse mesmo poder que se ostentava na festa.”.

Renata Cândido e Denice Catani (2017), no artigo intitulado *Inculcar a seriedade mediante a alegria: um estudo das comemorações escolares no campo educacional (finais do século XIX e início do XX)*, apontam que a construção do objeto festas, no campo educacional, promoveu uma cultura própria no contexto escolar, desde a sua genealogia até as características próprias desse tipo de evento escolar. As festas funcionavam “como em um grande teatro, as comemorações escolares apresentam-se como forma de dar visibilidade a tudo o que estava sendo organizado e discutido no âmbito educacional.” (CÂNDIDO; CATANI, 2017, p. 31).

As festas escolares, de acordo com Renata Cândido,

expressaram de forma exemplar a cultura escolar do período em questão, pois ao mesmo tempo em que eram constituídas por normas, estabelecidas externamente pelos governantes que determinavam legalmente os dias a serem comemorados e um padrão de festa a ser seguido de forma a garantir o ensinamento de determinadas condutas e conhecimentos, eram também compostas por práticas coordenadas com finalidades educativas e expressivas da escola.(2007, p. 05).

Assim, a programação dos festejos escolares e cívicos possuíam essas características. Isto é, as autoridades determinavam “um padrão de festa a ser seguido de forma a garantir o ensinamento de determinadas condutas e conhecimentos” (CÂNDIDO, 2007, p. 05)

Continuando com a análise dos festejos do centenário, a programação continua no período da tarde, e às 16h as “crianças das escolas, um número de 5.000 entoarão o Hino da Independência, desfilando em torno da Praça da República e pela Rua 15 de Novembro, até a Praça Osório.” (DIÁRIO DA TARDE, 06 e 07/09/1922, p.02). De acordo com o mesmo jornal, *Diário da Tarde*, as crianças das Escolas Isoladas, ao contrário, se reuniram às 15h45 na Praça Eufrásio Correia, longe da Praça Osório. Há um “lugar” social diferenciado na percepção e na retórica republicana da época – entre grupo escolar e escola isolada. A programação das festividades da Comemoração do Centenário da Independência demonstra as diferenças de “lugar” das Escolas Isoladas e dos Grupos Escolares. Aos alunos dos grupos escolares era destinada a área central da cidade da mesma forma o local de exposição dos trabalhos escolares. De acordo com Certeau (2015, p. 63), “a articulação da história com um lugar é a condição de uma análise da sociedade”.

As Exposições Escolares, sobretudo àquelas que faziam parte da programação de grandes eventos cívicos não se revestiam das mesmas características de quando ocorriam exclusivamente para marcar o fim do ano letivo, no caso das Exposições Escolares do Centenário da Independência, ocorreu um período preparatório de embelezamento do local e a colocação de adornos alusivos ao Centenário.

O local escolhido pelas autoridades, de acordo com o jornal *Diário da Tarde*, para instalação das Exposições Escolares do Centenário foi o Ginásio Paranaense.

Hora 20: Exposição Escolar no edifício do Ginásio Paranaense. O Exmo Sr Cesar Prieto Martinez, inspetor geral do ensino, pronunciará o discurso de instalação. Compreende a exposição várias sessões de trabalhos gráficos, cartonagem, marcenaria e trabalhos de agulha e ornamentação. Concorrerão a esse certame todos os grupos escolares do Estado. Figurará na exposição uma sessão do Almoxarifado Geral do Estado. Consta do mobiliário o material didático fornecido pelo governo às Escolas. A exposição permanecerá aberta, todas as noites, das 19 às 21 horas. (DIÁRIO DA TARDE, 08/09/ 1922, p.02).

A organização dos espaços destinados à Exposição iniciou-se no mês de agosto de 1922. A Inspetoria Geral de Ensino contratou serviços de marcenaria e pintura para organização dos espaços para exposição dos artefatos escolares.

FIGURA 28 – MARCENARIA A VAPOR DE SALVADOR MAIDA



FONTE: Diário da Tarde. Curitiba, 04 de Março de 1921, ed.6839, p.04.

A empresa contrata chamava-se “Marcenaria a Vapor de Salvador Maida”, localizada na Rua 15 de Maio n. 27, assinam a nota Salvador Maida e Domingos Maida. A 2ª via da nota de cobrança é datada de 31 de outubro de 1922 (AP/DEAP-PR n. 1945, 1922, p. 142). Os serviços e materiais empregados na preparação da Exposição Escolar do Centenário da Independência foram:

QUADRO 13 - PREPARAÇÃO DA EXPOSIÇÃO ESCOLAR

SERVIÇO PARA EXPOSIÇÃO ESCOLAR	
Madeira e pregos, para 9 salas	550\$000
Mão de obra de 3 operários, durante 15 dias	480\$000
Serviço de pintura	150\$000
TOTAL	1:180\$000

FONTE: Elaborado pela autora com base no AP nº 1945, 1922, p. 142. Acervo DEAP

Esta empresa de Salvador Maida, fez-se presente nos salões de expositores e fabricantes de móveis na Exposição do Centenário, no Rio de Janeiro, em 1922, no pavilhão das grandes indústrias, figurando como representante paranaense com carteiras escolares. (Revista Industria e Comercio de Moveis. Revista Mensal Ilustrada. Rio de Janeiro, Setembro-Outubro, n.5, 1922, p. 4). Também localizamos que a oficina do Sr. Maida mantinha forte atuação junto à Inspetoria da Instrução Pública, pois pelos jornais, é possível saber que foi responsável pela confecção do mobiliário da Escola Normal Primária de Ponta Grossa, junto ao projeto do Edifício, sob responsabilidade de Carlos Ross, diretor de Obras Públicas do estado. (O DIA, 27/02/1924, p. 4).

Dos preparativos para a Exposição à sua realização. O periódico da Inspetoria Geral de Ensino deu destaque a Exposição Escolar do Centenário da Independência: “para comemorar o Centenário da Independência, Sua Exa. o Sr. Presidente do Estado inaugurou no

dia 7 de Setembro, às 20 horas, a grandiosa exposição de trabalhos escolares dos grupos do Estado. O ato revestiu-se de grande solenidade, tendo falado a respeito o Sr. Inspetor Geral do Estado.” (O ENSINO, 1922, p. 108). Além do Salão Nobre do Ginásio Paranaense foram utilizadas mais 7 (sete) salas de aula “distintamente decoradas”. O Relatório do Inspetor Geral do Ensino, Prieto Martinez, ao contrário, menciona que foram utilizadas 10 salas (MARTINEZ, Relatório, 1922, p. 100). As fontes utilizadas demonstram uma controversa em relação ao número de salas utilizadas, uma vez que a fatura de cobrança, acima descrita no quadro 13, menciona a preparação de 9 salas para Exposição dos artefatos escolares, o jornal destaca que foram utilizadas 7 salas e o Relatório do Inspetor Geral do Ensino menciona 10 salas. Consideramos, no entanto, que foram utilizadas 09 salas para as Exposições dos artefatos escolares produzidos pelos alunos das escolas primárias e uma sala para Exposição dos artefatos didáticos fornecidos pela Inspetoria de Ensino, conforme menciona o periódico *O Ensino*, “na última sala destinada à exposição, figurou um mostruário completo de todo material didático adotado e fornecido às escolas pelo Governo, bem como os diferentes tipos de carteiras, quadros negros, mesas, talhas, etc. que a Inspetoria fornece aos grupos e escolas isoladas” (O ENSINO, 1922, p. 108).

Para ornamentar os espaços da Exposição Escolar do Centenário, a Inspetoria Geral de Ensino encomendou produtos de papelaria da “Livraria Mundial – França & Requião” e foram gastos 446\$400 (Quatrocentos e quarenta e seis mil e quatrocentos reis), localizada na rua 15 de Novembro n. 52. (DEAP-AP 1944, 1922, p. 227).

FIGURA 29 - NOTA FISCAL DA LIVRARIA MUNDIAL

LIVRARIA MUNDIAL ²²⁷
Rua 15 de Novembro, 52

Officinas de primeira ordem
novidades e electricidade, premiadas
na exposição de Turim 1911.

França & Requião
Caixa Postal, 155 - Telégr.: MUNDIAL
Livros, Músculas Escolares e objectos de Escritório - **Encadernação, Pautação**
Fabrica de Livros em branco

Agentes dos principaes
jornaes e revistas do Rio
de S. Paulo

CURITYBA, 31 de Outubro de 1922
(Paraná)

EXPOSIÇÃO ESCOLAR

			PREÇO
Agosto	28	65 fls. de papel rosa	6.000
		1 v/da gomma arabica	2.000
		1.500 etiquetas - Escola Int. G. Anne. e E. Barn.	18.000
Setembro	1	37 cartazes - nomes prof., grupos e annos	62.000
		34 fls. de papel seda - verde e amarells	2.900
		1 v/da gomma arabica	2.500
		1 peça de papel crepom	2.000
		21 fls. de papel verde para filhagens	10.500
		85 fls. de papel de seda escr.	8.000
		45 fls. de papel branco grosso	20.000
		1 peça de papel crepom vermelho	2.000
	2	15 fls. de papel verde grosso	4.000
		11 cartazes - 1 de cada	33.000
		15 fls. de papel verde grosso	4.000
		15 fls. de papelão	7.000
	4	30 fls. de papel amarelado de escr	1.800
		2 exs. de percevejos	6.000
		1 resma de papel jornal AA	38.000
	5	500 etiquetas Grupo annex	6.000
		2 fls. de papel de escr	200
		1.000 bandeirinhas em cordão	46.000
	6	100 cartazes c/ caps	27.000
		84 fls. de papel verde grosso	2.400
		1 v/da gomma arabica	1.500
		1 resma de papel jornal	38.000
		2 fls. de cartão verde	1.500
		14 cartazes 6 chapas	20.000
		6 fls. de papel de seda amarells	600
		6 fls. de papelão n° 100	4.800
		1 livro especial para visitantes	30.000
		4 fls. de papel azulado grosso	4.800
		2 exs. de percevejos	6.000
		1 v/da gomma arabica	2.000
		50 bandeirinhas c/ caps	15.000
		100 " " " " " "	10.000
		2 fls. de papel branco	800
			R\$.... 446.400

Reporta esta conta em QUATROCENTOS E QUARENTA E SEIS MIL E QUATROCENTOS REIS.

FONTE: DEAP-AP n° 1944, 1922, p. 227.

A nota fiscal foi enviada à Inspeção Geral de Ensino, para cobrança, e revela alguns dados muito importantes sobre a organização da Exposição Escolar do Centenário da Independência. No canto superior esquerdo observa-se a notícia da premiação recebida pela “Livraria Mundial” na Exposição Universal de Turim, em 1911.

Outro dado revelador é que foram adquiridos 37 cartazes para identificar o nome dos professores, dos grupos escolares e os respectivos anos. Supõe-se, desta forma, que o número de expositores/escolas tenha sido em torno de trinta classes/turmas. Assim, podemos inferir que ocorreu uma significativa participação das escolas primárias do estado do Paraná no certame.

Nos próximos itens deste capítulo, poderemos observar alguns registros fotográficos que demonstram, entre outras coisas, a utilização dos cartazes nas identificações dos nomes das professoras, das classes e dos grupos escolares que participaram do evento. Também é preciso destacar que foram adquiridas, no dia 28 de agosto, 1.500 etiquetas destinadas à identificação dos artefatos dos alunos da Escola Intermediária, Grupo Escolar Anexo e Escola Normal e demais Escolas Primárias. De acordo com a Nota Fiscal, no dia 05 de setembro a Inspetoria comprou mais 500 etiquetas, as quais eram destinadas ao Grupo Escolar Anexo. Assim, estima-se que cerca de 2000 artefatos escolares foram expostos. Os demais materiais da lista eram: folhas de diversas cores, variados tipos de folhas de papel (crepon, acetinado, seda e cartão), tubos de cola (goma arábica), percevejos e um livro de assinatura destinado ao registro dos visitantes.

Também é preciso destacar que a Inspetoria Geral de Ensino adquiriu, de acordo com a nota fiscal, 1000 bandeirinhas de cordão no dia 05 de setembro de 1922 e no dia 06, mais 150 bandeirinhas de cabo. Esses ornamentos destinavam-se aos locais de exposição das diferentes classes. No próximo item desse capítulo, analisamos as fotografias das Exposições Escolares e verificamos que as bandeirinhas mencionadas foram utilizadas para ornamentar os “stands” das classes/anos das escolas que se fizeram presentes na Exposição Escolar do Centenário.

A Inspetoria Geral do Ensino subsidiou as passagens ferroviárias dos professores das cidades do interior do estado: Ponta Grossa, (DEAP-AP nº 1943, p. 147); Palmeira (DEAP-AP nº 1943, p. 148); Rio Negro (DEAP-AP nº 1943, p. 152); União da Vitória, (DEAP-AP nº 1943, p. 155); Jaguariaíva (DEAP-AP nº 1943, p. 108) para participarem das festividades e acompanharem as remessas dos artefatos escolares. Em consulta ao Departamento de Arquivo Público do Paraná, mais precisamente os APs, identificamos a remessa de artefatos das cidades de Palmeira (DEAP-AP nº 1943, 1922, p. 145), Lapa (DEAP-AP nº 1943, 1922, p. 150), Rio Negro (DEAP-AP nº 1943, 1922, p. 153) e Ponta Grossa (DEAP-AP nº 1943, 1922, p. 162). Isso demonstra que foram enviados artefatos dos alunos das escolas primárias do interior do estado. As correspondências emitidas pelo Inspetor Geral do Ensino autorizavam o transporte dos artefatos escolares e apresentavam idêntico teor, apenas alterava o nome da cidade:

Sr Agente da Estação de Ponta Grossa

Autorizo-vos a receberdes nessa Estação, para serem despachados como encomenda, com frete a pagar, por conta do Governo do Estado, os volumes que aí forem entregues pelo Diretor do Grupo Escolar local, contendo objetos destinados à exposição escolar nesta Capital. Secretário Geral do Estado (DEAP – AP nº 1943, 1922, p. 162).

Intitulamos esse capítulo utilizando a expressão “um espetáculo de luz e sombra”. Não por acaso, a escolha destina-se a salientar que alguns personagens e artefatos não obtiveram o holofote (“a luz”) da imprensa e a da Inspeção Geral de Ensino, portanto foram-lhe destinadas a “sombra”. O primeiro, já mencionado anteriormente em relação aos alunos das escolas isoladas e, agora, os artefatos produzidos pelos alunos dos grupos escolares do interior do estado, que não foram motivo de relato e apreciação, tanto dos jornais, como do Relatório do Inspetor Geral de Ensino, Prieto Martinez. A imprensa paranaense registrou esse momento festivo considerando apenas um determinado olhar. Esses são registros que revelam estratégias políticas colocadas em jogo naquele determinado período histórico. Ou dito de outra forma, os discursos das autoridades, como menciona Lilia Moritz Schwarcz (2019, p. 20), “perdem sua capacidade crítica (...) exalta a criação de um passado glorioso e de uma história única, enaltecida”. Assim, as escolas primárias e as personagens exaltadas foram os grupos escolares, alunos e professores da capital.

A Exposição ficou aberta ao público durante 10 dias (O ENSINO, 1922, p. 108). Considerando as fontes, tudo indica que as aulas do Ginásio Paranaense e da Escola Normal foram interrompidas dias antes da inauguração da exposição para a instalação dos “stands” e pintura, na data comemorativa ao Centenário, dia 07 de setembro, e por 10 dias após a inauguração da Exposição Escolar. Outras atividades festivas escolares alusivas ao Centenário da Independência se estenderam por vários dias e no 14º dia realizou-se no Campo Internacional os exercícios ginásticos com a presença de 1.800 alunos das escolas primárias da capital (O ENSINO, 1922, p. 107).

3.1.2. O organizador

Participaram da organização das festividades do Centenário da Independência no Paraná muitas autoridades, desde o poder Legislativo até, e principalmente, o poder Executivo. Aqui destacamos a atuação do Inspetor Geral do Ensino, Cesar Prieto Martinez.

Cesar Prieto Martinez, depois de um longo processo de negociação, assumiu a Inspetoria Geral do Ensino⁷⁷ (anteriormente denominada Diretoria Geral da Instrução Pública), em 1920. Martinez foi nomeado pelo então Governador do estado, Caetano Munhoz da Rocha (1920-1928). Martinez exerceu o cargo no período de 1920 a 1924 e tinha a incumbência de realizar as reformas necessárias para melhoria do ensino público no Paraná (SOUZA, 2004, p. 47). Sua nomeação foi recebida, inicialmente, com entusiasmo pela imprensa paranaense (SOUZA, 2004, p. 47), tendo em vista que Martinez era

um técnico competente, educador experiente e que naquele grande Estado tem feito uma brilhante carreira, passando por todos os degraus do magistério, até chegar à direção de uma escola normal de mais renome. Espírito organizador, trabalhador sereno e seguro, lá no seu Estado tinha o melhor lugar, o melhor conceito e todas as portas francas para ascender em sua carreira, de acordo com suas obrigações. (DIÁRIO DA TARDE, 15/03/1920, p.04).

Porém, de acordo com Jean Carlos Moreno (2003, p.17), “desde sua chegada e durante todo o período em que estará a frente da Instrução Pública (1920-24) haverá questionamentos e oposição de parte da imprensa às ações de Prieto”. Em uma das matérias publicada na Gazeta do Povo não minimiza as críticas quanto as medidas implantadas por Prieto Martinez.

Continuamos a perguntar o que tem feito S. Exa.?

Analizamos a 1ª e 2ª medidas tomadas e vimos que S. Exa. nada nos trouxe de novo, a não ser a prova de que desconhece os rudimentares preceitos de pedagogia, mandando adaptar o mesmo horário para climas diferentes. 3º As aulas devem funcionar com intervalo de 20 minutos para recreio. Ora, a grande novidade! Então S. Exa., quando esteve no Grupo Modelo, não o viu no gabinete do Diretor essa mesma disposição feita e datada de fevereiro de 1917? Ou S. Exa. não vê, ou se vê, está copiando o que já estava em execução. Para continuar com estava não era necessário importar uma tal mentalidade, gastando tanto dinheiro. E isso estava feito e imensamente mais econômico. Sobre esse ponto, nada de novo nos trouxe S. Exa. 4º Cinco minutos antes da hora será dado o sinal de formatura, e os professores que estiverem ausentes serão considerados como tendo faltado, registrando-se a falta no competente livro. S. Exa. é um desastrado. Essa medida estava em execução, e ainda melhorada, desde o dia em que se publicou o regimento interno no Grupo Modelo e similares, conforme reza o exemplar que temos em nosso poder. Mas, que nos parece S. Exa., não sabe ler ou pensa que isto é uma terra de botocudos e basbaques, a olhá-lo, aparvalhados, como a uma aparição do além túmulo. Leia, ao menos, nossas leis e decretos, regulamentos e portarias referentes ao assunto, uma vez que não quer assistir aulas para avaliar o que se passa e quanto é disciplina e método para evitar o ridículo que ameaça de morte. Sobre esse ponto, S. Exa. ainda nada nos

⁷⁷ “A Lei nº 1999 de nove de abril de 1920 criava a Inspetoria Geral de Ensino, com poderes para reformar (talvez instituir) o ensino público estadual com ênfase para a reforma da Escola Normal (...).” (MORENO, 2003, p. 22).

trouxe de novo. 5º Todos os papéis deverão ser enviados por intermédio desta Inspetoria. Essa medida é nova porque não existia a Inspetoria Geral de Ensino, mas assim mesmo é apenas um caso de deslocamento, pois que esses papéis eram obrigados a passar pela 3ª seção, a que estava afeito todo o serviço de instrução. Com a criação da Inspetoria passaram funções que já eram exercitadas e nada trouxe S. Exa. de novo. Concluam agora os leitores dessa exposição das medidas tomadas quais foram as vantagens que advieram para a causa da instrução de nossa infância. Nós concluímos que S. Exa. veio apenas gozar as delícias de nosso clima ameno, do conforto de nossos cobres e abusar da hospitalidade de um povo generoso. (GAZETA DO POVO, 04/05/1920, p.04).

As críticas realizadas pela imprensa também foram direcionadas ao governador do estado, Caetano Munhoz da Rocha, pela nomeação do técnico paulista para assumir a Inspetoria Geral do Ensino. (SOUZA, 2004, p. 48). As tratativas para escolha de um técnico paulista para assumir a direção da instrução pública foram intensas e revestidas de controversas e contou com a participação direta de Lysimaco Ferreira da Costa. Esse episódio foi analisado por Gizele de Souza (2004), quando da descoberta de correspondência inédita no acervo do memorial de Lysimaco Ferreira da Costa.

Muitos nomes foram aventados de cá e de lá, como foi o caso da sugestão que João Rodrigues fez ao secretário geral de Estado do Paraná, Marins de Camargo, em favor de João Toledo, que declinou da oferta do cargo. Outro nome sugerido foi o do então diretor do Ginásio de Campinas, Amadeu Mendes; este, em carta redigida de sua fazenda São Bento e datada de 13 de março de 1920, respondeu a João Rodrigues, recusando o convite por motivo de negócios alheios ao ensino e também recomendando o professor João Toledo, que já havia se manifestado contrariamente (carta de Amadeu Mendes a João Rodrigues, datada de 13 de março de 1920, acervo Lysimaco Ferreira da Costa). (SOUZA, 2004, p. 50).

As negociações de escolha do novo diretor da Inspetoria Geral do Ensino do Paraná findaram, com certos cuidados e restrições, no nome do então diretor da Escola Normal de Pirassununga, Cesar Prieto Martinez (SOUZA, 2004, p. 50-51). “A nomeação de Martinez deu-se por meio do Decreto nº 474, de 13 de abril de 1920, conforme indica Ofício nº 47, em 17 de abril de 1920, da Inspetoria.” (SOUZA, 2004, p. 51).

Durante a gestão de Cesar Prieto Martinez (1920-1924) serão implantadas reformas e inovações pedagógicas. Prieto Martinez terá como um de seus críticos o diretor do Ginásio Paranaense e da Escola Normal, Lysimaco Ferreira da Costa, como destaca Souza:

as diferenças entre esses dois personagens, mediadas pela imprensa local, mostram que o processo de organização do cenário da Instrução Pública paranaense não se constituiu por ações monolíticas, sem contradições e alheias ao contexto cultural no qual estavam mergulhadas. Cabe frisar que os projetos de reformas e a cultura dos reformadores é terreno de disputas, e as

prescrições pedagógicas, legais e políticas são fruto desta concorrência. (SOUZA, 2004, p. 62).

Considerando esse cenário político, vale ressaltar que os Relatórios elaborados por Cesar Pietro Martinez no período que ficou à frente da Inspetoria Geral do Ensino - 1920 a 1924 contém minucioso relato das ações desencadeadas pela inspetoria, merecendo destaque o cuidado de Prieto Martinez em anexar os relatos dos subinspetores, fruto das viagens pelo interior do estado.

De acordo com Marcus Levy Bencostta,

na sua passagem pelo Estado, Prieto Martinez tornou-se o principal responsável pelo salto qualitativo na organização do ensino ao providenciar dentre outras ações, a divulgação de novos métodos do ensino dos grupos escolares e as palestras pedagógicas dedicadas aos professores e diretores de Curitiba, com o propósito de expor o pensamento em relação à reforma da instrução e quais eram os métodos modernos do ensino. (2001, p. 134).

No conjunto das reformas empreendidas por Prieto Martinez, destacamos as mudanças em relação às Exposições Escolares, expressas no Relatório enviado ao Secretário Geral do Estado do Paraná, Marins Alves de Camargo, referente às ações realizadas no ano de 1920, publicado em 1921, que determinava que as Exposições Escolares deveriam passar a contar, também, com as provas dos alunos.

Recomendei e exigi que sejam colecionados os trabalhos tanto nos grupos como nas escolas isoladas e essa medida vai já produzindo excelentes frutos. Além de ser uma exposição do trabalho diário da classe, atesta o funcionamento da escola e prova, pelo progresso que os alunos apresentam, a competência e o esforço do professor (...). As exposições escolares anualmente realizadas devem constar de tais provas, pois elas demonstram a capacidade de trabalho de cada estabelecimento de instrução. (MARTINEZ, Relatório, 1921, p. 10).

No que diz respeito aos preparativos para a comemoração do Centenário da Independência, Prieto Martinez, no Relatório do ano de 1922, aponta:

Com a necessária antecedência, enviei a todos os Srs Diretores dos grupos instruções a respeito, de maneira a haver completa harmonia de vistas para que tais festas tivessem um caráter eminentemente popular. Nas capas dos cadernos distribuídos aos alunos das escolas, durante o ano letivo, mandei imprimir um resumo histórico dos fatos que deram lugar ao grito do Ipiranga e isso com o intuito de preparar o espírito das crianças para a grande comemoração. Essa publicação, divulgada por 25.000 exemplares (...). (MARTINEZ, Relatório, 1922, p. 96).

O resumo elaborado por Prieto Martinez e posteriormente distribuído aos alunos das escolas primárias nos cadernos escolares trata-se de um texto de cerca de três páginas.

Inicialmente um relato ufanista do episódio às margens do Rio Ipiranga, em seguida menciona como foi a elaboração do Hino da Independência e finaliza destacando a pujança do Brasil nos últimos cem anos, pois atingiu o patamar do mais importante produtor de café e erva mate, exportador de carne congelada, açúcar, borracha, algodão, madeira, fumo e ouro. Na frase derradeira do texto, Prieto Martinez, conclama os alunos das escolas primárias: “imitemos, pois, os nossos antepassados que em cem anos tanto fizeram pelo Brasil.” (MARTINEZ, Relatório, 1922, p. 99).

Apesar de todo o preparo prévio da Inspeção Geral do Ensino, comandada por Prieto Martinez, o discurso proferido na inauguração do Palácio da Instrução no dia dos festejos do Centenário da Independência foi realizado por Lysimaco Ferreira da Costa (diretor do Ginásio Paranaense e da Escola Normal). Da mesma forma, na inauguração das Exposições Escolares, às 20h do mesmo dia, as fontes consultadas não apresentam quem proferiu o discurso inaugural, deste modo, pressupõe-se que Prieto Martinez foi figura coadjuvante nos festejos realizados nas escolas dia 07 de setembro de 1922, possivelmente em decorrência do cenário político de embate e oposição entre o Inspetor Geral do Ensino, Cesar Prieto Martinez, e o Diretor do Ginásio Paranaense e da Escola Normal, Lysimaco Ferreira da Costa.

3.1.3. As Exposições Escolares no Centenário da Independência

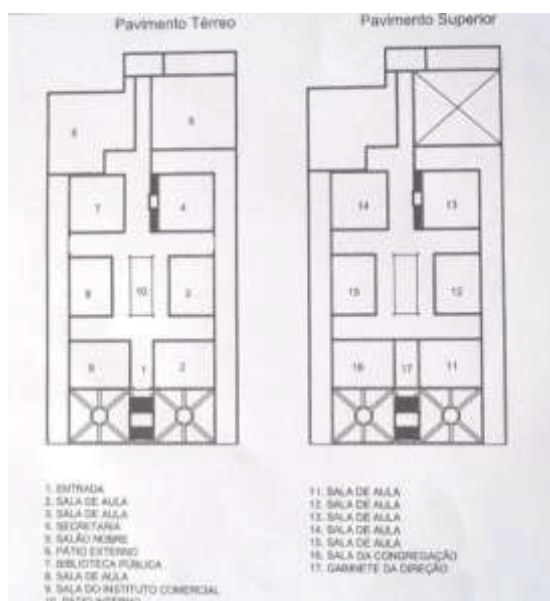
“A noite teve lugar, no edifício do Ginásio Paranaense, a inauguração da exposição de trabalhos gráficos e manuais de todos os grupos escolares do estado.” (MARTINEZ, Relatório, 1922, p. 100). Assim, o Inspetor Geral do Ensino, Prieto Martinez, inicia o relato da Exposição Escolar do Centenário da Independência, “cada grupo instalou a sua exposição em compartimentos apropriados, obedecendo a vários gostos artísticos, causando toda magnífica impressão.” (MARTINEZ, Relatório, 1922, p.100).

É importante ressaltar que até o ano de 1922, o Ginásio Paranaense e a Escola Normal funcionavam no mesmo edifício. Com a inauguração do “Palácio da Instrução”, no dia 07 de setembro de 1922, a Escola Normal, a partir do ano de 1923 dá início às aulas em novo endereço. Apesar da inauguração do novo edifício, a exposição escolar da Escola Normal e das escolas primárias no Centenário da Independência ocorreu nas dependências do Ginásio Paranaense.

O Ginásio Paranaense, hoje, Colégio Estadual do Paraná, foi criado pela Lei nº 33 em 1846 e recebeu a denominação de Liceu de Curitiba. Em 12 de abril de 1876, passou a

denominar-se Instituto Paranaense, em consequência da Lei nº 456 a qual previa a criação da Escola Normal. As duas instituições funcionavam no mesmo prédio. Em 12 de julho de 1892 foi regulamentada uma nova organização e consequentemente passou a denominar-se Ginásio Paranaense, instituído pela Lei nº 42 (STRAUBE, 1993). No ano de 1904 é inaugurado o edifício do Ginásio Paranaense. De acordo Mariana Rocha Zacharias (2013, p.57)⁷⁸, “a construção foi iniciada em maio de 1903, e o edifício inaugurado em 24 de fevereiro de 1904.” O edifício era composto por dois andares, distribuídos da seguinte maneira: “O edifício do Ginásio Paranaense era constituído de nove salas de aula (...). Havia ainda um amplo Salão Nobre, secretaria, as instalações da Biblioteca Pública, Gabinete da Direção e Sala da Congregação.” (ZACHARIAS, 2013, p. 56). A Figura 30, abaixo, possibilita compreender a distribuição dos espaços.

FIGURA 30 - PLANTA BAIXA DO GINÁSIO PARANAENSE



FONTE: A planta baixa foi extraída da dissertação de ZACHARIAS, Mariana. 2013, p. 56.

A julgar pelos fatos narrados no Relatório do Inspetor Geral do Ensino, Prieto Martinez, foram ocupadas dez salas. (MARTINEZ, Relatório, 1922, p.100) e pela planta, acima destacada, todas as salas de aula do edifício foram utilizadas pelas exposições dos trabalhos escolares dos alunos das escolas primárias e da Escola Normal e de artefatos de ensino fornecidos pela Inspetoria Geral de Ensino.

⁷⁸ Consultar a Dissertação de Mestrado de Mariana Rocha Zacharias. *Espaços e processos educativos do Ginásio Paranaense: os ambientes especializados e seus artefatos (1904-1949)*. Dissertação – UFPR: Curitiba, 2013, cujo orientador foi o prof. Dr. Marcus Levy Bencostta.

FIGURA 31 - EXPOSIÇÃO ESCOLAR, COMEMORATIVA DO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA – ESCOLA NORMAL



FONTE: O Ensino – 1922, p. 108. Acervo da Casa da Memória

A Figura 31 destaca uma das seções dos artefatos escolares da Escola Normal e o número de Grupos Escolares que participaram do certame, isto é, 22 grupos. O certame expôs os artefatos dos alunos dos Grupos Escolares da capital e do interior, do Grupo Escolar Anexo à Escola Normal e os artefatos produzidos pelas alunas da Escola Normal.

O jornal “Diário da Tarde” realizou a descrição da Exposição Escolar do Grupo Anexo à Escola Normal, que foi instalada no Salão Nobre do Ginásio Paranaense.

Visitamos hoje, com certo vagar, a Exposição Escolar do Centenário, que como já noticiamos em edição passada, acha-se organizada no vasto edifício do Ginásio Paranaense. No Salão Nobre figuram a Escola Normal, Escola Internacional e Grupos Anexos à Escola Normal. Ao se entrar, nota-se, já pela posição, já pela beleza e variedade dos objetos expostos, os trabalhos das alunas da Escola Normal, dirigidas pela prof. Dulce Loyola. Sobressaem logo belíssimas colchas de filó, de “macramé” e uma esmeradamente pintura à pena; grande número de almofadas, artístico pano de mesa de cetim e filé. (DIÁRIO DA TARDE, 14/09/1922, p.04).

De acordo com a figura 30⁷⁹, o Salão Nobre estava localizado no piso térreo ao fundo do edifício. O “lugar” de destaque foi destinado à Escola Normal e ao grupo escolar anexo à

⁷⁹ O conjunto de fotografias ora apresentadas compõe do acervo da Casa da Memória da Fundação Cultura de Curitiba referente ao fundo Lysimaco Ferreira da Costa. Em 14/08/1995, uma das filhas de Lysimaco, Maria José Ferreira da Costa, efetuou a cedência das fotos, conforme ficha de identificação da Casa da Memória. Nesse registro foi possível verificar o nome do fotógrafo e o estúdio fotográfico responsável: Fotógrafo, L. e Rezler Linzmeyer e Estúdio: Photographia Moderna.

Escola Normal, que praticamente foram o alvo dos relatos do jornalista do Jornal *Diário da Tarde*. Continuando o relato, a exposição “do 1º ano, dirigido pela professora d. Itacelina Teixeira Bittencourt⁸⁰, notam-se grupos de frutas feitas de barro pintado, almofadas de “macramê”, uma bela cesta de papel ornada com fitas vermelho escuras, trabalhos de estanho sobre madeira, etc.” (DIÁRIO DA TARDE, 14/09/1922, p.04). A Figura 32 representa a exposição de trabalhos realizados pelos alunos da prof. Itacelina.

FIGURA 32 - 1º ANO – GRUPO ESCOLAR ANEXO – PROFESSORA ITACELINA TEIXEIRA DE BITTENCOURT



FONTE: Acervo Casa da Memória – Fundo Lysimaco Ferreira da Costa – 1922

Podemos observar a utilização dos cartazes de identificação que foram adquiridos pela Inspetoria Geral de Ensino, conforme Nota Fiscal (figura 28) e também as etiquetas de

⁸⁰ “**Itacelina Teixiera Bittencourt (1886-1938)** era filha do Desembargador dr Itaciano Teixeira e de d. Adelaide Mueller Teixeira. Nascida em Curitiba a 4 de fevereiro de 1886. Os primeiros estudos foram feitos no antigo Colégio Sion, tendo terminado o curso com Distinção. Entrou para a Escola Normal em 1900, terminando o curso em 1903, tendo recebido o diploma respectivo. Tendo sido conferido um premio instituído em 1903 pelo dr Vitor Ferreira do Amaral que era Diretor da Instrução Pública do Estado naquela época, por ter a mesma terminado o curso com o maior brilhantismo. Em 04 de fevereiro de 1908, foi nomeada professora da Batel entre ‘povoado’. Mais tarde, passados 2 a 3 anos, removida para uma cadeira da Capital e em 31 de janeiro de 1916, foi nomeada Diretora do Grupo 19 de Dezembro. Em 14 de abril de 1923, foi nomeada Sub-Diretora da Escola Normal Secundária da Capital, cargo que exerceu até se aposentar. Fez também curso de Higiene, sendo aprovada com Distinção e tirado o 2º prêmio instituído pelo Diretor do curso que era o dr. Hostilio de Souza Araújo. Quando Diretora da Escola Normal Secundária, foi nomeada professora de Puericultura onde as alunas receberam as primeiras aulas dessa matéria. Foi casada com o sr. Damaso Corrêa de Bittencourt, alto funcionário dos Correios e Telégrafos, de cujo matrimônio nasceram, dr Damaso Teixeira Bittencourt, Adelaide Bittencourt de Almeida, professora normalista e dr Delohé Teixeira de Bittencourt. Faleceu em 21 de junho de 1938, na cidade de Santos onde está sepultada.” (O DIA, 04/02/1939, edição 04762)

identificação nos artefatos escolares; o primeiro cartaz com o nome da escola, o segundo com o nome da professora Itacelina Teixeira Bittencourt, o terceiro a série e o quarto com o nome da professora Rosa Leinig Saporski. O jornalista do *Diário da Tarde* ou não notou o cartaz como o nome da professora Rosa, ou apenas deu destaque à professora Itacelina. Considerando a biografia da professora Itacelina e o seu casamento “com o sr. Damaso Corrêa de Bittencourt, alto funcionário dos Correios e Telégrafos” (O DIA, 04/02/1939, p.), é possível compreender a importância atribuída à professora Itacelina.

Além dos artefatos dos alunos, também podemos observar as bandeirinhas dispostas na barra da toalha em cima da fita que ornamenta a toalha de mesa, assim como as bandeirinhas com cabinho de madeira inseridas em determinados locais. É possível observar alguns artefatos repetidos, tais como os tapetes, os cestos, as bolsas confeccionadas em “macramê”, as almofadas e demais artefatos. Dois biombos dispostos nas laterais, possivelmente para delimitar o espaço.

FIGURA 33 - 1º ANO DO GRUPO ESCOLAR ANEXO – PROFESSORA LUCIA BASTOS FERREIRA E PROFESSORA ADJUNTA ELOAH TERRA FRANCO



FONTE: Acervo Casa da Memória – Fundo Lysimaco Ferreira da Costa - 1922

Outra exposição de trabalhos escolares foi a “do 1º ano, masculino, a cargo da professora d. Lucia Bastos⁸¹ e da adjunta d. Eloah Terra Franco⁸², notam-se trabalhos de agulha, tapetes de viagem, pequenos utensílios feitos com conchas, casca de caranguejo, casca de ovo e retalhos de folha, frutas de barro e de cera; almofadas bordadas, trabalhos de gesso, pratinhos pintados à pena; vestidinhos de boneca, flores de papel, etc.” (DIÁRIO DA TARDE, 14/09/1922, p. 04). Observa-se a mesma utilização dos cartazes de identificação das professoras e dos artefatos escolares. Também é possível perceber as bandeirinhas dispostas entre os artefatos. Ao contrário da Exposição Escolar da professora Itacelina, os artefatos dos alunos das professoras Lucia e Eloah estão distribuídos em degraus, essa organização, que de certa forma, promove uma melhor visualização dos artefatos. A figura 32 demonstra não só os trabalhos mencionados na reportagem, mas outros artefatos produzidos pelos alunos. Podemos destacar um conjunto de mobília em miniatura no canto esquerdo, localizado no degrau inferior. Também os vestidinhos de boneca, bolsas, almofadas, vasos etc.

Abaixo (Figura 34) a exposição do 2º ano do Grupo Escolar Anexo sob a responsabilidade da professora Annete Clodilte de Macedo. Diz a reportagem sobre a terceira exposição visitada: “do 2º ano do Grupo Anexo, dirigido pela professora d. Annete Clodilte de Macedo⁸³, notam-se belos cachos de frutas feitos de barro, cestinhas para costura, uma cesta para papel de pano bordado sobre armação de arame.” (DIÁRIO DA TARDE, 14/09/1922, p. 04).

⁸¹ Não foi possível localizar dados biográficos da professora.

⁸² A informação disponível sobre a professora é que era filha do capitão Manoel de Souza Franco e de Corina Terra Franco, tendo se casado com Demétrio Monteiro, da firma E. Veiga & Cia. (O DIA, Curitiba, 8 de novembro de 1931, ed. 2387, p.6).

⁸³ **Annette Clotilde Portugal de Macedo (1894-1963)** nasceu em Curitiba, em 03/12/1894. Filha de Clotilde Portugal de Macedo e Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo. Foi aluna da Escola Americana. Em 1908 matriculou-se na Escola Normal terminando o curso em 1912. Trabalhou na Escola mista do Retiro Saudoso e de 1916 a 1918, auxiliou seu pai na cadeira de Pedagogia da Escola Normal. Dirigiu e organizou a primeira Escola de Prática Pedagógica do Paraná. Em 1918, foi diretora do Grupo Escolar Rio Branco. Lecionou na Escola Normal as disciplinas de Sociologia, Didática e Pedagogia, Metodologia e Prática de Ensino, Higiene, Agronomia. Aposentou-se em 1950. (MACEDO, 1952, p. 257, 258 e 259).

FIGURA 34 - 2º ANO DO GRUPO ESCOLAR ANEXO – PROFESSORA ANNETE CLOTILDE DE MACEDO



FONTE: Acervo Casa da Memória – Fundo Lysimaco Ferreira da Costa - 1922

A figura 34 representa a exposição dos artefatos dos alunos da professora Annete de Macedo que também utilizou de todos os recursos ornamentais das exposições de outras turmas, ou seja: cartazes de identificação, etiquetas de identificação dos artefatos escolares, bandeirinhas e a disposição dos artefatos em suporte de madeira organizados em “degraus”. Um elemento diferenciador foi a divulgação de um quadro parietal com os pontos do macramê/crochê, anteriormente analisado.

A exposição dos trabalhos dos alunos do 4º ano do Grupo Escolar Anexo, da professora Iria Cumico⁸⁴, também foi noticiada no *Diário da Tarde*. A nota menciona:

O 4º ano feminino do Grupo Anexo é provavelmente o que apresenta maior variedade de trabalhos, executados todos pelas alunas da professora Iria Cumico, entre os quais notamos belos e artísticos tapetes de lã e de étamine, grande número de almofadas em variados e caprichosos desenhos, panos de cozinha entre os quais se nota um com os dizeres “Bom apetite”; frutas de barro, desenhos e mapas do Paraná e do Brasil. (DIÁRIO DA TARDE, 14/09/1922, p. 09).

A figura 35, abaixo, demonstra a exposição escolar do 4º ano do Grupo Escolar Anexo, sob a responsabilidade da professora Iria Cumico. A exposição dos trabalhos dos alunos da professora segue a mesma padronização da exposição das classes anteriores. Isso revela uma possível orientação da Inspetoria Geral de Ensino, ou até mesmo uma proposta de

⁸⁴ Não foi possível encontrar dados biográficos da professora.

uniformização do conjunto das exposições dos trabalhos dos alunos do Grupo Escolar Anexo à Escola Normal.

FIGURA 35 - 4º ANO FEMININO DO GRUPO ESCOLAR ANEXO PROFESSORA IRIA CUMICO



FONTE: Acervo Casa da Memória – Fundo Lysimaco Ferreira da Costa - 1922

O relato do jornalista do *Diário da Tarde* destaca a variedade de trabalhos das alunas do 4º ano. No entanto, é possível afirmar a existência de vários desenhos dispostos no gradil do painel expositor. É preciso considerar também a possível qualidade dos trabalhos expostos, pois se trata de alunas com mais idade e já acostumadas a produzir trabalhos de agulha e trabalhos manuais, assim como a utilização de técnicas mais aprimoradas na confecção dos bordados, das almofadas e demais objetos.

Por fim, no Salão Nobre do Ginásio Paranaense, a exposição dos trabalhos do 4º ano masculino, sob a responsabilidade da professora Maria Ermelina e Silva⁸⁵.

Do 4º ano masculino, sob a direção da professora d. Maria Ermelina e Silva, notam-se, em 1º lugar, a miniatura de uma casa executada pelos meninos Antonio Costa e Joaquim Queiroz, com todas as peças: sala de visitas, quarto, muito bem executado sob desenho dado pelo sr. Heitor Borges de Macedo, escritório, sala de jantar, copa, cozinha e toalete, um bem trabalhado biombo de imbuia, recortado a serrinha, em silhuetas e dois

⁸⁵ No jornal *Diário da Tarde*, de 29 de dezembro de 1931 (edição 11050, p.5), informa-se sobre o falecimento da professora, que era natural de Antonina, tendo sido casada com Agostinho Ferreira e Silva e mãe de Ataliba e Milton Silva e doutorando Sady Silva e sogra de Newton Correia. Desde 1903 os jornais (*A REPÚBLICA*. Curitiba, 10 de setembro de 1903, ed. 202, p. 2) noticiam afastamento da professora do seu cargo por motivos de saúde e esta situação percorrerá por muitos anos.

quebra-luzes de belo efeito. Notam-se grande número de trabalhos de muito bom gosto feitos à serrinha, pintura à pena sobre vidro, desenhos em quantidade, mapas de todas as partes do mundo com exclusão à Oceania; interessante coleção de bandeiras do Brasil, desde o Descobrimento até à República, etc. (DIÁRIO DA TARDE, 14/09/1922, p. 04.).

A figura 36 permite-nos compreender como foi organizada a exposição dos artefatos escolares do 4º ano – masculino – do Grupo Escolar Anexo à Escola Normal, cuja regente era professora Maria Ermelina e Silva. A exposição do 4º ano masculino basicamente foi de desenhos, ou como mencionavam à época de trabalhos gráficos. Nota-se, pela primeira vez, a menção do nome dos alunos no relato efetuado pela reportagem do *Diário da Tarde*. Também em destaque os artefatos em madeira (móveis em miniatura, biombo de imbuia e os quebra-luzes), todos confeccionados utilizando a “serrinha”.

FIGURA 36 - 4º ANO MASCULINO DO GRUPO ESCOLAR ANEXO - PROFESSORA D. MARIA ERMELINA E SILVA



FONTE: Acervo Casa da Memória – Fundo Lysimaco Ferreira da Costa – 1922.

De acordo com o Relatório do Inspetor Geral do Ensino, Pietro Martinez, o Grupo Escolar Anexo à Escola Normal, possuía 307 alunos e as seguintes professoras:

QUADRO 14 - PROFESSORES DO GRUPO ESCOLAR ANEXO À ESCOLA NORMAL

FUNÇÃO	NOME
Diretor	Heitor Borges de Macedo
Professora	Itacelina T. Bittencourt
Professora	Annete Clothilde Macedo
Professora	Maria Ermelina e Silva
Professora	Rosa Leinig Saporski
Professora	Lúcia Bastos Ferreira
Professora	Prudência Moritz
Professora	Iria Cunico
Adjunta	Eloah Terra Franco

FONTE: Elaborado pela autora com base no Relatório do Inspetor Geral do Ensino, Cesar Prieto Martinez, enviado ao Secretário da Instrução Pública em 1923, p. 109-100.

Considerando os dados apresentados no Relatório do ano de 1922 e publicado em 1923, elaborado pelo Inspetor Geral de Ensino, Prieto Martinez, ou não realizaram a Exposição dos artefatos escolares da professora Prudência Moritz⁸⁶; ou o “stand” não foi visitado pela reportagem do *Diário da Tarde*.

A exposição dos outros grupos escolares ocorreu nas demais salas de aula que foram preparadas para receber as exposições. Além das Exposições do Curso Anexo à Escola Normal, apenas três grupos escolares foram mencionados pelo jornalista do *Diário da Tarde* que visitou a Exposição do Centenário da Independência, são eles: Oliveira Bello, Carvalho e Xavier da Silva, Grupo Escolar Portão, Rio Branco; e dois municípios da Lapa e Campo Largo, bem como dos demais municípios que enviaram os artefatos via a Estação Ferroviária. Os dois primeiros realizaram a exposição dos trabalhos escolares em um único espaço, como podemos observar na figura 37.

⁸⁶ Segundo o jornal O DIA, de 17 de junho de 1924, é informado que a professora, filha de Roberto Moritz – conceituado guarda-livros – casou-se com Porthos Moraes de Castro Velloso.

FIGURA 37 - EXPOSIÇÃO DOS TRABALHOS DO GRUPO ESCOLAR OLIVEIRA BELLO E CARVALHO

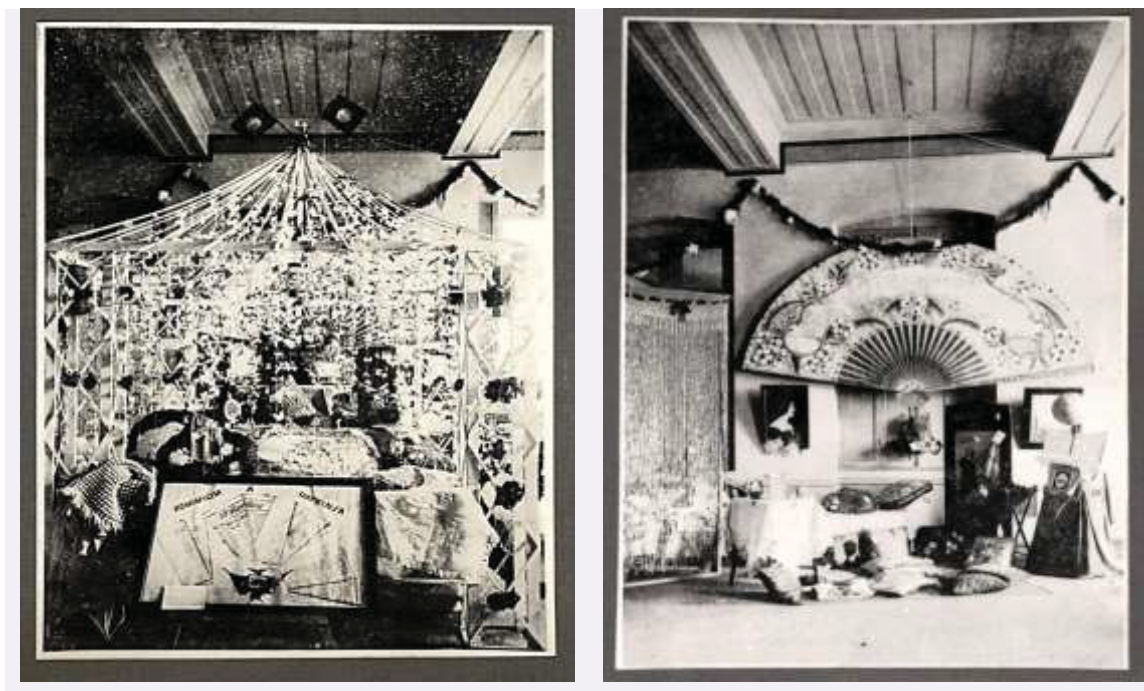


FONTE: Acervo Casa da Memória – Fundo Lysimaco Ferreira da Costa - 1922

Os Grupos Oliveira Bello e Carvalho também estão misturados. Notam-se, contudo variada quantidade de trabalhos de papel e fios coloridos, desenhos a lápis preto e de cores, almofadas, centros de mesa, cadernos de desenho e cartografia, bela carta do Paraná, frutas de cera colorida, e em trabalhos de serrinha, podem-se dizer os melhores entre os que foram apresentados, **notam-se um espelho, executado pelo aluno J. Arthur P. Macedo, verdadeiro trabalho de paciência, um nicho, feito pelo aluno Herberto Schinzet, um porta-copos e um porta-charuto, e outros objetos miúdos.** (DIÁRIO DA TARDE, 14/09/1922, p. 04, grifos nossos).

Nota-se mais uma vez, que apenas foram mencionados os nomes dos alunos em detrimento do das alunas. Também é preciso destacar a maneira como o repórter menciona a atividade dos alunos: “verdadeiro trabalho de paciência”, “os melhores entre os que foram apresentados” e “grande número de trabalhinhos de muito bom gosto feitos à serrinha”.

FIGURA 38 - EXPOSIÇÕES ESCOLARES DO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO GRUPO ESCOLAR DR XAVIER DA SILVA



FONTE: Acervo Casa da Memória – Fundo Lysimaco Ferreira da Costa – 1922

A situação de destaque que obteve na exposição escolar realizada no Ginásio Paranaense muito eleva os professores e alunos desse grupo, que foi o único a se apresentar isoladamente naquele interessante certame escolar, expondo magníficos trabalhos dentre os quais podemos destacar um mapa do Paraná, trabalhado em madeira; uma homenagem à imprensa e uma alegoria com o retrato do dr Xavier da Silva, um mapa e um globo. Impossível descrever os numerosos trabalhos de bordado, entalhe, etc que ali vimos. (DIÁRIO DA TARDE, 14/09/1922, p. 04).

O Grupo Escolar Xavier da Silva foi contemplado com dois “stands”. Um deles, como menciona a reportagem, faz uma homenagem à imprensa e ao patrono do Grupo Escolar, Dr Xavier da Silva⁸⁷.

⁸⁷ “**Francisco Xavier da Silva (1838-1922)**, neto do fazendeiro do mesmo nome, nascido no norte de Portugal, pessoa que Saint Hilaire elogiou ao passar pela Comarca de Curitiba em 1820, filho de David Antônio Xavier da Silva e de Generosa de Monte Carmelo Xavier, seria o futuro homem-tipo dos governadores paranaenses, nasceu em uma fazenda do distrito municipal de Castro a 02 de abril de 1838. Era sisudo, de poucas palavras e de grande argúcia desde os primeiros anos de vida. E porque mostrasse pendor para os estudos, foi mandado tirar curso de direito em São Paulo, onde se formou em 1860. Republicano sem exaltações e liberal com reservas, voltou ao Estado natal depois de formado, com a preocupação de fazer carreira política. Ao assumir o governo pela segunda vez, em 1900, passou a habitual inspiração pelas repartições públicas, a começar pelo próprio Palácio. No seu último período governamental, em 1908, as contas do Estado estavam atrasadas vários meses. Determinou ao Secretário da Fazenda que começasse a pagar em primeiro lugar os funcionários mais humildes. Estimulou a política de imigração, implantou escolas de artes industriais, incentivou o plantio do trigo e demonstrou sérias apreensões com a questão de limites com Santa Catarina. Líder carismático, manteve-se na liderança política do Estado durante muitos anos. Foi um dos mentores da Coligação Republicana que, em 1908, reuniu os antigos inimigos, pica-paus e maragatos, mas teve sua participação muito questionada nesse episódio por influenciar o pedido de renúncia do presidente eleito João Cândido Ferreira, seu aliado político. Houve

Destacamos a figura do governador Francisco Xavier da Silva que ocupou o cargo de governador três vezes. Em 1901, no Relatório Anual do Governador, adverte sobre a “falta de casas escolares, a principiar pela capital, em que existem duas” (PARANÁ, 1901, p. 121). No ano de 1903 o Diretor Geral da Instrução Pública, Professor Dr. Victor Ferreira do Amaral, visita a cidade de São Paulo para conhecer a experiência dos grupos paulistas (PARANÁ, 1903, p. 6-7). Em dezembro de 1903, é inaugurado o primeiro grupo escolar da capital paranaense, ou melhor, o primeiro edifício construído especialmente para agrupar as escolas isoladas da cidade de Curitiba, que foi denominado de Grupo Escolar Dr. Xavier da Silva, em homenagem ao Governador Francisco Xavier da Silva. O projeto arquitetônico era arrojado e possuía 06 salas de aula e 02 pátios de recreação cobertos. A previsão do Secretário da Instrução Pública, Dr. Victor Ferreira do Amaral, era: “instalar três escolas para cada sexo, completamente separadas, sendo uma para a 1ª série do primeiro grau, uma para a 2ª série do 1º grau e a 3ª para ambas as séries do 2º grau.” (PARANÁ, 1903, p. 124).

O primeiro Grupo Escolar do Paraná foi encomendado pelo presidente do Estado Francisco Xavier da Silva ao engenheiro Cândido de Abreu, que projetou um grande edifício escolar para a cidade de Curitiba, que foi inaugurado no dia em que se celebrou o Cinquentenário de Emancipação Política do Paraná (19 de dezembro de 1903). Outra coincidência proposital foi o nome que recebeu, Grupo Escolar Dr. Xavier da Silva, homenagem explícita ao político que o inaugurou ao final de seu mandato⁸⁸ (ERMEL; BENCOSTTA, 2019, p. 21). Por esta razão consideramos que foi dado destaque à Exposição do Grupo Escolar Dr. Xavier da Silva. O Grupo Escolar Dr. Xavier da Silva era considerado uma escola graduada exemplar no estado do Paraná, em razão das características arquitetônicas de “monumentalidade que a solução adotada para o uso do terreno considerou o seu bom aproveitamento, localizado no encontro de importantes vias que testemunharam as transformações urbanas da cidade nos primeiros decênios do Século XX.” (ERMEL; BENCOSTTA, 2019, p. 21).

reações a esse acordo, principalmente entre maragatos históricos, entre os quais João Menezes Dória e Amazonas Araújo Marcondes. Abriu-se significativa dissidência que lançou contra a candidatura de Xavier da Silva a de Ubaldino do Amaral, embora sem êxito. Ficaram sequelas dessas ocorrências que vão repercutir mais tarde. Seus adversários chamavam-no de “monge” por permanecer solteiro e viver uma vida reservada, introspectiva, sem gosto para as frivolidades palacianas. Faleceu no Rio de Janeiro, como senador, em 11 de junho de 1922.” In: *História biográfica da república no Paraná*. Disponível em: <http://www.casacivil.pr.gov.br/Pagina/Francisco-Xavier-da-Silva>

⁸⁸ Tatiane de Freitas Ermel e Marcus Levy Bencosta. *A escola graduada e arquitetura escolar no Paraná e Rio Grande do Sul: a pluralidade dos edifícios para a escola primária no cenário brasileiro (1903-1928)*. In: **Hist. Educ.** vol.23 Santa Maria 2019: Epub Mar 28, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-34592019000100303

FIGURA 39 - EXPOSIÇÃO ESCOLAR DO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO GRUPO ESCOLAR RIO BRANCO

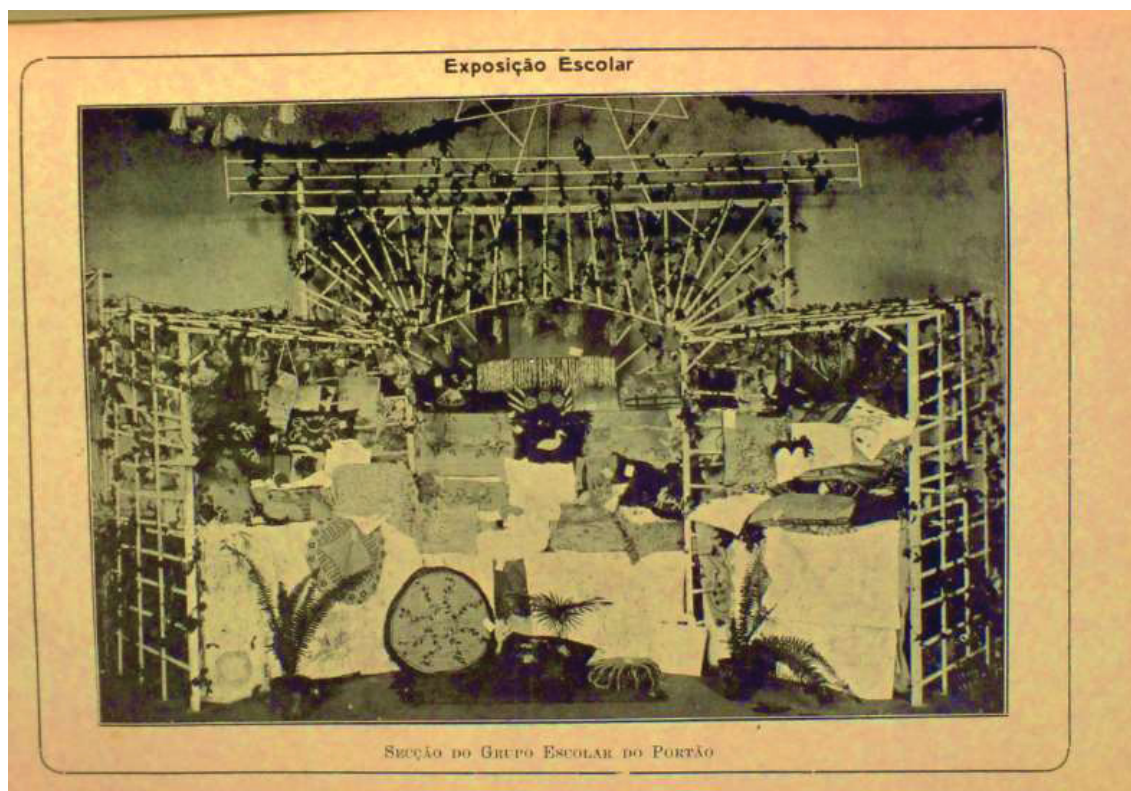


FONTE: Acervo Casa da Memória – Fundo Lysimaco Ferreira da Costa – 1922

O Grupo Escolar Rio Branco também era localizado na capital paranaense e foi construído em 1910. O Grupo Escolar Rio Branco apresentou uma Exposição mais modesta, se comparada aos demais grupos. Toalhas, almofadas, cestos, cadernos e flâmulas foram os artefatos expostos. Também foi homenageado o patrono da escola, o Barão do Rio Branco, com um retrato no centro da exposição e as bandeirinhas, alusivas ao Centenário da Independência, formavam um arco em torno da pintura do patrono da escola.

A próxima fotografia (Figura 40) foi retirada do Periódico *O Ensino* e retrata Exposição dos trabalhos do Grupo Escolar do Portão.

FIGURA 40 - EXPOSIÇÃO ESCOLAR DO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DO GRUPO ESCOLAR DO PORTÃO



FONTE: O Ensino – 1922. Acervo da Casa da Memória

Observa-se que as Exposições dos artefatos escolares do Grupo Escolar do Portão e dos Grupos Escolares anteriormente citados obtiveram o mesmo esmero quanto aos adereços dos “stands”, tornando-os mais atrativos. No entanto, questionamos se todas as Exposições Escolares obtiveram os mesmos cuidados de organização dos espaços expositivos? Possivelmente não, a exposição dos trabalhos dos Grupos Escolares dos municípios da Lapa e de Campo Largo, conforme Figura 41, demonstra esse tratamento diferenciado. Ademais a nota fiscal da “Livraria Mundial”, anteriormente mencionada deixa claro que os materiais foram adquiridos para o uso exclusivo da Escola Normal e do Grupo Escolar Anexo. Assim, a Exposição dos artefatos dos Grupos Escolares da Lapa e de Campo Largo (abaixo) não apresentou as mesmas características das exposições do Grupo Escolar Anexo à Escola Normal e dos Grupos da Capital, isto é, Oliveira Bello e Carvalho, Xavier da Silva e do Portão.

FIGURA 41 - EXPOSIÇÃO ESCOLAR DO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA DOS GRUPOS ESCOLARES DA LAPA E DE CAMPO LARGO



FONTE: Acervo Casa da Memória – Fundo Lysimaco Ferreira da Costa – 1922

A Exposição Escolar dos grupos escolares da Lapa e Campo Largo, acima registrada, parece revelar o caráter diferenciador das Exposições Escolares do Primeiro Centenário da Independência do Paraná.

Vale destacar também, quais eram as escolas públicas que funcionavam na capital paranaense no ano de 1922, assim como o número de matrículas dos alunos das escolas primárias. De posse dessa informação é possível inferir que não houve a participação da totalidade das escolas primárias (conforme demonstram os dados nos quadros 15 e 16) da Capital na Exposição Escolar do Centenário que ocorreu nas dependências no Ginásio Paranaense, pois apenas 09 salas foram utilizadas para as Exposições Escolares.

QUADRO 15 - OS GRUPOS ESCOLARES DA CAPITAL

NOME	Nº PROFESSORES	Nº ALUNOS
Grupo Escolar Anexo à Escola Normal	09	307
Grupo Escolar Dr. Xavier da Silva	17	766
Grupo Escolar Oliveira Bello e Carvalho	08	203
Grupo Escolar Rio Branco	09	467
Grupo Escolar Tiradentes	07	338
Grupo Escolar Prof. Cleto	03	229

NOME	Nº PROFESSORES	Nº ALUNOS
Grupo Escolar Zacharias	05	275
Grupo Escolar Prof. Brandão	06	302
Grupo Escolar Cruz Machado	04	234
Grupo Escolar Presidente Pedrosa	06	551

FONTE: Elaborado pela autora com base no Relatório do Inspetor Geral do Ensino, Cesar Pietro Martinez, enviado ao Secretário da Instrução Pública em 1923, p. 109-100.

QUADRO 16 - NÚMERO DE CLASSES E MATRÍCULAS DAS ESCOLAS PRIMÁRIAS DE CURITIBA

Número de classe de Grupos	82
Número de escolas isoladas	65
TOTAL	147
Número de alunos matriculados	8.568

FONTE: Elaborado pela autora com base no Relatório do Inspetor Geral do Ensino, Cesar Pietro Martinez, enviado ao Secretário da Instrução Pública em 1922 e publicado em 1923, p. 116.

Considerando os dados do Quadro 15, apenas os Grupos Escolares e a Escola Normal participaram da Exposição do Centenário. As fontes consultadas não apresentam a participação das Escolas Isoladas. Deste modo, é preciso resgatar a reflexão de Vera Lucia Gaspar da Silva (2006) em seu artigo *Vitrines da República: os grupos escolares em Santa Catarina (1889-1930)*, ao utilizar o termo vitrine para designar o processo de implantação dos grupos escolares, a autora demarca que o acesso à escolarização primária se restringiu a poucos, da mesma forma que os grupos escolares se constituíram em espaços privilegiados e diferenciados das demais escolas primárias.

3.2 AS EXPOSIÇÕES ESCOLARES NA PRIMEIRA CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO – 1927

No ano de 1927, mais precisamente no período de 19 a 23 de dezembro, na cidade de Curitiba, ocorreu a Primeira Conferência Nacional de Educação, com o tema “Ensino Primário e Formação dos Professores”, organizado pela Associação Brasileira de Educação (ABE). Segundo Rochele Allgayer (2020, p. 53), “em quase todas as Conferências organizadas pela ABE, ocorreu algum tipo de Exposição e Eventos, (...)”. Aqui nos interessa tratar da Exposição Escolar. A notícia da Exposição Escolar foi matéria do jornal *O Paiz*, do Rio de Janeiro.

Com grande brilhantismo realizaram-se ontem os festejos da Escola Normal Secundária da grande data paranaense. Todos os delegados dos Estados ao Congresso de Educação compareceram aos festejos e à abertura da grande Exposição de Prendas, confeccionadas pelos alunos. Pela manhã realizou-se uma parada escolar, na qual tomaram parte 6.000 crianças, todas

uniformizadas, assistiram ao desfile o presidente do Estado e todos os auxiliares do Governo, altas autoridades, assim como todos os Delegados do Congresso de Educação. (O PAIZ, 21/12/1927, p.04).

O palco das Exposições Escolares, parte do evento da I Conferência Nacional de Educação, ocorreu nas instalações do “Palácio da Instrução” que abrigava a Escola Normal Secundária e a Escola de Aplicação. Como já mencionado, o Palácio da Instrução foi inaugurado em 07 de setembro de 1922. Correia (2003) assim o descreve:

O edifício da Escola Normal, em forma de U, foi projetado em três pavimentos distribuídos em: porão, térreo e primeiro pavimento. A área total construída foi de aproximadamente 3.600 m². O projeto original previa os seguintes ambientes: a sala de direção, secretaria, salão nobre, sala de professores, hall de entrada, biblioteca, sanitários e 26 salas de aula. (2003, p. 226).

O Relatório do Inspetor Geral do Ensino menciona a adoção das exigências da chamada “Pedagogia Moderna”:

Todas as salas obedecem rigorosamente aos modernos preceitos de higiene, aeração ampla, distribuição unilateral da luz solar, evitando as anomalias da visão, tão frequentes nas escolas, sendo que alguns especialistas chegaram à conclusão de que a diminuição da visão e a miopia em particular eram devidas às más condições desses estabelecimentos. A largura das salas de aula, para tornar uniforme a distribuição de luz, (...) sendo geralmente de 6 metros por 9 de comprimento. (PARANÁ, 1926, p. 86).

As preocupações com os edifícios escolares no início da República decorrem, como nos alerta Bencostta (2001, p. 110), de “uma importante questão que os poderes públicos tiveram que enfrentar diante do comprometimento discursivo que coroava a instrução escolar como uma das principais colunas de sustentação da civilização”. A mobília também foi pensada e adquirida para atender aos preceitos emanados pela chamada “Pedagogia Moderna”, tendo em vista o projeto civilizatório dos republicanos. Assim o Inspetor Geral do Ensino, descreve o mobiliário da Escola Normal:

As carteiras são individuais, assentadas sobre pés de ferro moveis, com banco separado também móvel para o seu ajuste, conforme o tamanho do aluno. Os espaços que se separam são calculados para tornar cômodo o trabalho do aluno e o aproveitamento da sala que deve permitir o livre trânsito do professor e do escolar em todas as direções, respeitados os espaços maiores da frente e da direita, onde estão os quadros negros, para que possam permitir a chamada da classe ao trabalho de leitura pelo método analítico, ou ao estudo de Geografia na carta mural. (...). Os pequenos armários, de fácil transporte, afastados da parede, não permitem que se ocultem objetos desnecessários e inconvenientes, que só servem para encher e enfeiar as salas de aula. E as elegantes carteiras, de linhas severas, dispostas em filas rigorosamente iguais e paralelas, pacientemente acabadas, mostrando o capricho das veias que se desenhavam na superfície da madeira envernizada com esmero, dão à sala de aula uma impressão de suavidade e

convidam o aluno a ter todo o cuidado, para que nada se estrague, e desse modo, o ambiente pode dar sempre a ideia de novo tão agradável a vista e a própria alma que ali vai (...). (PARANÁ, 1925, p. 49).

Além dos destaques arquitetônicos, é preciso salientar que a escolha e qualidade do mobiliário da Escola Normal Secundária não foi uma causalidade, como nos adverte Souza (1997, p. 142), “a disposição dos móveis e objetos escolares é responsável pela composição identitária da instituição escolar e está implicada na extensão e no deslocamento dos corpos”..

A Exposição Escolar, que ocorreu em 1927, no âmbito da Conferência Nacional de Educação, não por acaso, pretendia divulgar as ações educacionais inovadoras colocadas em curso pelo governo paranaense, bem como os investimentos direcionados à causa educacional, para demonstrar que o Paraná seguia na mesma esteira das reformulações educacionais dos demais estados. Assim, a escolha pela Escola Normal Secundária não foi aleatória, tinha uma intencionalidade política, tanto de divulgação da Reforma como consolidar o nome do Inspetor Geral do Ensino, uma vez que Lysimaco Ferreira da Costa esteve na direção da Escola Normal e do Ginásio Paranaense até assumir o cargo de Inspetor Geral do Ensino em 1925. Desta forma, tudo que se realizou no campo educacional entre final do século XIX e início do século XX, como mencionam Renata Marcílio Cândido e Denice Barbara Catani, “apresentam-se como forma de dar visibilidade a tudo o que estava sendo organizado e discutido no âmbito educacional.” (2017, p.31). Ainda, conhecer e compreender as comemorações e festas

(...) por meio delas e sobre as notícias das mesmas é possível conhecer aspectos relevantes relacionados à imagem profissional docente e as representações de alunos, os conteúdos escolares aprendidos, as metodologias de ensino, bem como os projetos dos governantes para o sistema de ensino que se constituía. (CÂNDIDO; CATANI, 2017, p. 42).

A alteração do nome de Escola Normal para Escola Normal Secundária ocorreu em razão dos preceitos da Reforma⁸⁹ instituída pelo Decreto nº 274, de 26 de março de 1923, que por sua vez atendia aos dispositivos legais previstos nas Leis nº 1999 de 09 de abril de 1920 e nº 2.114 de 25 de março de 1923, sancionadas pelo então governador Caetano Munhoz da Rocha. A Lei nº 2.114 de 25/03/1923 estabelecia: “Art. 1º Fica o Poder Executivo autorizado a reorganizar o curso da Escola Normal da Capital, (...)”. (PARANÁ, 1923). Segundo Souza (2004, 46), “em relação a este período da história do Paraná, são comuns certas confusões de datas e nomes: por exemplo, designar a reforma paranaense como a de Lysimaco Ferreira da

⁸⁹ Na década de 1920 serão deflagradas as Reformas Educacionais nos seguintes estados: Reforma Sampaio Dória em São Paulo, no Ceará por Lourenço Filho, na Bahia por Anísio Teixeira na Bahia, no distrito Federal por Fernando Azevedo e em Minas Gerais por Francisco Campos.

Costa, em vez de Cesar Prieto Martinez”. Lysimaco Ferreira da Costa inicia a gestão como Inspetor Geral do Ensino em 1925, portanto depois de promulgada a Reforma. Dentre as várias mudanças, ressaltamos as novas atribuições da Escola Normal e do Grupo Escolar Anexo.

A legislação estabelecia uma diferenciação entre as Escolas Normais do estado do Paraná. A Escola Normal da capital passaria a ofertar não só o Curso Geral (com duração de três anos), como o Curso Especial (com duração de um ano e meio), razão pela qual a escola da capital recebeu o nome de Escola Normal Secundária. As demais Escolas Normais continuariam a ofertar o curso em três anos com nova denominação, Escola Normal Primária. (PINTO; FRANÇA, 2016). A alteração proposta promovia uma reformulação no currículo e consequentemente na formação dos professores, pois, no Curso Especial, de acordo com Lysimaco Ferreira da Costa, objetivava “ministrar ao normalista o ensino completo do processo psíquico do conhecimento e do processo didático do ensino, é fim capital deste curso, como essencial é que dele saia o normalista senhor perfeito da técnica da didática” (COSTA, 1923, p. 20). Assim, a oferta das disciplinas de metodologia de ensino ocorreria essencialmente no Curso Especial de três semestres (1 ano e meio). No quadro 17 apresentamos a alteração da Matriz Curricular do Curso Geral com a inclusão dos conteúdos previstos no Curso Especial da Escola Normal Secundária da capital paranaense.

QUADRO 17 - MATRIZ CURRICULAR DA ESCOLA NORMAL SECUNDÁRIA-1927

1º ANO – CURSO GERAL
Português, Desenho, Música, Trabalhos de Agulha, Trabalhos Manuais, Ginástica, Artimética e Geografia
2º ANO – CURSO GERAL
Português, Desenho, Música, Trabalhos de Agulha, Trabalhos Manuais, Ginástica, História Geral, Física e Química, Geografia
3º ANO – CURSO GERAL
Português, História do Brasil, História Natural, Geometria, Desenho, Trabalhos de Agulha, Trabalhos Manuais, Música, Ginástica
4º ANO – 1º SEMESTRE – CURSO ESPECIAL
Psicologia, Pedagogia e Metodologia Geral, Metodologia de Leitura e Escrita, Higiene e Agronomia, Metodologia do Desenho
4º ANO – 2º SEMESTRE – CURSO ESPECIAL
Moral e Educação Cívica, Metodologia do Vernáculo, Metodologia Aritmética, Ensino Intuitivo, Metodologia Ciências Naturais, Metodologia Geografia
5º ANO – 1º SEMESTRE – CURSO ESPECIAL
Puericultura, Metodologia da História, Metodologia da Geografia, Metodologia da Música, Metodologia Exercício Físico, Ensino dos Trabalhos Manuais, Prática e Crítica Pedagógica

FONTE: Quadro elaborado pela autora com base no Relatório do Diretor da Escola Normal Secundária, Nicephoro M. Falarz, encaminhado ao Inspetor Geral do Ensino Hostilio Cesar de Souza Araújo, 1927, publicado em 1928, p. 46-47.

O Grupo Escolar Anexo também sofreu alterações em decorrência da Reforma (Decreto nº 274 de 26 de março de 1923), deixou de ser Grupo Escolar Anexo e recebeu a denominação de Escola de Aplicação. A Escola de Aplicação foi criada com a finalidade de aprendizagem das técnicas de ensino pela prática das normalistas, que precisavam de uma escola para “aplicar” os conhecimentos adquiridos na Escola Normal, passando a ofertar os cursos: Infantil, Primário e Complementar.

De acordo com o Relatório do Inspetor Geral do Ensino, Hostilio Cesar de Souza Araújo, a Escola de Aplicação contava com 1.265 matrículas e 23 classes de alunos (RELATÓRIO, DEAP-PR, 1928, p. 55), distribuídos nos Cursos: Infantil, Primário e Complementar; e na Escola Normal Secundária, em 1927, estavam matriculados 395 alunos. A Direção da Escola Normal Secundária e Escola de Aplicação, em 1927, ano da Exposição Escolar no âmbito da Primeira Conferência Nacional de Educação, estava sob os cuidados do professor Nicephoro Modesto Falarz e da sub-diretora Professora Itacelina Teixeira de Bitencourt. (RELATÓRIO, 1928, p. 06).

A Associação Brasileira de Educação – ABE, registrou a Exposição Escolar da Escola Normal Secundária e da Escola de Aplicação (curso primário e curso complementar) em um Livro Álbum de fotos da Primeira Conferência Nacional de Educação.

FIGURA 42 - CAPA DO LIVRO ÁLBUM DE FOTOS DA I CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO - ABE



FONTE: Rochele Allgayer, dissertação, UFPR, 2020, p. 56.

A figura 42, acima, nas palavras de Rochele Allgayer:

reproduz a imagem do livro álbum de fotos da I CNE, encontrado no arquivo da Associação Brasileira de Educação. Ele é constituído por 43 fotos, mede 24 x 34 cm, em formato paisagem. As fotos são coladas em um fundo de cor

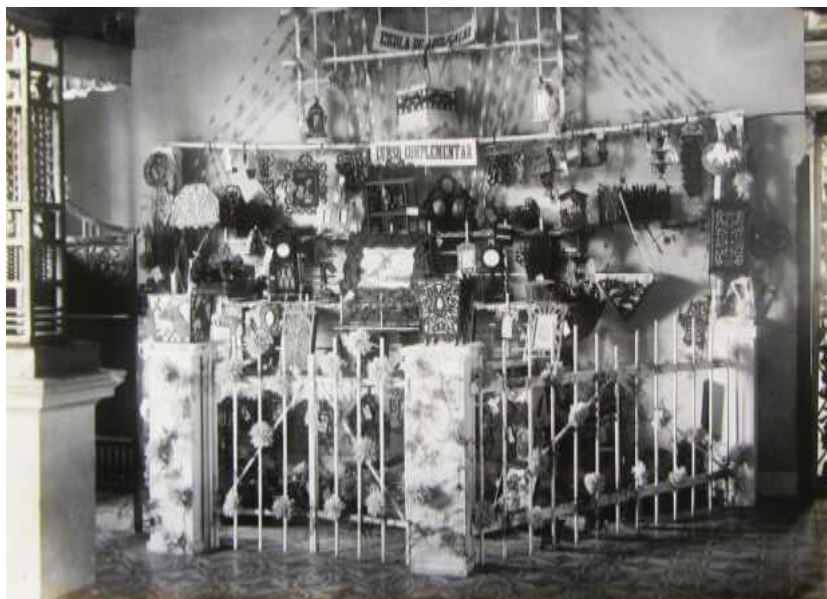
azul e tem as legendas impressas em dourado. Ao que tudo indica, o material foi elaborado com o objetivo de deixar uma narrativa fotográfica como documento/memória da Conferência propriamente dita. Na primeira página consta a inscrição Primeira Conferência Nacional de Educação, promovida pela Benemérita Associação de Brasileira de Educação, sob o patrocínio do exmo. sr. dr. Caetano Munhoz da Rocha, presidente do estado do Paraná. A partir disso, sua narrativa fotográfica, passa pela vista geral da cidade de Curitiba; registra a instalação solene do evento, ocorrida no Teatro Guayra, registra ainda as autoridades presentes e discursos; a marcha escolar nas ruas da cidade; **as exposições escolares na Escola Normal Secundária e na Escola de Aplicação**, o baile no Clube Curitibano, as escolas normais do Estado, as apresentações artísticas de bailado russo, entre outras; e por fim registra o Sanatório São Sebastião, localizado na Lapa e do Leprosário São Roque, em Deodoro, Paraná. (2020, p. 56, grifos nossos).

Dentre outras temáticas, as impressões e relatos da Primeira Conferência Nacional de Educação foram compilados no livro “Lysimaco Ferreira da Costa: a dimensão de um homem” organizado por Maria José Franco Ferreira da Costa. Neste, consta o relato do professor Lindolpho Xavier, publicado originalmente no “O Jornal”, que à época era: “vice-diretor do Instituto Lafayette, professor da Escola Wenceslau Braz e Vice-presidente da Sociedade de Geografia (...)” (COSTA, 1987, p. 357), sobre as Exposições Escolares: “As exposições escolares que visitamos revelam variadíssimos trabalhos cartográficos, de serrinha, de costura e bordados, ‘abat-jours’, modelagens, frutas, flores, almofadas, pintura, etc.” (COSTA, 1987, p. 361).

As Exposições Escolares da Escola Normal Secundária e da Escola de Aplicação recebeu a visita dos delegados de outros estados, presentes na Conferência, bem como da população local, conforme relata o Inspetor Geral do Ensino. Entre os ilustres visitantes que honraram este Estabelecimento, destacam-se os Srs. Delegados ao 1º Congresso da Educação que se reuniu nesta Capital, que fizeram repetidas e demoradas visitas: Sr. Dr. José Augusto, ex-Presidente do Estado do Rio Grande do Norte; o Sr. Dr. João Pessoa, atual Presidente do Estado da Paraíba; o Sr. Dr. Cumplido de Sant’Anna e muitos outros. (RELATÓRIO, 1928, p. 14).

O visitante ao adentrar pela escadaria principal do edifício da Escola Normal Secundária podia observar no hall de entrada duas exposições de artefatos dos alunos do Curso Complementar da Escola de Aplicação, uma do lado direito e outra do lado esquerdo.

FIGURA 43 - EXPOSIÇÃO ESCOLAR DO CURSO COMPLEMENTAR DA ESCOLA DE APLICAÇÃO, ANEXA A ESCOLA NORMAL SECUNDÁRIA , 1927



FONTE: Livro Álbum de fotos da Primeira Conferência Nacional de Educação⁹⁰ – acervo da ABE

FIGURA 44 - EXPOSIÇÃO ESCOLAR DO CURSO COMPLEMENTAR DA ESCOLA DE APLICAÇÃO, ANEXA A ESCOLA NORMAL SECUNDÁRIA , 1927



FONTE: Livro Álbum de fotos da Primeira Conferência Nacional de Educação – acervo da ABE

Uma observação mais detalhada das imagens permitiu identificar que os artefatos escolares produzidos pelos alunos e alunas do Curso Complementar da Escola de Aplicação foram instalados no hall de entrada da Escola Normal Secundária. Essa afirmação pode ser

⁹⁰ Todas as cópias das fotos referente às Exposições Escolares do *Livro Álbum de fotos da Primeira Conferência Nacional de Educação-ABE*, foram gentilmente cedidas por Rochele Allgayer.

confirmada em razão dos pilares de concreto decorados com uma estrutura de ferro. Os pilares de concreto estão localizados nos cantos esquerdo e direito das figuras 43 e 44. Além disso, é possível destacar o tipo de piso do chão do hall de entrada. Estes dois detalhes podem ser observados na figura 45, abaixo, sem os artefatos escolares.

FIGURA 45 - HALL DE ENTRADA DO EDIFÍCIO DA ESCOLA NORMAL



FONTE: Acervo do Centro de Memória do Instituto de Educação do Paraná Professor Erasmo Pilotto.

O hall de entrada merece destaque, pois o visitante da Exposição Escolar de 1927, ao adentrar no edifício já poderia visitar os artefatos escolares do Curso Complementar da Escola de Aplicação. “O acesso principal do edifício dava-se pelo pavimento térreo por uma monumental escadaria central, com degraus largos e corrimão decorado com pequenos balaústres. Este local serviu como palco de muitas cenas fotográficas, comemorações (...)” (CORREIA, 2003, p. 224). Outros detalhes construtivos do edifício da Escola Normal Secundária dão a dimensão de sua suntuosidade, conforme relata Ana Paula Pupo Correia,

(...) logo que se adentrava no edifício encontra-se um hall amplo e repleto de ornamentos. Este formava um eixo e dividia o edifício em duas alas simétricas. Ainda, neste ambiente localiza-se uma grande escadaria de madeira que dava acesso ao primeiro pavimento, iluminada por vitrais cuidadosamente elaborados com desenhos e símbolos alusivos ao Estado do Paraná e a educação. (CORREIA, 2003, p. 226).

Em 2004 o edifício sofreu um processo de tombamento⁹¹ pelo Patrimônio Histórico e Cultural da Secretaria Estadual da Cultura do Paraná. No entanto, antes do tombamento, o

⁹¹ Inscrição Tombo 154-II, Processo número 02/2004, Data de inscrição: 06 de dezembro de 2004. FONTE: www.gestaoescolar.diaadia.pr.gov.br/modules/conteudo.php?conteudo=57 acesso 29/07/2020.

interior do edifício sofreu com as inúmeras reformas que não preservaram suas características originais. Nesse sentido, não existem mais as estruturas de ferro nos pilares, os ornamentos decorativos no teto, bem como o ladrilho hidráulico decorativo no piso.

Considerando o minucioso e detalhado trabalho realizado à serrinha, tais como: biombos, abajures, porta-retratos, etc (Figuras 43 e 44), julgamos pertinente evidenciar a faixa etária dos alunos que produziram esses artefatos. Como não foi possível identificar as fotos dos alunos e das alunas do Curso Complementar da Escola de Aplicação anexa à Escola Normal Secundária (Curitiba), utilizamos como exemplo a Figura 46, abaixo, dos alunos e alunas do Curso Complementar da Escola Normal Primária de Ponta Grossa.

FIGURA 46 - ALUNAS DO CURSO COMPLEMENTAR - ESCOLA NORMAL PRIMÁRIA DE PONTA GROSSA



FONTE: RELATÓRIO, 1928, p. 306 – DEAP-PR.

Os artefatos escolares produzidos pelas alunas e alunos do Curso Primário da Escola de Aplicação das figuras 47 e 48, abaixo, foram expostos nas salas de aula e contavam com uma variedade de artefatos e com maior número de toalhas bordadas, almofadas e demais prendas domésticas. Em evidência, podemos observar as modelagens de “cachos de uva” que adornam a entrada de uma das exposições.

Os organizadores procuraram separar em duas categorias de artefatos: de um lado os artefatos produzidos em tecido (toalhas, almofadas etc) e do outro os artefatos produzidos em madeira (abajour, biombo e porta retrato etc).

FIGURA 47 - EXPOSIÇÃO ESCOLAR DO CURSO PRIMÁRIO DA ESCOLA DE APLICAÇÃO NA I CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO



FONTE: Livro Álbum de fotos da Primeira Conferência Nacional de Educação – acervo da ABE

FIGURA 48 - EXPOSIÇÃO ESCOLAR DO CURSO PRIMÁRIO DA ESCOLA DE APLICAÇÃO NA I CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO



FONTE: Livro Álbum de fotos da Primeira Conferência Nacional de Educação – acervo da ABE

Existe uma significativa diferença dos artefatos do Curso Complementar (Figuras 42 e 43) com os artefatos do Curso Primário (Figuras 47 e 48), ambos da Escola de Aplicação. Os artefatos dos alunos do Curso Complementar, em sua maioria, são artefatos produzidos à serrinha e a matéria prima utilizada é a madeira.

No que tange aos artefatos em exposição da Escola Normal Secundária é preciso realizar algumas considerações preliminares. Como mencionamos anteriormente, ocorreu uma Reforma na Escola Normal da capital paranaense instituída pelo Decreto nº 274 de 26 de março de 1923, que alterou o currículo e ampliou o tempo de formação da normalista em um ano e meio, resultando na alteração da denominação da Escola Normal para Escola Normal Secundária.

No ano da I Conferência Nacional de Educação, 1927, e a realização da Exposição Escolar no âmbito da Conferência, a Escola Normal Secundária, segundo o Diretor da Escola, possuía o seguinte quadro de matrículas:

QUADRO 18 - NÚMERO DE MATRÍCULAS DA ESCOLA NORMAL SECUNDÁRIA – 1927-1928

ANO	CURSO	N. DE MATRÍCULAS
1º	Curso Geral	179
2º	Curso Geral	96
3º	Curso Geral	55
4º (1º e 2º semestre)	Curso Especial	46
5º (1º semestre)	Curso Especial	19
TOTAL		395

FONTE: Elaborado pela autora com base no Relatório do Diretor da Escola Normal Secundária, Nicephoro M. Falarz enviada ao Inspetor Geral do Ensino, Hostilio Cesar de Souza Araújo. DEAP-PR, 1928, p. 27.

O professor Nicephoro Falarz, no referido Relatório referente as atividades realizadas pela Escola Normal Secundária em 1927, menciona que “os novos professores normalistas, a 27 de dezembro, solenemente, colaram grau, no salão nobre do Estabelecimento, na presença das altas autoridades civis e militares e dos Delegados dos Estados ao 1º Congresso de Educação que se reuniu nesta Capital (RELATÓRIO, 1928, p. 05). A Escola Normal Secundária graduou 19 alunos.

O corpo docente da Escola Normal Secundária estava assim constituído conforme exposto no quadro 19:

QUADRO 19 - CORPO DOCENTE DA ESCOLA NORMAL SECUNDÁRIA - 1927

Nº	NOME	DISCIPLINA
01	Nicephoro Modesto Falarz	Lente de Ciências Naturais e Diretor
02	Itacelina T. Bitencourt	Professora e Sub-diretora
03	Lysimaco Ferreira da Costa ⁹²	Lente de Pedagogia e Psicologia
04	José de Sá Nunes	Lente de Português
05	Padre Euripedes Olympio de Oliveira e Souza	Lente de Geografia, Geografia do Brasil, História Universal e do Brasil
06	Oswaldo Pilotto	Lente de Aritmética e Noções de Álgebra e Geometria
07	Alberto Dittert	Professor de Trabalhos Manuais
08	Marieta Pernetta da Silva	Professora de Trabalhos Manuais
09	Josepha Correia de Freitas	Professora de Música
10	Dulce Loyola	Professora de Trabalhos de Agulha
11	Arthemina de Oliveira Cruz	Professora de Ginástica
12	Luiz Wolski	Auxiliar do professor de Pedagogia e Psicologia
13	Ester F. Ferreira da Costa	Auxiliar do professor de Pedagogia e Psicologia
14	Sylvia Camara	Substituta em exercício da cadeira de Trabalhos de Agulha
15	Olenca Mickochwska	Substituta de Ginástica
16	Bertha Lange de Morretes	Substituta de Ginástica

FONTE: Elaborado pela autora baseado no Relatório do Diretor da Escola Normal Secundária Nicephoro M. Falarz, encaminhado ao Inspetor Geral do Ensino, Hostilio Cesar de Souza Araújo. DEAP-PR, 1928, p. 06-07.

Atuando como professores nas disciplinas de Trabalhos Manuais e Trabalhos de Agulha, conforme quadro 19, existiam quatro profissionais que ministravam as disciplinas, três efetivos e um substituto. Considerando esse número de professores destas disciplinas, em relação às demais, é possível destacar a importância dessas no currículo escolar.

Os artefatos escolares da Escola Normal Secundária, aqui apresentados, foram divididos em duas categorias, ou seja: os artefatos escolares produzidos pelos alunos e os artefatos utilizados para o ensino. Consideramos essa categorização a partir da identificação mencionada no livro “Lysimaco Ferreira da Costa: a dimensão de um homem”, organizado por Maria José Franco Ferreira da Costa, da Coleção Mestres da Universidade Federal do Paraná publicado no ano de 1987. As quatro fotografias (Figuras 49, 50, 51 e 52), a seguir destacadas da Exposição Escolar, foram identificadas no referido livro como sendo da Exposição de Trabalhos Manuais da Escola Normal Secundária e a Figura 54 como da exposição dos artefatos do Museu de História Natural da Escola Normal Secundária. Primeiramente iremos discorrer sobre os artefatos escolares produzidos pelos alunos.

⁹² Lysimaco Ferreira da Costa deixou o cargo em fevereiro por ter assumido o lugar do Secretário de Estado dos Negócios da Fazenda. FONTE: RELATÓRIO, 1928, p. 06.

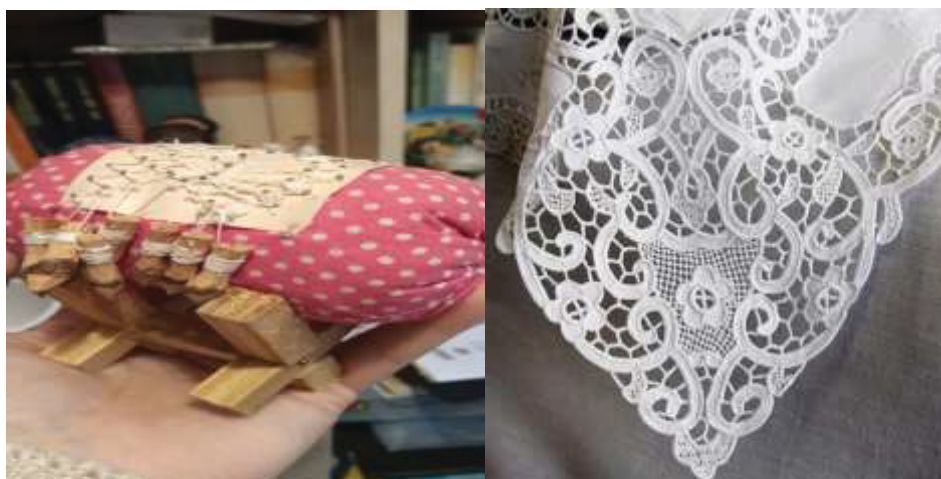
FIGURA 49 - EXPOSIÇÃO ESCOLAR DA ESCOLA NORMAL SECUNDÁRIA NA I CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO



FONTE: Livro Álbum de fotos da Primeira Conferência Nacional de Educação – acervo da ABE

A imagem dos artefatos escolares da figura 49, produzidos na disciplina de Trabalhos de Agulha, dá destaque à grande toalha confeccionada em “renda de bilros” e ao abajour confeccionado em tecido, ambos dispostos em primeiro plano. Os demais artefatos escolares, sobretudo as toalhas, também apresentam técnica diferenciada na confecção do bordado, o “richelieu”. O “richelieu” é uma técnica de bordado que pode ser confeccionada a mão ou a máquina e sua principal característica é a abertura/vazado no tecido entremeada de pontos caseados. Os “bilros” são uma técnica de tecer renda, trazida pelos portugueses, são pequenos objetos de madeira, com uma pequena “cabeça” nas extremidades onde se enrola os fios/a linha para execução do trançado que geralmente é utilizado em pares. O trançado é realizado numa estrutura cilíndrica de pano que a bordadeira vai adicionando alfinetes para segurar os trançados. Essa técnica é essencialmente manual. As regiões Sul e Nordeste brasileira ainda preservam essa técnica de produzir “rendas de bilros”.

FIGURA 50 – CONFECCIONANDO RENDA DE BILRO E O BORDADO RICHELIEU



FONTE: Acervo pessoal

A Figura 51 apresenta os artefatos escolares produzidos à serrinha. Essa técnica e ferramentas já foram detalhadas anteriormente, porém esse tipo de artefato não aparece nas demais Exposições Escolares, que é um barco ao fundo da imagem com a inscrição “Paraná”. O artefato foi construído em tamanho diferente dos demais artefatos, aproximadamente 1 metro, e no seu interior estão dispostas pequenas bolinhas e duas hastes imitando as velas do barco. Esses artefatos escolares, tudo indica, que foram produzidos pelos alunos.

FIGURA 51 - EXPOSIÇÃO ESCOLAR DA ESCOLA NORMAL SECUNDÁRIA NA I CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO



FONTE: Livro Álbum de fotos da Primeira Conferência Nacional de Educação – acervo da ABE

A Figura 52 apresenta uma exposição de artefatos escolares (toalhas bordadas, almofadas, quadros, etc.) produzidos na disciplina de Trabalhos de Agulha. Um elemento expositivo que nos parece interessante é a possibilidade de o visitante percorrer a exposição e observar mais de perto os objetos, ou seja, permite a circulação do visitante. As fotografias (Figuras 52 e 53) apresentam dois diferentes ângulos da exposição.

FIGURA 52 - EXPOSIÇÃO ESCOLAR DA ESCOLA NORMAL SECUNDÁRIA NA I CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO



FONTE: Livro Álbum de fotos da Primeira Conferência Nacional de Educação – acervo da ABE

FIGURA 53 - EXPOSIÇÃO ESCOLAR DA ESCOLA NORMAL SECUNDÁRIA NA I CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO



FONTE: Casa da Memória de Curitiba.

A Figura 54 apresenta os artefatos escolares utilizados para o ensino, mais precisamente, na disciplina de História Natural.

FIGURA 54 - EXPOSIÇÃO DOS ARTEFATOS DO MUSEU DE HISTÓRIA NATURAL DA ESCOLA NORMAL SECUNDÁRIA - 1927



FONTE: Livro Álbum de fotos da Primeira Conferência Nacional de Educação – acervo da ABE

Os artefatos do Museu de História Natural da Escola Normal Secundária, em exposição no ano de 1927, eram: quadros parietais de insetos, os animais taxidermizados e os animais conservados em vidros (fixação úmida), tais “coisas” eram utilizadas para o ensino da disciplina de História Natural. Os museus de História Natural, de acordo com José Maurício Ismael Madi Filho (2013)⁹³ tem sua origem nos antigos “gabinetes de curiosidades”.

Os museus de história natural contemporâneos têm sua gênese vinculada aos “gabinetes de curiosidades”, espaços de estudos surgidos nos primórdios de desenvolvimento da ciência moderna e do humanismo renascentista. Esses ambientes reuniam, para fins de estudo, objetos heterogêneos que incluíam desde espécimes naturais, passando pelas artes mecânicas e químicas, antiguidades, entre outros; formando “um painel do mundo por meio de um microcosmo do estranho, do peculiar e do raro”. Tais gabinetes e as atividades ali exercidas vinculam-se aos processos de transformação estrutural da sociedade europeia que delinearam a Modernidade. O desenvolvimento da racionalidade instrumental e do projeto científico moderno foi essencial à institucionalização de tais empreendimentos.

⁹³ Consultar a dissertação de mestrado de José Maurício Ismael Madi Filho, intitulada *Animais taxidermizados como materiais de ensino em fins do século XIX e começo do século XX*, apresentada no PPGE da PUC de São Paulo em 2013, cujo orientador foi o Prof. Dr. Kazumi Munazata. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/10407/1/Jose%20Mauricio%20Ismael%20Madi%20Filho.pdf>

Contribuíram, ainda, para a consolidação desses espaços, os parâmetros logocêntricos do conhecimento, desenhados pela chegada de objetos trazidos do novo mundo e de regiões extra europeias, os quais deflagraram esforços voltados a solucionar inúmeros problemas relativos à classificação universal (LOUREIRO, 2007, p. 162 – *apud* MADI FILHO, 2013, p. 56-57).

Dos “gabinetes de curiosidades” aos museus de História Natural é preciso destacar o papel que as Exposições Universais desempenharam na vinculação desses artefatos para o ensino. Segundo Madi Filho (2013, p. 73), “na Exposição de 1855 as ‘coleções’ de animais e preparações zoológicas estavam sendo anunciadas como produtos destinados ao ensino. O uso de objetos favorecia a ‘educação dos sentidos’”. Esses animais expostos nas Exposições Universais recebiam a denominação de animais taxidermizados, em razão da técnica de conservação e imitação com a realidade nos quais esses animais viviam. “A taxidermia é uma técnica utilizada que transforma o animal em objeto, porém esta representa as características do animal na natureza, ao ceder à peça uma ‘aparência de vida’” (MADI FILHO, 2013, p. 63). Esses artefatos, os animais taxidermizados⁹⁴, assim como outros, de acordo com Rosa Fátima de Souza (2007), veiculados nas Exposições Universais foram acolhidos nas escolas em razão de seu potencial pedagógico.

Os museus de História Natural tinham uma finalidade pedagógica. Para Maria Helena Camara Bastos (2002, p. 258) a concepção de um museu pedagógico se inseriu na “representação da modernidade educacional brasileira” a partir de 1870, consequência da “participação nas exposições internacionais, do contato com publicações e de visitas a estabelecimentos estrangeiros”.

A utilização do termo “museu escolar”, segundo as pesquisadoras Marília Gabriela Petry e Vera Lúcia Gaspar da Silva, designava um local “alojado dentro das instituições educativas, que deveria servir ao professor e alunos para a realização de estudos pautados no concreto, isto é, agregar um conjunto de objetos para tornar a aprendizagem intuitiva.” (PETRY: GASPAR da SILVA, 2013, p. 82). As autoras ainda pontuam que:

a criação do primeiro museu pedagógico brasileiro data de 2 de dezembro de 1883, tendo sido chamado de Museu Escolar Nacional, situado no Rio de

⁹⁴ “A **Maison Deyrolle** de Paris, fundada em 1831, construiu sua tradição com base na pesquisa e comercialização de artefatos dos três reinos da natureza, tanto para escolas como para colecionadores, permanece aberta até hoje. A Maison Deyrolle comercializava em francos e vendia gabinetes fechados, com coleções que iam das modestas, formadas por alguns exemplares, até as mais completas formadas por espécies de diversas ordens e classes de animais. Também especializada em taxidermização, foi fundada em 1831 e até os dias de hoje, fez nome internacional com essa prática. Segundo o Dictionnaire Biographique des Grandes Commerçants et Industriels, o estabelecimento Les fils d’Emile Deyrolle mantinha em diversas partes do mundo, caçadores naturalistas que forneciam à casa, não só, todos os tipos em Zoologia, Geologia e Mineralogia, mas também um número considerável de espécies raras ou pouco comuns, mais particularmente destinadas aos museus, faculdades, coleções particulares.”(MADI FILHO, 2013, p. 77 – grifos nossos)

Janeiro. Sua concepção se relaciona com a Primeira Exposição Pedagógica, a qual legou parte dos objetos que viriam a constituir o acervo do museu. Depois de fundado, o Museu Escolar Nacional passou a funcionar no andar superior da Imprensa Nacional, sendo aberto ao público duas vezes por semana, além do dia inteiro aos domingos. Entre 1884 e 1887 promoveu exposições escolares anuais (Bastos, 2002). O fato de o primeiro museu pedagógico brasileiro chamar-se Museu Escolar de algum modo explicita a proximidade e imprecisão antes apontada. (PETRY; GASPARD DA SILVA, 2013, p. 83).

O diretor da Escola Normal Secundária, Nicephoro M. Falarz, assim se refere aos artefatos do chamado “Museu” de Ciências Naturais:

Sob a direção e imediatos cuidados desta Diretoria, na qualidade de Lente de Ciências Naturais, tem-se conservado conveniente os museus desta Escola, sobretudo os de insetos e da fauna paranaense, que necessitam de constantes trabalhos de conservação. As coleções de insetos tem sido muito aumentadas, tende esta Diretoria empregado todo os esforços no sentido de aumentá-las. Faz-se necessário neste Estabelecimento de Ensino, para o estudo de ciências físicas e naturais, de laboratórios de Física e Química e História Natural, que esta Escola não possui. (RELATÓRIO, 1928, p. 11).

O museu de História Natural da Escola Normal Secundária da cidade de Curitiba possuía apenas a coleção de objetos destinados ao ensino da disciplina de Ciências Naturais, mais especificamente para o estudo da Zoologia. Como uma escola secundária de formação de professores, modelo, ainda não apresentava todas as condições para o ensino aos moldes da “Pedagogia Moderna” apregoada pelos republicanos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O percurso da pesquisa sobre as Exposições Escolares das escolas primárias nos permitiu chegar a algumas conclusões, mas também nos possibilitou realizar novos questionamentos. Talvez por esse exercício, a pesquisa já tenha atingido o seu principal objetivo, o de nos colocar novas perguntas.

As Exposições Escolares realizadas nas escolas primárias do Paraná no período de 1912 a 1927, na perspectiva de compreender seus ritos e os artefatos escolares em exposição procurou atingir a compreensão de três questões: identificar e examinar a participação das disciplinas de Trabalhos Manuais e Trabalhos de Agulha; identificar os artefatos que eram produzidos pelos alunos e os artefatos utilizados para o ensino e analisar os rituais das Exposições Escolares.

No primeiro capítulo, apesar da previsão de analisarmos o período de 1912 a 1927, no decorrer da pesquisa julgamos pertinente recuar no tempo e identificar as primeiras iniciativas das Exposições Escolares no Paraná. Foi no ano de 1891 que ocorreu a primeira Exposição Escolar organizada por Justiniano de Mello e Silva, então diretor da Instrução Pública do Paraná. Com os olhos voltados à experiência do *Pedagogium*, no Rio de Janeiro, as autoridades educacionais realizam as primeiras Exposições Escolares paranaense, nos anos iniciais da República. A República precisava consolidar-se e a escolarização primária tornou-se um dos elementos fundamentais desse processo. Era preciso, nas palavras de Marta Carvalho (1998, p. 25), “para fazer ver, a escola devia dar se a ver”. A escola primária, deste modo, vai “dar a ver” os resultados escolares obtidos nas disciplinas de Trabalhos Manuais, Trabalhos de Agulha e Desenho. As práticas pedagógicas desenvolvidas nas disciplinas resultaram na elaboração de inúmeros artefatos escolares que eram expostos, geralmente ao final do ano, para que o público avaliasse a escola, isto é, avaliasse o “novo” projeto educacional republicano. O primado da visibilidade se deu de forma articulada entre os prédios escolares e as Exposições Escolares, pois as exposições das escolas primárias ocorriam, nos primeiros anos da República, com exclusividade nas dependências do Ginásio Paranaense e posteriormente na Escola Normal Secundária. É preciso assinalar que ambos prédios eram destinados ao ensino secundário. No ano de 1912, Claudino dos Santos, foi nomeado para assumir a direção da Instrução Pública do Paraná e olhares se voltam para a experiência paulista de implantação dos grupos escolares. Claudino dos Santos nesse mesmo ano divulga um conjunto de normas para a realização das Exposições Escolares do Paraná. As Exposições Escolares no ano de 1912, sob a batuta do diretor da Instrução Pública, são um

marco de organização, diversidade de artefatos, inclusão dos artefatos produzidos pelos alunos, uma legislação específica das Exposições Escolares. Claudino dos Santos além de se mostrar um gestor para organizar os rumos da Instrução Pública, demonstrou ter erudição teórica no campo educacional, notadamente dos fundamentos teóricos da Pedagogia Moderna.

No segundo capítulo, buscamos examinar a participação das disciplinas de Trabalhos Manuais e Trabalhos de Agulha na constituição das Exposições Escolares. Das práticas pedagógicas desenvolvidas meramente para preparar a mulher para o lar, com a disciplina de “prendas domésticas” no período Imperial, as disciplinas de Trabalhos Manuais e Trabalhos de Agulha, instituídas pelos republicanos foram decisivas no desenvolvimento de comportamentos civilizatórios, de ambos os sexos, quais sejam: o trabalho, o asseio e a disciplina, como bem assinalou Vera Lúcia Gaspar da Silva (2006) e Marcos Taborda de Oliveira (2019). A oferta das disciplinas de Trabalhos Manuais e Trabalhos de Agulha sofreram descaso por parte das autoridades, com bem assinalou Rosa Fátima de Souza (2008). Local adequado para o desenvolvimento das disciplinas, bem como a falta de insumos adequados para a confecção dos artefatos. Ao examinar os resultados das disciplinas nos permitiu identificar quais eram os artefatos escolares que posteriormente figurariam nas Exposições Escolares. Os alunos elaboraram os mais variados tipos de artefatos escolares: toalhas bordadas, almofadas, cestinhos, sacolas, roupas, tapetes, abajour, biombos de madeira, mobília de madeira em miniatura, mapas etc. Também explicitamos as técnicas adotadas para a confecção desses artefatos. Inicialmente julgamos que as Exposições Escolares tinham o único propósito de divulgar os artefatos escolares produzidos pelas alunas nas disciplinas de Trabalhos Manuais e Trabalhos de Agulha, porém, durante o percurso da pesquisa, no trato com a documentação, com as fotos e com os jornais e periódicos foi possível constatar que as Exposições Escolares tinham outros propósitos, quais sejam: divulgar os artefatos utilizados para o ensino, divulgar os artefatos que a Instrução Pública enviava para as escolas primárias e a comercialização dos artefatos escolares produzidos pelos alunos. Os recursos obtidos nas Exposições Escolares eram revertidos para a escola, para o caixa escolar.

No terceiro capítulo, ao estudar as Exposições das escolas primárias em eventos e celebrações cívicas do Centenário da Independência em 1922 e da Primeira Conferência Nacional de Educação em 1927, observamos que obteve maior destaque as Exposições Escolares de 1922, do que as Exposições Escolares de 1927. Em 1922 as escolas primárias foram chamadas a participar dos festejos, apesar das autoridades e a imprensa terem dado destaque às escolas primárias da capital na pesquisa pudemos constatar que as escolas

primárias do interior não só participaram com artefatos mas também houve a participação de diretores e professores.

Os rituais na Exposição Escolar das escolas primárias no Centenário da Independência se constituíram como diria Riviere, em “condutas ritualizadas (...), com toda a evidência, máscaras simbólicas.” (1997, p.51). Essa afirmação decorre do papel coadjuvante que exerceu o Inspetor Geral do Ensino Prieto Martinez. Considerando as inúmeras atividades realizadas pelos alunos das escolas primárias na celebração da data e depois posteriormente, dias depois ao serem chamadas para a segunda parte dos festejos do Centenário da Independência. Assim, como um “estrangeiro” (Prieto Martinez) poderia exercer papel de centralidade nos festejos. Ao contrário, vamos observar a centralidade da atuação de Lysimaco Ferreira da Costa na Exposição Escolar na Primeira Conferência Nacional de Educação – ABE, tais como: o local de realização da exposição, a exclusividade da Escola Normal Secundária e da Escola de Aplicação.

Escolano Benito, afirma, “os objetos podem conter chaves secretas que, como um hieróglifo, há que se decifrar. (...) A decodificação de todas essas chaves conduz ao desvelamento das regras que governam a teoria e a ação pedagógica como práticas culturais.” (2018, p. 110). Assim, ao estudar os artefatos, os pormenores e as práticas ritualizadas das Exposições Escolares procuramos “decodificar” a ação pedagógica como prática cultural de um determinado tempo histórico.

No decorrer da pesquisa realizamos outras indagações, quais sejam: 1) Qual a permanência da prática das Exposições Escolares nas escolas primárias do Paraná? 2) As Exposições Escolares mantiveram as mesmas características identificadas no período inicial? As condições materiais para elaboração dos artefatos escolares foram alteradas ao longo dos anos? 3) Ocorreu alteração nos tipos de artefatos produzidos pelos alunos nas Disciplinas de Trabalhos Manuais e Trabalhos de Agulha? 4) As características das Exposições das escolas primárias profissionais se assemelhavam as das escolas primárias? Assim, consideramos que ainda há um longo caminho a percorrer.

FONTES

Artigos de periódico

PARANÁ. **O Ensino**. Inspetoria Geral de Ensino: Curitiba, 1922. anno I, n. 1 a 3. Acervo Casa da Memória.

CHRONICA DO INTERIOR. **Revista Pedagógica**. R.J. 1891, Edição 003. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

CHRONICA DO INTERIOR. **Revista Pedagógica**. Rio de Janeiro, 1896. Edição 003. Acervo da Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

A Escola, 1906. Edição 0005. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

ART. 4º. **A Escola**. 1928. Edição 0001. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Revista Feminina, 1927. Disponível em: <file:///C:/Documents%20and%20Settings/User/Meus%20documentos/Downloads/revista-feminina-1927-156.pdf>. Acesso em 12/05/2019.

O Ensino, 1922. Acervo da Casa da Cultura da Fundação Cultural de Curitiba.

Revista Indústria e Comércio de Móveis – **Revista Mensal Ilustrada**. Rio de Janeiro – Setembro/Outubro, nº 05, 1922.

Decretos

BRASIL. **Decreto nº 1.333** de 17 de fevereiro de 1854. Approva o Regulamento para a reforma do ensino primário e secundário do Município da Côrte. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/FONTes_escritas/3_Imperio/artigo_004.html acesso em 30/06/2018.

BRASIL. **Decreto nº 7.247** de 19 de abril de 1879–Carlos Leôncio de Carvalho Reforma do Ensino Primário e Secundário do Município da Corte e o Superior em todo o Império. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/revista/edicoes/34/doc01a_34.pdf, acesso em 30/06/2018.

BRASIL. **Decreto nº 981** de 8 de novembro de 1890 – Benjamin Constant .Approva o Regulamento da Instrução Primaria e Secundaria do Districto Federal. Disponível em: http://www.histedbr.fe.unicamp.br/navegando/FONTes_escritas/4_1a_Republica/decreto%20981-1890%20reforma%20benjamin%20constant.htm , acesso em 30/06/2018.

BRASIL. **Decreto nº 667**, de 16 de agosto de 1890. Cria um estabelecimento de ensino profissional sob denominação de Pedagogium. Rio de Janeiro, 1890, assinado por Benjamin Constant. Disponível em: <https://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1824-1899/decreto-667-16-agosto-1890-552093-publicacaooriginal-69096-pe.html>, acesso em 30/06/2018.

PARANÁ. **Decreto nº 35** de 9 de fevereiro de 1895. Regulamento da Instrução Pública do Estado. Palácio do Governo do Estado do Paraná- Governador Francisco Xavier da Silva. Biblioteca do Círculo de Estudos Bandeirantes – PUC –PR.

PARANÁ. **Decreto nº 31** de 29 de janeiro de 1890. Regulamento da instrução pública do Estado do Paraná. Coleção Leis, Decretos e Regulamentos do Estado do Paraná. Curitiba: Arquivo Público do Paraná, 1890a. p. 39 – 50.

PARANÁ. **Decreto nº 263** de 22 de outubro de 1903. Regimento Interno das Escolas Públicas do Estado do Paraná. Regulamento da Instrução Pública do Estado. Palácio do Governo do Estado do Paraná- Governador Francisco Xavier da Silva. Biblioteca do Círculo de Estudos Bandeirantes – PUC –PR.

PARANÁ. **Decreto nº 93** de 11 de mar. de 1901. Regulamento da Instrução Pública do Estado. Palácio do Governo do Estado do Paraná- Governador Francisco Xavier da Silva. Biblioteca do Círculo de Estudos Bandeirantes – PUC –PR.

PARANÁ. **Decreto nº 479** de 1908. Regulamento da Instrução Pública do Estado. Palácio do Governo do Estado do Paraná- Governador Joaquim Monteiro de Carvalho e Silva. Biblioteca do Círculo de Estudos Bandeirantes – PUC –PR.

PARANÁ. **Decreto nº 293** de 1908. Regulamento da Instrução Pública do Estado. Palácio do Governo do Estado do Paraná- Governador Joaquim Monteiro de Carvalho e Silva. Biblioteca do Círculo de Estudos Bandeirantes – PUC –PR.

PARANÁ. **Decreto nº 710** de 1915. Regulamento da Instrução Pública do Estado. Palácio do Governo do Estado do Paraná- Governador Carlos Cavalcante de Albuquerque. Biblioteca do Círculo de Estudos Bandeirantes – PUC –PR.

PARANÁ. **Decreto nº 1.857** de 1928. Regulamento da Instrução Pública do Estado. Palácio do Governo do Estado do Paraná- Governador Afonso Alves de Camargo. Biblioteca do Círculo de Estudos Bandeirantes – PUC –PR.

PARANÁ. **Decreto nº 124** de 25 de fevereiro de 1912. Nomeação do Diretor da Instrução Pública do Paraná, Claudino dos Santos. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

PARANÁ. **Decreto nº 664** de 23 de agosto de 1913. Nomeação do Diretor da Instrução Pública do Paraná, Francisco Ribeiro de Azevedo Macedo. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

PARANÁ. **Decreto nº 274**, de 1923, passou a Escola Normal a denominar-se Escola Normal Secundária, devido à sua posição em relação às Escolas Normais Primárias, pois seu plano de estudos comportava também a formação de professores para lecionar nessas Escolas Normais. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.5007/2175-795X.2016v34n1p142> , acesso em: 23/09/2019.

Jornais

CONGRESSO LEGISLATIVO DO ESTADO DO PARANÁ. **A Notícia**. 27 fev. 1908. Edição 00718. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

NOTAS DO DIA. **A Notícia**. 24 nov. 1905. Edição 00018(1). Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

PRIMEIRA CONFERÊNCIA NACIONAL DE EDUCAÇÃO. **O Paiz**. 21 dez. 1927. Edição 15767. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

APÓS UMA INTERRUPÇÃO. **A República**. 05 set. 1912. Edição 00208. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

A EXPOSIÇÃO ESCOLAR. **A República**. 18 nov. 1912. Edição 00269 (1). Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

A EXPOSIÇÃO ESCOLAR. **A República**. 19 nov. 1912. Edição 00270 (1). Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

A EXPOSIÇÃO ESCOLAR. **A República**. 05 dez.1904. Edição 00282 (2). Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

A EXPOSIÇÃO ESCOLAR. **A República**. 05 dez.1904. Edição 00282 (2). Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

EXPOSIÇÃO ESCOLAR. **A República**. 12 nov. 1912. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

EXPOSIÇÃO ESCOLAR. **A República**. 12 nov. 1912. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

EXPOSIÇÃO ESCOLAR. **A República**. 05 set. 1912. Edição 00208. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

EXPOSIÇÃO ESCOLAR. **A República**. 07 dez. 1922. Edição 00284. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

O PEDAGOGIUM Brasileiro pede à atenção dos eleitores para a seguinte circular em maio do corrente ano. **A República**. 13 ago. 1895. Edição 00187(1). Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

EXPOSIÇÃO ESCOLAR. **A República**. 05 dez. 1904. Edição 00282-2. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

PEDAGOGIUM BRAZILEIRO. **A República**. 10 mai. 1896. Edição 00109-1. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

EXPOSIÇÃO ESCOLAR. **A República**. 05 set. de 1912. Edição 00208-1. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

EXPOSIÇÃO ESCOLAR. **A República**. 13 mar. de 1920. Edição 00372-1. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

EXPOSIÇÃO ESCOLAR. **A República**. 27 jul. 1920. Edição 00705-1. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

EXPOSIÇÃO ESCOLAR. **A República**. 02 ago. 1912. Edição 01108-1. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

EXPOSIÇÃO ESCOLAR. **A República**. 03 ago. 1912. Edição 001109-1. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

EXPOSIÇÃO ESCOLAR. **A República**. 05 nov. 1912. Edição 001103-1. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

EXPOSIÇÃO ESCOLAR. **A República**. 18 nov. 1912. Edição 001325-1. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

EXPOSIÇÃO ESCOLAR. **A República**. 19 nov. 1912. Edição 01356-1. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

EXPOSIÇÃO ESCOLAR. **A República**. 05 set. 1912. Edição 001457-1. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

EXPOSIÇÃO ESCOLAR. **A República**. 23 nov. 1904. Edição 01208-1. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

EXPOSIÇÃO ESCOLAR. **A República**. 03 dez. 1904. Edição 001351-1. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

EXPOSIÇÃO ESCOLAR. **A República**. 05 dez. 1904. Edição 001368-1. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

EXPOSIÇÃO ESCOLAR. **A República**. 10 dez. 1904. Edição 0013710-1. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

EXPOSIÇÃO ESCOLAR. **A República**. 04 dez. 1905. Edição 001298-1. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

EXPOSIÇÃO ESCOLAR. **A República**. 10 set. 1903. Edição 00202-1. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

CARTA CONVITE DO DIRETOR DO PEDAGOGIUM. **A República**. 10 de maio de 1890. Edição 00109-1. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

CONSIDERANDO finalmente ser de máxima vantagem a disseminação da instrução pública. **A República**. 31 mar. 1890. Edição 00026-1. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

CONGRESSO LEGISLATIVO. **A República**. 13 mar. 1920. Edição 00062-1. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

EXPOSIÇÃO ESCOLAR. **A República**. 13 ago. 1884. Edição 00184-1. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

EXPOSIÇÃO ESCOLAR. **A República**. 03 dez. 1905. Edição 000175. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

EXPOSIÇÃO ESCOLAR. **Diário da Tarde**. 18 nov. 1912. Edição 04226 Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

E'COS das exposições escolares. **Diário da Tarde**. 08 dez. 1912. Edição 14753. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

ESSA FESTA DO TRABALHO MANUAL. **Diário da Tarde**. 05 dez. 1906. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

AS EXPOSIÇÕES ESCOLARES. **Diário da Tarde**. 01 set. 1908. Edição 2898. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

A EXPOSIÇÃO ESCOLAR. **Diário da Tarde**. 09 dez. 1904. Edição 1864. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

EXPOSIÇÃO ESCOLAR. **Diário da Tarde**. 10 dez. 1904. Edição 1866. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

EXPOSIÇÃO ESCOLAR. **Diário da Tarde**. 03 dez. 1904. Edição 1864. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

EXPOSIÇÃO ESCOLAR. **Diário da Tarde**. 05 dez. 1906. Edição 02377. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional

EXPOSIÇÃO ESCOLAR – INTELIGÊNCIA ÚTIL. **Diário da Tarde**. 18 nov. 1912. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

VIAGEM CLAUDINO DOS SANTOS. **Diário da Tarde**. 29 fev. 1912. Edição 1756. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

EXPOSIÇÃO ESCOLAR DO CENTENÁRIO DA INDEPENDÊNCIA. **Diário da Tarde**. 09 set. 1922. Edição 1866. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

EXPOSIÇÃO ESCOLAR. **Diário da Tarde**. 06 mar. 1920. Edição 1756. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

EXPOSIÇÃO ESCOLAR. **Diário da Tarde**. 15 mar. 1920. Edição 1534. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

EXPOSIÇÃO ESCOLAR. **Diário da Tarde**. 04 mar. 1921. Edição 6839. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

EXPOSIÇÃO ESCOLAR DO CENTENÁRIO. **Diário da Tarde**. 14 set. 1922. Edição 07302. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

EXPOSIÇÃO ESCOLAR. **Diário da Tarde**. 08 set. 1922. Edição 072978. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

A EXPOSIÇÃO ESCOLAR. **Diário da Tarde**. 06 set. 1922. Edição 072969. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

EXPOSIÇÃO ESCOLAR. **Diário da Tarde**. 29 dez. 1931. Edição 11050. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

ÁRVORE DA INDEPENDÊNCIA. **Diário da Tarde**. 07 set. 1922. Edição 07297. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

E'COS DAS EXPOSIÇÕES ESCOLARES G. E. "Xavier da Silva". **Diário da Tarde**. 08 de dez. de 1912. Edição nº 14573. Biblioteca Pública do Paraná.

EXPOSIÇÃO ESCOLAR. **O Estado do Paraná**. 09 dez. 1925. Edição 002861-1. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS. **O Estado do Paraná**. 17 nov. 1925. Edição 00267-1. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

EXPOSIÇÃO ESCOLAR. **O Estado do Paraná**. 13 dez. 1925. Edição 002322-1. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

INSPETOR. **Gazeta do Povo**. 04 mai. 1920. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

O ENCERRAMENTO das aulas – Uma exposição de trabalhos. **O Dia**. 08 jun. 1928. Edição 01954. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

EXPOSIÇÃO ESCOLAR DO CENTENÁRIO. **O Dia**. 14 set. 1922. Edição 07302. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

DEODORO NO GRUPO ESCOLAR – O encerramento das aulas – uma exposição de trabalhos. **O Dia**. 08 de jun. 1928. Edição 01954-1. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

EXPOSIÇÃO DE TRABALHOS NA ESCOLA MATERNAL. **O Dia**. 08 dez. 1932. Edição 02732-1. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

EXPOSIÇÕES ESCOLARES. **O Dia**. 08 dez. 1932. Edição 02732-1. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

ASSISTENCIA DENTÁRIA ESCOLAR. **O Dia**. 22 set. 1933. Edição 02973. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

EXPOSIÇÕES ESCOLARES. **O Dia**. 1934. Edição 03350-1. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

EXPOSIÇÕES ESCOLARES. **O Dia**. 03 dez. 1939. Edição 05014-1. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

EXPOSIÇÕES ESCOLARES. **O Dia**. 04 fev. 1939. Edição 04762-1. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

EXPOSIÇÕES ESCOLARES. **O Dia**. 08 nov. 1931. Edição 02387-1. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

EXPOSIÇÕES ESCOLARES. **O Dia**. 27 fev. 1924. Edição 0208-1. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

EXPOSIÇÕES ESCOLARES. **O Dia**. 17 jul. 1924. Edição 05014-1. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

EXPOSIÇÕES ESCOLARES. **O Dia**. 01 de jul. 1923. Edição 01. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

EXPOSIÇÕES ESCOLARES. **O Dia**. 03 dez. 1920. Edição 05013-1. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

CORRESPONDÊNCIA assinala. **Diário do Comercio**. 19 mar. 1891. Edição 00074-2. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

EXPEDIENTE do governador. **Diário do Comércio**. 06 jun. 1891. Edição 00127-1. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

PARANÁ MODERNO. **Paraná Moderno**. 12 set. 1911. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

VISITA INSPETOR DO PARANÁ. **Correio Paulistano**. 07 jun. 1912. Hemeroteca da Biblioteca do Paraná.

EXPOSIÇÃO ESCOLAR. **Diário de Notícias**. 10 jan. 1930. Hemeroteca Digital da Biblioteca Nacional.

Relatórios

PARANÁ, **Relatório apresentado ao Secretario de Estado dos Negócios do Interior, Justiça e Instrução Publica**, pelo Diretor da Instrução Publica Dr Victor Ferreira do Amaral. Curitiba, 1908. Acervo do DEAP-PR.

PARANÁ. **Relatório apresentado ao Secretario de Estado dos Negócios do Interior, Justiça e Instrução Publica**, pelo Diretor da Instrução Publica Dr Victor Ferreira do Amaral. Curitiba, Paraná, 1903. Acervo do DEAP-PR.

PARANÁ. **Relatório apresentado ao Secretario de Estado dos Negócios do Interior, Justiça e Instrução Publica**, pelo Diretor da Instrução Publica Dr Victor Ferreira do Amaral. Curitiba, 1905. Acervo do DEAP-PR.

PARANÁ. **Relatório apresentado ao Secretario de Estado dos Negócios do Interior, Justiça e Instrução Publica**, pelo Diretor da Instrução Publica Dr Victor Ferreira do Amaral. Curitiba, 1908. Acervo do DEAP-PR.

PARANÁ. **Relatório apresentado ao Secretario de Estado dos Negócios do Interior, Justiça e Instrução Publica**, pelo Diretor da Instrução Publica Dr Claudino Rogoberto Ferreira dos Santos. Curitiba, 1913. Acervo do DEAP-PR.

PARANÁ. **Relatório do Inspetor Geral da Instrução Pública Cesar Prieto Martinez**, Curitiba: Typ. Penitenciaria do Estado do Paraná, 1920. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/99764>. Acesso em: 30 abr. 2020.

PARANÁ. **Relatório do Inspetor Geral da Instrução Pública Cesar Prieto Martinez**, Curitiba: Typ. da Penitenciária do Estado, 1922. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/99956>. Acesso em: 30 abr. 2020.

PARANÁ. **Relatório do Inspetor Geral da Instrução Pública Cesar Prieto Martinez**, Curitiba: Typ. da Penitenciária do Estado, 1924. Um exemplar encontra-se disponível no Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá.

PARANÁ. **Relatório apresentado ao Inspetor de Ensino**, pelo Diretor da Escola Normal Secundária Nicephoro Falarz. Curitiba, 1926. Acervo do DEAP-PR.

PARANÁ. **Relatório apresentado ao Inspetor de Ensino**, pelo Diretor da Escola Normal Secundária Nicephoro Falarz . Curitiba, 1927. Acervo do DEAP-PR.

REFERÊNCIAS

- ABDALA, Rachel Duarte. **Fotografias escolares**: práticas do olhar e representações sociais nos álbuns fotográficos da Escola Caetano de Campos (1895-1966). 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.
- ALLGAYER, Rochele. **As exposições e eventos nas conferências nacionais de educação**: um repertório pedagógico para se dar a ver (1927-1956). 2020. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.
- ALMEIDA, Amanda de Lima de. **Agulha, novelo, tecido e muito mais**: lições de economia doméstica na Revista Feminina (São Paulo, 1914-1918). Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2020.
- ALVES, Júlia Falivene; MORAES, Carmem Sylvia Vidigal. **Escolas Profissionais Públicas do Estado de São Paulo**: uma história em imagens (Álbum Fotográfico). Centro Paula Souza: São Paulo, 2002.
- ANJOS, Juarez José Tuchinski dos. Entre gregos e troianos: culturas escolares nas memórias de infância de Francisco Macedo (Campo Largo-paraná, 1883). **Educação e Filosofia**, v.30, n.59, p. 233-263, jan./jun. 2016. Disponível em: <http://www.seer.ufu.br/index.php/EducacaoFilosofia/article/view/24251/19908>. Acesso em: 16/07/2020.
- ARAÚJO, José Carlos; SOUZA, Rosa Fátima; PINTO, Rubia-Mar Nunes. **Escola primária na primeira República (1889-1930)**: subsídios para uma história comparada. Araraquara/SP: Junqueira & Martins, 2012.
- ARAÚJO, Roberta Maira de Melo. O ensino de Arte em uma Escola de Mulheres. In: BARBOSA, Ana Mae (org). **Ensino da Arte**: memória e história. São Paulo: Perspectiva, 2011.
- ARAÚJO, Silvette Aparecida Crippa de. Júlia Wanderley e a consolidação da Escola Normal promíscua. In: VIEIRA, Carlos Eduardo (org.). **História Intelectual e Educação**: trajetórias, impressos e eventos. 1. ed. Jundiaí: Paco Editorial, 2015.
- BARBOSA, Etienne Baldez Louzada. **Por terra, por água, pela leitura**: as conexões dos responsáveis pela inspeção e instrução pública no Paraná (1854-1890). 2016. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2016.
- BARBUY, Heloísa. O Brasil vai a Paris em 1889: um lugar na Exposição Universal. **Anais Do Museu Paulista**: História E Cultura Material. 4(1), p. 211-261, 1996. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0101-47141996000100017> Acesso em: 27/08/2019
- BASTOS, Maria Helena Camara. Pedagogium: templo da modernidade educacional republicana brasileira (1890-1919). In: BASTOS, Maria Helena Camara. **Pro Patria Laboremus**: Joaquim José de Menezes Vieira (1848-1897). Bragança Paulista: Edusf, 2002, p. 251-350.

BASTOS, Maria Helena Camara. A educação como espetáculo. In: STEPHANOU, Maria e BASTOS, Maria Helena Camara (org.). **Histórias e Memórias da educação no Brasil**, vol II, século XIX. Petrópolis - RJ: Vozes, 2005, p. 116 -131.

BENCOSTTA, Marcus Levy. Arquitetura e Espaço Escolar: reflexões acerca do processo de implantação dos primeiros grupos escolares de Curitiba (1903-1928). **Educar em Revista**, Editora da UFPR, Curitiba, n. 18, p. 103-141, 2001.

BENCOSTTA, Marcus Levy. (Org.). **História da Educação, Arquitetura e Espaço Escolar**. 1. ed. São Paulo: Cortez Editora, 2005.

BENCOSTTA, Marcus Levy. Desfiles patrióticos: memória e cultura cívica dos grupos escolares de Curitiba (1903-1971). In: VIDAL, Diana Gonçalves (org.). **Grupos Escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1883-1971)**. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2006.

BERBERI, Elizabete. **Impressões**: a modernidade através das crônicas no início do século em Curitiba. Curitiba: Aos 4 ventos, 1998.

BLOCH, March. **Apologia da História ou ofício do historiador**. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.

BOSCHILIA, Roseli. A escola, o ensino e o rito: cultura escolar e modernidade. In: ALMEIDA, Maria de Lourdes Pinto (orgs.). **Escola e modernidade: saberes, instituições e práticas**. Campinas, SP: Editora Alínea, 2004.

BOSCHILIA, Roseli. **Entre fitas, bolachas e caixas de fósforo: a mulher no espaço fabril curitibano (1940-1960)**. Curitiba: Artes&Textos, 2010.

BOSCHILIA, Roseli. **Modelando condutas: educação católica em escolas masculinas**. Curitiba: Sociedade Amigos do Museu Paranaense, 2018.

BOTO, Carlota. A intelectualidade paulista, o Manifesto dos Pioneiros e a Universidade de São Paulo em sua “missão”. **Estud. Av.** vol. 23 nº 95, São Paulo, jan./abr. 2019. Disponível em <http://dx.doi.org/10.1590/s0103-4014.2019.3395.003>. Acesso em: 15/04/2020.

BOTO, Carlota. **A escola do homem novo: entre o Iluminismo e a Revolução Francesa**. 1. ed. São Paulo: UNESP, 1996.

BUISSON, Charles Defodon, de Ferdinand. **Dictionnaire de Pédagogie et d’instruction primaire** I Parte - Tomo I, Paris: Librairie Hachette, 1887, p. 974-978.

BURKE, Peter. Abertura: a nova história, seu passado e seu futuro. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Ed. Unesp, 2011.

BURKE, Peter. **Testemunha ocular: história e imagens**. Bauru, SP: EDUSC, 2004.

CÂNDIDO, Renata Marcílio. **Culturas da escola: as festas nas escolas públicas paulistas (1890-1930)**. Dissertação de mestrado (Educação). Universidade de São Paulo, São Paulo,

2007. Disponível em: <https://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/48/48134/tde-29012008-163237/publico/DissertacaoRenataMarcilio.pdf>, acesso em 01/08/2020.

CÂNDIDO, Renata Marcílio e CATANI, Denice Bárbara. Inculcar a seriedade mediante a alegria: um estudo das comemorações escolares no campo educacional (finais do século XIX e início do XX). **Revista de História e Historiografia da Educação**. Curitiba, v.1, n.3, p. 30-52, set/dez, 2017. Disponível em: <https://pdfs.semanticscholar.org/1334/7ed7bdc560c7e09029af4b3e8591b0d5c78.pdf>. Acesso em: 17/06/2020.

CARDIM, Carlos A. Gomes. **As comemorações cívicas e as festas escolares**. São Paulo: Siqueira, Nagel & C., 1916.

CARNEIRO JUNIOR, Renato Augusto. **Personagens da história do Paraná**: acervo do Museu Paranaense. Curitiba: SAMP, Museu Paranaense, 2014, p. 109. Disponível em: http://www.museuparanaense.pr.gov.br/arquivos/File/personagens_da_historia_do_parana.pdf acesso em 09/03/2020.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas**: o imaginário da República no Brasil. 2. ed. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

CARVALHO, José Murilo de. **Pontos e bordados**: escritos da história e política. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 1998. Disponível em: <https://archive.org/details/CARVALHOJoseMurilo.PontosEBordados/page/n3> Acesso em: 29/01/2019.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. Educação e política nos anos 20: a desilusão com a República e o entusiasmo pela educação. In: DE LORENZO, Helena Carvalho e COSTA, Wilma Peres da (orgs.). **A década de 20 e as origens do Brasil moderno**. São Paulo: Editora da UNESP, 1997.

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A escola e a República**. São Paulo: Brasiliense, 1998. (coleção primeiros passos).

CARVALHO, Marta Maria Chagas de. **A escola e a República e outros ensaios**. Bragança Paulista/SP: EDUSP, 2003.

CASTRO, César Augusto; CASTELLANOS, Samuel Luis Velázquez. A escola como vitrine: os objetos escolares nas exposições do trabalho no Maranhão Império. In: GASPAR da SILVA, Vera Lucia; SOUZA, Gizele de; CASTRO, César Augusto de (orgs.). **Cultura material escolar em perspectiva histórica**: escritas e possibilidades. Vitória: EDUFES, 2018. p. 472 (Coleção Horizontes da Pesquisa em História da Educação no Brasil; v. 14)

CASTRO, Elizabeth Amorim. **Grupos escolares de Curitiba na primeira metade do século XX**. Curitiba: Edição do Autor, 2008.

CERTEAU, Michel. **A invenção do cotidiano**. 3. ed. Petrópolis/RJ: Editora Vozes, 1998.

CERTEAU, Michel. **A escrita da História**. 2. ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2010.

CHAMON, Carla Simone. **Festejos Imperiais: festas cívicas em Minas Gerais (1815-1845)**. Bragança Paulista: EDUSP, 2002.

CHARTIER, Anne-Marie. Escola, culturas e saberes. In: XAVIER, Libânia N.; CARVALHO, Marta Maria Chagas de; MENDONÇA, Ana W.; CUNHA, Jorge L. da. **Escola, Culturas e Saberes**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2005, p. 9-28.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: entre práticas e representações**. 2. ed. Rio de Janeiro: DIFEL, 2002.

CHARTIER, Roger. **A mão do autor e a mente do editor**. São Paulo: UNESP, 2014.

CHERVEL, Andre. A história das disciplinas escolares: reflexões sobre um campo de pesquisa. **Teoria & Educação**, n.2, 1990.

COLLICHIO, Therezinha A. Ferreira. Dois eventos importantes para a história da educação brasileira: a exposição pedagógica de 1883 e as conferências populares da Freguesia da Glória. **Revista da Faculdade de Educação da USP**, São Paulo, v. 13, n. 12, 1987. Disponível em: <http://www.journals.usp.br/rfe/article/view/33387> Acesso em: 04/05/2019.

COLLICHIO, Therezinha A. Ferreira. Primeira Exposição Pedagógica realizada no Rio de Janeiro em 1883 e um importante Congresso da Instrução Pública cancelado. In: **Cadernos de História e Filosofia da Educação**, São Paulo, v.4, n.6, p. 149-194, 2001.

CORRÊA, Amélia Siegel. Imprensa política e pensamento republicano no Paraná no final do XIX. **Rev. Sociol. Polit.** Curitiba, v.17, n.32, p. 139-158, fev. 2009.

CORREIA, Ana Paula Pupo. **Palácios da Instrução: História da Educação e da Arquitetura das Escolas Normais no estado do Paraná (1904 a 1927)**. 2013. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal do Paraná –UFPR, Curitiba, 2013.

COSTA, Lysimaco Ferreira da. **Bases Educativas para a organização da nova Escola Normal Secundária do Paraná**. Curytiba, PR: Escola Normal Secundária, 1923. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/xmlui/handle/123456789/123699>. Acesso em 15/06/2020.

COSTA, Maria José Franco Ferreira da. **Lysimaco Ferreira da Costa** (a dimensão de um homem) Curitiba: UFPR, 1987.

CUNHA, Marcus Vinicius da. John Dewey e o pensamento educacional brasileiro: a centralidade da noção de movimento. **Rev. Bras. Educ.** [online], São Paulo, n.17, p. 86-99, 2001. Disponível: <http://dx.doi.org/10.1590/S1413-24782001000200007>. Acesso em: 29/01/2020.

DAMATTA, Roberto. **Carnavais, malandros e heróis**. 4. ed. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1983.

DIAS, Maria dos Anjos Flôr. **Para uma genealogia da educação artística: história das disciplinas de Desenho, Trabalhos Manuais, Canto Coral e Educação pelo Teatro na escola primária portuguesa, do primeiro quartel do século XIX a meados do século XX**. Universidade do Minho – Instituto de Estudos da Criança: Minho, 2009.

ELIAS, Norbet. **O processo civilizador**: uma história dos costumes. 2. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2011. (volume 1).

ERMEL, Tatiane de Freitas; BENCOSTTA, Marcus Levy. A escola graduada e arquitetura escolar no Paraná e Rio Grande do Sul: a pluralidade dos edifícios para a escola primária no cenário brasileiro (1903-1928). **Hist. Educ**, Santa Maria, vol.23, mar 28, 2019. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S2236-34592019000100303. Acesso em 08/07/2019.

ESCOLANO BENITO, Agustín. Etnohistória e cultura material da escola: a educação nas exposições universais. In: GASPARD da SILVA, Vera Lucia; SOUZA, Gizele de; CASTRO, César Augusto de (orgs.). **Cultura material escolar em perspectiva histórica**: escritas e possibilidades. Vitória: EDUFES, 2018. p. 472 (Coleção Horizontes da Pesquisa em História da Educação no Brasil; v. 14)

FARGE, Arlette. **O sabor do arquivo**. São Paulo: Edusp, 2009.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. **Dos pardieiros aos palácios**: cultura escolar e urbana em Belo Horizonte na Primeira República (1906-1918). 1996. Tese (Doutorado) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1996.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de. Escolarização e cultura escolar no Brasil: reflexões em torno de alguns pressupostos e desafios. In: BENCOSTTA, Marcus Levy (org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas**: itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; CHAMON, Carla Simone; SOARES, Marcilaine. Apresentação. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de; CHAMON, Carla Simone; SOARES, Marcilaine (orgs.). **Políticos, literatos, intelectuais**: o debate público sobre educação em Minas Gerais. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2009.

FARIA FILHO, Luciano Mendes de; VIDAL, Diana Gonçalves. Os tempos e os espaços escolares no processo de institucionalização da escola primária no Brasil. **Revista Brasileira de Educação**, nº 14, maio/jun./jul./ago. 2000.

FARIA, Joana Borges de. **Os quadros parietais nas escolas do Sudeste brasileiro (1890-1970)**. 2017. Dissertação (Mestrado) - Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 2017.

FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucília de Almeida Neves. **O tempo do liberalismo excludente** – da Proclamação da República à Revolução de 1930. 7. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2014 (O Brasil republicano; v.1).

FONSECA, Corinto da. **A escola ativa e os trabalhos manuais**. 2. ed. São Paulo/Rio de Janeiro: Editora Melhoramentos, 1929.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 6. ed. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1986.

FREITAS, Danielle Gross de. **Entre ofícios e prendas domésticas**: a Escola Profissional Feminina de Curitiba (1917-1974). 2011. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.

GASPAR da SILVA, Vera Lúcia. Vitrines da República: os grupos escolares em Santa Catarina (1889-1930). *In*: VIDAL, Diana Gonçalves (org.). **Grupos Escolares**: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971). São Paulo: Companhia da Letras, 2006.

GASPAR DA SILVA, Vera Lucia; SOUZA, Gizele de. Objetos de Utilidade Prática para o Ensino Elementar: museus pedagógicos e escolares em debate. *In*: GASPAR da SILVA, Vera Lucia; SOUZA, Gizele de; CASTRO, César Augusto (org.) **Cultura material escolar em perspectiva histórica**: escritas e possibilidades. Vitória: EDUFES, 2018, p. 119-142.

GASPAR da SILVA, Vera Lucia; SOUZA, Gizele de; CASTRO, César Augusto de. Por uma Apresentação: A Materialidade Escolar entre Caminhos, Pesquisas e Diálogos. *In*: GASPAR da SILVA, Vera Lucia; SOUZA, Gizele de; CASTRO, César Augusto de (orgs.). **Cultura Material Escolar em Perspectiva Histórica**: Escritas e Possibilidades. 1ed. Vitória - Espírito Santo: EDUFES, 2018, v. 14, p. 13-28.

GINZBURG, Carlo. **O fio e os rastros: verdadeiro, falso, fictício**. Tradução de Rosa Freired'Aguiar e Eduardo Brandão. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.

GONDRA, José Gonçalves. O veículo de circulação da pedagogia oficial da República: a Revista Pedagógica. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 78, n. 188/189/190, p. 374-395, jan./dez./, 1997.

GRAZZIONTIN, Luciane Sgarbi S.; ALMEIDA, Dóris Bittencourt (orgs.). **Colégios elementares e grupos escolares no Rio Grande do Sul**: memórias e cultura escolar – séculos XIX e XX. São Leopoldo: Oikos, 2016.

GULLAR, Ferreira. **Toda Poesia**. 2. ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1981.

HERSCHMANN, Micael Maiolino; PEREIRA, Carlos Alberto Messeder (Org.). **A invenção do Brasil Moderno**. 1.ed. Rio de Janeiro: Rocco, 1994.

HOELLER, Solange A. de Oliveira e DAROS, Maria das Dores. Trabalhos manuais no ensino primário e no ensino profissional para a construção da nação laboriosa: proposições de Orestes Guimarães e Corinto da Fonseca. **Anais X ANPED SUL**, Florianópolis, 2014. Disponível em: xanped.faed.udesc.br/arq_pdf/1324-0.pdf.

HOELLER, Solange Aparecida de Oliveira. **As Conferências Educacionais: projetos para a nação e modernidade pedagógica nos anos de 1920**. 2014. Tese (Doutorado em Educação) - Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2014.

HOERNER JUNIOR, Valério; BÓIA, Wilson; VARGAS, Túlio. **Biografia da Academia Paranaense de Letras – 1936-2001**. Curitiba: Posigraf, 2001.

JULIA, Dominique. A Cultura Escolar com objeto histórico. Tradução: Gizele de Souza. **Revista Brasileira de História da Educação**, São Paulo, Autores Associados/SBHE, n.1, p. 9-43, 2001.

JULIA, Dominique. Disciplinas escolares: objetivos, ensino e apropriação. *In*: LOPES, Alice Casimiro e MACEDO, Elizabeth (orgs.). **Disciplinas e integração curricular**: história e políticas. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

KINOUCHI, Renato Rodrigues. Tão perto, tão distante: Willian James e a psicologia contemporânea. **Sci. Stud**, São Paulo, vol.7, no.2, Apr./June 2009. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1678-31662009000200009 Acesso em: 29/01/2020.

KUHLMANN JR, Moysés. **As grandes festas didáticas**: a educação brasileira e as exposições internacionais, 1862-1922. Bragança Paulista: Edusf, 2001.

KUHLMANN JR, Moysés. História da Infância: Brasil e Modernidade. *In*: ALMEIDA, Maria de Lourdes Pinto de (org.). **Escola e modernidade**: saberes, instituições e práticas. Campinas, SP: Editora Alínea, 2004.

KUHLMANN JR, Moysés. O Pedagogium: sua criação e finalidades. *In*: MIGNOT, Ana Chrystina Venancio (org.). **Pedagogium**: símbolo da modernidade educacional republicana. Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, 2013.

LE GOFF, Jacques. Documento/monumento. *In*: LE GOFF, Jacques. **História e memória**. Campinas/SP: Editora da Unicamp, 1996.

LIMA, Prestes Santos. **História, memória e educação no olhar fotográfico de Guilherme Glück** (Lapa/PR, 1920-1953). 2015. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2015.

LUCA, Tania Regina de. História dos, nos e por meio dos periódicos. *In*: PINSKY, Carla Bassanezi. **Fontes históricas**. 3. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

MADI FILHO, José Maurício Ismael. **Animais taxidermizados como materiais de ensino em fins do século XIX e começo do século XX**. Dissertação. Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC: São Paulo, 2013. Disponível em: <https://sapientia.pucsp.br/bitstream/handle/10407/1/Jose%20Mauricio%20Ismael%20Madi%20Filho.pdf>. Acesso em: 16/07/2020.

MAGALHÃES, Marion Brepohl de. **Paraná**: Política e Governo. Curitiba: SEED, 2001. (Coleção história do Paraná-textos introdutórios).

MEIRELES, Cecília. **Crônicas de Educação**. 2. ed. São Paulo: Global, 2017. (vol.4).

MELLO, Graciele Dellalibera de. **As representações de gênero e a educação feminina no Paraná Oitocentista (1849-1886)**. 2018. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

MELO, Cristiane Silva; MACHADO, Maria Cristina Gomes. A organização da instrução pública no estado do Paraná no início da República: o Decreto nº 31 de 29 de janeiro de 1890. **Revista HISTEDBR On-line**, Campinas, n. 38, p. 248-260, jun.2010. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/histedbr/article/view/8639703> Acesso em: 30/05/2019.

MENESES, Ulpiano T. Bezerra. Memória e Cultura Material: documentos pessoais no espaço público. **Estudos Históricos**. Rio de Janeiro, v. 11, n. 21, p. 89-104, 1998.

MIGNOT, Ana Crystina Venancio. Vestígios do símbolo da educação republicana. In: MIGNOT, Ana Crystina Venancio (org.). **Pedagogium**: símbolo da modernidade educacional republicana. Rio de Janeiro: Quartet: Faperj, 2013.

MONTELEONE, Joana de Moraes. Costureiras, mucamas, lavadeiras e vendedoras: o trabalho feminino no século XIX e o cuidado com as roupas (Rio de Janeiro, 1850-1920). **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, vol.27, no.1, 2019. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0104-026X2019000100207&script=sci_arttext#B31. Acesso em: 17/07/2020.

MORENO, Jean C. **Inventando a escola, inventando a nação**: discursos e práticas em torno da escolarização paranaense (1920-1928). 2003. Dissertação (Mestrado em Educação) - Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2003.

MOTTA, Marly Silva da. **A nação faz cem anos**: a questão nacional no centenário da independência. Rio de Janeiro: Ed. da Fundação Getúlio Vargas - CPDOC, 1992.

MOTTA, Marly Silva da. **Rio, cidade-capital**. Editora Jorge Zahar, Rio de Janeiro,

MUNAKATA, Kazumi. O livro didático: alguns temas de pesquisa. **Revista Brasileira de História da educação**, Campinas/SP, Autores Associados/SBHE, v.12, n 3(30), set./dez. 2012.

MUNHOZ, Fabiana Garcia. Para além das prendas domésticas: a trajetória da mestra Benedita da Trindade no magistério feminino paulista. **Revista Brasileira de História da Educação**, V.18, 2018. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.4025/rbhe.v18.2018.e036>. Acesso em: 25/04/2020

NAGLE, Jorge. **Educação e sociedade na Primeira República**. 1. reimpressão. São Paulo: E.P.U. , 1976.

OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de. O ethos do trabalho nas páginas de periódicos educacionais brasileiros: trabalhos manuais como signo da modernização pedagógica (1906 – 1934). **Cadernos de História da Educação**, 18(2), 386-405, 2019. Disponível em: <https://doi.org/10.14393/che-v18n2-2019-7>. Acesso em: 23/06/2019.

OLIVEIRA, Maria Augusta Martiarena; AMARAL, Giana Lange. Representações da educação feminina em imagens: trabalhos manuais na Primeira República. **Dimensões**, vol.34, p. 380-403, 2015.

OLIVEIRA, Maria Cecília Marins de. **Ensino primário e sociedade no Paraná durante a Primeira República**. 1994. Tese (Doutorado em Educação) - Faculdade de Educação da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1994.

OLIVEIRA, Maria Cecília Marins de. O grupo escolar dezenove de dezembro: história e organização. **Congresso brasileiro de História da Educação**: Educação no Brasil – história

e historiografia. **Anais (...)**. Rio de Janeiro, UFRJ; Fórum de Ciência e Cultura. CD-ROM, 2000.

OLIVEIRA, Maria Cecília Marins de. Organização escolar no início do século XX: o caso do Paraná. **Educar em Revista**. Curitiba, UFPR, n.18, 2001.

PAIVA, Eduardo França. **História & Figuras**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.

PARADA, Maurício (org.). **Os historiadores: clássicos da história**. vol. 3: de Ricouer a Chartier. Petrópolis/RJ: Vozes: PUC-Rio, 2014.

PASQUIM, Franciele R. Ramon Roca Dordal (1854-1938) e Carlos Alberto Gomes Cardim (1875-1938) na história da alfabetização no Brasil. In: MORTATTI, MRL., et al., (orgs.). **Sujeitos da história do ensino de leitura e escrita no Brasil**. São Paulo: Editora UNESP, 2015, p. 77-92.

PEREIRA, Fernando Marcelino. Famílias políticas tradicionais dominam as eleições à Prefeitura de Curitiba em 2016. **Revista Nep** (Núcleo de Estudos Paranaenses), Curitiba, v.2, n.4, p. 35-50, setembro 2016. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/nep/article/view/48635/29271> Acesso em: 23/05/2020.

PERES, Eliane; SOUZA, Gizele de. Aspectos teórico-metodológicos da pesquisa sobre cultura material escolar: (im)possibilidades de investigação. In: CASTRO, César Augusto (org.). **Cultura material escolar: a escola e seus artefatos (MA,SP,PR,SC e RS, 1870-1925)**. São Luís do Maranhão: EDUFMA, 2011.

PERROT, Michele. **As mulheres ou os silêncios da história**. São Paulo: Edusc, 2005.

PERROT, Michele. **Os excluídos da história: operários, mulheres e prisioneiros**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988.

PESAVENTO, Sandra J. **Exposições Universais: espetáculos da modernidade do século XIX**. São Paulo: HUCITEC, 1997.

PETRY, Marília Gabriela; GASPAR da SILVA, Vera Lucia. Museu escolar: sentidos, propostas e projetos para a escola primária (séculos 19 e 20). **Hist. Educ**, vol.17, no.41, Santa Maria, set./dez 2013. Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/S2236-34592013000300006> Acesso em: 23/05/2020.

PINHEIRO, Antonio Carlos Ferreira. **Da era das carteiras isoladas à era dos grupos escolares na Paraíba**. Campinas/SP: Autores Associados, São Paulo: Universidade de São Francisco, 2002. (Coleção educação contemporânea).

PINTO, Neuza Bertoni; FRANÇA, Iara da Silva. A formação matemática para o ensino dos saberes elementares em tempos de Reforma Normal do Paraná (Anos de 1920). **Perspectiva**, Florianópolis, v.34, n. 1, p. 142-171, jan./abr. 2016. Disponível em: <http://perspectiva.ufsc.br> Acesso em: 15/06/2020.

QUELUZ, Gilson Leandro. Escola de aprendizes e artífices do Paraná (1909-1930). **Tecnologia & Humanidades**, ano 24, n. 39, jul./dez. 2010. Disponível em: <https://revistas.utfpr.edu.br/rth/article/viewFile/6258/3909> Acesso em: 24/07/2019

RAZZINI, Marcia de Paula Gregório. Livro didático e expansão escolar em São Paulo (1889-1930). **Língua Escrita**. Belo Horizonte, 2007. Disponível em: www.ceale.fae.ufmg.br/app/webroot/files/uploads/revistalingua/LinguaEscrita_1pdf Acesso em: 13/05/2020.

RIVIÈRE, Claude. **As liturgias políticas**. Rio de Janeiro: Ed. Imago, 1989.

RIVIÈRE, Claude. **Os ritos profanos**. Petrópolis: Vozes, 1997.

ROCHA, Heloisa Helena Pimenta. “Indispensáveis em todas as escolas”: uma incursão no mundo dos objetos. In: **Educar em Revista**, Curitiba, Brasil, v. 35, n. 76, p. 95-118, jul./ago. 2019. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/educar/article/view/67775/39572> , acesso em: 15/12/2019.

SANTOS, Bárbara da Silva; FERRONATO, Cristiano de Jesus. Imprensa periódica e educação nos Oitocentos: as contribuições do professor Justiniano de Mello e Silva (1888-1891). **Anais da 18ª Semana de Pesquisa da Universidade Tiradentes**. “A prática interdisciplinar alimentando a Ciência” – 24 a 28 de setembro de 2016. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/index.php/sempepq/article/view/3438> Acesso em: 13/04/2019.

SANTOS, Bárbara da Silva; FERRONATO, Cristiano de Jesus. Olhar o intelectual além de sua biografia: o caso de Justiniano de Mello e Silva. **Anais do 10º Encontro Internacional de Formação de Professores**. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/viewFile/5313/1555> Acesso em: 13/04/2019.

SANTOS, Bárbara da Silva; FERRONATO, Cristiano de Jesus. professores, redatores e políticos: o lugar de Justiniano de Mello e Silva na imprensa periódica oitocentista. **Revista de História e Historiografia da Educação**, Curitiba, v. 1, n. 1, p. 102-116, janeiro/abril de 2017. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/rhhe/article/view/48834> Acesso em: 13/04/2019.

SANTOS, Bárbara da Silva; SANTOS, Anderson; FERRONATO, Cristiano de Jesus. O sergipano Justiniano de Mello e Silva: Fontes de informações sobre a sua trajetória. **Anais do 8º Encontro Internacional de Formação de Professores**. Santos/SP, v. 9, n. 1, 2016. Disponível em: <https://eventos.set.edu.br/index.php/enfope/article/view/2466> Acesso em: 13/04/2019.

SANTOS, Bárbara da Silva; SANTOS, Anderson; FERRONATO, Cristiano de Jesus. A “força theorica do methodo intuitivo”: proposições de Justiniano de Mello e Silva para a educação das crianças no século XIX. **Horizontes**, v. 36, n. 2, p. 36-44, mai./ago. 2018. Disponível em: <https://revistahorizontes.usf.edu.br/horizontes/article/view/532> Acesso em: 13/04/2019.

SANTOS, Emanuel Silva; SANT’ANA, Claudinei do Camargo. O ensino do desenho na escola primária em Salvador, Vitória da Conquista e Caetité (1925-1940): uma análise dos

documentos. *Encontro Nacional de História da Educação Matemática, 2016. Anais do 3º Encontro Nacional de Pesquisa em História da Educação Matemática.* 2016.

SAVIANI, Dermeval. **História das ideias pedagógicas no Brasil.** Campinas: Autores Associados, 2007.

SCHRIEWER, Jürgen. Estados-modelo e sociedades de referência: externalização em processos de modernização. In. NÓVOA, António; SCHRIEWER, Jürgen (orgs.). **A difusão mundial da escola.** Lisboa: EDUCA, 2000, p. 103-120.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **As barbas do imperador: D. Pedro II, um monarca nos trópicos.** São Paulo: Companhia das letras, 1998.

SCHWARCZ, Lilia Moritz. **Sobre o autoritarismo brasileiro.** São Paulo: Companhia das Letras, 2019.

SILVA, Paulo Fernando Teles de Lemos e. **Bordado Tradicional Português.** Universidade do Minho, 2006. Disponível em : https://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/6723/1/TESE_PAULO.pdf – Acesso em: 04/02/2019.

SOUZA, Gizele de. **Instrução, o talher para o banquete da civilização:** Cultura escolar dos jardins de infância e grupos escolares no Paraná, 1900-1929. Tese (Doutorado) - PUC-SP: São Paulo, 2004.

SOUZA, Gizele de; ANJOS, Juarez José Tuchinski dos; BARBOSA, Etienne Baldez Louzada. O arquivo público paranaense: possibilidades para a pesquisa em história da educação no período provincial. **Educ. Pesqui.**, São Paulo, v. 39, n. 3, p. 627-643, jul./set. 2013. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/ep/v39n3/05.pdf> Acesso em: 30/01/2020.

SOUZA, Rosa Fátima de. **Templos de civilização:** a implantação da escola primária graduada no Estado de São Paulo (1890-1910). São Paulo: Ed. da USP, 1998.

SOUZA, Rosa Fátima de. Inovação educacional no século XIX: a construção do currículo da escola primária no Brasil. **Cadernos Cedes**, Campinas/SP, Ano XIX, nº 51, novembro/2000.

SOUZA, Rosa Fátima de. Fotografias escolares: a leitura de figuras na história da escola primária. **Educar em Revista**, Curitiba/ PR, n.18, 2001.

SOUZA, Rosa Fátima de. História da cultura material escolar: um balanço inicial. In: BENCOSTTA, Marcus Levy (org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas:** itinerários históricos. São Paulo: Cortez, 2007.

SOUZA, Rosa Fátima de. **História da organização do trabalho escolar e do currículo no século XX** (ensino primário e secundário no Brasil). São Paulo: Cortez, 2008. (Biblioteca Básica da história da educação brasileira, v.2).

SOUZA, Rosa Fátima de. Espaço da educação e da civilização: origens dos grupos escolares no Brasil. In: SAVIANI, Dermeval; SOUZA, Rosa Fátima de; VALDEMARIN, Vera Teresa;

ALMEIDA, Jane Alves de (orgs.). **O legado educacional do século XIX**. 3. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2014.

SOUZA, Rosa Fátima de. A configuração das Escolas Isoladas no estado de São Paulo (1846-1904). **Revista Brasileira de História da Educação**, Maringá-PR.v.16, nº 2(41), p. 344-377, abril/junho, 2016.

SOUZA, Rosa Fátima de. A contribuição dos estudos sobre grupos escolares para a historiografia da educação brasileira: reflexões para debate. **Revista Brasileira de História da Educação**, São Paulo, Autores Associados/SBHE, v.19, p.121-145, 2019.

SOUZA, Rosa Fátima de; FARIA FILHO, Luciano Mendes de. A contribuição dos estudos sobre grupos escolares para a renovação da história do ensino primário no Brasil. In: VIDAL, Diana Gonçalves (org.). **Grupos Escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)**. Campinas, SP: Mercado das letras, 2006.

SOUZA, Rosa Fátima. de; GASPARD da SILVA, Vera Lucia da e SÁ, Elisabeth. F. de (orgs.). **Por uma teoria e uma história da escola primária no Brasil: investigações comparadas sobre a escola graduada (1870-1930)**. Cuiabá: EdUFMT, 2013.

STRAUBE, Ernani Costa. **Do Licêo de Curitiba ao Colégio Estadual do Paraná: 1846-1993**. Curitiba, PR: Fundepar, 1993.

URBAN, Teresa. **Puxando o fio: histórias de armarinhos**. Curitiba: Edição do Autor, 2013.

VALDEMARIN, Vera Teresa. Vertentes interpretativas do método de ensino intuitivo e seus fundamentos filosóficos. **Resumos do I Congresso Brasileiro de História da Educação**: Rio de Janeiro 2000.

VALDEMARIN, Vera Teresa; TEIVE, Gladys Mary Ghizoni e HANDAM, Juliana Cesário. Modernidade Metodológica e Pedagógica: apropriações do método de ensino intuitivo nas reformas da instrução pública de Minas Gerais, Santa Catarina e São Paulo (1906-1920): ideias e práticas em movimento. In: SOUZA, Rosa Fátima de; GASPARD da SILVA, Vera Lucia; SÁ, Elisabeth. F. de (orgs.). **Por uma teoria e uma história da escola primária no Brasil: investigações comparadas sobre a escola graduada (1870-1930)**. Cuiabá: EdUFMT, 2013, p. 239-272.

VEIGA, Cynthia Greive. **A escolarização como projeto de civilização**. Trabalho apresentado na sessão especial realizada na 25ª Reunião Anual da ANPED. Caxambu/MG 29 a 02 de outubro de 2002.

VEIGA, Cynthia Greive. A história da escola como fenômeno econômico: diálogos com a história da cultura material, sociologia econômica e história social. In: GASPARD da SILVA, Vera Lúcia; SOUZA, Gizele de; CASTRO, César. (org.). **Cultura material escolar em perspectiva histórica: escritas e possibilidades**. 1. ed. São Paulo: Hipótese, 2018.

VELLOSO, Mônica Pimenta. Os intelectuais e a política cultural do Estado Novo. In: FERREIRA, Jorge; DELGADO, Lucilia de Almeida Neves (orgs.). **O tempo do nacional-estatismo – do início da década de 1930 ao apogeu do Estado Novo**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2003.

VIDAL, Diana Gonçalves (org.). **Grupos escolares: cultura escolar primária e escolarização da infância no Brasil (1893-1971)**. Campinas/SP: Mercado das Letras, 2006.

VIDAL, Diana Gonçalves. Culturas e práticas escolares: a escola pública objeto de pesquisa. História de la Educacion: **Revista interuniversitária**, v. 25, 2006. Disponível em: <https://dialnet.unirioja.es/serviet/articulo?codigo=2371560> . Acesso em: 13/06/2020.

VIDAL, Diana Gonçalves. Michel de Certeau e a difícil arte de fazer histórias das práticas. In: FARIA FILHO, Luciano Mendes de (org.). **Pensadores Sociais e História da Educação**. 3.ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2007.

VIDAL, Diana Gonçalves. História da educação como arqueologia: cultura material escolar e escolarização. **Revista Linhas**, v. 18, n. 36, p. 251-272, jan./abr. 2017. Disponível em: <http://www.revistas.udesc.br/index.php/linhas/article/view/1984723818362017251>. Acesso em: 02/04/2019.

VIDAL, Diana Gonçalves; CORTEZ, Maria Cecília (orgs.). **A memória e a sombra: a escola brasileira entre o Império e a República**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

VIDAL, Diana Gonçalves; GASPAR da SILVA, Vera Lúcia. Por una historia sensorial de la escuela y de la escolarización. Historia de la Educación. **Anuario da SAHE**, v. 14, p.1-18, 2013.

VIDAL, Diana Gonçalves; SCHWARTZ, Cleonara Maria (orgs.). **História das culturas escolares no Brasil**. Vitória: EDUFES, 2010. (Coleção Horizontes da pesquisa em história da educação no Brasil).

VIEIRA, Carlos Eduardo. Jornal diário como fonte e como tema para a pesquisa em História da Educação: um estudo da relação entre imprensa, intelectuais e modernidade nos anos de 1920. In: OLIVEIRA, Marcus Aurélio Taborda de (org.). **Cinco estudos em História e Historiografia da Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2007a.

VIEIRA, Carlos Eduardo. Intelectuais e o discurso da modernidade na I Conferência Nacional de Educação (Curitiba-1927). In: BENCOSTTA, Marcos Levy (org.). **Culturas escolares, saberes e práticas educativas: itinerários históricos**. São Paulo: Cortez, 2007.

VINÃO FRAGO, Antonio. La escuela y La escolaridad como objetos históricos. Facetas y problemas de la historia de la educación. **Revista da Associação Sul-Rio-Grandense de Pesquisadores em História da Educação**, Pelotas, v.12, n. 25, maio-agosto, 2008, p. 9-54.

VINÃO FRAGO, Antonio. Os cadernos escolares como FONTE histórica: aspectos metodológicos e historiográficos. In: MIGNOT, Ana Crystina Venancio (org.). **Cadernos à vista: escola, memória e cultura escrita**. Rio de Janeiro: Ed. UERJ, 2008.

VINCENT, Guy; LAHIRE, Bernard; THIN, Daniel. Sobre a história e a teoria da forma escolar. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, Faculdade de Educação da UFMG, n.33, jun./2001, p. 7- 47.

WACHOWICZ, Rui. **História do Paraná**. 10. ed. Curitiba: Imprensa Oficial do Paraná, 2002.

WARDE, Miriam Jorge. Americanismo e Educação: um ensaio no espelho. **Perspec.**, São Paulo, vol.14, n.2, abr/jun 2000. Disponível em: https://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-88392000000200006 – Acesso em: 20/07/2020.

WARDE, Mirian Jorge; RODRIGUES PAULO, Marco Antonio. A formação e a carreira na instrução pública paulista de João Chrysostomo Bueno dos Reis Junior. **OLH@RES** - Revista Eletrônica do Departamento de Educação da Unifesp, v. 7, p. 52-69, 2019. Disponível em: <https://periodicos.unifesp.br/index.php/olhares/article/view/9888/7191> - Acesso em: 17/07/2020.

ZACHARIAS, Mariana Rocha. **Espaços e processos educativos do Ginásio Paranaense**: os ambientes especializados e seus artefatos (1904-1949). 2013. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2013.

APÊNDICE 1 - RELAÇÃO DOS ALUNNOS DA ESCOLA “CRUZ MACHADO” QUE EXHIBIRAM TRABALHOS À EXPOSIÇÃO ESCOLAR DE 1912

Nº	NOMES	TRABALHOS
1	Valeria Cochinha	Bordados em etamine e crochet
2	Delourdes Itephnsson	Toalha em tear, crochet e bordados
3	Maria Brock	Sesta de crochet, toalhas e bordados
4	Analia Leite	Sapatos de lã, toalhas de crochet
5	Ormindia Carrano	Paletot de lã, sapatos, toucas e baberoiros
6	Ignez Cini	Babeiro e toalhas de crochet
7	Palmyra Martins	Toalhas de crochet
8	Balbina Martins	Totalhas de crochet
9	Ieda Angieuski	Fronhas de bordado vermelho
10	Ida Cordeiro	Toalhinhas de crochet
11	Elvira d'Oliveira	Fronhas de bordado simples
12	Magdalena Martello	Fronhas de bordado simples
13	Maria Andeatto	Tapetinhos bordados para lavatório
14	Carmella Bonilaure	Porta-relógio de crochet
15	Virginia Cobb	Bordado em filó
16	Gracita Müller	Toalhas de crochet
17	Licynia Soares	Toalhas de crochet
18	Irminia d'Oliveira	Toalhas bordadas e de crochet
19	Celestina Ganz	Toalhas bordadas e de crochet
20	Maria dos Santos	Toalhas bordadas e de crochet
		Total: 60

CORITIBA, 14 DE NOVEMBRO DE 1912

A PROFESSORA

ALICE D. D'OLIVEIRA

FONTE: Esta relação é assinada pela professora Alice D. d'Oliveira da Escola Cruz Machado. Este documento encontra-se no A.P. nº 1441, p. 05, do ano de 1912. DEAP-PR

APÊNDICE 2 - RELAÇÃO NOMINAL DAS ALUNNAS DA 3ª CADEIRA PARA O SEXO FEMININO QUE CONCORRERAM À EXPOSIÇÃO ESCOLAR DE 1912

Nº	NOMES	IDADE	TRABALHOS
1	Prudencia Morita	12	Um porta toalha, um porta pente, duas almofadinhas, um porta relógio
2	Adelayde Roloffe	12	Uma almofada, um porta jornal
3	Catharina Altheia	11	Uma almofada, duas fronhas, uma toalha de crochet
4	Gertrudes de Miranda	08	Duas fronhas
5	Brasilina da Silva	10	Um centro de mesa
6	Emilia Rodrigues	07	Uma toalha de feltro
7	Elisa Andretta	08	Uma toalha de linho
8	Estephania Ruque	08	Duas fronhas
9	Leonor da Silva	08	Uma toalha de crochet
10	Analía de Mello Kiel	09	Uma toalha de linho
11	Amelia Costa	12	Um porta jornal, um porta cartão, duas almofadinhas, três toalhas de crochet
12	Lucia Altheia	10	Duas almofadinhas, um porta relógio, e três toalhas de crochet
	Total de trabalhos	33	

CORITIBA, 14 DE NOVEMBRO DE 1912

A PROFESSORA

AMELIA FRANÇA GOMES

FONTE: Esta relação é assinada pela professora Amelia França Gomes da 3ª Cadeira para o Sexo Feminino. Este documento encontra-se no A.P. nº 1441, p. 06, do ano de 1912. DEAP-PR

APÊNDICE 3 - RELAÇÃO DOS ALUNNOS DA ESCOLA PARA O SEXO MASCULINO DO GRUPO RIO BRANCO DESTA CAPITAL REGIDA PELO PROFESSOR NORMALISTA ARISTEN CORRÊA DE BITTENCOURT

ALUNNOS	TRABALHOS	MODELO	QUANTIDADE
Eugenio Figueiredo (4ª classe)	Cartographia	Olavo Freire	7 cadernos
	Serie preparatória de Desenho	B e R	4 cadernos
	Mappa do Brasil	Jornal do Brasil	1 caderno
	Mappa do Paraná	Governo do Estado	1 caderno
	Carllographia melinada	Garnier Irmãos	7 cadernos
	Calligraphia vertical	Francisco Vianna	6 cadernos
Nestor Ribas (4ª classe)	Cartographia	Olavo Freire	7 cadernos
	Serie preparatória de Desenho	B e R	4 cadernos
	Mappa do Brasil	Jornal do Brasil	1 caderno
	Mappa do Paraná	Governo do Estado	1 caderno
	Calligraphia melinada	Garnier Irmãos	5 cadernos
	Calligraphia Vertical	Francisco Vianna	6 cadernos
Livio Varm (4ª classe)	Cartographia	Olavo Freire	6 cadernos
	Serie preparatória de Desenho	B e R	4 cadernos
	Mappa do Paraná	Governo do Estado	1 caderno
	Calligraphia melinada	Garnier Irmãos	5 cadernos
	Calligraphia Vertical	Francisco Vianna	6 cadernos
	Serie preparatória de Desenho	Olavo Freire	2 cadernos
Arthur Bond	Calligraphia melinada	Garnier Irmãos	2 cadernos
	Calligraphia Vertical	Francisco Vianna	5 cadernos
	Cartographia	Olavo Freire	6 cadernos
Placides Ribas (2ª classe)	Serie preparatória de Desenho	B e R	3 cadernos
	Mappa do Brasil	Jornal do Brasil	1 caderno
	Mappa do Paraná	Governo do Estado	1 caderno
	Calligraphia Vertical	Francisco Vianna	6 cadernos
	Cartographia	Olavo Freire	5 cadernos
Pedro Bevilacqua (2ª classe)	Serie preparatória de Desenho	B e R	3 cadernos
	Carllographia melinada	Garnier Irmãos	2 cadernos
	Calligraphia vertical	Francisco Vianna	5 cadernos

CORITIBA, 15 DE NOVEMBRO DE 1912
ARISTEN CORRÊA DE BITTENCOURT

FONTE: Esta relação é assinada pelo professor Aristen Corrêa de Bittencourt da Escola para o Sexo Masculino no Grupo Rio Branco. Este documento encontra-se no A.P. nº 1441, p. 07, p. 11, do ano de 1912. DEAP-PR

APÊNDICE 4 - RELAÇÃO DOS TRABALHOS MANUAIS ENVIADOS PARA A EXPOSIÇÃO ESCOLAR DE 1912, PELAS ALUNNAS DA 1ª CADEIRA PARA O SEXO FEMININO DA CAPITAL REGIDA PELA PROFESSORA JULIA WANDERLEY PETRICHE

NOME	TRABALHO
Adelia Motta	6 peças de toalha bordada em renda irlandesa para aparelho de jantares
Maria Nicolas	1 toalha de crochet sobre veludo 1 toalha de ponto de marca 1 par de chinelos em ponto de marca
Zulmira Rolim	1 toalha bordada 1 cesta com frutas de
Donatilla Tavares	2 porta grampos 1 babadeiro de crochet 2 tocas de lã 1 par de sapatos de lã
Emilia Vianna	1 toalha de crochet 1 toalha de veludo 1 centro para mesa 1 cesta de crochet
Alinda Macedo	1 almofada bordada de seda em cetim
Alba Muniz	1 almofada bordada de seda
Aracy dos Santos	1 toalha de tear 1 toalha de cetim
Pedrina de Mello	1 toalha de filó 1 toalha de crochet 1 capa de lã
Maria da Glória Saldanha	1 toalha de crochet
Clotilde Motta	1 porta escara 1 “ninho de noiva”
Joanna Coufate	3 toalhas de crochet 2 toadas de ponto de marca
Lylia Aguiar	2 toalhas de crochet 2 toalhas bordadas
Zulmira dos Santos	1 porta relógio com flores de seda 1 centro de mesa
Esther de Carvalho	1 toalha bordado de seda 1 traje completo para criança, contado de balet, touca, sapatos e luvas
Maria Helena de Camargo	1 centro de mesa bordada em filó. 1 cesta de crochet para pão 1 tapete de crochet
Leontina Alcantara	1 porta vidro de estrado 1 toalha de ponto de marca 1 almofadão bordado de seda
Annita de Andrade	1 porta retrato bordado de seda 1 toca de fitas 1 porta escola de crochet
Angelina Millis	1 almofada de crochet 1 toalha bordada 1 toalha de crochet
Anna de Aldete	1 toalha bordada 1 centro para mesa
Hercília Correia	1 cesto para flores

NOME	TRABALHO
Nedy Bittencourt	1 porta toalha 1 porta escova
Elvia Klüppe	2 fronhas 1 centro para mesa
Carlota Klüppe	1 centro para mesa
Annita Sardembely	1 toalha bordada
Hail de Nascimento	1 toalha de seda 1 toalha bordada em talagarça
Arthemina Crer	1 toalha bordada
Avelina Rocha	1 toalha de crochet 1 porta relógio
Gracilia de Lima	1 par de fronha d crochet 1 centro para mesa 1 toalha de crochet
Lucia de Lourdes	1 toalha bordada em talargaça 1 toalha de crochet
Clodilte Pereira	1 toalha de crochet 1 centro para mesa
Clialeth Vianna	3 toucas de lã 1 par de sapatos de lã 2 toalhas bordadas 1 casaco de lã 1 almofada
Claudinéia Marcondes	1toalha de veludo 1 toalha de crochet
Arminda Raymundo	1 toalha bordada
Letícia Jusi	3 toalhas de crochet
Christina de Moreira	1 almofada com aplicação 1 avental bordado
Ophelia de Siqueira	1 toalha de crochet
Maria Grossani	1 toalha de crochet 1 colcha de crochet 1 almofada bordada
Mercedes d'Oliveira	1 porta relógio com flores 1 porta relógio bordado a seda 8 peças diferentes em trabalho de crochet
TOTAL	122

DESENHOS DE
Maria Nicolas, Almida Rocha, Maria Leanes, Clodilte Perreira

EXERCÍCIOS CARTOGRÁFICOS

Mercedes d'Oliveira	1 Mapa do Paraná
Maria Leanes	1 mapa do Brasil
Alinda Rocha	1 Mapa das Américas
Juracy Martins	4 Mapas de Estado
Christina de Moraes	4 Mapas de Estado
Maria Nicolas	4 Mapas de Estado
Adélia Motta	4 Mapas de Estado
Zulmira Rolim	4 Mapas de Estado
Clodilte Motta	2 Mapas de Estado

Curytiba, 10 de Novembo de 1912.
Julia Wanderley Petrich

FONTE: Esta relação é assinada pela professora Julia Wanderley Petrich da 1ª Cadeira para o Sexo Feminino. Este documento encontra-se no A.P. nº 1442, p. 89, p. 90, p. 91, do ano de 1912. DEAP-PR

APÊNDICE 5 - RELAÇÃO DAS ALUNNAS DA 9ª CADEIRA MISTA REGIDA PELA PROFESSORA JULIA LEILER BARBOSA, QUE CONCORREM À EXPOSIÇÃO ESCOLAR DO CORRENTE ANNO LECTIVO.

NOME	TRABALHO
Maria Elisa Patitucci	1 fronha bordada a branco e
	1 toalha de etaminé
Nathalia Santos	1 tapete bordado à lã
	1 toalha de etaminé e
	1 porta-toalhas bordado à lã
Leomenia Pereira	2 toalhas de etaminé
	1 touca de fita
	1 toalhinha de filet e
	1 porta toalhas de estaminé
Verginia Curial	2 pequeninos bouquetto de rosas de pano
Stella Barbosa	1 toalha de crochet
Elisabeth Cunha	1 porta camisolas bordado à seda sobre linho
Maria José de Figueiredo	1 toalha de crochet
Rosa Santos	1 almofada de etaminé
Aracy Santos	1 toalha de crochet
Helma Lamabary	1 touca de fita
	1 par de sapatinhos de lã e
	2 toucas de crochet de lã
Maria Zega	1 toalha de crochet
Veronica Raggio	2 pares de sapatinhos de lã
Anna Zega	1 toalha de crochet
Amelia Otolanir	1 almofada de etaminé e
	1 toalha também de estaminé
Rosa Cavanha	1 toalha de crochet
Ernestina Ferreira	1 toalha de crochet
Maria do Rosario	1 toalha de crochet
Alexandra Cavanha	1 Toalha de crochet

Coritiba, 12 de Novembro de 1912
Julia Leiler

FONTE: Esta relação é assinada pela professora Julia Leiler Barbosa da 9ª Cadeira Mista. Este documento encontra-se no A.P. nº 1442, p. 92, do ano de 1912. DEAP-PR

APÊNDICE 6 - RELAÇÃO DOS TRABALHOS A APRESENTAR NA EXPOSIÇÃO ESCOLAR DE 15 DE NOVEMBRO DO CORRENTE ANO LETIVO - JARDIM EMILIA ERICKSEN

TRABALHO INDIVIDUAL

ALINHAVOS

NOME	Nº DE TRABALHOS	IDADE
Branca Alberge	5	6
Alfonsina de Souza	3	6
Candida de Souza	4	5
Jacinta Bertagneti	1	6
Eduardo Guasco	5	4
Emelina Sampaio	2	4
Guilherme de Paula	1	4
Rosina Grillo	4	6
Francisco Holte	1	5
Luzia Perrone	1	6
Beatriz Gillo	1	4
Serelinda Cortes	2	7
Constança Cortes	1	6
Rosa Peretti	3	5
Genny Sampaio	2	6
Lenny Monteiro	4	5
Eddy Merlin	4	6
João de Alencar	5	6
Maria Justen	3	6
Elvira Galvão	2	4
Graça Miranda	1	4
Ieda Torres	2	6
Jair Campos	1	5
Theodoro Busse	1	5
Cesar Junqueira	2	4
Lourenço Guasco	2	5
Orlando Monastier	1	5
Anna Justen	1	4
Jandyra de Castro	2	3
Paulo Busse	1	4
Adelaide Villa	3	6
Olga Junqueira	4	6
Dalila Altheia	2	5
Leony Merlin	2	4
Antonieta Cartano	3	6
Inez Meneguette	1	5
Alexandrina Peretti	1	4
Irene Silva	1	5

TECELAGEM

NOME	Nº DE TRABALHOS	IDADE
João de Alencar	4	6
Tania Vaz	3	5
Maria Justen	4	6
Geny Sampaio	4	6

Jacy Parcheu	1	5
Antonieta Cartano	6	6
Eddy Merlin	3	6
Nair Campos	1	5
Luzia Perroul	2	4
Rosa Peretti	1	5
Leny Monteiro	1	5
Dalila Altheia	2	5
Guilherme de Paula	1	5
Arnaldo Araujo	1	5
Ignez Meneguette	3	5
Ephigehia Sampaio	2	7
Adelaide Villa	1	6
Irene Silva	3	5
Iphigenia de Souza	3	6
Branca	3	6
Alzira Galvão	1	4
Euridia Santos	4	5
Maria Grillo	1	6
Maria Justen	1	6
Leony Merlin	1	4
Olga Junqueira	2	6
Leopoldo Vaz	1	7
Serelinda Cortes	1	7
Constança Cortes	2	6
Layde e Souza	1	6
Olidia	2	4
Jacyra Torres	1	5
Leny	1	4
Lourenço Guasco	1	5
Henriqueta Galli	1	5
Theodoro Busse	1	5

DOBRADURAS

NOME	Nº DE TRABALHOS	IDADE
Odilla Talce	7	4
Theodoro Busse	2	5
Eddy Merlin	7	6
João de Alencar	6	6
Antonieta Cartano	1	6
Rosa Pretti	5	5
Branca Alberge	7	6
Constança Cortes	7	6
Jacy Parcheu	4	5
Adelaide Villa	4	6
Iphigenia de Souza	5	6
Leopoldo Vaz	3	6
Maria Grillo	1	6
Luiz Villa	1	4
Olidia Gellerini	1	4
Olga Justen	1	4
Ignez Meneghette	1	5
Lahir	1	3
Clelia Richir	2	5

Antonio Azambuja	4	5
Odilla Falce	2	4
Maria Justen	2	6
Olga Junqueira	2	6
Iracy Miranda	3	6
Lourenço Guasco	1	5
Eduardo Guasco	3	4
Maria Grillo	4	6
Euridia Santos	1	5
Marai de Lourdes Azambuja	2	4
Antonio	2	5
Paulo Busse	3	4
Irene Silva	2	5
Leony Merlin	2	4
Osvaldo Zeorning	2	5
Ana Polaush	2	5
Leny Monteiro	2	5
Ieda Torres	2	6
Serelinda Cortes	3	7
Nair Campos	4	6
Alzira Galvão	2	4
Orlando Monastier	3	5
Betris Grillo	1	4
Geny Sampaio	2	6
Ephigehia Sampaio	1	7

RECORTES

NOME	Nº DE TRABALHOS	IDADE
Antonieta Cartano	2	6
Leny Miranda	3	4
Nair Campos	3	6
Tania Vaz	3	6
Olga Junqueira	5	6
Maria Grillo	2	6
Luis Villa	4	4
Omar Junqueira	3	4
Leopoldo Vaz	2	7
Lurdinha Azambuja	2	4
Eugehnia Sampaio	3	7
Branca Alberge	3	6
Humverth Pella Martha	2	3
Serelinda Cortes	4	7
Alzira Galvão	2	4
Paulo Busse	2	4
Adelaide Villa	2	6
Leny Monteiro	3	5
Guilherme de Paula	2	5
Maria L. Lima	1	4
Lusete Podleich	2	5
Roda Peretti	2	5
Ignes Meneguette	2	5
Jacy Parcheu	2	6
Maria Justen	2	6

Estephania de Gusmões	2	6
Risette Alberge	2	4
Eddy Merlin	4	6
João de Alencar	3	6
Clelia Rigolino	1	4
Leony Merlin	2	4
Osvaldo Zeorning	1	5
Eduardo Gusso	1	4
Euridia Santos	4	5
Theodoro Busse	3	5
Lourenço Guasco	2	6
Irene Silva	3	5
Henriquetta Galli	1	5
Liris Althea	1	4
Anna Polainshi	1	5
Eduardo Nouastur	2	5
Iphygenia de Souza	2	6
Iolanda Seiler	1	6
Francisco Hotte	1	6
Jacyra Torres	3	6
Geny Sampaio	3	6
Obelina	1	4
Carlos Bozza	2	5
Pablo Hthica	1	5

DOBRADURAS EM PAPEL QUADRADO

NOME	Nº DE TRABALHOS	IDADE
Odilla Fases	3	3
João de Alencar	3	6
Maria Grillo	3	6
Eddy Merlin	2	6
Francisco Hotte	2	6
Luiza Perrone	2	7
Serelinda Cortes	3	7
Branca Alberge	2	6
Antonieta Cartano	1	6
Julia Lipkuvki	1	5
BeatrizLeite	1	4
Adelb Leite	1	6
Constança Cortes	2	7
Luiza Perrone	2	7
Renette Alberge	1	4
Guilherme de Paula	1	5
Layde de Souza	1	6
Leopoldo Vaz	1	7
Iolanda Seiler	1	6
Jacyra Torres	2	6
Carlos Bozza	1	6
Beatriz Grillo	4	4
Leony Merlin	1	4
Antonio de Azambuja	1	5
Eduardo Guasco	1	4
Odith Marinho	1	3
Nair Campos	1	5

Herculano de Souza	1	5
Lourenço Guasco	1	5
Maria da Luz Maia	1	7
Serelinda Cortes	2	7
Geny Sampaio	1	6
Olidina Gallerini	1	4
Odaldina Peretti	1	4
Humberto Pella Martha	1	3
Junina Vaz	1	5

MODELAGEM (MASSA COLORIDA)

NOME	Nº DE TRABALHOS	IDADE
Adelaide Villa	2 colunas	6
Maria Grillo	2 vasilho e 1 cysnei	5
Irene Silva	2 maçãs	5
Janina Vas	1 cacho de uvas brancas	5
Odilha Falce	1 cacho de uvas brancas	4
Leopoldo Vaz	1 ramo de flores e 2 peras	7
Euridia Santos	2 morangos	5
João de Alencar	2 morangos	6
Antonietta Cartano	2 maçãs e jogo de lavatório	6

MODELAGEM (MASSA BRANCA)

14 schidos; 6 furtas grandes coloridas feitas pelos alunos:

Antonietta Cartano	6
Adelaide Villa	6
João de Alencar	6
Serelinda Cortes	7
Euridia Santos	5
Olga Junqueira	6
Leopoldo Vaz	7
Theodoro Busse	5
Branca Alberge	6

CARTONAGEM INDIVIDUAL

NOME	Nº DE TRABALHOS	IDADE
João de Alencar	1 quadrado	6
Antonietta Cartano	1 porta jornal	6
Odilha Falce	Prisma triangular	4

INTRUMENTOS DE PAPELÃO

NOME	Nº DE TRABALHOS	IDADE
Serelinda Cortes	1 membrado	7
Olga Junqueira	1 serrote	5
Odilha Falce	1 machado	4
Euridia Santos	1 lima	5
Antonietta Cartano	1 serra, 1 serrote, 1	6

	transferidor e 1 serrotinho	
João de Alencar	1 foice, 1 serrote	6
Leopoldo Vas	1 serra, 1 transferidor	7

TRABALHOS EM COMUM

Um Jardim: Casa cartonagem bordada; bancos carmanhel, cerca
cervilhas com arame; flores (modelagem em massa colorida); uma
mobilha de sala de visitas, quarto sala de jantar, gabinete
(cartonagem bordada).

Coritiba, 14 de Novembro de 1912
Joanna Falce de Salco

FONTE: Esta relação é assinada pela professora Joanna Falce de Salco do Jardim Emilia Ericksen.
Este documento encontra-se no A.P. nº 1442, p. 93, p. 94, p. 95, do ano de 1912. DEAP-P

APÊNDICE 7 - MAPPA DEMONSTRATIVO DOS TRABALHOS APRESENTADOS A EXPOSIÇÃO DE 1912 - RELAÇÃO DOS ALUNOS DA ESCOLA CARVALHO, 1ª E 3ª CADEIRAS PROMISCUA

NOME DOS ALUNOS	N. DE TRABALHOS	N. DE CADERNOS DE DESENHO	ESPECIFICAÇÃO DOS TRABALHOS APRESENTADOS A EXPOSIÇÃO DE 1912
Altiva da Silveira	8	1	1 jogo de lavatório composto de 5 peças ponto de marca em etaminé, 3 trabalhos de crochet, 1 caderno de desenho geométrico
Alvira de Moura	2	2	1 trabalho de etaminé bordada a fio Orion ponto gobelin, 1 centro de mesa de etaminé ponto de cruz, 2 cadernos de desenho a mão levantada, curso intermediário, 1 de desenho geométrico
Isalda Schmid	1	2	1 toalha de etaminá bordada a fio Orion ponto gobelin, 1 caderno de desenho geométrico, 1 de desenho a mão levantada, 1 curso intermediário
Julieta Salmon Carlberg	3	1	2 encostos de cadeira de cetim bordado a seda, 1 porta-retrato de cetim bordado a seda, 1 caderno de desenho geométrico
Aline Bessa do Amaral	3	2	1 conto de mesa, 1 par de chinelos e 1 porta-relógio, 1 caderno de desenho a mão levantada, 1 geométrico
Ayde Bessa do Amaral	3	2	3 toalhas de crochet, 1 caderno de desenho a mão levantada, 1 geométrico
Alvany Rocha	3	3	1 toalha de etaminé ponto de marca, 2 de crochet, 2 cadernos de desenho curso primário (2ª e 3ª série) 1 geométrico
Josephina Emiliano	3	2	1 toalha de etaminé ponto de marca, 1 de crochet, 1 almofada de cetim bordada a seda e ouro, 1 caderno de desenho curso superior, 1 desenho segmentado (copia) 1 de desenho geométrico
Josephina Groff	4	2	1 toalha de etaminé ponto gobelin, 1 avental de etaminé ponto de marca, 1 porta-cartão de feltro bordado a seda, 1 toalha de crochet, 1 caderno de desenho curso superior, 1 geométrico, 1 desenho segmentado (copia)
Emilia Emiliano	3	3	1 par de fronhas bordado branco, 1 toalha de crochet, 2 cadernos de desenho curso primário (4ª

NOME DOS ALUNOS	N. DE TRABALHOS	N. DE CADERNOS DE DESENHO	ESPECIFICAÇÃO DOS TRABALHOS APRESENTADOS A EXPOSIÇÃO DE 1912
Noemia de Loyola Santos	3	4	série) 1 geométrico 1 toalha de etaminé ponto gobelin, 1 fronha bordado branco, 1 toalha de crochet, 2 cadernos de desenho curso intermediário, 1 curso superior,
Julieta Corrêa Lima	3	2	1 geométrico 1 pano de mesa bordado japonês, 1 centro de mesa de etaminé ponto de marca, 1 toalha de etaminé ponto gobelin, 1 caderno desenho contínuo curso intermediário,
Alice Teixeira da Silva	6	3	1 geométrico 1 porta-atoalha, 1 porta-guardanapo de feltro bordado a seda, 4 toalhas de crochet, 2 cadernos de desenho curso intermediário,
Joannita Chalbaud	6	3	1 geométrico 1 centro de mesa de etaminé bordado de aplicação de veludo e branco, 1 par de almofadas de veludo bordado a seda, 1 colcha de etaminé ponto de gobelin, 1 toalha de etaminé ponto de marca, 1 porta toalha de feltro bordado de aplicação em feltro, 1 caderno de desenho curso intermediário, 1 superior e
Eponina Cruz	4	2	1 geométrico 1 pé de begônia flores de concha, 1 centro de mesa de etaminé aplicação de veludoe fraco 1 encosto de cadeira de cetim bordado a seda 1 abafador de feltro bordado a seda 1 caderno de desenho curso intermediário
Eleonora Correia	4	2	1 geométrico 4 tolhas de crocheta 1 caderno de desenho curso intermediário
Modesta Galli	17	4	1 geométrico 1 centro de mesa de etaminé ponto de marca 2 jogos de lavatório compostos de 5 peças cada um 1 avental de filó bordado a fio Orion, 5 toalhas de crochet 3 cadernos de desenho curso primário (1ª, 2ª e 3ª série)
Dinorah do Rego Barros	1	2	1 caderno de desenho geométrico 1 toalha de etaminé ponto de marca 1 caderno de desenho curso primário (2ª série)
Josephina Glüch	7	4	1 geométrico 1 manta de flanela bordado a fio Orion,

NOME DOS
ALUNOSN. DE
TRABALHOSN. DE CADERNOS
DE DESENHOESPECIFICAÇÃO DOS TRABALHOS
APRESENTADOS A EXPOSIÇÃO DE
1912

			1 toalha bordada branca 3 toalhas de crochet 1 caixa de vidro 1 terno para criança 3 cadernos de desenho curso primário (1ª, 2ª e 3ª série) 1 geométrico
Flausina Ribeiro	4		3 toalhas de crochet 1 porta-retrato de crochet
Maria Montrano	2	2	1 centro de mesa de etaminé ponto gobelin 1 toalha de armário de etaminé ponto de marca 1 caderno de desenho curso primário 3º série e 1 geométrico
Andira Carvalho de Oliveira	3	3	1 toalha 1 centro de mesa de etaminé bordado a ponto de marca 1 toalha de crochet 2 cadernos de desenho curso primário 3ª série 1 geométrico
Julia Chalbaud	4	1	1 fronha 2 toalhas de crochet 1 toalha de feltro bordada a seda 1 caderno de desenho geométrico
Dalila Caron	7	1	1 par de fronhas bordado branco 1 par de fronhas de crochet 3 toalhinhas de crochet 1 caderno desenho curso primário 2ª série
Maria Rosa Ziliotto	3	2	1 par de pinhas bordado vermelho 1 toalha de etaminé ponto gobelin 2 cadernos de desenho curso primário 1ª e 2ª série
Carlota de Quadros Souza	3	1	2 fronhas 1 toalha de etaminé 1 caderno de desenho 2ª série
Aydê Glüh	5	3	1 porta-relógio 1 porta-jóia de vidro 1 coberta de lampião 1 cestinha de pedra-hume 3 cadernos de desenho curso primário 1ª, 2ª e 3ª série
Maria do Rosario Glüh	1		1 toalha de filet bordada
Maria Kosil	3	3	1 jogo de lavatório bordado branco 5 peças 1 tapete ponto de marca 1 toalhinha 3 cadernos curso primário 2ª, 3ª e 4ª série
Acacia Caron	1		1 toalha de crochet
Rosa Candréva	1	1	1 fronha bordada 1 caderno de desenho curso primário 1ª série
Josephina	1	1	1 centro de mesa de etaminé ponto de marca

NOME DOS ALUNOS	N. DE TRABALHOS	N. DE CADERNOS DE DESENHO	ESPECIFICAÇÃO DOS TRABALHOS APRESENTADOS A EXPOSIÇÃO DE 1912
Montrano Diomira Salmon Carlberg	4	2	1 caderno 3ª série 2 toalhinhas de feltro 1 avental 1 toalhinha de etaminé 2 cadernos de desenho 2ª e 3ª série
Heloisa Caron	7	1	2 fronhas bordado branco 2 paninhos bordado encarnado 3 toalhas de crochet 1 caderno de desenho curso primário 1ª série
Nayr Solmon	4	1	1 paletot de crochet de lã 1 porta-jornal de feltro bordado a seda 1 porta-lenço de cetim bordado a seda 1 porta-cartão de veludo bordado a seda 1 caderno curso primário 1ª série
Alice Orbenski	1	1	1 toalha de crochet 1 caderno curso primário 1ª série
Lydia Carolina Becker	2	1	2 toalhas de crochet 1 caderno curso primário 1ª série
Noemia Santos	3	2	1 toalha de crochet 2 fronhas 2 cadernos curso primário 1ª série
Maria Rosa Martins	1		1 toalha de crochet
Alba Salmon	6	2	1 porta-toalha 1 carteira de costura de feltro bordada a seda 1 porta-jornal de feltro trabalho de aplicação 1 jogo de lavatório 1 paletot de crochet de lã 1 centro de mesa de etaminé ponto de marca 1 caderno de curso intermediário 1 geométrico
Juvelina Ribeiro	2	2	1 toalha de etaminé 1 fronha 1 caderno de curso intermediário 1 geométrico
Albina de Lima	1	1	1 fronha 1 caderno de desenho geométrico
Miracê G. de Araujo	1	2	1 toalha de crochet 2 cadernos curso primário 2ª e 3ª série
Margarida Lamala	1	2	1 toalha de etaminé 2 cadernos curso primário 1ª e 2ª série
Anna Vacovy	1	1	1 fronha 1 caderno curso primário 1ª série
Maria Sant'Anna	-	2	1 caderno de curso intermediário 1 geométrico
Janyra C. Munir	-	1	1 caderno de curso intermediário 1 geométrico
Irminda Sant'Anna	-	1	1 caderno de curso primário 2ª série
Francisca de Oliveira	-	2	2 cadernos de curso primário 1ª e 2ª série
Stella do Rego	-	2	2 cadernos de curso primário 1ª série

NOME DOS ALUNOS	N. DE TRABALHOS	N. DE CADERNOS DE DESENHO	ESPECIFICAÇÃO DOS TRABALHOS APRESENTADOS A EXPOSIÇÃO DE 1912
Barros Maria Chincoxka	-	2	2 cadernos de curso primário 1ª série
Maria Amelia Warneck	-	1	1 caderno de curso primário 2ª série
Maria José Peixoto	-	2	2 cadernos de curso primário 1ª e 2ª série
João de Mattos Pessoa	-	2	2 cadernos de curso primário 1ª e 2ª série
Egídia M. Plaisant	-	1	1 caderno de curso primário 1ª série
Magdalena Maia Ozima Monteiro	-	1	1 caderno de curso primário 1ª série
Zelia de Lima Marina Caron	-	1	1 caderno de curso primário 1ª série
Maria Polfo Polyania Franco	-	1	1 caderno de curso primário 1ª série
Adelia Mattar	-	2	2 cadernos de desenho curso primário 1ª e 2ª série
Abigail Klier Thereza Ziliotto	- 1	1 1	1 caderno de desenho curso primário 2ª série 1 colcha 1 caderno de desenho curso primário 1ª série
Heloisa de Quadros Souza	1	1	1 toalha de etaminé 1 caderno de desenho curso primário 1ª série
Ezilda Weiss Nogueira	4	1	1 almofada de etaminé ponto de marca 3 toalhas de crochet 1 caderno de desenho curso primário 2ª série
Sylvia Franco	6	-	1 jogo de lavatório composto de 6 peças etaminé
Laura Bittencourt	1	-	1 colcha de crochet
Hilda Cardoso de Brito	1	-	1 colcha de crochet
SOMMA	193		

ESCOLA CARVALHO, 14 DE NOVEMBRO DE 1912
AS PROFESSORAS NORMALISTAS
JOSEPHINA C. ROCHA E LILIA NOEMIA ROCHA

FONTE: Esta relação é assinada pelas professoras Josephina C. Rocha e Lilia Noemia Rocha, da 1ª e 3ª Cadeiras Promiscua da Escola Carvalho. Este documento encontra-se no A.P. nº 1442, p. 112, p. 113, p. 114, p. 115, p. 116, p. 117, do ano de 1912. DEAP-PR

**APÊNDICE 8 - RELAÇÃO DOS TRABALHOS EXECUTADOS PELAS ALUNNA DA
ESCOLA CONSELHEIRO ZACHARIAS DESTA CAPITAL, REGIDA PELA PROFESSORA
LUCIA ARRUDA LAYNES**

Nº DE ORDEM	DENOMINAÇÃO DE TRABALHO	NOME DA ALUNNA QUE EXECUTOU	IDADE
1	Uma fronha bordada de crochet	Luiza Kaufemanna	8 anos
1	Par de fronha de crochet	Helena Bialle	9 anos
2	Pares de sapatinhos de lã	Thereza Couto	8 anos
1	Par de fronha bordada	Rosa Prosdocimo	9 anos
2	Pares de fronha bordada	Rosa Visceli	10 anos
3	Toalhas de crochet		
1	Toalha com centro de setim		
1	Porta-guardanapo de setim		
1	Jogo de crochet para lavatório	Clementina Couto	10 anos
1	Toalha	Amelia Belloto	10 anos
1	Jogo de crochet para lavatório		
2	Toalhas		
1	Centro de mesa bordado no etaminé	Maria José Oliveira	10 anos
1	Entremeio		
4	Toalhas de crochet		
1	Centro de mesa bordado no etaminé	Amelia Ferreira	12 anos
1	Almofada bordada no etaminé		
1	Toalha bordada no etaminé		
1	Par de sapatinho de lã	Otilia da Silva	10 anos
1	Fronha de crochet	Lea Yuncetichi	9 anos
1	Toalhinha de crochet		
3	Toalhinha de crochet	Julia Santos	9 anos
1	Techu	Adelaide Garcia	12 anos
1	Babador		
1	Techu de lã	Hercilia de Castro	11 anos
1	Toalha de crochet		
1	Toalhinha de crochet	Lecticia Prosdocimo	7 anos
1	Toalhinha de crochet	Olivia Prosdocimo	8 anos
1	Toalhinha de crochet	Carlota Teys	8 anos
1	Avental bordado no etaminé	Amelia Ferreira	12 anos
1	Toalha	Otilia Silva	10 anos

44

CORITIBA 10 DE NOVEMBRO DE 1912
LUCIA ARRUDA LAYNES

FONTE: Esta relação é assinada pela professora Lucia Arruda Laynes, da Escola Conselheiro Zacharias. Este documento encontra-se no A.P. nº 1442, p. 190, do ano de 1912. DEAP-PR

APÊNDICE 9 - RELAÇÃO DAS ALUNNAS QUE CONCORRERAM EM TRABALHO PARA A EXPOSIÇÃO DE 15 DE NOVEMBRO DE 1912

NOME	IDADE	ESPECIFICAÇÃO DO TRABALHO
Albina Weber	12	1 vestido de lã para criança 1 saia de morim para criança 1 calça de morim para criança 1 porta-escova de feltro 1 porta-toalha 1 almofada de setim branco trabalho de sépia e nankin 1 touca
Lidia D'Oliveira	10	1 camisola 1 toalhinha de filó 1 toalhinha de morim 2 rodas de saia de crochet
Elisa Daldin	10	1 camisa de menino 1 paletosinho 2 toalhas de morim
Emilia Villa	7	1 saia de menina 1 fronha 1 toalhinha de morim 1 fronha
Adelaide Groff	8	1 toalha 1 calça de criança
Nazira P. Cordeiro	9	1 fronha 1 toalha de morim 1 camisola
Etelvina Benedine	7	1 toalhinha 1 camisinha
Marina Emiliano	8	1 vestidinho 1 porta-jornal
Zelinda Dalcol	7	1 toalhinha 1 blusa
Antonietta Emiliano	6	1 babero 1 toalhinha
Anastasia Monteiro	8	1 toalhinha de talagarça 1 toalhinha de algodão
Geny G. Lopes	7	1 babero 1 toalhinha
Jandyra de Paula	7	1 babero

CORITIBA, 14 DE NOVEMBRO DE 1912
LENOR MACHADO BUSSE

FONTE: Esta relação é assinada pelo professor Lenor Machado Busse. Este documento encontra-se no A.P. nº 1442, p. 193, do ano de 1912. DEAP-PR

APÊNDICE 10 - 3ª ESCOLA DE GRUPO ESCOLAR XAVIER DA SILVA PROFESSOR L. PIRES DA ROCHA PONDER

RELAÇÃO DOS ALUNNOS QUE EXHIBIRAM TRABALHOS À EXPOSIÇÃO ESCOLAR

NOME DOS ALUNOS	IDADE	ESPECIFICAÇÃO DOS TRABALHOS
Leoncio Maria Sobrinho	14	1º caderno, Exercícios escriptos de leitura comentada a lições de coisas. 2º caderno, Exercícios de memória e de composição.
Francisco Siveiro Rioma	14	1º caderno, Exercícios de composição e de memória. 2º caderno, Exercícios de lições de cursos, de leitura comentada, de analyse logica e septativa.
Lindolpho Escaramella	14	1º caderno, Exercícios de memória e de composição 2º caderno, Exercícios de analyse logica se septativa 3º caderno, Exercícios de imaginação 4º caderno, Exercícios escriptos de leitura comentada e de lições de coisas
Manoel Alves do Amaral	12	1º caderno, Exercícios de lições de coisas, de memória, de composição e de leitura comentada
Benedicto M. de Meneses	11	1º caderno, Desenhos (1º passos)
Armando Melarca	11	1º caderno, Desenhos (1º passos)

CURITIBA, 14 DE NOVEMBRO DE 1912
L. PIRES DA ROCHA PONDER

FONTE: Esta relação é assinada pelo professor L. Pires da Rocha Ponder da 3ª Escola de Grupo Escolar Xavier da Silva. Este documento encontra-se no A.P. nº 1442, p. 205, p. 206, do ano de 1912. DEAP-PR

APÊNDICE 11 - RELAÇÃO DOS TRABALHOS DE AGULHA ENVIADOS PARA EXPOSIÇÃO ESCOLAR DE 1912, PELOS ALUNOS DA 1ª CADEIRA DA CAPITAL, REGIDA PELA PROFESSORA MARIA DO CARMO GOMES DE MENESES

NOME	TRABALHOS
Maria Antonietta Santos	7 Toalhas de crochet
Semirames Peixoto	6 Toalhas de crochet e 2 de etaminé
Cidalia Borio	4 Toalhas de crochet e 2 de Bordado
Maria da Luz Santos	4 Toalhas de crochet e 1 de etaminé
Eyone Correia	1 Toalha de crochet e 1 caminho de mesa de etaminé
Corina de Barros	2 Toalhas de crochet 2 de etaminé e 1 almofada de bordado de lã
Palmyra Souza	1 Almofadinha bordada de lã
Eloyna Nascimento	1 Toalha de crochet
Leonor Khüppel	2 Toalhas de crocheta
Maria Rolim	2 Toalhas de crocheta e 1 de etaminé
Otilia de Carvalho	8 Toalhas de crochet e 2 almofadinhas bordadas no velludo
Julia Bentim	16 Toalhinhas de crochet
Irma Patitucci	6 Toalhas de crochet e 1 fronha bordada
Adubina Rodrigues	2 Toalhas de crocheta
Ophelia de Meneses	1 Toalha de crochet e 1 caminho de mesa de etaminé bordado
Maria Leopoldina P. Jorge	1 Almofada bordada sobre o velludo 1 Toalha de etaminé bordada 1 Caminho de mesa bordado
Luiza Bültz	1 Porta jornal bordado sobre o etaminé 1 Caminho de Mesa bordado sobre o etaminé

Curitiba, 10 de Novembro de 1912
Maria do Carmo Gomes de Meneses

FONTE: Esta relação é assinada pela professora Maria do Carmo Gomes de Meneses da 1ª Cadeira da Capital. Este documento encontra-se no A.P. nº 1443, p. 70, do ano de 1912. DEAP-PR

APÊNDICE 12 - TRABALHOS EXECUTADOS DURANTE O ANNO DE 1912 PELOS ALUNNOS DA ESCOLA PROMISCUA DO GRUPO BRANDÃO REGIDA PELA PROFESSORA D. M. ANGELA FRANCO

	NOMES	IDADE	RELAÇÃO DE TRABALHOS
1	Luisa Weigert	11	1 centro de mesa 5 toalhinhos pequenas e uma grande bordada em etaminé
2	Matilhilde Marinho	8	1 toalhinha de bordado branco 3 de etaminé e 1 de crochet
3	Julia Pilati	7	1 almofadinha
4	Analia Pilati	7	2 guardanapinhos pondo de baina
5	Jovina Macedo	7	1 porta lenços bordado de lã e 1 babador bordado
6	Francisca M. Sousa	7	1 toalha de etaminé e 1 almofadinha
7	Francisca Natel	8	1 toalha de etaminé e 1 jogo de lavatório bordado brancos
8	Sophia Zaninely	12	1 canto de mesa 2 toalhinhos de fillet 2 de frivolité e 1 abafador bordado de seda
9	Margarida Stange	9	1 toalhinha de fillet 1 frivolité e 1 porta toalha bordado a seda
10	Ida Manon	10	1 toalha de etaminé e 2 bordados
11	Sther de Souza	9	1 canto de mesa e 2 toalhinhos bordado branco
12	Elfrida Geonk	10	1 centro de mesa e 2 pano de toalhinha bordados a seda
13	Luisa Sanvrays	10	1 centro de mesa e 1 toalhinha de etaminé
14	Lydia Delessen	9	1 toalha de crochet e 1 jogo de lavatório
15	Iracema Teixeira	9	1 par de almofadas bordadas a seda 2 aventais bordados e etaminé
16	Jurema Teixeira	7	1 almofadinha e 1 tapete bordado em linho guiso
17	Noemia Teixeira	8	1 toalha de linho guiso bordado a lã e 1 toalhinha de linho
18	Palmyra Moraes	9	1 aventalzinho e 1 fronha
19	Alrora Maecon	7	1 porta cartão bordado de lã e 1 par de fronhas
20	Laura Pilati	11	1 almofadinha e 2 toalhinhos
21	Olga Pilati	10	1 almofadinha e 1 toalhinha de crochet
22	Hegilda Stange	8	1 almofadinha bordada a lã
23	Helmira Sanvrays	9	1 feiche de lã 1 almofadinha e 1 calçãozinho bordado de vermelho

Coritiba, 15 de Novembro de 1912
Maria Angela Franco

FONTE: Esta relação é assinada pela professora Maria Angela Franco do Grupo Brandão. Este documento encontra-se no A.P. nº 1443, p. 71, do ano de 1912. DEAP-PR

**APÊNDICE 13 - RELAÇÃO DOS TRABALHOS DE AGULHA APRESENTADOS
PELAS ALUNNAS DA 8ª CADEIRA PROMISCUA DESTA CAPITAL**

NOME	TRABALHOS
Angelina Rigolino	2 almofadas de cetim bordadas a ouro 1 jogo de lavatório, com 4 peças, bordado a ouro 3 Peças de bordado branco 3 pelas de bordado a seda 2 peças de bordado de crivo 1 jogo de sanitário bordado a seda
Ermelinda Budant	1 par de almofadas de cetim bordada à fita 1 aapar de almofadas de feltro 1 jogo de lavatório bordado à fita com 5 peças 1 toalha de renda irlandesa 1 toalha de bordado richelieu 1 avental de crochet
Luisa Biudo	9 peças de crochet 1 centro de mesa bordado 5 pares de fronha 1 almofada de cetim bordada à seda
Teresa Rolin	3 toalhas de crochet 1 toalha e 1 centro de mesa de etaminé 1 avental bordado 1 aventalzinho para criança 1 almofada de cetim bordada à seda
Augusta de Oliveira	1 centro de mesa bordado 1 avental bordado 1 babador bordado 1 toalha de etaminé
Julia Pastuk	1 calça e 1 camisa bordado branco 1 par de fronhas 1 babador
Lucia Netto	1 almofada de etaminé 5 pares de fronhas 2 calções bordados 1 toalha de crochet
Jacy d'Oliveira Marcondes	3 toalhas de crochet
Zulmira Mazza	1 toalha de crochet 1 porta-cartões bordado à seda
Lydia Christofani	2 toalhas de crochet
Carolina Silva	2 babadores bordados 1 toalha de etaminé
Aracy da Silva	1 abafador bordado à seda 1 almofada bordado à seda
Eugenia Nascimento	2 pares de fronhas
Angelina da Luz	2 peças de crochet 3 fronhas bordadas 1 golla bordada 1 almofadinha bordada
Georgeta Correia	1 par de fronhas bordadas
Donatilla Budant	1 jogo, camisa e calça boradas 1 abafador 2 pares de fronhas

NOME**TRABALHOS**

1 toalhinha bordada seda
2 toalhinhas de etaminé

Curytiba, 14 de Novembro de 1912

A professora

Maria Rosa Nascimento Bittencourt

FONTE: Esta relação é assinada pela professora Maria Rosa Nascimento Bittencourt da 8ª Cadeira Promiscua de Curitiba. Este documento encontra-se no A.P. nº 1443, p. 75, p. 76 do ano de 1912. DEAP-PR